

DESAFIANDO AO CORAÇÃO

Kristel Ralston





Desafiando ao Coração

Kristel Ralston

Traduzido por Caroline Engelmann

“Desafiando ao Coração”

Escrito por Kristel Ralston

Copyright © 2016 Kristel Ralston

Todos os direitos reservados

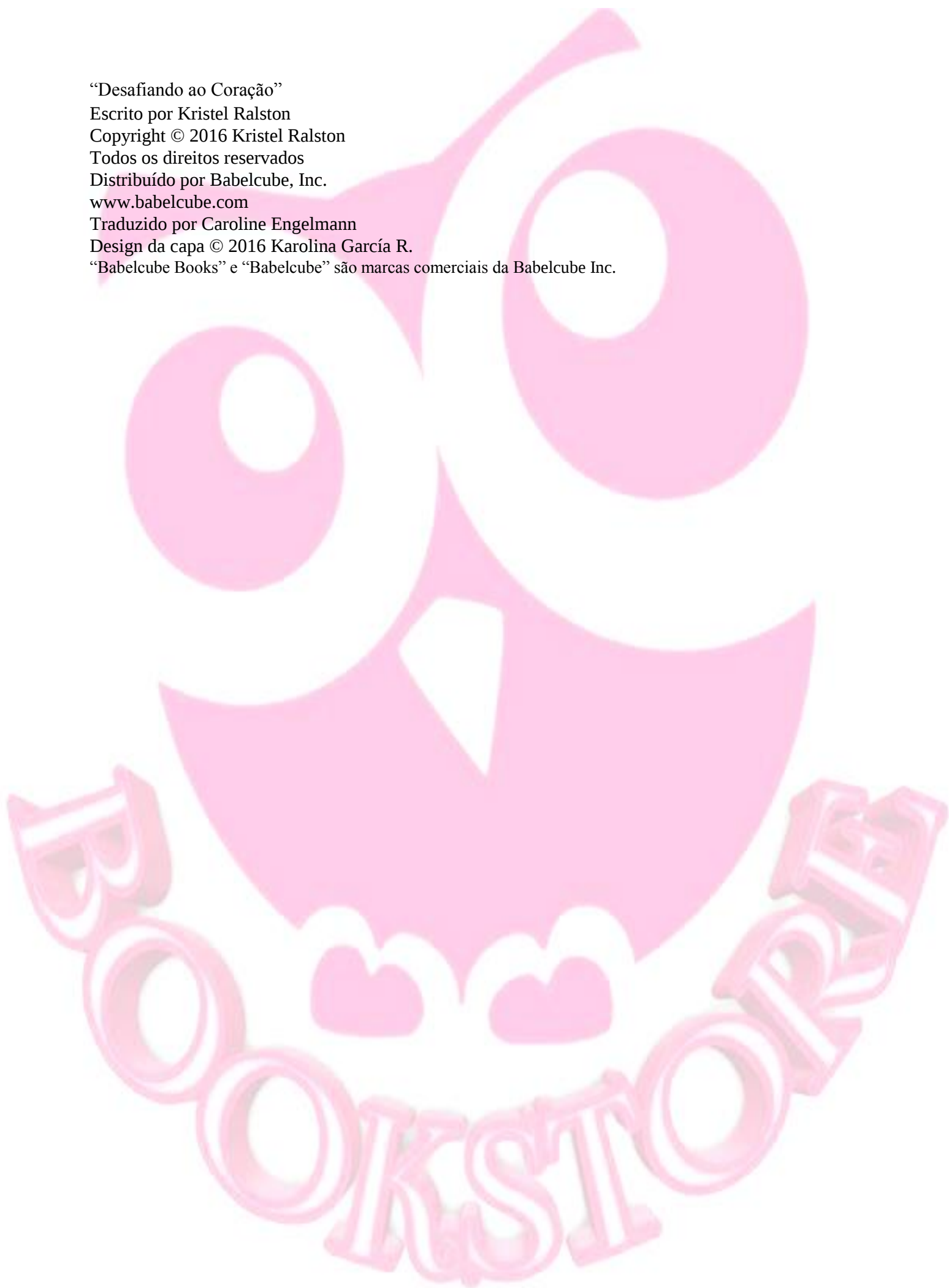
Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Caroline Engelmann

Design da capa © 2016 Karolina García R.

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.



Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Desafiando ao Coração](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Epílogo](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

Este romance é dedicado às mulheres valentes que se atrevem a amar e também a perdoar o passado para abraçar o presente com determinação e esperança.

Capítulo 1

—Eu lamento de verdade, senhorita Montgomery —expressou o diretor da Escola Fundamental Baltimore, olhando-a com um gesto contrito que não parecia absolutamente nada sincero—. A instituição está muito agradecida por seus serviços nos últimos três anos, mas a crise nos impulsiona a reduzir a equipe de professores em trinta por cento. E você está incluída nesse grupo...

As mãos pequenas e suaves de Abigail apertaram com força o assento. Não podia acreditar que estivessem despedindo-a. Havia mantido a esperança de não estar incluída na lista quando soube que iam iniciar um processo de redução de pessoal acadêmico.

Seus olhos azuis retiveram as lágrimas que insistiam em querer sair. Seu sangue corria com lentidão como se estivesse em uma cena em câmera lenta. Sentia que a blusa sem mangas e de decote redondo a asfixiava. Teria gostado de sair correndo, mas manteve a costas retas e rezou em silêncio para que seu rosto não demonstrasse quão desesperada se sentia.

—Por favor, senhor Yukovsky, reconsidere. Eu... —respirou profundamente para manter o aprumo antes de continuar—: Tenho um programa de educação inovador e queria pô-lo em prática —sorriu tentando controlar sua voz que tremia—, inclusive o senhor o aprovou. Preciso deste trabalho... muito —afirmou com um olhar sincero, procurando que o homem compreendesse quão importante era continuar recebendo um salário pontualmente.

Yukovsky lhe dedicou uma expressão de pesar que ressaltou seu nariz ligeiramente torcido, logo passou a mão pela cabeça calva e apertou os lábios como se estivesse contendo uma réplica talvez demasiado mordaz. O homem era conhecido entre o pessoal acadêmico da escola por seu pouco tato ao tratar com os demais, mas nesse momento Abby notou que tentava se controlar com ela.

O diretor, antes de voltar a se dirigir para a professora de matemática e geografia, contemplou os diplomas que estavam colocados na parede direita de seu pomposo escritório. Parecia que tentava decidir o que diria a seguir. Estava alheio ao modo que Abigail retorcia as mãos e apertava a mandíbula para evitar que tremesse. Ela não era propensa à falta de controle, mas não se tratava apenas da sua vida. Dela dependia alguém a quem amava.

—Compreendo que esta circunstância tenha pegado todos nós desprevenidos e lamento que esteja na lista de despedidos —manifestou com tom firme, mas também compreensivo—. Muitos de seus companheiros têm família e esta não é uma notícia fácil de anunciar. Foi decisão dos acionistas. Eu gostaria poder evitar este momento difícil, senhorita Montgomery, mas apenas cumpro ordens... por mais duras que estas sejam. —Abigail sentiu que a ansiedade tentava subjugar-la—. O cheque do seu último mês de trabalho, uma carta de recomendação excelente e uma soma adicional pelo

desligamento da escola serão depositadas em sua conta nas próximas vinte e quatro horas. Agradecemos-lhe por seus serviços.

Os dedos rechonchudos do russo estenderam um par de papéis sobre a mesa para Abigail. Ela leu e assinou sem reclamar sobre a carta de renúncia. De nada lhe serviria protestar, pois a decisão dos donos da escola estava tomada e ela tinha que buscar outro meio de sustento. Entrar com um processo não era nem de longe uma opção.

—Certo... —começou a dizer pondo-se de pé, mesmo que fosse mais por inércia do que por educação. Seus cabelos loiros se agitaram quando se inclinou para frente para apertar a mão do diretor—. Foi um prazer trabalhar para esta escola, senhor Yukovsky.

—Eu lamento de verdade. Espero que encontre logo um novo trabalho. «E eu mais ainda.»

Cinco horas mais tarde, Abigail estacionou a duas quadras da clínica privada. Deixou seu carro Honda ano 2002, em ponto morto. Esgotada, deixou a cabeça despencar sobre as mãos, que ainda estavam firmes no volante e se permitiu deixar sair as lágrimas que tinha reprimido desde que recebera a notícia de que fora despedida.

La sentir falta de seus alunos do terceiro ano, de escutar suas perguntas curiosas, receber de presente desenhos que demonstravam o afeto que sentiam. O mais duro seria deixar de ensiná-los. Quando foi recolher seus pertences da sala ela ficou contemplando as pequenas cadeiras e as paredes cheias de desenhos, o mapa dos países que estava sendo pintado e os lápis esquecidos sobre as mesas. Antes de sair do que tinha sido sua sala de aula durante três anos, levou uma pequena flor de papel que tinha recebido esta manhã de um dos meninos, que pedira que ela se casasse com ele. Havia sido um gesto tão gentil que só de lembrar provocava que mais lágrimas corressem por seu rosto.

As despedidas não eram fáceis, mas havia aprendido a lidar com elas muito tempo atrás. Perder o emprego não tinha nada que ver com suas necessidades pessoais, e por isso deveria ser forte. Seu avô dependia dela.

Secou as lágrimas e esperou até que seus soluços aquietassem. Necessitava estar recomposta antes de entrar na clínica.

Pegou o pequeno espelho que guardava no porta-luvas do carro e retocou o delineador preto que contornava seus olhos azuis com formato de amêndoa. Aplicou um pouco de *blush* sobre as maçãs do rosto e passou *gloss* em seus lábios cheios.

Seu avô costumava dizer que ela tinha a beleza clássica de Grace Kelly e a elegância de vestir como Audrey Hepburn. Ela ria respondendo que ao menos elas não se vestiam com roupas de segunda mão, ao que Horace Montgomery replicava dando uma palmada afetuosa em sua mão e abraçando-a, logo, com voz quieta, lhe dizia que a pureza do seu coração valia por mil Graces e mil Audreys juntas. Como ela não ia adorá-lo se a fazia sentir a pessoal mais especial do mundo?

Por ele seria valente.

Se por acaso tivesse que trabalhar limpando chão ou de camareira em um hotel para

cobrir os gastos com a doença do seu avô, ela faria. A Leucemia implicava muitos cuidados e a clínica privada tinha um alto custo. Ela teria deixado que a segurança social o assistisse, mas para ela era primordial dar-lhe as atenções mais especializadas possíveis; não podia fazer menos pelo homem que tinha feito papel de pai, mãe e guia durante tantos anos.

Alem do mais, só tinham um ao outro. Margaret, sua avó, havia falecido anos atrás por causa de uma parada respiratória; e seus pais, Peter e Anabela, morreram afogados num acidente enquanto estavam em um cruzeiro pelo Mediterrâneo. Seu avô recebeu sua custódia. Isso já fazia quase vinte anos.

Apesar de que seu avô fora um homem com boas posses, fez alguns maus investimentos que tiveram como consequência uma considerável diminuição de sua fortuna. Por isso era tão importante para Abigail a quantidade que aportava em casa com seu salário, pois somado ao dinheiro da pensão e às economias de seu avô servia para completar o montante que cobria os gastos mensais da casa e da enfermidade. Se era grata por algo era que a casa de dois andares que ficava em um dos bairros mais bonitos de Baltimore, Fell's Point, lhes pertencia; não haviam credores esperando pelo pagamento de uma hipoteca.

Com um suspiro arrumou o cabelo, quando estava segura de que sua aparência era aceitável saiu do carro e começou a caminhar em agilidade para o centro médico.

La muito encasacada. Fevereiro não era seu mês favorito do ano. Ela gostava de ver a neve cair, sem dúvida, mas o frio era às vezes insuportável e a conta da calefação podia subir a custos inimagináveis. Agora mais que nunca tinha que começar a economizar cada centavo para que seu avô ficasse confortável em casa.

Quando Abigail se aproximava da entrada do centro médico, as portas automáticas se abriram, o odor de desinfetante caro e o perfume de ambientes de maçã característicos da Clínica Privada Potomello adentraram as fossas de seu nariz arrebitado. Enquanto caminhava desamarrou o cachecol azul e o guardou em sua bolsa grande comprada na Marshalls. Aproximou-se da bancada da recepção e cumprimentou Grace, a enfermeira que costumava ter o turno das seis da tarde.

—Abby! —Lhe ofereceu um sorriso—. Está pronta para ir a ver seu avô?

—Mas é claro, os meninos se comportaram bem?

Grace riu. Seus dentes perfeitos e sua pele de cor escura combinavam com seu caráter simpático e doce.

—Hoje os filhos de Joe trouxeram um contrabando de chocolate —expressou fingindo contrariedade.

Abigail não pôde evitar rir.

Seu avô havia conhecido a três idosos que também recebiam quimioterapia e haviam se tornado muito amigos. Joe Hustle tinha câncer de estômago, Palton Marrick e Oscar Farmeld igual que seu avô, Leucemia. Se haviam autodenominado *O Clube*. Seus dias de tratamento geralmente coincidiam e os médicos, que conheciam todos eles,

havam concordado em acomodá-los em uma sala para que estivessem juntos durante o processo. Abby era consciente que esse era um capricho e um privilégio de estar na clínica privada, por isso estava preocupada de que seu avô pudesse ficar sem o ânimo que a amizade e a solidariedade desses maravilhosos velhinhos lhe proporcionavam.

—Um incentivo para esse grupo de rufiões —disse Abby, sorridente—. A que hora começa a químió hoje?

Grace olhou o relógio.

—Em dez minutos. Chegou a tempo, Abby.

Quando ia se retirar, Grace a deteve pondo a mão no braço dela. E a enfermeira a olhou de modo triste.

—Abby... —Precisou pigarrear. Baixou a voz antes de continuar—. Oscar foi desenganado.

—Oh. —Se levou uma mão à boca. Oscar era um ex-combatente da guerra do Vietnam. Piadista e bonachão. Seu grande bom humor era contagioso e tinha cinco filhos que o amavam e iam sempre a acompanhá-lo em suas quimioterapias—. E os outros senhores do *Clube* sabem? —perguntou com pena.

Grace negou.

—Não. Oscar também não sabe. Comunicaram esta manhã para sua família e eles decidiram não contar para ele. Não vale a pena fazê-lo sofrer com essa informação. René, sua filha, me pediu que se eu te visse comentasse a notícia, em especial por causa do teu avô. —René Farmeld tinha a mesma idade de Abby, vinte e sete anos, mas diferente dela, a filha de Oscar já tinha uma família formada—. Não há nada que possamos fazer por ele, Abigail. —Sua voz falhou. Ainda que Grace Robinson estivesse acostumada a ver a morte de perto, ela igual aos outros profissionais da clínica, tinha afeto aos rapazes d'O *Clube*—. Trata de dar-lhes ânimo, menina. Hoje o doutor Lughan lhes trouxe um novo baralho para que joguem o *Black Jack*. Um modo para elevar-lhes o ânimo, imagino.

Abigail sempre se lembrava com um sorriso de como Oscar lhe havia preparado tocaias para fazer com que Spencer Lughan, a levasse para jantar. Ela não queria saber nada dos homens depois de sua tempestuosa relação com Rylan Carmichael, mas ela havia aceitado ir com Spencer, porque ele era um grande amigo. Aproveitaram muito a noite e passaram boa parte dela rindo das ocorrências dos amigos de seu avô.

Oscar se empenhava em tentar fazê-la namorar todo o pessoal médico que aparecesse na frente dele. Dizia que era tempo que ela tivesse filhos e integrasse mais membros extraoficiais para *O Clube*. Ela sabia que o amigo de seu avô fazia seus comentários e tinha esses gestos pelo carinho que tinha por ela, e porque ignorava os fantasmas pessoais pelos quais não tinha vontade de estar em nenhum relacionamento durante um longo tempo.

Recuperar-se de seu ex-namorado havia sido muito difícil e ainda não estava pronta para uma nova relação. Rylan era o *príncipe encantado* de toda mulher, até que um dia

se transformou no pior monstro que ela pudesse conhecer. Uma experiência amarga demais, cujas sequelas destruíram suas esperanças de maneira brutal.

—Foi um dia difícil, Grace —suspirou—. Pobre Oscar. —Se aconchegou em seu casaco bege. Ao redor os enfermeiros e médicos iam de um lado ao outro, e os familiares dos pacientes murmuravam sem cessar, assim como as chamadas pelo alto-falante—. Irei ver meu avô e cumprimentar os garotos.

Grace assentiu.

—Claro, não se esqueça de preencher o formulário de pagamento para a próxima segunda, querida, e assim o banco pode realizar o débito automático da sua conta.

Abigail conteve o nó que se formou na sua garganta. Ela vivia de mês a mês, e o pagamento da clínica era apenas o primeiro desembolso das várias faturas que tinha ainda para pagar sobre a mesinha de cabeceira de seu quarto. Mas nesse momento o que menos podia perder era a calma, porque seu avô perceberia de imediato e não queria preocupá-lo.

—Farei isso, obrigada pelo lembrete, Grace. —Acenou para ela e se afastou da bancada com um sorriso. Que difícil era sorrir em momentos desafortunados!

Com um suspiro para retomar forças, caminhou decidida até o quarto 147.

Horace Marcus Montgomery estava sorridente, enquanto escutava a seu amigo Joe. Ela ficou no umbral da porta, pois ninguém ainda havia reparado em sua presença apesar da porta estar aberta. Contemplou seu avô com ternura; em seus setenta e oito anos ele se conservava bastante bem. Havia perdido peso pela doença, mas seus olhos azuis iluminavam o rosto anguloso e de grandes orelhas; quando sorria se formavam profundas rugas na testa e debaixo dos olhos; sua risada era contagiante, e também seu otimismo pela vida. Jamais o escutava se queixar, nem quando lhe deram o diagnóstico médico sobre sua enfermidade. O aceitou com valentia. Seu avô era a pessoa mais valente, e se ele estava determinado a ganhar a batalha contra a Leucemia, então ela não duvidava de que ele iria conseguir.

Abigail reparou em Oscar. A calvície acentuava seus olhos verde-oliva, e seu corpo tão magro o fazia parecer frágil, mas tinha um caráter que diferia de seu aspecto físico. Era enérgico e às vezes ditatorial. Ela sentiu uma grande pena ao saber que logo sua voz grave, suas histórias da guerra e seus comentários ácidos contra o sistema judicial americano deixariam de ser escutados.

Apertou os lábios para conter o choro soluçante.

Deve ter feito algum ruído, porque as conversas d'*O Clube* se detiveram. Quatro pares de olhos se pousaram nela, e logo começaram a falar ao mesmo tempo cumprimentando-a.

—Abby! —exclamou seu avô sorrindo e esticando as mãos para chamá-la—. Venha, venha, filha!

Devolvendo o sorriso, se aproximou e abraçou seu avô. Conteve as lágrimas ao senti-lo tão magro através do tecido do pijama. Ele era toda a família que ela tinha.

Nessas ocasiões, enquanto seu avô estava prostrado na cama sob os efeitos da quimioterapia, ela costumava ler para ele os clássicos da literatura francesa. Seu favorito era *O Vermelho e o Negro* de Stendhal, assim que podia dizer que conhecia de memória essa maravilhosa novela.

—Oi, vovô —cumprimentou com doçura, logo girou para os demais e sorriu—. E vocês tem se comportado bem?

—Não deveria nem sequer perguntar isso, mocinha —expressou Joe fingindo sentir-se ofendido—. Aqui tudo está sempre perfeito. Você sabe, não gostamos dessas injeções horrorosas que dizem para tomarmos para que nosso físico melhore, mas estes músculos —elevou o braço fazendo força e apontou com a mão livre— são resistentes e muito fortes. Não necessito de nenhum medicamento. Não é verdade, Palton?

—Claro Joe —manifestou Palton com voz suave, ao mesmo tempo em que acomodava os cobertores para se abrigar melhor. Olhou para a neta de Horace—. Como você está Abby? —Ele era o mais sossegado do grupo e seu caráter o acompanhava.

—Estou estupenda. —Agarrou a mão de Horace dando um tapinha carinhoso—. Como está se comportando o meu avô, ein senhores? Por acaso lhe deram alguma parte de certo contrabando de chocolates? Não, verdade?

Joe a olhou com estudada incredulidade e apontou para Oscar com a cabeça.

—A culpa é dele. Chantageou meus filhos e aos pobres garotos não lhes restou outra opção que trazer esses chocolates.

Todos riram.

Abby se inclinou para seu avô e o abraçou. Quando fazia isso sentia que tudo estava bem. Os braços frágeis a rodearam e apertaram com pouca força.

—Como está se sentindo, vovô? —perguntou com voz firme, ainda que na verdade sentia mais vontade de chorar do que qualquer outra coisa ao vê-lo na cama em lugar de estar em casa como sempre montando quebra-cabeças ou limpando sua coleção de moedas velhas, inclusive arrumando algum armário com suas ferramentas, mesmo quando não houvesse necessidade disso—. Hoje você está com um bom semblante.

—Muito bem, minha menina. Como se comportaram esses diabinhos da escola, ein? Ele teve de forçar um sorriso, porque não podia contar o que ocorrera.

—Maravilhosos. Um pouco travessos, mas gostam muito de geografia e gosto de passar meu tempo com eles. —Isso não era uma mentira.

—Me alegro, Abby. Você passa tempo demais aqui se preocupando com este velho. —Não diga isso! Adoro passar meu tempo contigo. Seria fantástico poder te levar para casa, mas já sabe que depois da química prefiro que fique com cuidados especiais ao menos dois dias. Aí quando você vai para casa a senhora Igorson e eu podemos cuidar de você sem medo de que algo possa te acontecer e nós não pudermos te ajudar.

Ele soltou um grunhido.

—Aos teus vinte e sete anos, ainda não tem um par como deveria ter. Quero

conhecer a meus bisnetos. Por acaso hoje em dia os homens não enxergam mais do que dois dedos na sua frente para não dar-se conta quando aparece uma moça única e especial como você? O que aconteceu com esse rapaz, o tal de Rylan, por exemplo?

Um temor imperceptível recorreu seu corpo. Relembra-lo não contribuía para manter um semblante calmo, mas isso seu avô não podia saber. Sua relação com Rylan havia terminado dois anos atrás. Ele fora seu segundo namorado, mas o primeiro a quem se entregou e de quem acreditou estar profundamente apaixonada. E quiçá estivesse. Apenas nunca se preparou para ver como ele se metamorfoseou ante seus olhos e sob os efeitos do álcool, Rylan se aproximara com raiva por ela não ter respondido à uma ligação sua e a bateu até enviá-la ao hospital.

Por aqueles dias seu avô estava visitando uns amigos fora de Baltimore, e quando voltou para casa, ela estava fisicamente recuperada. Seu rosto não fora afetado, porque a maior parte das agressões foram em suas costelas, pernas e abdome. O preço desse suposto amor havia sido alto demais. E mesmo que Rylan, ao recordar o que havia feito, quando o efeito do álcool passou, se jogou aos seus pés para pedir perdão de mil e uma formas, o dano era irreparável. Não só fisicamente.

—Na verdade...

—Boa tarde, senhores. —O doutor Spencer Lughan fez sua entrada no quarto com seu cabelo loiro perfeitamente penteado interrompendo a conversa, o que Abigail agradeceu em silêncio. Spencer foi o amigo a quem recorreu no dia da agressão de Ryan, e quem aceitou manter segredo sobre a situação. Graças a ele pôde superar sua aversão aos hospitais. A lembrança do sangue, o desespero, a dor e a decepção daquela experiência com Rylan a haviam marcado para sempre. Spencer girou na direção de Abigail—. Abby —saudou com um grande sorriso, e logo voltou sua atenção a cada um de seus pacientes—. É hora de ficar pronto para o tratamento. —Deu uma piscadela.

Todos fingiram protestar, mas só era um modo de acalmar os nervos.

—Olhe rapaz, se você não fosse tão tirânico talvez Abby tivesse aceitado ter um segundo encontro com você —disse Oscar rindo—. E não é rapazes?!

Os membros d'*O Clube* assentiram. Estavam tensos como era normal antes de cada quimioterapia, mesmo que tratassem de manterem-se animados com a conversa e as piadas que gastavam uns com os outros.

A equipe de médicos acedeu para colocá-los juntos, porque haviam notado que os ânimos quando estavam recebendo o químico em grupo, era diferente de quando o faziam separados. Se esse método contribuía em algo para que a situação médica dos anciãos melhorasse, os doutores não se interporiam.

—Mas que chato que Oscar está casado! —repreendeu Abby com doçura.

Spencer havia se casado um ano atrás, mas os pacientes do quarto 147 não deixavam de incomodá-lo com o único encontro que havia tido com Abigail. Ele levava o comentário com bom humor, igual que sua amiga.

Para Abby, saber que ele era o médico especializado em atender ao seu avô foi uma

benção. Sentia mais confiança para indagar com profundidade e quantas vezes fossem necessárias sobre a Leucemia. Ambos sabiam que o aspecto romântico não existia, mas como tinham tanto carinho pelos membros d'O Clube decidiram sair juntos, assegurando-se de lhes levar uma foto de ambos no restaurante para que eles acreditassem e deixassem de tentar fazê-los namorar.

—Porque foi um bobo —protestou.

Spencer riu. Nunca havia tido um grupo de pacientes tão peculiares.

—Ele está casado com uma de minhas melhores amigas —replicou Abby com uma gargalhada—. Você é impossível, Oscar.

—Oh... Bom isso você não nos contou —murmurou decepcionado.

Ela não podia lhe dizer que sua memória lhe estava falhando e tinha que repetir-lhe a mesma história do casamento de Spencer cada vez que comentava que havia cometido um erro ao se casar com Monica Friedmann.

Levantou-se da cama de seu avô para se aproximar de Spencer, enquanto Horace se queixava das notícias sobre ObamaCare e lamentava o último desastre natural na Ásia, o que avivou um debate com pontos de vista que começaram a serem defendidos ardorosamente.

—Como meu avô está reagindo? —perguntou em voz baixa. Spencer era duas cabeças mais alto que ela, tinha os olhos mais verdes que jamais vira e um sorriso que conseguia acalmar as famílias angustiadas de seus pacientes—. Preocupa-me, ainda que hoje esteja com bom semblante.

—Sua condição é estável. A Leucemia mieloide aguda tem suas etapas, como você já sabe, mas por agora o prognóstico se mantém sem alterações. Teu avô tem o melhor diagnóstico do grupo. —Ela sentiu um peso mais leve sobre os ombros—. Monica está um pouco preocupada, não teve notícias suas nas últimas semanas. Disse-me que antes costumava ligar para ela com mais frequência. Como você está?

Monica e Abigail se conheciam desde a universidade. E quando Abby pensou que o homem perfeito para uma de suas melhores amigas seria Spencer, não se enganou. A química que existia entre ambos era invejável e ele havia passado de viver para a clínica, a fazer de tudo em prol de sua família recém-formada. Apesar de que entre sua esposa e Abby haviam dez anos de diferença de idades, aquela década de distância não era mais que um número, pois ele e Monica se complementavam perfeitamente.

Os ombros de Abby se afundaram.

—Eu fiquei sem emprego —ela lhe confessou em um sussurro, enquanto as enfermeiras entravam para ajustar todos os equipamentos médicos nos pacientes—. Eu encontrarei algo logo, mas por agora direi ao meu avô que tirei alguns dias de folga. Não quero preocupá-lo.

Spencer balançou a cabeça e seus cabelos loiros se agitaram levemente.

—Eu lamento muito. Tentarei indagar se acaso surgir algo que você possa se candidatar. —Lhe deu um apertão afetuoso no ombro—. Não quero te pressionar, mas

sabe que Monica está esperando que você vá conhecer os gêmeos. Creio que pouco a pouco você pode ir superando aquele episódio com o babaca do Rylan. Não sei por que não o denunciou, Abby —meneou a cabeça com resignação ante a expressão inquieta dela—. Em todo caso. O convite está de pé para venha nos visitar, gostaríamos muito de recebê-la em casa.

Ela sorriu. Sentia-se feliz por sua amiga que havia tido gêmeos.

Por outro lado, cada vez que Spencer lhe indagava por que não havia denunciado Rylan, ela tinha uma resposta simples. Não queria falar sobre aquele horrível episódio e que desconhecidos indagassem e julgassem algo que não haviam vivido. Seu ex-namorado já não tentava mais entrar em contato com ela de novo e havia mudado de estado. Agora estava tranquila e era tudo o que importava.

—Obrigada, Spencer —baixou a voz ainda mais—, obrigada por tudo que já fez por mim. Irei ver os gêmeos assim que puder. —«Ou melhor, apenas seja capaz de ver um bebê sem lembrar o meu passado e começar a tremer». Decidiu mudar de assunto—. Grace me disse que Oscar não tem mais tempo... —Olhou o amigo de seu avô, que gesticulava com um grande sorriso.

Spencer assentiu com resignação. Apesar de que tratava pacientes com câncer todos os dias, não era menos triste saber que alguns deles não iam a passar nas provas e tratamentos. Ao final não só era o sofrimento de um paciente, mas de toda uma família.

—Ele lutou com firmeza. Tem sido um grande paciente. Esta é parte da minha frustração profissional, Abby. Já não há nada que possamos fazer por sua saúde. Não queremos forçar seu organismo.

—E estão aplicando quimio nas veias como a todos os outros? — perguntou aflita.

Detrás deles, as enfermeiras terminavam de sentá-los todos nas cadeiras de rodas que costumavam acomodá-los para a quimioterapia. Eles exigiam serem todos colocados em um semicírculo, assim, enquanto o produto químico se introduzia por suas veias, conversavam e viam algum programa de televisão que gostavam. Aquele era o modo de esquecer por que diabos tinham agulhas no corpo, um pessoal médico ao redor e seus corpos sofriam drásticos efeitos colaterais ao final de cada sessão.

—Agora não. Ele acredita que está recebendo, mas é apenas soro. Suspendemos os químicos. Sua família prefere que seja desse modo.

—Entendo. Deve pensar que está se curando então...? —Seus olhos azuis ficaram triste—. Terá esperanças até que um dia simplesmente apague, então?

Spencer lhe acariciou o cabelo com afeto. Não respondeu.

—Abigail, não é justo que passes por toda essa dura situação sozinha. Nunca poderei te retribuir por tudo o que me já fez por mim, como fez com que eu conhecesse a mulher da minha vida, mas ao menos escute minha esposa. Aceite algum de seus encontros às cegas.

Isso arrancou uma risada dela.

—Spencer diga a Monica que por agora não estou interessada em encontros às

cegas. Só de recordar todas as que me organizava na universidade começo a tremer. —Ambos riram esquecendo por um instante o motivo que os reunia nessa quarto da clínica—. Além do mais, se eu não os tivesse apresentado, seguramente o destino haveria se encarregado de fazer isso a qualquer momento.

Spencer a olhou com afeto fraternal.

—Dentro de algumas semanas vamos a organizar um churrasco. Vamos convidar alguns amigos, o que acha de vir participar?

—Vou pensar, obrigada Spencer.

—Bom, você já sabe onde nós moramos. —Se volteou para os quatro pacientes retomando seu tom profissional—. Agora tenho que atender a estes cavalheiros —disse em voz alta—, otimismo, senhores!

Aquela noite, Abby mal conseguiu dormir. Seu avô havia recebido bem o tratamento, mas a fadiga em seus olhos contrastava com o sorriso perene cada vez que a olhava. Antes de sair da clínica passou por um McDonald's. Se sentia esgotada demais para cozinhar algo relativamente saudável.

«Amanhã será um novo dia», pensou antes de acomodar-se entre as almofadas em seu cômodo colchão. Fechou os olhos e decidiu que apenas por essa noite ia enviar suas preocupações para o fundo de sua mente.

Capítulo 2

Um pequeno e suave vulto pulou em cima despertando-o no instante. Com um sorriso, Cole Sherman abriu os olhos e tomou sua filha de cinco anos nos braços. Bagunçou seu cabelo preto e brilhante, enquanto a pequenina ria.

—Você me pegou! Você me pegou, papai! —gritou eufórica, quando tentava se libertar das mãos bronzeadas e fortes que a jogavam no ar—. Me põe no chão! No chão! —exclamava rindo.

—Como está minha menina travessa hoje, ein? —perguntou com a voz carregada de afeto. Ter sua filha nos braços era a sensação mais bela do mundo. Amava-a com todo seu coração. Naquela manhã repetiam a brincadeira de todos os finais de semana. Ele fingia que era surpreendido quando ela o despertava no domingo, e ela gargalhava com vigor quando ele a jogava para cima e então fazia cócegas—. Dormiu bem, Hannah?

—Sim —sorriu com todos seus dentinhos—. Quero geleia de morango. Estou com fome, muita fome. —Sua barriguinha grunhiu demonstrando que era verdade.

Ele enterrou o nariz no pescoço de sua filha e aspirou o odor de bebê, inocência e amor. Ser pai solteiro não era nada simples, e apesar de que sua mãe às vezes o guiava nos cuidados de Hannah, lidar com as birras, as doenças típicas de criança e as tarefas da escola, estava deixando-o grisalho de preocupação. Mas adorava sua filha e qualquer esforço valia a pena para vê-la sorrir.

Como especialista em programação de informática tinha também que atender sua empresa e dar-lhe a maior atenção possível para que os softwares fossem convertidos em projetos com uma execução perfeita. Assim era como ganhava a vida. Criava programas de desenvolvimento para empresas multinacionais. Era o melhor no seu ramo e já tinha ganhado inúmeros prêmios e reconhecimentos. Havia fundado sua companhia, Corporação Zaga, quando tinha vinte e cinco anos, ou seja, onze anos atrás. O financiamento ele conseguiu graças a Matheo Ripollini, um professor de sua universidade, Loyola University Maryland, quem casualmente era o pai de Celeste.

Recordava de como se sentiu no dia em que conheceu a mãe de Hannah.

Foi durante uma feira acadêmica na qual Matheo era o organizador. Celeste apareceu perto de seu estande e o deixou boquiaberto. Era quase tão alta como ele, e isso que ele media um metro e oitenta e cinco, tinha o cabelo preto e ondulado que iam até os ombros, e os olhos verdes mais impressionantes que jamais houvesse visto. Tornaram-se amigos facilmente. Celeste tinha um grande senso de humor, e era uma mulher enérgica e decidida em todos os sentidos. Ela tinha um mestrado em literatura inglesa, e ele acabava de receber seu doutorado em informática em uma idade muito adiantada; não era por nada que o consideravam praticamente um gênio com os algoritmos e a linguagem da informática. Ele e Celeste estiveram saindo por ao redor de dois anos, e quando engravidou de Hannah, se casaram.

A Corporação Zaga começou a prosperar rapidamente e com isso se reduziu o

tempo que ele podia passar com Celeste em casa ou sair para festas. Então chegaram as brigas, os ressentimentos, e pouco a pouco sentiu como ela se distanciava sem tentar compreender que ele se esforçava para dar-lhe uma vida melhor.

Seu casamento era do tipo carregado de brigas e fortes temperamentos que terminavam em um sexo alucinante. Mas para Cole, a paixão não era suficiente. Depois do nascimento de Hannah, sua esposa se tornou mais reativa e demandante com o tempo, mas ele estava no meio de projetos de expansão e não podia atender a essas demandas. A Celeste doce e compreensiva daqueles anos de namoro havia evaporado.

Não sabia se acaso fora por solidão, mas um dia voltou para casa inesperadamente e levou um golpe que lhe tirou as intenções de compensar Celeste, pelo que fosse que ela o culpava. Quis surpreendê-la, porque haviam estado particularmente distantes. Assim lhe comprou um par de brincos de diamante da *Tiffany's & Co.*, e um ramo de lírios. Naqueles tempos, Hannah havia nascido há seis meses.

Com um grande sorriso, ele havia entrado em seu quarto. A surpresa quem recebeu foi ele.

Ao abrir a porta, viu que Celeste estava se esfregando com outro em *sua cama*.

Aquelas eram lembranças amargas e tristes. A infidelidade de Celeste foi o preâmbulo da ruptura definitiva de seu matrimônio. Ambos tentaram recompô-lo, mas ele se sentia muito machucado pela traição, mais ainda pois juntos haviam gerado uma menina tão maravilhosa como Hannah, então se refugiou em seu trabalho e mal falava com Celeste.

Então ela começou a acusá-lo de enganá-la e se vingar com a mesma moeda por haver encontrado-a com outro. O que, evidentemente, era uma mentira. Tornou-se ciumenta e extremamente possessiva. Assim que ele evitava, a todo custo, responder-lhe o telefone quando, depois de qualquer discussão em que saía batendo a porta para ir ao escritório, ela começava a ligar para seu celular desesperadamente. Lamentavelmente, em lugar de tomar consciência da forma em que procedia e o dano que lhe estava causando, Celeste voltou a enganá-lo. Até que houve um momento em que ele não se importou mais, e qualquer sentimento que houvesse tido por ela, inclusive o respeito, se perdeu. Começou a tratá-la como uma desconhecida, algo que a deixava mais furiosa, e levou todas as suas coisas para o quarto de visitas. Desde que havia descoberto sua infidelidade, não voltara a compartilhar a mesma cama com ela. Todo seu amor e tempo livre ele dedicava a Hannah.

A situação se tornou cada vez menos tolerável.

Um dia ficou até muito tarde trabalhando na empresa. Horas antes havia tido outra discussão com Celeste porque se negou a ir a um jantar em que estariam importantes personalidades da cidade. Estavam a ponto de encontrar a variável exata para que seu algoritmo funcionasse quando Sussan, sua assistente, entrou com o rosto contorcido em sua sala.

A atitude de Sussan lhe pareceu estranha, porque a mulher de cinquenta anos

costumava ser bastante inexpressiva. Com voz tremula, lhe comunicou que haviam ligado do hospital, porque Celeste havia sofrido um acidente de trânsito. Imediatamente, ele pegou seu celular. Tinha quarenta chamadas perdidas, quase todas de sua esposa e algumas de números desconhecidos. Saiu da empresa a toda velocidade, mas quando chegou à sala de emergências era tarde demais. Celeste havia tido uma parada cardiorrespiratória devido aos múltiplos ferimentos e não conseguiu vê-la com vida.

Seu único consolo era que Hannah havia ficado em casa com Greta, a babá, e ele deu graças aos céus que Celeste não levava sua filha no carro.

Aqueles anos foram miseráveis. Sua empresa ficou nas mãos de seu sócio, Abraham Collins, e ele se dedicou de corpo e alma a Hannah. Pouco a pouco recuperou o ritmo de sua vida, voltou para a academia, para suas horas de programação de softwares diversos, mas prometeu jamais envolver-se emocionalmente com ninguém. Acreditou ter amado uma vez, mas tudo havia ido para os infernos. «Quiçá nunca foi amor.»

—Papaiiii! —gritou Hannah retirando-o de seus pensamentos—. Eu tenho fome. Sorriu-lhe.

—Muito bem, juvenzinha. Antes de comer, primeiro temos que trocar de roupa. —Se levantou com Hannah nos braços que o olhava com seus grandes olhos azuis diáfanos e carregados da faísca de alegria que caracterizava as crianças—. Logo iremos tomar café da manhã e finalmente passear de bote. O que você acha?

Sentiu como a pequena ficou tensa.

—Não quero que aquela senhora vá também. —Pôs suas mãozinhas sobre sua pequena cintura, mostrando o caráter Shermann—. Não gosto dela.

Ele sabia a *qual senhora* se referia exatamente.

Justine Williams era uma lindíssima mulher com a que saía ocasionalmente. Exuberante e de bom gosto. Um pouco de sexo sem compromisso ou ao menos esse foi o acordo desde o princípio; o que costumava ter com suas amantes esporádicas. No entanto, nas últimas semanas Justine tentava fazer com que se vissem com maior frequência, e sua filha acompanhava parte das saídas. Estava se convertendo em algo complicado, e ele não tinha tempo para atar-se a uma relação estável. Sua filha e o trabalho lhe consumiam horas demais.

Uma mulher só se convertia em um inconveniente quando começava a exigir como Justine tentava, e ele não queria impor a Hannah uma presença feminina, pois a menina era muito sensível e quando se apegava a alguém o fazia de todo seu coração. Sabia que Justine não era uma presença permanente, assim que criar um vínculo entre ela e sua pequena não era uma opção.

Além do mais, Hannah no era uma menina que confiava facilmente, de fato, repelia habitualmente aos estranhos, mas se entregava de verdade quando tinha afeto por alguém, e talvez esse fosse um traço que os Shermann levavam no sangue. E desde o princípio, sua filha não gostou de Justine, assim que não ia a ceder ante sua amante

fazendo com que se formassem em seu lindo rostinho a expressão que costumava fazer quando algo não saía do seu jeito. Se para evitar que a filha se sentisse mal ele tinha de ficar sozinho, assim o faria até que Hannah fosse para a universidade, e enquanto isso preferia ter relações esporádicas e discretas.

—Por que por não gosta dela, meu bem? —perguntou escovando os dentes. Quando enxaguou a boca, sentou-a no vaso sanitário e esperou. Aquela era uma rotina que havia se tornado natural, assim como trocar as fraldas e ler histórias antes de dormir.

Ela o olhou com cara de choro.

—Só não gosto dela, papai.

E ali estava a explicação mais sincera que uma criança podia dar. Não gostava. Ponto.

—Então iremos passear de bote só nós dois. —A aseou, e lhe passou talco de bebês.

—Iupi! —Deu um salto quando Cole terminou de colocar o vestido sem mangas vermelho e azul celeste—. Podemos ir visitar a vovó depois?

—Se fizer primeiro as tarefas. —Lhe tocou o narizinho com o dedo carinhosamente—. Essa é a condição, princesa.

—É um trato? —perguntou como sempre fazia cada vez que ele lhe pedia algo, e ela desejava obter outra coisa em troca.

Esticou sua mão pequenina e seu pai a apertou com suavidade.

—Um trato, senhorita Shermann.

A risada infantil e melodiosa preencheu o lugar.

Cole a levou pela mão até a cozinha e lhe serviu uma tigela de cereal com leite, torrada com geleia de morango e queijo, e para ele um café puro e um sanduiche de presunto prosciutto. Contemplou sua filha e no pôde evitar que um ligeiro pesar o invadissem.

Hannah era sua imagem viva, mas também tinha alguns traços muito característicos de Celeste. Por exemplo, o modo de sorrir e como franzia o nariz quando estava chateada. Fazia já quatro anos que era viúvo, e ainda que não tivesse tido um bom casamento, às vezes a culpa o invadia pensando no que podia ter sido, se ele tivesse sabido como combinar melhor seu tempo entre sua família e seu trabalho. Mas o que Celeste nunca entendeu é que fazia isso para dar uma vida melhor para elas, e lhe havia devolvido seu afã de sucesso com infidelidades.

O passado era o passado. Ser viúvo era muito difícil e às vezes temia não estar criando bem a Hannah, mas sempre havia enfrentado os obstáculos com determinação, e nesta ocasião não podia ser diferente. Além do mais, não se tratava apenas de sua vida, senão a de uma pequena inocente que levava seu sobrenome e seu sangue.

Depois do passeio no bote, uma queda com um pequeno raspão no joelho durante uma visita ao parque, dois algodões de açúcar, um bichinho de pelúcia e os mimos da avó Willow, Hannah dormia placidamente no assento do carro, enquanto Cole dirigia

para o supermercado.

Havia sido um domingo cansativo. Sua mãe e seu pai eram os que mais mimavam sua filha, que era a quarta neta, porque sua irmã, Lana, tinha já três meninos, assim que Hannah era a princesa da casa. Tinha vestidos, presentes, biscoitos, tudo o que seus avôs acreditavam que ela precisava... ainda que na realidade não lhe fizesse falta.

—Desperta, carinho. —A moveu ligeiramente—. Já chegamos ao supermercado. Poderá escolher as guloseimas que quiser.

Sonolenta, a pequena abriu devagar as pálpebras carregadas de longos cílios como as do seu pai.

—Quero *marshmallows*.

Cole riu e desceu para tirá-la do assento. «Sim. Acordada o suficiente para começar a pedir doces», pensou sorrindo.

—A condição é que não saia de minha vista.

—Muito bem. Trato feito, papai.

O supermercado era seu pior pesadelo de domingo. Estava completamente abarrotado. Não tinha outra opção além de fazer as compras, postergar era impossível, pois a babá de toda a vida de Hannah, lhe havia feito uma lista específica de alimentos para sua filha. No refrigerador não tinha mais nada que uma criança de cinco anos pudesse comer e que não estivesse na categoria de besteiras.

Enquanto escolhia entre as ofertas de pasta de dentes pensava no modo de conseguir que Templeton & Company comprasse o novo software. As conversas de negociação estavam bastante avançadas, mas a empresa queria ver um modelo piloto e ele ainda tinha algumas arestas para aparar. O programa era pioneiro na indústria e por isso o manejava com o máximo de discrição. Nem sequer Abraham, seu sócio e amigo desde o tempo da universidade, conhecia os detalhes mais importantes. Se conseguisse vender seu projeto triplicaria sua fortuna.

Hannah se soltou da mão de Cole, e ao vê-lo tão concentrado lendo os rótulos, decidiu dar um pequeno passeio pelo corredor de guloseimas.

O corredor estava cheio de pessoas muito grandes para ela, pensou Hannah. Alguns a empurravam sem querer e outras crianças da sua idade se queixavam de que não queriam ficar na cadeirinha no carrinho enquanto seus pais perambulavam pelo imenso supermercado. «Menos mal que eu sou grande e não preciso ficar na cadeirinha», pensou contente.

Quando finalmente teve entre suas mãos um pacote gigante de pirulitos, pois parecia que os marshmallows haviam acabado, foi procurar seu pai. Não o encontrou em lugar nenhum. Preocupada, temeu que ele a houvesse abandonado por haver lhe desobedecido e não tivesse ficado junto do carrinho de compras com ele. Se moveu de um lado a outro, mas a quantidade de pessoas grandes não a deixava ver nada. Abraçou com força a bolsa de pirulitos. Apesar de ser uma menina valente, não conseguiu evitar soltar duas grandes lágrimas.

Estava a ponto de gritar quando tropeçou com um par de pernas. Deduzia que era uma moça, porque tinha as unhas dos pés pintadas de rosa e umas sandálias douradas lindas. Essa cor ela havia aprendido na escola. Ela adorava as cores.

Olhou para cima e se encontrou com um anjo.

—Você é um anjo? —perguntou com um soluço. Ela não queria seguir chorando, mas não podia evitar que as lágrimas continuassem correndo por suas bochechas—. Estou perdida... —sussurrou, ao mesmo tempo em que se agarrava aos jeans do anjo para que lhe prestasse atenção.

A mulher se agachou até chegar à sua altura. Lhe sorriu. «Um anjo lhe havia sorrido!», pensou Hannah.

—Oi, pequena. Não, não sou um anjo —riu—. Sou tão humana quanto você. Por que você está chorando, linda? —Lhe secou as lágrimas com gentileza com um *kléenex* que tirou de sua bolsa.

Tinha os dedos suaves, notou Hannah, muito diferentes dos de seu papai.

—Não choro —ênfatisou sua negativa com a cabeça e os cabelos brilhantes se agitaram—. Eu apenas me perdi. Sou valente. —Soltou outro soluço.

—Sim, você é —sorriu de novo. Era a menina mais linda que Abigail já vira. Enterneceu-lhe o coração. Claro que gostava de seus alunos, mas esta menina tinha algo diferente. Especial—. Você está procurando alguém? —perguntou.

A menina assentiu.

—Meu papai —soluçou—, não o encontro. Aqui tem muita gente. Muito grande e não consigo ver. Meu nome é Hannah Rose Shermann.

—Muito prazer em conhecê-la, Hannah. Sou Abigail Montgomery, mas meus amigos me chamam de Abby —replicou com um sorriso. Tirou de seus bracinhos o grande pacote de pirulitos com algum esforço—. Não vou ficar com o pacote de doces. Gosta bastante deles, não? —Hannah assentiu—. Só vou te ajudar a carregá-lo, não vou ficar com eles para mim. Também se perdeu da sua mãe?

A menina negou com a cabecinha e o vestidinho vermelho com celeste se moveu sobre seus ternos joelhos. Abby se fixou nas meias quase cinzas, algum dia foram brancas, que protegiam seus pezinhos afundados em tênis vermelhos. «Mas que pai mais descuidado», pensou com irritada.

—Mamãe foi para o céu —respondeu com naturalidade.

Pobre menina, pensou Abby, tão pequena e sem mãe. E que descuidado era seu pai ao deixá-la perambular por aí sem vigiá-la o suficiente. Um homem irresponsável era o que havia de pior. Ela já tinha uma lista de casos entre seus estudantes, cujos pais não se interessavam por seus filhos; nas reuniões de pais, eles dormiam ou faltavam aos eventos importantes. Eram poucos os pais responsáveis e envolvidos. Por que acreditavam que aquilo era tarefa só para as mães?

—Oh, sinto muito, pequena. —A abraçou em um impulso. E surpreendentemente, ao invés de se afastar, a menina lhe devolveu o gesto.

—Você tem cheiro de flores e olhos azuis como os meus. Mamãe tinha o cabelo preto como eu. —Apontou para o cabelo—. Já quase não me lembro da mamãe.

Abigail lhe sorriu pensando que ela também perdeu a seus pais sendo muito pequena. A empatia com a menina cresceu.

—Você tem um cabelo muito lindo, Hannah. Agora me dê a mão e vamos procurar seu pai. Assim essas lágrimas deixarão de sair definitivamente. Ok?

Assentiu e pegou a mão de Abby. Não gostava de estranhos, mas o anjo, porque definitivamente era um, ia cuidar dela. Ela sabia.

Abigail estava fazendo as compras porque era um modo de distrair-se. Além do mais de que sua geladeira estava vazia. O estresse e a preocupação lhe tiravam o apetite, mas não podia continuar com esse ritmo. Sua sorte de fato estava magnífica, aquela tarde o carro não quis ligar. Assim que teve que telefonar para seu melhor amigo, Richard Bale, quem, como sempre se ofereceu para levá-la a onde quisesse.

Richard não só lhe servia como o ombro amigo onde derramar suas lágrimas, mas também a ajudava a sair de apuros. Iria passar para buscá-la quando ela tivesse terminado as compras, para que não tivesse de gastar com um taxi. Em troca, ela lhe prometeu que aquela noite lhe faria o jantar. Ele perguntou se poderia convidar sua namorada, Deanna. Não objetou, de fato, Deanna lhe parecia encantadora em algumas ocasiões, só que Richard não parecia estar muito feliz, mas essas conjeturas ela guardava para si mesma. Seu amigo podia ser bastante tolo, se ela fizesse algum comentário o mais provável era que deixasse de falar com ela por um bom tempo. «Tudo tinha que cair por seu próprio peso com Richard, senão, não servia de nada».

Pela manhã tinha telefonado para seu avô na clínica para saber como ia sua recuperação. Horace lhe disse para não se preocupar, o que indicava ela devia ficar bem preocupada. Ele estava nesses dias complicados em que preferia a solidão. Ela respeitava essa necessidade de espaço, por mais preocupada que estivesse, e confiava no pessoal da clínica. No entanto, não podia deixar de ligar para Spencer, quem lhe explicou que além dos efeitos normais da quimioterapia, Horace estava bem.

Com a pequenina segurando sua mão, Abigail começou a buscar pouco a pouco entre os corredores abarrotados ao irresponsável senhor Shermann.

Cole sentia como o coração batia alucinadamente. «Era um mau pai. O pior pai do mundo». Desesperado começou a esquadrihar freneticamente ao seu redor. O lugar estava muito cheio, então largou o carrinho de compras. Como não sentiu quando Hannah soltou sua mão? Maldição! Por estar pensando novamente em seu maldito trabalho! Sentia todo o corpo tenso. Correu de um corredor ao outro. Perguntou aos seguranças, lhes mostrou uma foto de sua filha. Ninguém a havia visto. Como, diabos, pode desaparecer tão rápido uma menina? Como não a haviam visto?

Havia percorrido duas vezes cada um dos vinte corredores. Nada. Por parte alguma. «E se chamasse a polícia? Sim, com certeza era o momento de reportar-se à unidade de sequestro. Também processaria o supermercado por não ter medidas

adequadas de segurança». Se dirigiu aos caixas, decidido a armar um escândalo, quando a viu.

Sua alma voltou a habitar seu corpo. E também com ela, chegou a fúria.

Sua filha estava sendo arrastada, sequestrada, por uma mulher jovem. Não conseguia ver a sua cara. Apenas queria que a justiça a levasse. Que a prendessem, isso sim, devia passar o resto de seus dias pagando haver tentado sequestrar sua menina.

—Guardas! Guardas! — gritou a um par de seguranças que montavam guarda na saída do supermercado. As atendentes do caixa o olhavam como se estivesse louco, e alguns clientes também. Ele não se importava, que o olhassem se queriam—. Detenham a essa mulher! Está sequestrando a minha filha —gritou furioso.

Ao escutar o ruído que se produzia atrás dela, Abby tomou Hannah em seus braços. Pretendia levá-la para a saída, talvez assim seu pai conseguisse vê-la ao sair, pois não tinham tido sorte nos corredores. Certamente se desencontraram pela imensa quantidade de gente.

Tentou falar com a pessoa encarregada do megafone e os alto-falantes que faziam os anúncios do supermercado, mas o senhor estava ocupado atendendo uma queixa. Assim que levar a menina para a saída era a única opção.

Voltou-se para ver ao que se devia tanto ruído quando reparou que dois guardas corriam com pressa. Olhou ao redor. Não havia nada estranho. Por precaução abraçou a Hannah e avançou até um cubículo onde não podia ser vista tão facilmente. Se havia algum problema ou um ladrão para pegar ela não ia se colocar em risco, ainda menos com a menina nos braços.

—O que está acontecendo, porque todo mundo está gritando? —sussurrou Hannah contra seu pescoço.

Abraçou-a com força.

—Shhh. Nada, pequenina. Vamos esconder-nos aqui. Parece que há alguém mau ao redor e aqui vamos nos proteger.

—Quero meu papai —começou a chorar em silêncio.

—Shhh. —Acalmou-a de novo, dando-lhe um beijo na bochecha—. Vamos encontrá-lo, doçura, apenas...

—Esta! É esta mulher! —gritou um homem interrompendo-a.

O que Abby sentiu a seguir foram as mãos firmes e pouco gentis de dois guardas de segurança apertando-lhe os braços e levantando-a. Lhe haviam arrebatado a menina de seus braços. Isso não podia permitir. Começou a se debater tentando se soltar. Sua força era nula comparada com esses dois gorilas. Escutava os murmúros das pessoas que se congregavam ao redor como se ela fosse a mais cruel das vilãs.

Quando finalmente conseguiu com um assopro nada elegante retirar o cabelo da cara encontrou a Hannah. O homem mais bonito que via em muito tempo a aconchegava nos braços. Era alto, ao menos uma cabeça maior que ela, tinha o cabelo preto e abundante, tinha uma barba de dois dias, o nariz reto, queixo forte e os olhos da cor da

obsidiana. Nesse momento o olhar que lhe dirigia era muito obscuro e carregado de desprezo.

Sentiu-se confusa.

—Posso saber por que esses homens me retêm? —perguntou ela, enquanto Hannah soluçava.

—Você tentou sequestrar minha filha —espetou com acidez.

Ela abriu a boca. Fechou-a de imediato.

—Sequestrá-la?! Você está doido? —gritou.

—Você precisa nos acompanhar, senhorita —disse um dos “gorilas” afrouxou levemente a pressão—. Vamos a levá-la à polícia.

Logo chegou o supervisor do lugar. Ela o deduziu pela placa que levava no uniforme e o modo pretensioso que caminhava.

—Soltem-me! —exigiu—. Estão infringindo meus direitos. Vocês não são da polícia e não tem nenhuma autoridade para me tocar —exigiu enérgica e irritada tentando sair dessa encrenca. «De onde esse pai idiota tirou essa ideia de que ela iria querer sequestrá-la?».

Imediatamente, ao dar-se conta que Abigail tinha razão, os guardas a soltaram e ela se massageou os braços onde a haviam agarrado aquelas pinças humanas.

As pessoas ao redor observavam o espetáculo, e murmuravam em voz baixa.

Cole abraçava Hannah com ternura e força. Por um momento temeu havê-la perdido, e ao tê-la entre seus braços pouco a pouco seu nervosismo e ansiedade foram diminuindo. *A sequestradora*, tinha que admitir, era uma beldade. «Certamente usa essa aparência inocente para enganar as crianças.»

Se um olhar pudesse matar, nesse instante ele já estaria a caminho do necrotério. Os olhos azuis da moça desprendiam adagas de gelo, e o suéter cor café lhe havia subido ligeiramente deixando entrever a pele suave do abdome plano, certamente aquilo ocorrera quando tentara se livrar dos guardas. Além do mais, a roupa estava esticada para trás, marcando seus seios bastante generosos. «O que é que estava acontecendo com ele? Era uma delinquente! De que lhe importava se ela tinha uma silhueta voluptuosa e sensual?»

—Papai... —sussurrou Hannah, baixinho contra seu pescoço—. Papai...

Retirando seu olhar da sequestradora, reparou em sua filha.

—Fale, princesa —respondeu beijando-a na bochecha.

—Papai, por que esses senhores tratam assim ao meu anjo? —perguntou levantando sua cabecinha e girando o pescoço para olhar para trás.

—Ao anj...

Claro. Sua filha via bondade naquela mulher. Que idade teria? Vinte e cinco? Trinta? Muito jovem para desperdiçar sua vida sendo delinquente.

—Ela tentou te levar. Foi uma pessoa malvada. As pessoas malvadas precisam ser castigadas. Vão levá-la para a polícia.

Os olhos de Hannah demonstraram seu alarme.

—Não, papai. Não. O meu anjo não é mau. —Negou com sua cabecinha—. Estava me cuidando porque você tinha sumido e eu não conseguia te encontrar —murmurou em tom igualmente baixinho, como seu pai—. Não deixem que a façam coisas ruins. Por favor —suplicou.

O supervisor pedia aos clientes que fossem se atentar às suas compras e deixassem a cena. E relutantes, pouco a pouco, obedeceram. Era compreensível que estivessem ali bisbilhotando, afinal de contas ninguém gostava de perder uma boa fofoca.

A *sequestradora*, como Cole a chamava, estava de braços cruzados agora. E havia arrumado o suéter. Os guardas, o supervisor e mais outros dois estranhos lhes pediram para que se reunissem em outra sala, distante dos corredores do supermercado para deixar de fazer uma cena e acertar o assunto com mais privacidade.

—Não vou a lugar nenhum com vocês —Abigail recusou. «Quem pensavam que eram para tratá-la dessa forma? Ela os processaria por ultraje!» —. Vou embora. É isso que me acontece por tentar ajudar as pessoas. —Olhou Cole—. E você, em vez de estar buscando culpados deveria se preocupar mais com a sua filha. O que teria acontecido se outra pessoa a encontrasse? Acha que teria protegido a menina? Seu inconsequente. Além do mais ela está toda suja, não sabe cuidar das roupas de uma menina? Utilizar uma lavadora?

Cole estreitou os olhos, e a fúria irremediavelmente o invadiu de novo.

—Não fale desse jeito comigo! —gritou Cole, aproximando-se o suficiente com Hannah nos braços—. Não cuidei de minha filha todos estes anos, para que uma trombadinha ranhosa como você venha tratar de me fazer passar por idiota.

—Porque você é —grunhiu contendo a vontade de esbofeteá-lo por havê-la chamado desse modo—. E para que conste —dirigiu um olhar de irritação aos guardas—, eu estava buscando ficar perto da saída para ver se este irresponsável —apontou com o queixo a Cole—, se dava conta de onde estava sua filha. Me escondi com ela detrás desse biombo pensando que havia um ladrão e por isso que os guardas corriam.

Nesse momento Hannah começou a chorar. E se removeu dos braços de Cole para que a deixasse no chão. Ressabiado, ele a deixou.

A pequena correu e abraçou os joelhos de Abby.

—Senhor, deseja que chamemos a polícia? —perguntou o supervisor temendo um processo de Abigail. Não seria uma boa propaganda e seu chefe seguramente lhe daria uma bronca. Além de que era evidente que a menina não via nada de mal na moça. Mas tinha que perguntar, pois ele gostava de seguir o procedimento.

Cole, ao ver que sua filha sentia que a mulher não lhe havia feito dano, desistiu. Hannah era acanhada com os estranhos em geral e as crianças tinham um bom instinto para saber quem era bom e quem era mau. Ele confiava nos instintos de sua filha. Quicá tivesse se precipitado ao julgar a essa moça que estava diante dele, que agora o

observava ativa e furiosa.

Abby se inclinou e acariciou os cabelos da pequena, e Cole se surpreendeu ao ver como seus olhos azuis se tornaram doces e cálidos. Algo se removeu de dentro de si, mas pensou que isso se devia ao alívio de que Hannah estivesse a salvo.

—Não... não. —Passou os dedos pelos cabelos—. Foi um mal entendido, senhores. Muito obrigado, mas agora vamos a arrumar a situação entre nós.

Abigail se apurou e ao escutar a Cole revirou os olhos.

—Senhorita lamentamos... —começou o supervisor com seu tom de voz de sabeduto.

Ela o deteve com a mão livre, pois com a outra segurava a Hannah.

—Não quero escutá-lo. Se ao sair daqui tiver a mais leve sensação de que quero processá-los, eu vou —ameaçou—. Trataram-me como uma delinquente e me humilharam. O mínimo que merecem é um processo.

O supervisor, J. Maloney, Abby conseguiu ler a letra pequena da plaquinha do homem na peito do uniforme, pigarreou.

—Lhe daremos um cartão para compras ilimitadas de um ano, senhorita. De verdade, não queríamos que isto ocorresse, mas era evidente que...

—Não era evidente nada, e tampouco penso em agradecer-lhes pelo cartão de consumo —replicou ela. «Um cartão ilimitado e ela sem trabalho. Perfeito»—. Uma compensação é o mínimo que mereço.

Eles desapareceram com murmuros de desculpas, não sem antes pedir-lhe um cartão para entrarem em contato com relação ao cartão de crédito ilimitado para o resto do ano. Ela, menos mal, ainda guardava em sua carteira um par de cartões de apresentação profissional, e entregou um deles a J. Maloney.

Cole se inclinou e pegou sua filha no colo.

—Sou Cole Shermann, senhorita...?

Ela deu de ombros e o olhou entediada.

—E de que lhe interessa? Não quero saber de você —replicou arisca—. Tenho que ir. Que pena que um homem tão idiota tenha uma filha tão linda. —Se aproximou de Hannah, enviando sobre Cole um aroma de flores que o afetou como há muito tempo no lhe ocorria. Teve vontade de tomar o lindo rosto da jovem entre suas mãos e se desculpar. Com beijos—. Adeus, pequenina —disse para Hannah com ternura.

—Espere... —Chamou Cole, quando Abigail se afastava.

Ela se deteve, mas não se virou.

—Qual é o seu nome? Permita-me compensar-te por esse mal entendido... por favor. Espero que entenda, ela é tudo o que tenho —expressou com suavidade—. Se algo lhe houvesse ocorrido nunca conseguiria me perdoar.

Por algum motivo, Abby soube que Cole Shermann não era dos homens que costumava pedir “por favor” ou “desculpe”. Mas ao menos sabia reconhecer seus erros. E ela não era tão má no fim das contas.

Ela suspirou antes de girar-se.

—E sim, sei lavar as roupas —expressou tentando fazer uma piada, a qual ela não sorriu. Mais do que fazer uma piada, ele sentia a estúpida necessidade de justificar o estado das meias de sua filha. Não era um homem dado a explicar suas ações, mas por algum motivo sentia vontade de demonstrar a aquela desconhecida que fazia o melhor que podia—. Viemos do parque. Não sou o melhor pai do mundo, mas tento ser —afirmou com severidade.

Ela ficou em silêncio, antes de assentir.

—Suponho que é...

—Me dirá seu nome? —perguntou em tom suave.

—Abigail Montgomery, mas me chamam de Abby —respondeu ajustando o suéter.

—Abby —repetiu Cole. Ele gostou desse nome—. Hannah e eu queremos te convidar a tomar um sorvete. Certo, princesa? —Olhou para sua filha que contemplava Abigail com um sorriso.

—Sim!

Ia a responder quando seu celular tocou. Viu na tela quem telefonava. Não ia deixá-lo plantado. Fez-lhe um sinal para que Cole aguardasse um momento.

—Richard? Sim. Não conseguir fazer as compras. Você me leva? Você é um amor! Claro. —Riu quando Richard lhe disse que ela lhe devia dois jantares—. Saio em dois minutos.

Fosse pelo motivo que fosse, a Cole não lhe assentou muito bem inferir que Abigail tinha um namorado. «O susto de quase perder Hannah certamente havia afetado seu cérebro, de que lhe importava o que acontecia na vida dela?»

—Sinto muito, não posso ir com você. Vão passar para me buscar em alguns minutos.

Hannah fez cara de choro.

—Teu marido? —Cole não conseguiu evitar perguntar e se repreendeu por sua impertinência—. Lamento, não é da minha incumbência.

—Não, não é meu marido, apenas Richard —sorriu evitando responder diretamente. Não tinha que dar-lhe explicações a um estranho. Por mais lindo e sexy que fosse—. Tenho que ir. Aceito suas desculpas e obrigada por seu gesto de tentar compensar o mal entendido. Tudo esquecido. Ao menos tenho um cartão ilimitado de consumo. —Riu.

—Adeus, Abby... —sussurrou Hannah olhando-a com seus grandes olhos carregados de incerteza.

—Tchau, pequena, seja uma boa menina —sorriu, e o coração de Cole parou por um instante, ainda que o sorriso não fosse dirigido para ele. «Essa mulher sim que sabia como sorrir». Como um bobo, observou-a se afastar pela porta. Fixou-se no contorno de suas cadeiras e no modo em que o *jeans* se ajustada perfeitamente a suas curvas.

«Mas que começo e que final», pensou Cole avançando de novo aos corredores para comprar a comida da semana. Desta vez não soltaria a sua filha nem um milímetro.

Capítulo 3

Depois de contar para Richard a experiência que teve uma semana atrás com os guardas do supermercado, e deixá-lo rir a suas custas durante o almoço que teve com ele e Deanna, seu amigo lhe propôs trabalhar como supervisora na matriz da cadeia de lojas de brinquedos da qual era proprietário. Não estava esperando isso, mas não podia aceitar. Não seria justo, porque ela era professora, e não possuía conhecimentos administrativos.

—Seria fabuloso, Abby! —exclamou a namorada de seu amigo no almoço.

Quase. Quase acreditou ter visto sinceridade nesses olhos de cor café. Mas a escultural Deanna Gunther tinha o signo de dólares grudado nas retinas. Só que Richard não era capaz de vê-lo. E ela não tinha intenção de dar-lhe o contra. Ele teria que dar-se conta por si mesmo.

Abby remexeu seu spaguetti. Jogou queijo parmesão e uma pitada extra de sal.

—Não gosto de abusar da amabilidade de Richard —replicou com doçura, mas com a intenção de mandar uma indireta. Deanna pareceu compreender, pois fez uma careta imperceptível. Seu amigo nem a notou, pois estava enfeitiçado contemplando como a mulher se mordida o lábio, pensativa.

—Você é minha melhor amiga, Abigail. E está sem trabalho, assim que o mínimo que posso fazer é te oferecer um posto de trabalho em uma de minhas lojas. Não estou te dando nada. Você trabalha e eu te pago. Assim você pode ajudar a Horace.

Ela o olhou com apreço. «Richard conhecia seu calcanhar de Aquiles».

—Eu logo encontrarei algo...

—O cargo é seu, quando o desejar. É sério. Assim que em caso de que não encontres logo um lugar para dar aulas como você tanto gosta, Casa de Brinquedos Baltimore espera por você.

Abby sorriu com gratidão. Às vezes se perguntava por que não se havia apaixonado por Richard. Ela gostaria de ter tido cabeça o suficiente para não ter ficado encantada por Rylan.

—Obrigada, Richard.

—Claro, claro. Para isso servem os amigos. —Elevou a taça de merlot—. Brindemos então pelas novas possibilidades, Abby. —E girou para sua namorada—. E às lindas mulheres.

Deanna lhe deu uma olhada dissimulada que logo se suavizou com um sorriso quando Richard comentou algo sobre seu talento para fazer desenhos de moda. A tarde terminou bem, ainda que sentisse pena de seu amigo. Esperava que cedo ou tarde, mas mais cedo do que tarde se desse conta da classe de mulher que era seu par atual. Não que não gostasse dela, mas tinha esperado algo melhor para seu melhor amigo.

Quando terminou o almoço e se despediu de Deanna e Richard, recebeu uma mensagem de texto de Spencer lembrando-a que Monica a esperava para o churrasco

às nove da noite. O certo era que tinha pouca vontade ir, mas quando Monica ligou para insistir, seria ridículo e uma grosseria dizer que não pela quinta vez ao mesmo convite. Por outro lado, soube que Leona iria, e não a via desde que ela se mudara para San Diego com seu esposo seis meses atrás. Seria uma reunião para colocar-se em dia, relaxar e aproveitar. Exatamente o que ela precisava.

Em honra a essa reunião, agora se encontrava em seu quarto, ajeitando sua trança e aplicando fixador na franja, penteada para a direita, para controlar essas mechas. O espelho lhe devolvia a imagem de uma mulher vestida com um vestido azul de *cocktail*, usando um par de saltos de tiras de coral e com uma figura curvilínea. Tentava de vez em quando contratar as barras de chocolate que consumia saindo para correr como uma possessa por alguns quilômetros ao amanhecer, mas ultimamente havia deixado de fazê-lo. Estava frio demais lá fora.

Sua figura era mais ao estilo Marilyn Monroe do que nos dias atuais em que a moda ditava o *esqueletismo*, nome inventado por ela mesma, é claro, como referencial atrativo ideal, ela costumava se sentir fora de lugar. Usava o tamanho médio, mas nunca se sentiu inadequada. Salvo quando esteve com Rylan; foi então que deixou de gostar de si mesma, porque ele criticava suas curvas e destruía sua autoestima. Naquela época, inclusive sua forma de vestir se modificou; tentou usar roupas que a tapassem mais, sentindo-se sem valor e acreditando ser pouca coisa.

Já havia passado um tempo desde então, e agora, pouco a pouco, estava recuperando à Abigail que vestia de forma mais jovem, com roupa levemente justa e se orgulhava de suas curvas. Não podia dizer que era de todo uma provação superada, mas se sentia mais confortável que nunca em sua própria pele.

No obstante, a pior parte de superar era ver um bebê e conter a vontade de começar a correr e se esconder. Adicionado a isso, não se envolver em nenhuma nova relação era parte do pacote, graças ao passado que arrastava consigo. Ainda se assombrava da mulher que se permitiu a si mesma ser e que concedia a outra pessoa o poder de menosprezá-la. Não se reconhecia. Dava razão àquele ditado popular: “Um lobo em pele de cordeiro”.

Rylan havia sido um tormento e uma doçura ao mesmo tempo. Conquistou-a com seu sentido de humor, a agudeza de seus argumentos e em especial com o modo em que se preocupava com ela. Doíam-lhe os comentários desdenhosos sobre seu modo de vestir ou um tipo de penteado, e inclusive seu modo de comer. Depois de criticá-la, falava em tom carinhoso e ela sentia que estava sendo sensível demais e que ele não falava sério quando dizia aquelas coisas.

Com o tempo, as palavras de Rylan se tornaram mais hostis, e seus gestos para contradizê-las ou ressarcir-la, ainda mais ternos, o que a deixava confusa. Estava apaixonada por ele, mas haviam vários momentos em que não conseguia entender que diabos sentia exatamente. Mais tarde, entendeu que aquele abuso verbal e emocional, também era uma forma de violência.

Além do mais, o fato de que fosse professora era uma constante fonte de brigas. «Por que você quer ser professora de uns pirralhos? Você tem que fazer alguma coisa que dê dinheiro!», costumava dizer a ela, e ela lhe explicava que dar aulas para as crianças era sua paixão e que tinha o dinheiro que precisava. «Você deve fazer mais exercício, Abigail, seu quadril está muito grande», aquela frase ele soltou uma vez que ela vestiu uma lingerie cor pêssego; ela lhe replicou que como esperava que seu quadril fosse menor, quando depois do sexo o corpo das mulheres costuma mudar. «Você tem seios lindos, mas talvez perfeitos demais. Tem certeza de que não fez nenhuma cirurgia plástica para levantá-los?». E no entanto, ela encontrava justificativas para todas as idiotices que dizia, em especial quando chegava com flores, cartões escritos à mão ou lhe dizia quão bela ela era para ele e que se esquecesse das besteiras que dizia às vezes.

Rylan não era um bebedor ou ao menos ela achava que não, e por isso seu coração se despedaçou terrivelmente quando descobriu que não só bebia, assim como consumia entorpecentes. O modo como se deu conta foi devastador e mudou sua vida para sempre.

Uma lembrança muito amarga.

Naquela ocasião houve uma grande discussão, porque ela lhe disse que não estava disposta a escutar mais desprezo de sua parte e que se não voltasse a se comportar como antes, então era melhor ele encontrar outra namorada. Ele replicou arrastando as palavras, evidentemente tinha tomado alguns tragos, dizendo que ele era melhor que ela em todos os aspectos, que ganhava muito dinheiro, sua família tinha um dos melhores sobrenomes de Maryland e que ela deveria ser grata de que ele houvesse prestado alguma atenção nela e além disso ter lhe dado a honra de ir para a cama com ela. O olhar que tinha era muito diferente da habitual, como se estivesse perdido ou alterado.

O enfrentou, sentindo-se valente, pois já não estava disposta a escutar humilhações. Na tarde anterior à briga havia conversado com Monica e Leona. Ambas, horrorizadas, exigiram que deixasse Rylan porque estava em uma relação tóxica e prejudicial, fazendo-a ver que ele não fazia coisa alguma além de tratá-la mal, que isso não era amor. Ainda que não tivesse sido uma decisão difícil, aceitou o conselho de suas amigas.

Abigail lhe disse que não queria voltar a vê-lo, que saísse de sua casa e de sua vida, e que se necessitava sentir-se superior aos outros então que buscasse ajuda, porque ela não estava disposta a tolerar seus vazios emocionais. Destacou que merecia mais que as migalhas de seu tempo, e as desculpas continuas por palavras grosseiras e a falta de consideração.

Ele respondeu primeiro com uma bofetada. Reclamou que ela não tinha respondido ao seu telefonema naquele dia e que era culpa sua que ele estivesse com raiva. Abigail, limpou o filete de sangue que corria de sua boca, assustada, porque era a primeira vez que o via perder o controle daquele jeito; a primeira vez que batia nela. Mas estando

ciente de que Rylan não estava em seu estado normal, tentou sair correndo.

Rylan não a deixou ir, a encurralou, a insultou, bateu-a de novo e de novo, até que ela tropeçou e caiu no chão. Chutou-a com fúria antes de lhe dizer que era um lixo e que só a tinha procurado para usá-la sexualmente e que já estava cansado dela. Em seguida saiu da casa de Abigail batendo a porta.

Desvairada de dor e sem ninguém em casa que pudesse socorrê-la, engatinhou até a mesinha do telefone e ligou para a emergência. Spencer a recebeu na clínica. Estava ao seu lado, quando o ginecologista lhe deu uma notícia inesperada e tão triste que a manteve imersa em uma depressão por um longo período.

—Cinco semanas... —Colocou a mão no ventre onde havia estado seu bebê—. Eu não senti nenhum sintoma, Spenceer... —Havia lamentado entre lágrimas, depois de sair da sala de cirurgia, pois tinha tido complicações e foi necessário fazer uma limpeza—. Não tinha ideia. Talvez se o houvesse notado teria me protegido melhor, e...

—Shhh. Calma, Abby. Nem todas as mulheres grávidas sentem os mesmos sintomas. Não é uma regra, ainda que costuma ser bastante comum —lhe deu um beijo na testa—. Tudo vai passar. Logo mais o calmante fará efeito. Você vai curar esta costela quebrada e o inchaço no maxilar já vai ter diminuído até que seu avô volte para casa.

—Não quero que ele jamais saiba disso. Ele confiava em Rylan... e eu... eu também. Devia tê-lo deixado quando começou a falar-me aquelas frases horrorosas, Spencer. —Soluçou mordendo o lábio para conter o tremor em seu queixo, enquanto as lágrimas corriam por seu rosto—. Eu gostei muito dele. Devia tê-lo deixado há muito tempo. Meu Deus! Que idiota eu fui. —Soltou mais lágrimas; lágrimas que lhe queimavam o coração.

—Não se torture assim, por favor. Você é uma mulher forte. Vai conseguir sair dessa e encontrar o homem certo pra você —lhe disse com carinho, abraçando-a.

—Spencer, não quero saber de homens nunca mais. —Ele assentiu e segurou a sua mão, sem deixar de acariciar seu cabelo para acalmar os soluços—. Sei que não é seu trabalho atender emergências, te agradeço... —sua voz falhou—, não tenho ideia de como suportar isso...

—Te recomendarei um psiquiatra e eu estou aqui para todas as dúvidas médicas que tenha, ainda que não seja minha especialidade, em algo poderei te ajudar. Além do mais, o doutor Bramstein que te atendeu é o melhor em sua área. Não se lamente, não se culpe, porque acredite em mim Abigail, esse bastardo não te merecia.

Ela soluçou sentindo como seu corpo era uma gelatina e as pálpebras começavam a ficar pesadas. O calmante havia começado a fazer efeito.

—Não poderei ser mãe? —perguntou aterrorizada. Queria uma casa cheia de crianças para que brincassem com seu bisavô. E agora esses sonhos lhe pareciam tão distantes que lhe doíam.

—As probabilidades de que concebas novamente são as mesmas de antes, foi o que o doutor acabou de te dizer. Poderá ser mãe. Tua matriz está bem, teu útero é um pouco

delicado, mas graças a Deus não houve nenhum dano permanente. A placenta se desprendeu com o impacto dos golpes. Quiçá quando volte a engravidar terá que ser mais cuidadosa do que o necessário. Você vai ter uma gravidez normal no futuro. —Ela assentiu, mas lhe doía. Doía que um pequeno ser dentro dela tenha sido arrancado sem ter nem sequer a oportunidade de se defender, nem ela pôde defendê-lo—. Deveria denunciar a esse maldito bastardo, Abby. Estou falando sério.

Ela negou insistentemente movendo a cabeça de um lado ao outro sobre a almofada. —Eu o apagarei da minha vida, mas não quero que o caso se torne público. O que menos quero é ir a juízo e arear esta situação, chamariam inclusive a meu avô e ele está muito frágil. Com sorte a maquiagem cobrirá os hematomas do rosto e quando ele volte dentro de algumas semanas, tudo continuará igual. —Ainda que para ela nada nunca voltasse a ser o mesmo. Havia perdido a confiança nos homens.

—Se esta é a tua decisão... —apertou a mandíbula—. Não me resta nada mais que respeitá-la, mesmo que não concorde. Acredite, eu estou com vontade de procurá-lo e quebrar a cara daquele mal parido.

Abby o olhou com uma súplica silenciosa de que deixassem de lado o tema. Spencer soltou um longo suspiro.

—Prometa-me que você vai à terapia. Não quero que isto se converta em um trauma para toda sua vida. Você é minha amiga e preciso que fique bem. Não é justo que ele saia dessa numa boa enquanto você fica com as marcas desse amargo episódio.

Abby assentiu e bocejou. Spencer comprovou que o soro estava fluindo adequadamente.

—Irei para terapia, mas me faça um favor a mais... Não quero saber nada de homens e amor na mesma frase. Ok?

Ele assentiu ante a tentativa de sua amiga de fazer graça. Uma tentativa louvável.

—Abby, a enfermeira vai vir fazer a ronda e o doutor te visitará pela manhã, para saber como você amanheceu. Amanhã entro no turno da noite, assim que se precisar de algo é só me ligar. Você está nas melhores mãos.

—Não sei como te agradecer.

—Se curando e não deixando essa situação te derrubar.

Ela assentiu.

—Você ligou para o Richard?

—Está a caminho. E não parecia absolutamente nada calmo.

—Quem me dera ter me apaixonado por ele —disse antes de fechar os olhos completamente sob o efeito do calmante.

Richard a havia cuidado durante as semanas que seu avô esteve fora; tempo em que também a empregada estava viajando para visitar sua família em Atlanta. Assim que ela pediu um adiantamento de suas férias na escola para que ninguém perguntasse nada, até que seu rosto estivesse igual que antes. Richard colocou uma enfermeira em casa, praticamente a obrigou a ir a cada sessão com o psiquiatra e pouco a pouco, ela foi

recuperando as rédeas de sua vida.

Aquela experiência a marcou. Se havia convertido em uma mulher mais desconfiada, no entanto, continuava se sentindo desarmada quando via a um bebê. Suas pequenas inseguranças ainda a acompanhavam. Se tinha algo a dizer a seu favor era que lutava fervorosamente contra elas. Não era uma tarefa fácil.

Deixando de lado as recordações, com um suspiro, foi até o quarto onde estava seu avô. Após o processo normal dos efeitos da quimioterapia, Horace estava de volta a casa, com suas manias, suas coleções de moedas, e ela não podia estar mais contente de vê-lo recuperado. Ao menos até que tivesse que voltar ao tratamento.

—Você está linda, Abby —lhe disse seu avô colocando o livro de lado. Estava na página duzentos de *Um conto de duas cidades* de Charles Dickens—. Aonde você vai? Um encontro? —perguntou com os olhos brilhantes ao ver sua neta.

Le sorriu.

—Spencer e Monica organizaram um jantar. Talvez conheça aos gêmeos...

—Isso parece espetacular. Quero bisnetos, eu já te disse, Abby.

Ela engoliu em seco.

—As mulheres deste século não tem pressa com a maternidade. —Discutir sobre esse tema com seu avô era tempo perdido, e em seu caso particular um lembrete de sua perda anos atrás—. Será estupendo reunir-me com meus amigos. Tenho sentido a falta deles, assim que esse é o motivo de ir, não um encontro.

Horace abriu um sorriso.

—Claro, claro. Te faz falta, minha filha. Ainda não me contaste como é possível que tenha deixado a escola. Por acaso não gostava de lecionar?

—Fizeram um corte de pessoal. —Seu avô franziu o cenho—. O importante agora é que estou a ponto de encontrar um novo emprego. —«Ou isso eu espero», se disse. Por outro lado, contar ao seu avô que estava sem trabalho, agora que ele já estava mais tranquilo, lhe parecia ser o mais sensato.

—Richard é um bom rapaz que convém para casar contigo, Abby. Um bom homem, empreendedor, e nunca saiu da minha cabeça a ideia de que sempre esteve apaixonado por você.

—Ele tem namorada, vovô.

—Essa moça Deanna, não é? Pois não gosto nem um pouco dela.

«E eu menos ainda, mas o que posso fazer?».

Horace terminou de enumerar as vantagens de se casar com um empresário de bom coração e visão de negócios. Claro, ele desconhecia que Richard era viciado no trabalho, tinha um fraco por mulheres e por isso Deanna era tão ciumenta. Fazer mais e mais dinheiro era como uma obsessão para seu amigo, e mesmo que estava de acordo com essa filosofia, ela a respeitava. Não tinha mais do que sentimentos fraternais por Richard, mas mesmo assim não se sentia no direito de começar a dizer-lhe como levar sua vida.

—Avô, eu preciso ir, comporte-se bem com a senhora Igorson.

Amanda Igorson beirava os cinquenta anos e era bastante roliça. Trabalhava como empregada na casa desde há muitos anos. Quando Horace ficou doente também passou a atendê-lo e saía de férias apenas quando Horace saía de viagem, assim lhe deixava a casa a Abby para que ela não se sentisse invadida, ou pudesse contar com uns dias de independência. Afinal, sempre uns dias sozinha caíam bem.

Amanda sabia que os Montgomery não podiam pagar-lhe um salário duplo, um por cuidar da casa e outro por fazer as vezes de enfermeira, mas mesmo assim não se importava e lhes dizia que só lhes devolvia o favor que fizeram anos atrás quando ninguém queria contratá-la. Eles, apesar de seus antecedentes como ex-presidiária, lhe deram a oportunidade de ter uma nova vida; um novo emprego. Os Montgomery acreditaram em sua inocência. Ela lhes contou que apenas havia se defendido de um esposo abusivo e que ele morreu quando bateu com a cabeça contra a ponta de um aparador em uma tentativa de cravar um lápis no braço dela. Nem Horace nem Abigail a julgaram. Eram boas pessoas, e Amanda se sentia feliz de poder retribuir em algo o que fizeram por ela ao dar-lhe um meio de subsistir quando ninguém queria ajudá-la.

—Os pontos sobre sua recuperação estão claros, certo Horace? —perguntou Amanda. —Abby viu seu avô fazer uma careta, o que era um indicativo que já haviam tido uma grande discussão. E o que mais gostou foi que Amanda não parecia nem um pouco intimidada—. Então não se preocupe senhorita Abby, vá se divertir com seus amigos que este senhor vai cumprir com as indicações médicas e não vai fazer nenhum esforço.

Abigail escutou seu avô resmungar.

—Se surgir alguma emergência você tem meu número de celular, Amanda. Não estarei muito longes —comentou encaminhando-se para a saída.

—Divirta-se, Abby —escutou seu avô responder, antes que Amanda começasse a recitar-lhe de novo tudo o que ele estava proibido fazer em seu processo de recuperação.

Cole havia passado os últimos dias atolado num estresse contínuo. Dois de seus programadores se demitiram e Abraham, seu sócio, tentava convencê-lo a assinar um contrato com a empresa de computadores, *Dell*. O acordo soava promissor salvo pela cláusula que exigia um compromisso absoluto e a impossibilidade de ter contratos com outros clientes. Ele aproveitava muito da versatilidade da natureza dos negócios com que trabalhava e não gostava da ideia de vincular-se a um exclusivo cliente.

Claro, trabalhar para esse monstro informático implicava investir esforço em um único cliente que representava o lucro de dois anos em um. Desde esse ponto de vista sim valia a pena, no entanto, não queria sacrificar sua liberdade e criatividade pelo

dinheiro. Seu trabalho o divertia e atar-se a uma só empresa deixaria de lado essa parte que motivava seu cérebro a submergir-se no lógico mundo dos programadores. A tudo isso se somava as viagens de negócios a Washington e Nova York, e o tempo que sua filha necessitava. Sua agenda não era muito flexível.

—Você lê uma história para mim? —perguntou Hannah quando estava terminando de vesti-la. Essa noite teria que sair para uma reunião.

—Hoje eu não posso, pequena. Greta vai ficar contigo. —A babá sorriu desde a cadeira de balanço. Havia cuidado de Cole quando era pequeno, e a menina a adorava—. Vai ser uma boa menina?

Ela assentiu.

—Muito bem. —Acomodou as almofadas, que essa noite tinham imagens da *Tinkerbell*, então lhe deu um beijo na testa. Todo o quarto de Hannah estava cheio de artes sobre fadas, princesas da Disney, e o clássico tom rosa. Como podia negar para a pessoa mais importante de sua vida que tivesse o quarto infantil de seus sonhos? Havia contratado uma decoradora especialmente para Hannah—. Até amanhã, filha.

Não gostava de deixá-la sozinha, mas sabia que tinha que aprender não poderia tê-la sempre ao seu lado; ao menos, quando trabalhava ou tinha compromissos. Não queria convertê-la em uma menina dependente, era o que menos desejava. Ele queria que sua filha voasse com suas próprias asas. Exatamente como ele o havia feito desde que podia recordar-se.

Conduziu devagar pela rua. Essa noite não ia por negócios. Na verdade, devia uma visita a um de seus grandes amigos, a quem não via desde há muito tempo. Não queria aparecer sozinho, para não dar espaço para que fizessem comentários sobre a ideia de sossegar o facho ou refazer sua vida. Assim que decidiu convidar a Justine. Provavelmente não era uma boa ideia fazê-la crer que podiam ter algo mais que uma aventura temporária levando-a para conhecer a seus amigos, mas não lhe apeteciam os interrogatórios de Spencer e Monica. Ainda que fossem apenas piadas... ou quiçá não.

Por outra parte, não podia negar que gostava como era Justine sob os lençóis, mesmo que sua conversa incessante sobre a necessidade de passar para outra etapa da relação se tornava cada vez mais incomoda. Pretendia que essa fosse sua última noite com ela.

—Não consigo acreditar! —exclamou Monica, a esposa ruiva de Spencer ao ver Cole—. O solteiro mais sexy de Baltimore nos deu a honra de... —Se fixou na acompanhante do amigo de seu esposo—. Olá, perdão. Seja bem-vinda. Desculpe meu exagero, mas faz tempo que não vemos a Cole. —Estendeu a mão para cumprimentar a mulher ativa que tinha em frente.

—Vamos, Monica não faça escândalo e me dê um bom abraço —riu Cole—. Apresento-te a Justine Williams.

Se Monica estava em desacordo com que levasse a uma estranha sem antes haver dito algo, o dissimulou muito bem.

Justine havia escolhido um vestido curto e justo que marcava sua silhueta de modelo. Levava o cabelo solto em ondas sobre os ombros e sua maquiagem a fazia parecer uma tigresa de olhos verdes disposta a atacar a qualquer que tentasse levar sua presa. Ou seja, Cole. Mas como não havia ninguém ao redor que pudesse parecer uma ameaça, estava aparentemente relaxada.

—Já estamos quase todos na mesa. Só falta uma amiga e começaremos a servir.

Ele sorriu.

—Fabuloso —disse Justine aferrando-se ao braço de Cole possessivamente. Ela estava acostumada aos opulentos jantares em grandes restaurantes e se alegrava que os amigos de Cole tivessem bom gosto e claro, uma mansão com todas as comodidades. Não tolerava gente sem graça e comum.

—Sintam-se em casa —comentou Monica sorridente, ainda que a acompanhante de Cole não lhe agradasse em absoluto.

Abby estava atrasada. Odiava chegar tarde, mas não tinha contado com que o pneu do seu carro ia furar a oito quarteirões da casa de Monica. Teve a sorte de que um amável motorista lhe deu uma ajuda e pode trocar o pneu. Ainda que isso não impedisse que ela ficasse com algumas manchas de graxa nas pernas e na cara. O penteado era inexistente e parecia como se um vendaval houvesse entrado pela janela do velho Honda. A calefação tampouco funcionava muito bem, mas ao menos não tinha o corpo duro com frio das ruas.

Como o jantar era entre amigos e eram um círculo de confiança não se importava que lhe visse um pouco desarrumada. Ou bastante para dizer a verdade.

—Mas por onde você andou!? —exclamou Leona quando a viu chegar até a sala acompanhada de Monica, que caiu na risada ao ver o olhar desconcertado de sua outra amiga. Era impossível não notar o aspecto desalinhado que Abigail tinha.

Abby mordeu o lábio.

—Sinto muito, o pneu do meu carro furou. —com a mão tentou tirar a mancha da bochecha, mas como não tinha um espelho tudo que conseguiu fazer foi espalhar ainda mais a graxa.

A casa era muito linda. Tal como se lembrava. Piso de taco, tonalidades caqui e azul em diferentes degrados perfeitamente misturados revestiam as paredes, e muitas fotografias da família estavam dispersas nas estantes e no corredor.

—Algo que pode acontecer com qualquer um de nós —manifestou Monica, quando Abigail tirou o casaco e o deixou perfeitamente dobrado na bancada da sala.

—Todos estão no pátio —disse Leona agitando suas melenas negras. Na sua adolescência havia sido modelo de *Guess*, mas a ideia de pular de um estúdio fotográfico para outro não lhe parecia atrativa. Preferiu estudar pedagogia com Abigail e Monica. As três compartilhavam seu amor pelas crianças—. Richard está aqui, é claro. Terminou com Deanna e não está de muito bom humor —informou em tom baixo, apesar de que o pátio era amplo e a música fazia impossível que fossem ouvidas.

—Que? Mas, por que...? —perguntou Abby surpresa deixando sua bochecha em paz—. Faz pouco tivemos um almoço e tudo parecia bem. Não é que Deanna seja minha pessoa favorita, mas acho que Richard estava muito apaixonado... ou isso eu pensava —comentou surpresa pela notícia.

Monica se encolheu os ombros em resposta.

—Suponho que estará um pouco sensível então — murmurou Abby.

—Se quiser ir limpar as manchas de graxa pode ir para meu quarto, querida —lhe disse Monica mudando de assunto—. Queria que você conhecesse os meus bebês. Faz tempo que não te vejo, e lamentei que estivesse nesse acampamento com teus alunos quando nasceram e perdesse esse momento.

Abigail se tencionou imperceptivelmente.

—Eu...

—Oh, deixe-a Monica, olha como está pura sujeira. Vai contagiar as bactérias aos bebês. Melhor outro dia, não acha? Além do mais devem estar num soninho gostoso agora.

—Sim, bom... —encolheu seus ombros—, se deseja pode ir ao meu lavabo para se arrumar —sorriu Monica com doçura—. Outro dia você pode conhecer a meus filhos. A babá deve estar vigiando-os no berço. São tão lindos —disse com orgulho.

O coração de Abby se angustiou. A ideia de ser mãe era um desejo que mais que trazer-lhe esperança, lhe doía.

—Tenho certeza de que são lindos, Monica —sorriu com toda sinceridade. E em silêncio agradecia a Leona que tivesse tão forte senso de precaução e controle contra os germes. Não teria podido fazer uma desfeita aos Lughan.

Antes que subisse as escadas apareceu Spencer com uma garrafa de cerveja na mão.

—Temos que celebrar isto! Em fim consegue que viesse para esta casa —exclamou aproximando-se e envolvendo-a num abraço de urso—. Olhe só para você... que bonita ficou com toda essa maquiagem escura...

Suas amigas gargalhavam sonoramente.

—Oh, Spencer, que bobo. Vou me limpar.

Monica, com seu elegante vestido verde de mangas transparentes, se acercou de seu esposo e se abraçou a sua cintura. Ele lhe deu um beijo na têmpora, e a segurou com ternura. Parecia como si recém houvessem se casado. Abby se perguntava se alguma vez poderia ver essa imagem refletida num espelho de si mesma e um homem que a amasse. Às vezes se sentia incompleta... e que ela era muito pouco. Se alegrava de que suas amigas mais queridas fossem felizes.

Leona se afastou com um sorriso dizendo que Gale, seu esposo, começaria a protestar que o deixara sozinho. A verdade era que estava perdidamente apaixonada. Quem podia culpá-la quando Gale, um engenheiro civil, era um amor e a tratava como uma rainha?

—Obrigado por vir, Abby. Nós apreciamos muito —expressou Spencer—. Quando

desça venha se reunir com nós no pátio. Colocamos uma calefação fantástica e fechamos o pátio de forma especial para o frio. Um grande amigo meu veio com seu par e com você já estamos completos para começar a servir. Não demore —agregou antes de girar com Monica e encaminhar-se onde todos estavam reunidos.

Abby começou a subir as escadas rumo ao lavabo.

Capítulo 4

Cole estava conversando com Spencer, quando uma presença que lhe pareceu curiosamente familiar chamou sua atenção. O sorriso ficou congelado nos lábios quando a reconheceu. «A moça do supermercado?»

—Abby —disse seu anfitrião chamando-a com a mão ao vê-la entrar pelas portas de vidro que davam ao pátio—. Venha, quero apresentar-te a um grande amigo e a sua...

—Namorada... —completou Justine que continuava grudada ao braço de Cole como um carrapato.

—Amiga —corrigiu Cole ao mesmo tempo. Isso lhe gerou um olhar irritado de sua amante, mas não se importou.

Abigail o olhou. «O bobo do supermercado», pensou de imediato. Um bobo muito bonito, era verdade. Com aquela barba de dois dias, o cabelo espesso e negro perfeitamente penteado para trás, parecia imponente. Não era sua intenção ser descarada ao observá-lo, mas era difícil não se fixar em quão bem se ajustava a camisa de mangas azuis ao seu corpo, e o modo em que sua regia altura conseguia absorver a energia do ambiente como si ele tivesse todo o direito a isso. «Que lástima que tivesse um gosto tão ruim para as mulheres», pensou ao ver a mulher de cabelos negro maquiada como si estivesse em uma gala com tapete vermelho e observando ao seu redor com altivez.

Abby avançou pelo pátio com um sorriso. Com o rabo do olho viu que Richard conversava animadamente com Leona, Monica e Gale. «Menos mal está entretido o pobre». Necessitava estar a sós com ele para entender o que havia ocorrido com Deanna.

—Voltamos a nos ver —disse Cole, a modo de cumprimento, quando ela chegou mais perto. Nesta ocasião a beijou na bochecha. Um contato simples que conseguiu que ambos se perguntassem em silêncio como os dois haviam se conhecido e o que ocorrera para sentirem-se à vontade um com o outro—. Uma cidade pequena —sorriu de tal modo, que se Abby no houvesse estado com os saltos bem colocados teria tropeçado.

—Realmente —replicou Abigail de bom humor.

Justine arqueou uma sobrancelha, ao mesmo tempo em que Spencer a imitava. Então Abigail lhes contou a história do supermercado com a menor quantidade de detalhes possíveis. Cole contribuiu um pouco tentando mostrar-se espirituoso, ainda que o lembrete de que a havia considerado uma sequestradora não lhe causou nenhuma graça nela.

Cole não estava preparado, nem mesmo se o houvesse proposto, para encontrar-se novamente com a que sua filha considerava um anjo. Com esse vestido azul justo, as sandálias altas e o cabelo preso, não podia descrevê-la de nenhuma outra forma. Fixou-se em seu rosto, ao modo em que seus lábios sensuais se curvavam ao falar e sentiu um repentino e incontrolável desejo de se aproximar e beijá-la. Aquilo não lhe ocorria

desde... nunca. Era a primeira vez que sentia esse impulso com uma mulher tão de repente.

As curvas do seu corpo eram proporcionais e sensuais. O curioso era que Abigail parecia alheia a qualquer gesto de sofisticação ou consciência de seu atrativo. Quando ela se acercou para dizer algo ao ouvido de Spencer, Cole se fixou em suas pernas. Deus! Eram magníficas. Não pôde evitar imaginar aqueles cabelos loiros espalhados em seus travesseiros e ela rodeando-o pelas cadeiras esperando que ele a possuísse e...

—Cole? —perguntou Justine, retirando-o de suas fantasias.

Ele lhe sorriu automaticamente ao olhá-la.

—Fale.

—Monica nos disse para sentar que o jantar já vai começar —expressou melosa, olhando-o embevecida.

—Oh, claro —respondeu um pouco cortante.

Abigail se sentiu curiosamente mortificada pelo fato de que Justine abraçava de modo possessivo a Cole. «E de que isso lhe importava?»

Spencer continuou fazendo graça mais alguns momentos sobre como era curioso o destino, e logo fez eco ao convite de sua esposa, e convidou todos para sentarem-se.

Abby aproveitou para se aproximar de Richard e perguntar-lhe o que havia ocorrido com Deanna. Pela primeira vez, seu melhor amigo se mostrou ressabiado de falar no assunto, ou sequer aceitar o ocorrido entre ele e sua ex-namorada. No entanto, lhe sussurrou ao ouvido que não fosse tão intrometida e então a abraçou efusivamente. Ambos eram alheios aos olhos profundos e negros que observavam a cena.

O jantar transcorreu animadamente, até que Richard decidiu se meter onde não era chamado.

—Abby —disse enquanto bebia da taça de vinho. Era a sétima, se Leona e Monica não se enganavam. A ambas lhes parecia engraçado que Abigail não se desse conta de que Richard estava apaixonado por ela e que preferia estar em relações aleatórias para não perdê-la ao menos como amiga.

Ela levantou a cabeça com um sorriso radiante.

—Como vai a procura pelo emprego?

Abigail ficou tensa. Não queria falar desse tema com ninguém, pior ainda em um jantar com amigos que nada tinha a ver com assuntos pessoais. Onde Richard estava com a cabeça?

—Bem —replicou laconicamente. O logo tentou continuar a amena conversa que tinha com Leona, que lhe estava contando sobre o trabalho de diretora que havia conseguido em uma prestigiosa escola de San Diego.

Richard se jogou para trás em sua cadeira com toda sua beleza. O cabelo café escuro brilhava pelos reflexos da lâmpada que estava perto e seus olhos cinza refulgiam pelo efeito do licor. Neste momento todos discutiam sorridentes sobre as ofertas das férias de inverno, mas ele não teve tato na hora em que interrompeu

novamente.

—Sabem...? —começou Richard dirigindo-se a todos. Cole estava ansioso para sair dali, pois Justine sem que ninguém notasse havia começado a acariciar descaradamente sua perna sob a mesa, ele não era de ferro—. Eu ofereci a Abigail que trabalhasse em minhas lojas de brinquedos. Ela recusou. Recusou um posto de trabalho com salário gerencial! —Abby apertou com força o garfo que tinha na mão, até que os nós de seus dedos se tornaram quase brancos. Olhou desafiadoramente a seu amigo—. Como se chovessem opções para uma pessoa que se dedica a ser professora.

—Richard... —advertiu Spencer.

—Creio que deveria para de beber —sugeriu Leona tirando a taça de suas mãos. Ele a pegou de volta com facilidade. Gale lhe pediu em voz baixa a sua mulher que deixasse as coisas como estavam—. Pare antes que se arrependa, Richard —insistiu ela sem prestar atenção ao seu marido. Monica a olhou preocupada. Gostavam de Richard, mas sabiam que quando bebia demais não costumava ser o encantador cavalheiro que todos conheciam, ao menos não quando estava preocupado, ou pelo assunto de Deanna, com o coração quebrado.

Ele tomou o conteúdo da taça em um só gole e se serviu um pouco mais, ante o cenho franzido de Spencer.

—Não sei que bicho te picou Richard, mas acho que beber não vai solucionar as coisas entre Deanna e você —replicou Abigail finalmente. Não gostava cair no jogo de Richard, menos ainda na frente de dois estranhos como eram Cole e sua namorada ou amante ou o que fosse, e não permitiria que o estado de ebriedade de seu amigo fosse a desculpa para que falasse de sua vida pessoal.

Todos ficaram em silêncio, quando Richard se colocou de pé com dificuldade. Gale, que estava ao seu lado, o obrigou a se sentar de novo, mas ele se soltou de suas mãos. Aproximou-se de Abigail, girou sua cadeira, e se inclinou sobre ela, deixando seus narizes a um palmo de distância.

—Você não sabe? —perguntou com sarcasmo—. Bem, se você quer saber por que terminei com Deanna, te direi que ela não conseguia suportar que eu falasse de você o tempo todo. —Apoiou a mão no respaldar da cadeira de Abby, que estava mortificada ao se sentir o centro de todas as atenções—. Disse-me que estava cansada de competir com a perfeita Abby Montgomery. —O olhou pálida—. Estou apaixonado por você, Abigail, por isso minhas relações sentimentais fracassam o tempo todo. Você entende agora? —Se retirou e olhou para todos—. Agora entendem? —gritou olhando para todos.

Monica e Leona se ficaram boquiabertas. Gale e Spencer foram mais práticos e começaram a recolher a mesa. Cole não podia estar mais surpreso pela cena, e Justine lhe pedia que se retirassem porque essas pessoas já não lhe interessavam.

—Richard...eu... —Olhou para suas mãos—. Não tinha ideia.

Seu amigo gargalhou.

—Você fica tão ocupada com suas tragédias pessoais que se esquece de tudo mais. Acha que não me lembro de uma dessas vezes? Cada vez que te vejo me consumo de desejo de te beijar, te amar, mas você jamais me olhou dessa forma. Quer um exemplo? Você me afastou durante tantos meses depois de que Rylan...

Nesse momento Spencer se aproximou e lhe deu um forte soco na cara.

O que aconteceu depois foi uma confusão. Richard inconsciente, Monica pedindo para Justine que buscasse um pouco de gelo. Leona e Gale arrumando a mesa. Abigail estava em uma esquina, pálida e preocupada. Jamais havia querido ferir a Richard, e se Spencer não houvesse intervindo seu segredo mais doloroso teria sido exposto ante todos nessa noite. A simples ideia a congelou

—Estava bêbado. Não leve nada disso em consideração —disse ao seu lado uma voz que agora lhe resultava familiar.

Cole esticou a mão e limpou com seus dedos as lágrimas que ela nem tinha percebido que havia derramado. Em seguida as arrumou ela mesma, se afastou e secou o rosto.

—Richard é meu melhor amigo —murmurou abraçando-se a si mesma. Cole ligou os dados e deduziu que era o amigo que telefonou para ela no supermercado—. Ele criou um espetáculo. Não devia tê-lo provocado. Você deve estar pensando que estamos todos malucos neste grupo —disse tentando fazer graça.

Ele não sorriu.

—O álcool e a tristeza são duas combinações que não deveriam ser feitas, menos ainda em público, e menos quando a causa de sua tristeza está presente.

—Você fala por experiência própria?

—Não. Falo pelo que já vi.

—Aham.

—Amanhã isso passa e ele vai te pedir desculpas.

Ela ficou olhando para ele. Uma faísca se acendeu nesse instante entre ambos. Tudo que havia ao redor deixou de existir. O olhar de cor petróleo se fundiu com uma maré azul, e como se fossem as partes de uma imagem, seus rostos começaram a se aproximar. Então o telefone de Cole começou a tocar, quebrando assim o feitiço.

Abigail voltou para a realidade e fez o que fazia melhor nessas circunstâncias incomodas: Fugir. Cole sorriu murmurando uma desculpa antes de atender ao telefone.

Ela foi se refugiar na cozinha, enquanto Richard estava deitado no sofá da sala dormindo num sono profundo.

Monica se aproximou dela e lhe deu um abraço.

—É um idiota. Amanhã você vai ver que ele vai se arrastar na tua porta até que o perdoe. Você está bem?

Assentiu.

—Não fazia nem ideia de que ele estivesse apaixonado por mim. —Tomou o copo de soda que tinha na mão—. Queria poder correspondê-lo, mas não posso.

—Recriminar-se por isso não faz sentido. Não podemos nos obrigar a amar. É uma estupidez, ainda que a pessoa seja maravilhosa. Simplesmente, não se manda no coração.

Abigail suspirou.

—Sim... é assim. —Logo Monica começou a puxar assunto. E enquanto conversaram foram acalmando um pouco os ânimos, Cole se aproximou delas visivelmente preocupado.

—Lamento não poder ficar para a sobremesa. Surgiu uma emergência. Obrigado, Monica. Foi um jantar... pitoresco —expressou com um sorriso que foi devolvido pela anfitriã. Então se virou para Spencer e lhe estendeu a mão—. Espero ver-te logo de novo amigo.

—Eu digo o mesmo. —Lhe deu uns tapas no ombro.

—Cole tenho que ir para a festa de Thelma, acaba de me escrever dizendo que estão me esperando. Me leva? —Justine interrompeu no umbral da cozinha.

Ele a olhou chateado. Acabava de lhe dizer que precisava ficar com Hannah, porque Greta estava com febre e não se sentia capaz de ficar acordada cuidando da menina. «Justine era tão egoísta. Era impossível ser razoável com ela.»

—Nós te levamos aonde tensas que ir —interveio Gale, e Leona sorriu—. Também já vamos, acho que nossos anfitriões tem que cuidar de Richard. Vamos, Abby?

—Estou com meu carro estacionado aí fora, obrigada, Gale. Foi fantástico ver vocês, espero repetir. —Seus amigos a abraçaram com firmeza e Leona lhe disse no ouvido que não deixasse de telefonar por qualquer coisa que necessitasse.

Justine olhou para Cole com reprovação por sentir-se em segundo plano e ter que aceitar a ajuda de um par de desconhecidos.

—Justine, te compensarei —expressou Cole sem pensar mais nisso. Talvez fosse o jeito de aplacar esse olhar—. Certo?

Ela deu de ombros e então se afastou.

—Abigail. —Foi tudo o que disse Cole a modo de despedida, antes de encaminhar-se para a porta.

Depois de se despedir de seus anfitriões, não sem antes olhar com reprovação para Richard, que continuava inconsciente, Abby foi para seu carro.

Avançou as primeiras quadras normalmente. Tentou fazer a calefação ficasse mais forte, mas não adiantou nada, estava morrendo de frio. A temperatura tinha despencado mais um pouco no tempo em que tinha durado a reunião com seus amigos. Ligou o radio, quando ao girar em uma curva o automóvel começou a falhar. Com mau humor bateu no volante e fez todas as combinações de câmbio possíveis, mas depois de um principio de arranque, seu Honda se deteve por completo.

Com raiva e desconcertada por sua má sorte numa mesma noite, saiu do carro para procurar um taxi. O frio se embrenhou em seus ossos durante o tempo de espera. Se não passasse logo um taxista era capaz de ligar para o 911. Bom, era um exagero, admitia,

mas, como poderia sobreviver ali jogada na rua esperando que alguém se dignasse a passar? Além do mais, ir a pé não era nem de longe uma opção com suas sandálias de saltos altos. Mesmo que não eram saltos muito altos, ela podia resvalar. Não lhe apetecia chegar à clínica com uma fratura e resultar não só na dor, mas também no custo que implicava.

Amaldiçoava sua má sorte pela décima vez quando um carro parou perto dela. Sacudiu-se e apertou o casaco e o cachecol ao seu redor. Agradeceu que não estivesse nevando. «Foi uma ideia ruim colocar sandálias ao invés de botas».

Abigail identificou ao motorista, surpresa.

—Pensei que você já estaria em casa. O que aconteceu com seu carro?
—perguntou Cole quando abaixou o vidro do Audi.

Ela se encolheu os ombros, derrotada.

—Parou de funcionar...

—Deveria comprar um novo então —sorriu ao contemplá-la. Era realmente muito linda. O corpo que havia visto no vestido azul o tentava, e mesmo agora com o casaco cobrindo-a, não podia deixar de imaginar suas curvas tão femininas. Qualquer mulher antes que Hannah estivesse na universidade estava proibida, a menos que fosse às condições que tinha com Justine. E estava seguro, não sabia certo porque, de que Abigail não se conformaria com um par de noites. Não queria se arriscar a quebrar suas próprias normas, assim que afastou os pensamentos sobre Abigail. Sua filha estava em primeiro lugar—. A rua está deserta, pode te acontecer alguma coisa. Entre. Eu posso te levar. Você mora muito longe?

Ela negou.

—Entra, se não você vai terminar de congelar.

—Obrigada, Cole —sussurrou um pouco tímida, quando ele desceu para abrir a porta de passageiros, cobrindo-a com seu aroma.

—Sem problemas. —Ajustou o cinto de segurança—. Amanhã você pode mandar rebocar o carro, ou vir com um mecânico. —Olhou para ela—. Se não for um inconveniente, eu gostaria de passar na minha casa antes. Preciso ver como Hannah está.

—Claro. Ela é uma menina muito querida.

Ele sorriu, sem perder a atenção da direção.

—Obrigado.

—Acho que a sua namorada ficou incomodada porque você não quis levá-la na festa —murmurou puxando assunto quando se fez um silêncio entre eles. O aroma do perfume masculino podiam cativar a qualquer mulher. Ela não era imune. Assim que conversando certamente podia erradicar seu nervosismo.

No rádio tocava uma música de Chopin que Abby não conseguia reconhecer. Se inclinou para trocar de estação e o movimento provocou que o vestido subisse um pouco pelas pernas e o aroma de seu perfume de rosas chegou até Cole. Ele teve

vontade de gemer, mas cerrou os dentes. Era contrair a mandíbula ou acelerar o carro a duzentos por hora quando o casaco se abriu para o lado e pelo decote do vestido azul conseguir discernir a forma do início de um par de seios macios. Por Deus! Agora tentaria imaginar de que tamanho seriam ou de que cor seriam as aureolas, se seriam mais rosadas ou um pouco mais escuras.

—Não é minha namorada —replicou cortante. Apertou as mãos sobre o volante, enquanto virava para a direita—. Escuta, te estou levando para casa, porque o faria por qualquer outra pessoa, mas isso não te dá o direito de fazer comentários sobre minha vida privada —explicou asperamente, ainda que não tivesse tido intenção de fazê-lo. Sentia que as calças iam explodir a qualquer momento, e ele nem a havia tocado.

Ela arregalou os olhos ante a grosseria. «Mas que bicho lhe havia picado?»

—Pare o carro —expressou brusca, enquanto desafivelava o cinto—. Não te pedi que me trouxesse. Você se ofereceu para me levar. Não tem porque falar comigo assim. Só tentei puxar assunto. Um grande erro.

Ele pôs a mão sobre a de Abby. As faíscas saltaram e por um instante ambos olharam para suas mãos sem dizer nada. Cole não podia confessar que apenas a ideia de tê-la tão perto lhe estava provocando uma ereção que o estava enlouquecendo. Pela outra parte, detestava não ter conseguido falar com Justine e terminar de uma vez com esse acordo de serem amantes ocasionais. Quiçá essa noite teria conseguido ter uma última ocasião de dar vazão à sua natureza apaixonada, em lugar de estar contendo-a, enquanto uma desconhecida o enfeitiçava sem nem ao menos perceber.

—Não quis ser grosseiro, Abby... não tem sido um bom dia. Eu lamento —expressou olhando-a com o semáforo em luz vermelha—. E Justine é...

Abby elevou a mão para que se calasse.

—Não me interessa conhecer o status dela em sua vida. Isso de quebrar os silêncios não dá muito certo comigo, e escolhi um assunto ruim para conversar. Vamos até tua casa e de lá eu pego um taxi. Não precisa me levar para casa, Cole.

—Os silêncios podem ser agradáveis.

Ela deu de ombros.

—Insisto em te levar para casa quando tenha verificado que minha filha está bem e Greta, a babá, com menos febre. Além do mais, creio que levando em conta o incidente do supermercado, esse é um modo de compensar o mal entendido —sorriu.

Abigail queria poder ficar encarando-o, mas a prudência a venceu. Poucas vezes na vida você se depara com a cópia de Michael Fassbender, mas com o detalhe de que Cole Shermann possuía olhos da cor do carvão e o cabelo preto. Seu companheiro de viagem era um homem fisicamente fascinante.

—Como queira.

Cole começou a fazer exatamente o que costumava sugerir que Hannah fizesse quando se queixava de que não conseguia dormir. Iniciou uma contagem mental de porquinhos para tentar tirar de sua mente as imagens que compunham uma tentativa de

adivinhar as formas de Abigail nua, e o modo em que esses lábios rosados e sensuais podiam dar-lhe prazer.

Fizeram o resto do caminho em silêncio, e Cole já tinha contado muitos porquinhos.

Capítulo 5

Ela ficou sentada no grande salão da mansão, enquanto Cole se encontrava no andar de cima com Hannah. Abigail estava impressionada pelo luxo que a rodeava nesse momento. A decoração era linda. Tinha muita madeira, tapetes e adornos delicados localizados nos lugares precisos; existia um equilíbrio no número de elementos de tal maneira que a sala parecia espaçosa, e as zonas ao redor conservavam um ar de acolhedora intimidade. Notou também que as portas eram amplas e grossas, o que aportava uma característica senhorial a todo o entorno.

Aspirou o cheiro de limpeza. Uma mistura de limão e baunilha. Tentou, mas não conseguiu encontrar nem um grão de poeira. Acomodou as costas no assento macio, enquanto contemplava a lareira de pedra que ocupava toda a parede. Era linda. Um fogo suave crepitava nas brasas.

Tomou o chocolate quente que a babá lhe havia trazido antes de se retirar para dormir. Ela tinha gostado de Greta, ainda que não puderam conversar muito, pois Cole apareceu pedindo para que ela tomasse os remédios para baixar a febre. Antes de desaparecer escadas acima, Cole lhe havia lançado um olhar de desculpas por fazê-la esperar.

Abby aqueceu as mãos com a xícara e tomou pequenos goles do líquido delicioso. Notou que havia cinco *marshmallows* e sorriu. Certamente era um costume da babá. Os seus pés estavam doendo um pouco. Não estava acostumada a usar saltos que fossem tão altos. Pensou que talvez Cole não se importaria.

Descalçou os sapatos.

Repousou os pés sobre o tapete persa, cujas bordas principais, externas e secundárias, eram brancas. O medalhão central tinha um intrincado desenho celta dourado e verde; e o campo possuía uma tonalidade marrom. Uma preciosidade. A lã lhe fez coceguinhas. Sorriu. «Se pudesse ficar ali apenas algumas horas e não pensar em nada, afastar-se de seus problemas e preocupações, seria maravilhoso».

Curiosa se aproximou da cornija da lareira. Não era intrometida, mas sentia curiosidade de conhecer quem tinha sido a esposa de Cole. Perguntava-se se por acaso era como aquela Justine, plástica e superficial, ou acaso uma beleza deslumbrante tão de acordo como ele... «Como teria perdido a sua esposa?» Às vezes esse tipo de perda nunca se superava e as pessoas podiam ficar presas a um amor do passado. «Será que continuava amando-a?»

Os seis porta-retratos tinham imagens de uma família feliz. A primeira, o que ela deduzia eram os avôs e tios de Hannah. A segunda, uma de Cole abraçado a sua filha quando era só um bebê; o modo em que ele sorria na foto produziu um formigamento de ternura que não pôde evitar. Seguiu com as demais, mas em nenhuma viu referências a um matrimônio, ou inclusive uma de Hannah, Cole e sua esposa. «Por quê?»

—Não está ali.

Abigail deu um salto ao encontrar Cole no umbral das portas francesas. Estava tão focada nas imagens que não o percebeu chegar.

—Eu... —O olhou com certa vergonha porque a pegou em flagrante—. Desculpe, não costumo ser tão curiosa.

«Descalça ela parecia com uma bruxinha moderna capaz de enfeitiçar tudo ao seu redor... inclusive a ele», pensou Cole. Esse maldito vestido curto ia a ser sua perdição. E o que dizer do fato dela estar na sala de sua casa. Ficava tão bem ali, como se pertencesse a esse espaço. Onde tinha deixado seu senso comum?, reprovou a si mesmo. Bem que podia ter aceitado a sugestão inicial de Abigail, sobre ela ir de taxi. «Não. Não podia deixar. Isso não era comportamento de cavalheiro». E mesmo que não acreditava ser um, ao menos tentava. Ao final das contas, tinha uma filha.

—Suponho que procurava pela mãe de Hannah —disse com naturalidade—. Não tem do que se envergonhar, às vezes me perguntam a respeito quando faço alguma reunião em casa.

O sorriso masculino lhe acelerou o coração, assim que optou por se afastar até o sofá para terminar seu chocolate que já estava meio frio. Ele avançou até a lareira e se apoiou na esquina da cornija de pedra. Era tão alto que intimidava e tão belo como nenhum outro homem que ela já houvesse visto. Um homem assim não podia permanecer solteiro tanto tempo, pelo que havia notado minutos atrás, a tal Justine tinha todas as intenções de caçá-lo.

—Fazem isso? —sorriu quando sentiu que Cole falava em serio que não se importava que estivesse olhando suas fotografias familiares com tanta curiosidade.

Assentiu.

—Celeste era uma mulher muito bonita —expressou observando algum ponto detrás dela. Então Abby entendeu que continuava apaixonado pela mãe de sua filha. Não sabia por que, mas era estúpido que aquilo lhe causara pesar—. Tinha olhos grandes e azuis como os de Hannah. Estávamos casados por alguns anos quando sofreu um acidente de trânsito. Foi um pesadelo. Não havia nada que pudesse ser feito... —Apertou o maxilar lembrando aquele terrível dia—. Isso é tudo.

Ela sentia que detrás dessa fúria contida existia algo mais, uma história dolorosa que guardava só para ele.

—Sinto muito, Cole —assegurou com sinceridade olhando-o. Para essa família deve ter sido muito trágico esse episódio.

Ele fixou sua atenção naquele par de olhos da cor do mar.

—Isso já passou faz tempo. Não tem porque senti-lo, mas obrigado —comentou, amável.

—Tem certeza de que Hannah está dormindo? —Mudou de assunto. Ainda tinha curiosidade e vontade de continuar indagando, o certo era que não queria ser uma pessoa indelicada.

—Sim. Está tranquila.

O crepitar das chamas na lareira era a música que interrompia as palavras de ambos. Abby começou a colocar os sapatos automaticamente, pois entendia que já era hora de que fosse para casa, e obviamente ele não tinha vontade de manter uma conversa com uma estranha em altas horas da noite.

Cole se manteve observando os movimentos delicados de Abigail, esperando que ela terminasse para levá-la para casa, quando um grito quebrou o silêncio.

—Papaai! Papaai!

Cole não pensou duas vezes e subiu correndo as escadas.

Preocupada pelo choro da menina, Abigail foi atrás.

—O que aconteceu, princesa? —Foi para perto da cama e lhe tomou a carinha nas mãos. Tocou sua testa, os bracinhos, mas não tinha febre—. O que você tem?

Hannah se girou para ver a pessoa detrás de seu pai.

—Anjo! Papai, você trouxe o anjo!

Abigail se aproximou pelo outro lado da cama e antes de tocar a Hannah olhou para Cole. O sorriso que ele lhe deu esteve a ponto de derretê-la.

—Oi, Hannah —cumprimentou com uma voz doce—. O que você tem, pequena?

Ela fez cara de choro e levou as mãozinhas para a barriga. As lágrimas começaram a correr por suas bochechas gordinhas. Cole se preocupou, pois habitualmente Hannah não tinha dores de estômago. Greta devia estar dormindo e tinha tomado os remédios para a febre, não poderia ir acordá-la. Consultou o relógio. Mais de meia noite. «Ligaria para sua mãe». Assustado se colocou de pé e apressadamente saiu para fazer o telefonema, não sem antes pedir-lhe a Abby com um gesto que ficasse com a menina.

—O que você comeu, pequenina?

—Anjo... —sorriu soluçando—. Você vai ficar comigo?

Abigail sorriu com doçura. O quarto era lindo e acolhedor. E ali, recostada entre lençóis rosa e a cama combinando, a menina parecia adorável. Passou a mão pelos cabelos escuros e macios.

—Tenho que ir para casa, Hannah. Mas vamos a ver, desde que horas sua barriguinha dói? —perguntou esfregando suavemente seu braço.

No instante as lágrimas de Hannah cessaram e olhou para Abby com rosto culpado.

—Não dói —soluçou—, é que não queria que papai ficasse longe de mim.

Abigail conteve um sorriso. Não podia crer como essa menininha enganava seu pai com tamanha facilidade.

—Entendo. Mas veja que ele foi preocupado telefonar para alguém seguramente para perguntar como fazer a dor passar. Você não quer que seu papai fique triste porque você mentiu para ele, certo?

Hannah mexeu a cabeça de um lado ao outro.

—Não vai contar pra ele... verdade? —indagou com seus olhos azuis chorosos—. Não quero que papai fique triste. Só queria que ficasse comigo. Não gosto quando me deixa sozinha... mesmo que Greta seja boa comigo.

Abigail não pôde evitar sentar-se na cama e atraí-la para o seu colo. Balançou-a e secou suas lágrimas.

—Será nosso pequeno segredo. Agora durma. Sim?

—Você vai me abandonar?

—Não, vou ficar até que você durma. —Lhe fez um carinho no pequeno nariz.

—Me dá um beijo de boa noite? —murmurou um tanto tímida. Ela gostava dos beijos de papai, mas queria que Abby a beijasse. Nunca ia se esquecer do nome do anjo. Além de que ela se parecia às princesas das que Greta costumava ler nas histórias da Disney.

Abby beijou as duas bochechas rosadas e sorriu. Era a menina mais doce que conhecia, e teria de dizer a Cole que tomasse cuidado, pois quando crescesse bem poderia se converter em uma malandrinha que o teria na palma das mãos, com suas travessuras e traquinagens.

Segundos depois entrou Cole com a respiração agitada. Deteve-se em seco ao observar que Hannah estava dormindo profundamente, e Abigail terminava de colocá-la na cama.

—Como...? O que aconteceu com a dor de estômago?

Ela encolheu os ombros.

—É um segredo entre Hannah e eu... —sussurrou em voz baixa, saindo do quarto e Cole calibrava a luz para deixá-la bem tênue.

Começaram a descer as escadas.

—Você não pode ter segredos sobre minha filha. —Grunhiu quando chagaram no térreo.

—Você acha? —perguntou com sarcasmo, mas ao ver o rosto preocupado, ficou séria—. Ela só queria que você ficasse em casa. A menina ao que parece não está habituada a que você saia a tão altas horas da noite. Sentiu sua falta e pensou que você tinha saído de novo deixando-a sozinha.

Ele meneou a cabeça. Sua mãe lhe havia dado uma lista de remédios que podiam ajudar, e então lhe pediu que investigasse mais sobre as doenças infantis ao invés de depender tanto de Greta que já necessitava descansar um pouco. E foi justamente esse argumento de sua mãe que lhe deu uma ideia.

—Obrigado, então.

—Sem problemas.

—Sabe de uma coisa? Greta já está com uma idade um pouco avançada. Não é a mesma de sempre e não gostaria de abusar da saúde dela nem de seu tempo mais do que o justo.

Adentraram o salão que continuava silencioso.

—Abby —pronunciou de tal modo que a pele dela se arrepiou e quis estar a vários metros de distância. Ele sentia a mesma eletricidade? Ou ela estava ficando louca?

—Sim? —Elevou seu rosto na direção dele. Cole era ao menos uma cabeça de

altura maior. Sentia-se bastante intimidada por aquela segurança nos movimentos graciosos que ele manejava com tanta naturalidade. Quiçá em outro homem teria parecido exagerado, mas Cole parecia possuir a agilidade de uma pantera e a elegância de um *dândi* como se houvesse nascido com isso. Era tão fascinante como avassalador.

Cole contemplou os lábios de Abby, mas se recusou a ceder à tentação de tomar alguma ação ao vê-los tão provocadoramente rosados e suaves. Ao menos não, depois da ideia que acabara de ter.

—É verdade o que disse seu amigo Richard? —perguntou pigarreando.

Franziu o cenho, totalmente desprevenida.

—Que você está sem emprego e que antes trabalhava como professora —explicou.

Ela fez uma careta imperceptível.

—Sim, é verdade. Quiçá te pareça um pouco de ingratidão o fato de eu ter recusado a oferta de Richard, mas não me parecia justo ter um posto sem merecê-lo. Tampouco tenho os conhecimentos administrativos que o cargo requeria... e depois do que aconteceu esta noite, me alegro de não ter aceitado.— «Por que estava dando tantas explicações para ele?»

—Acho que teu argumento é válido e honesto. Conte-me, de que idade são seus alunos? —Imaginou um grupo de universitários babando com uma professora tão sexy e aparentemente inconsciente de seus grandes atrativos. Ele não teria permitido que outros homens a olhassem com desejo, por que... «Por quê?» Estava enlouquecendo. Fazia várias semanas que Justine e ele não dormiam juntos e certamente todas essas teias de aranha mental se deviam à frustração sexual.

—Crianças da idade de Hannah.

«Graças a Deus», pensou, mas não se aprofundou no motivo ridículo de seu alívio.

—Você se encaixa perfeitamente com a ideia do cargo que tenho para te oferecer.

Ela o olhou sem entender.

—Eu direi a Greta que pode vir um ou dois dias, pois sei que é muito apegada a Hannah e não quero tampouco deixá-la sem emprego. Abby, você gostaria de trabalhar para mim?

Olhou-o com surpresa.

—Fazendo o que exatamente? —Durante o jantar havia escutado que Cole era um esperto em programação de software e possuía uma empresa especializada. Ela entendia desse tema exatamente o mesmo que sobre teoremas a respeito das singularidades espaços-temporais no marco da relatividade general de Hawking.

—Ser a cuidadora e professora particular de Hannah. —O pensamento de que estava fazendo essa proposta por motivos meramente egoístas teve que ser enviado ao fundo de sua consciência. Não tinha ideia de que diabos estava fazendo ao seguir esse impulso de querer tê-la por perto—. A ajudaria com as tarefas da escola e poderia inclusive fazê-la avançar em alguns conhecimentos para que leve vantagem e adquira mais curiosidade por investigar novos assuntos. Seria de terça a sexta. Os finais de

semana, se por acaso tenho que viajar a negócios, te pagarei o dobro para que cuide dela.

—Não passou pela sua cabeça que eu poderia ser uma psicótica extravagante, por exemplo? Você acabou de me conhecer... e acho que não tinha uma opinião muito boa de mim quando me viu pela primeira vez.

Ele sorriu pela lembrança do supermercado.

—Bom, escutei sua reflexão sobre o porquê de rejeitar um emprego tão bom como o que seu amigo te ofereceu, e acho que muito poucas pessoas seriam tão sinceras quando precisavam de trabalho. Você é amiga de Spencer, e ele é uma pessoa muito seletiva com suas amizades. Além do mais minha filha gosta de você... suponho que isso também conta. —Logo mencionou quanto seria seu salário e Abby teve que colocar a mão sobre o respaldo do sofá para não cair de tão impressionada. O que Cole estava oferecendo pagar-lhe era o equivalente ao salário de quatro meses da escola, em um mês.

Tomou uma decisão.

—Tenho uma condição.

Cole sorriu satisfeito de que ela houvesse aceitado a proposta.

—Fale.

—Não posso ficar para dormir como Greta faz... eu —não podia ficar lhe contando sobre sua vida pessoal—, tenho assuntos pessoais que me impediriam de fazê-lo. E só posso trabalhar até as cinco. Máximo cinco e meia.

«Ela mora com um namorado...?» A ideia amargou seu bom humor. Não tinha pensado nessa possibilidade.

—Não tenho direito a me meter na sua vida privada, assim que não se preocupe. O horário está muito bom e também que não fique para dormir em casa —disse ele com aspereza—. Assim que na medida em que teu namorado não atrapalhe os cuidados e a educação que possa dar a minha filha, não me queixarei. Se por acaso precise de você em um final de semana por causa das viagens de negócios, te notificarei com vários dias de antecedência e te pagarei o dobro da sua hora habitual como já disse.

—Eu não disse que tinha um...

—E já está ficando bastante tarde —continuou alheio ao que ela queria dizer—. Será melhor que te leve para casa. Não gosto de deixar Hannah sozinha, mas já sei que ela está bem e dormindo. Mora muito longe daqui? —perguntou caminhando com prontidão para o carro.

—Espera...

Ele girou. Ia a dizer que não tinha namorado, mas não importava. Cole seria seu chefe e ela a babá de Hannah. A situação tinha mudado no momento que aceitou trabalhar para ele. E quiçá ao final nada tivesse sido diferente. Quiçá se sentisse atraída... Ok, muito atraída, por Cole Shermann, mas não queria passar pelo terror de viver ou se vincular a um homem que a tratasse como Rylan fazia.

—Obrigada pela oferta. Aceito o trabalho.

Cole assentiu.

Durante o trajeto no carro, ele explicou seus horários de trabalho. Expos que às vezes costumava sair mais tarde do que o habitual do escritório e em caso de que isso ocorresse podia pegar o Mercedes Benz para que levasse Hannah na mãe dele, si ele não estivesse em casa a tempo para ficar com a menina. Algo que, por suposto, ela não pensava em fazer; nem brincando usaria um carro tão caro, ao invés disso preferia ficar um tempo extra. Mas essa conjectura não pensava contar para Cole.

—Você tem tudo calculado —disse assombrada.

—Tive que aprender sendo pai solteiro.

—Hannah é uma menina adorável.

As feições de Cole que até esse momento tinham estado ligeiramente rígidas se relaxaram com um sorriso.

—Ela é. —Estavam a poucas ruas da casa de Abigail—. E eu não tenho intenção de impor-lhe uma figura materna. Não gosto de compromisso e um casamentos já foi mais do que suficiente.

—Certo. E porque você está falando nisso? —perguntou olhando-o inquisitivamente, enquanto Cole estacionava na frente da sua casa.

Ele girou cravando seus olhos negros nela. Abby notou que podia ser tanto amável como perigoso, e não queria experimentar a segunda parte.

—Ambos somos adultos e também sensatos. —Ela assentiu e engoliu em seco. Ele estava tão perto e o ar do carro estava tão carregado com seu perfume que estava com os músculos tensos—. Você percebe a atração que existe entre ambos?

Por um instante ficou muda. Mas reagiu logo.

—Sim... —murmurou deixando de lado suas reticências.

Cole esticou a mão e acariciou a face suave da moça.

—Eu também. —Abaixou a mão, e ela sentiu a perda do contato—. A verdade é que não tenho nenhuma intenção de me comprometer com ninguém. Justine e eu somos amantes. E esse tipo de relação é a única que estou disposto a oferecer.

Ela o olhou boquiaberta.

—Me parece que está insultando minha inteligência e se achando irresistível. Quiçá você me atraia, Cole. Não sou hipócrita. Mas, você parou para pensar que quiçá também exista alguém em minha vida sob as mesmas condições que tem com Justine? —Se defendeu distorcendo um pouco a suposição que ele tinha feito, de que ela tivesse namorado. Pois bem, que pensasse o que quisesse.

Cole reprimiu a vontade de acabar com a discussão com beijos. Não podia fazê-lo, pois seria péssimo que Hannah sentisse a hostilidade entre sua babá e sue pai. Ele não queria que o ambiente em casa fosse tenso para sua filha.

—Teu caráter é uma das coisas que servirá para que Hannah aprenda a se defender, suponho. —Bufou—. Escute. Não é minha intenção te ofender, ainda que quiçá não seja

demais recordar-te que não gostaria que seu namorado visitasse a casa enquanto você trabalha com minha filha. Esse seria um motivo para prescindir de teus serviços.

Ela tirou o cinto de segurança, furiosa.

—Então não quero mais o trabalho. Posso precisa dele, mas não permitirei que pisem em mim ou deem a entender que vou de cama em cama porque alguém me pareça ou não atraente —sentenciou—. Você está passando dos limites.

—Não quis... O emprego continua sendo seu —replicou com vontade de bater em si mesmo. Por que demônios havia dito semelhante barbaridade? Para recordar a si mesmo que não queria nenhum compromisso, ou para preveni-la? Quaisquer das duas opções eram patéticas—. Eu lamento, Abigail, eu... —Passou a mão pelo cabelo bagunçando-o.

—Escute bem, *senhor Shermann*. —O olhou com irritação—. Vou ser a babá e a professora particular de Hannah. Isso é tudo. E lhe disse agora a pouco, quiçá a ideia de ter um amante me resulte mais estimulante que estressar minha vida ficando ao lado de um homem tão narcisista e que se acha.

Disse isso e deixou a Cole irritado e saiu do carro.

A ultima coisa que Abby escutou ao fechar a porta e trancá-la foram os pneus do Audi cantando ao se afastarem. «Mas que bom inicio em um novo emprego».

Esgotada, mas feliz de ter um trabalho subiu as escadas para comprovar que seu avô dormia tranquilo. Logo foi para seu quarto, se despiu e caiu nos braços de Morfeu.

Capítulo 6

Estava no escritório desde as seis da manhã. Sua cabeça doía e sentia os músculos tensos. Abraham havia decidido tirar uns dias livres para fazer uma viagem a Bora Bora com sua amante atual, assim que agora teria o dobro do trabalho durante sua ausência. Seu sócio era um pilar fundamental para equilibrar as horas em que um podia perder-se no mundo da lógica informática e nos códigos binários, enquanto o outro atendia a reuniões. Assim que o lado sociável de Abraham lhe ia a fazer falta.

Como se fosse pouco, sua assistente saiu mais cedo porque tinha gripe. Cole lhe deu quarenta e oito horas de descanso, se ele fosse contagiado, a primeira afetada seria sua filha. Não podia permitir-se esse descuido. Com os olhos cansados, finalmente apagou o computador. Não tinha almoçado e ficar nove horas na frente da tela estava acabando com ele. Reclinou-se em sua cadeira de couro e se massageou as têmporas com os dedos indicadores.

Fechou os olhos por um longo momento.

O projeto piloto para Templeton & Company estava ocupando mais tempo do que tinha previsto, e a reunião para a apresentação ante os donos da empresa se aproximava. Girou o pescoço em círculos um par de vezes e esticou as costas antes de se colocar de pé, para observar a vista magnífica que tinha desde sua gigantesca sala. Abraham costumava brincar dizendo que ele era um *nerd* atípico, porque sua aparência era a de um ator de cinema, sua popularidade reconhecida pelos tabloides especializados e as mulheres costumavam se insinuar para ele sutil, às vezes ousadamente. O que podia responder-lhe para contra-atacar? Nada. Grande parte do que seu amigo dizia era verdade.

Introduziu as mãos nos bolsos de suas calças azuis, enquanto contemplava como as luzes da cidade iam se acendendo pouco a pouco formando um manto colorido em Baltimore. No inverno costumava anoitecer mais depressa. A percepção de que tinha menos tempo para trabalhar às vezes resultava incômoda.

Inclinou a cabeça para a direita para verificar a hora no relógio da parede. Devia estar em casa dentro de trinta minutos. Tinha que compensar o horário, pois Abigail tinha tido de se apresentar muito mais cedo do que o habitual. Não podia abusar do tempo da moça, mesmo que estivesse pagando.

A chegada de Abigail tinha deixado Hannah louca de felicidade. Durante essa semana que levava trabalhando na casa, sua filha já não o olhava com ressentimento quando se despedia para ir ao escritório. Ele por seu lado procurava fazer de conta que a conversa que tiveram, Abby e ele, em seu carro naquela noite não tinha, e ao parecer ela concordava implicitamente com a ideia.

Tentava notar sua presença o mínimo possível. Ainda que o perfume de rosas que ela utilizava ficava impregnado no ar quando chegava, e permanecia quando se ia embora. Era uma tortura absoluta, si a isso se somavam os toques acidentais quando se

esbarravam em algum lugar da mansão. Ela o observava com aqueles preciosos olhos azuis e ele tinha que fazer uso de toda sua força de vontade para não ceder à necessidade de provar de seus lábios.

E havia Justine. Não tinha conseguido falar com ela, porque estava soterrado até o pescoço no trabalho. Necessitava deixar as coisas claras, pois não queria que o vínculo entre eles continuasse. Ao menos não, se Justine insistia em colocar a Hannah no meio. Sabia que tentava conseguir a todo custo uma proposta de matrimônio, mas ele não estava interessado.

Saiu de sua sala para coordenar com o departamento de programação uma junta especial e experimentar o novo sistema de codificação de digitais e registro óptico que lhe pediu um cliente. Tardou quinze minutos, e logo foi para sua sala pegar as chaves do carro para ir para casa.

Abby mantinha entre seus dedos uma xícara de chá quente, enquanto Hannah estava com a inclinada sobre um desenho do Mickey Mouse e o coloria com as cores tradicionais preto, vermelho e detalhes amarelos. Ao mesmo tempo em que a pequena deslizava a ponta dos lápis de cores sobre o papel, também ia recitando, corrigida por Abigail quando se equivocava, as cidades principais de todos os estados do país. A lição de geografia era a que menos a menina gostava, assim que Abby tratava de utilizar metodologias mais dinâmicas que as que costumava aplicar na Escola Fundamental Baltimore.

—Você está fantástica hoje, Hannah. —Acariciou os cabelos negros da pequenina. Consultou o relógio. Cole estava trinta minutos atrasado sobre a hora que tinham combinado. E ela tinha que ir ver seu avô, pois estava empenhado em comprar uma nova poltrona para a sala. Como lhe dizer não?—. Esperaremos que seu pai chegue. E não se esqueça de dizer para sua professora que quando te envie uma tarefa tem que ser mais detalhada em seus requisitos. —Hannah assentiu.

Com um suspiro se colocou de pé e a menina a seguiu até o quarto de brinquedos.

Abigail havia procurado não demonstrar a Cole o quanto sua presença a afetava. Era impossível resistir dar-lhe uma olhadinha. Bom, uma longa olhada no modo elegante com que se movia quando ia despedir-se e abraçar Hannah. O perfume que utilizava colocava seus hormônios para correr uma maratona, e aquela maneira de esticar a manga de sua camisa, girar o pulso e verificar a hora. Deus. Podia parecer um ato banal, mas em Cole era um gesto que resultava muito sexy.

Para ir à casa dos Shermann procurava se vestir de maneira confortável, e apenas entrava trocava as botas por umas sapatilhas de bailarina para andar. A calefação era perfeita, assim que os vestidos com que usualmente andava eram o suficiente para aplacar o frio que pudera existir ali dentro.

Nas horas em que Hannah estava na escola, ela aproveitava para investigar mais técnicas pedagógicas inovadoras que punha logo em prática com sua aluna. Quando a pequena chegava a casa era um vendaval de palavras, gestos e perguntas. Não podia

pedir uma aluna mais dedicada.

—Abby, por que papai está demorando pra voltar?

—Deve estar trabalhando...

—Eu to com saudades dele.

—Eu sei, carinho. —Lhe apertou a mão fofinha sobre a mesa—. Ele vai chegar logo. Não se preocupe.

—Você também sente saudades dele? —indagou com um sorriso que quase parecia esperançoso.

—Vai ver que...

Nesse momento se escutou a porta bater, e o barulho do chaveiro sendo colocado na bancada de mármore da entrada, e os passos que já soavam familiares para Abby.

—Hannah, papai chegou a casa!

Não passaram nem dois segundos e a menina saiu correndo escadas abaixo, enquanto Abigail recolhia os brinquedos. Quando esteve segura de que o pulso não estava mais acelerado que a velocidade normal decidiu descer. Cole estava jogando no ar a sua filha, que ria a gargalhadas. Ficou contemplando a cena e observando o que Rylan lhe havia arrebatado. Era impossível não recordar e sentir o coração oprimindo-a o peito.

De pronto, Cole levantou os olhos e a encontrou observando-o.

—Oi, Abby. —Hannah uma vez no chão se agarrou da mão de seu pai como se fosse uma âncora.

—Oi... —sorriu—. Você demorou um pouco mais do que o acordado —expressou sem reproche. Mesmo assim não queria que isso se tornasse um costume. Ademais já havia decidido não utilizar o carro de Cole para levar Hannah até a casa da sua avó. Não queria nem imaginar a tremenda responsabilidade, não só pela pequena, senão também pelo carro de luxo, qualquer risco lhe custaria meses de seu salário.

Cole observou o modo em que o cabelo de Abby brilhava com a luz do lustro. Já sabia que de aprazível não tinha mais que a aparência, pois sua língua lançava adagas quando algo não lhe agradava ou se sentia ofendida. Ela havia insistido em dar-lhe seu currículo profissional no primeiro dia de trabalho, e ele ficou gratamente surpreso com toda a informação. Não podia pedir melhor tutora para sua filha.

—Eu compensarei no pagamento. Foi um dia muito atarefado.

—Não é necessário, mas da próxima vez, por favor, procure cumprir nosso acordo. Tenho coisas para fazer.

Ele não recebeu bem o comentário.

—Não sabia que minha filha te entediava tanto. Porque se é assim...

Ela se aproximou um pouco e lhe pediu com a mão que se calasse sinalizando a Hannah. Abigail podia notar a tensão e a preocupação que emanavam do corpo de Cole.

—Adoro trabalhar com Hannah. —Acariciou o rosto da menina, que deixou que ela a tocasse—. Mas eu também tenho coisas pessoais, Cole. Está um pouco tarde. Isso é

tudo, não entenda de modo equivocado.

Ele assentiu.

—Me ha surgido uma emergência no escritório. Faz alguns momentos recebi uma chamada e necessito pedir-te um grande favor.

—Diga...

—A empresa para a qual estive trabalhando como louco já decidiu o dia da reunião. Lamentavelmente não será aqui em Baltimore. Decidiram fazê-la em uma de suas centrais em Seattle. Estarei fora três dias.

—Terei de levar Hannah para minha casa Cole, não posso estar aqui o final de semana. Tenho uma casa. Lavar a roupa, limpar, sabe?

Ele assentiu.

—Não é isso o que te estou pedindo...

—Então?

—Necessito que me acompanhe a Seattle no próximo final de semana. —Ela ia a protestar—. Serão apenas três dias. A segunda é feriado e estaremos de volta ao anoitecer. Hannah não perderá aulas, mas não posso deixá-la na casa da minha mãe porque ela está com minha irmã, viajando nos Angeles. Triplicarei o valor das horas no seu pagamento.

Hannah olhava de um para o outro. Ao não entender como funcionava o mundo dos adultos preferiu ir ao seu quarto brincar com as *barbies* e os legos.

—Cole... —Nesse momento começou a tocar seu celular no bolso—. Por favor, me dê um segundo, tenho que atender essa ligação —disse antes de ir ao escritório e fechar a porta atrás de si.

—Filha...

«Seu avô.»

—Você está bem? O que aconteceu? —indagou preocupada pelo tom contido da voz de Horace.

—Filha, acabam de me telefonar de Potomello.

O coração de Abby se deteve. Os médicos lhe haviam dito que os resultados dos testes do dia anterior indicavam que o tratamento não surtiu efeito? Não havia mais esperança? Estava desenganado? Se acomodou em uma cadeira chippendale perto da grande janela do escritório em que imaginava que Cole trabalhava nos finais de semana. Necessitava uma superfície firme, porque sentia que se seu avô não falasse rápido ia a desmaiar.

—Não me angustie. —Apertou com força o celular.

—Gostaria de poder fazer isso. Necessito que me leve na clínica. Venha me ver. Oscar acaba de falecer.

Pela primeira vez, Abby escutou a voz de seu valente avô falhar. «Deus. O pobre Oscar.» O forte, vivaz e cheio de vitalidade ex-combatente da guerra do Vietnã. Nunca mais voltaria a escutá-lo tentar arranjar-lhe um namorado entre os médicos, fazer

piadas sobre a vida e grunhir sobre as medidas econômicas do governo. Sentiu uma profunda tristeza, e mais ainda por seu avô, pois na idade que tinha, uma perda emocional era um golpe muito mais duro de suportar, em especial quando com os senhores d'*O Clube* compartilhavam um objetivo em comum: sobreviver ao câncer.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

—Eu... eu vou agora mesmo, avô.

—Não quero que te demitam...

—Acabo de terminar meu horário. Por favor, não se altere e nem pense em ir sozinho.

Cole deixou de lado a revista *Times* quando a viu entrar na sala com o rosto consternado. Pôs-se de pé e acudiu ao seu lado. Quiçá por inércia, ou quiçá por impulso, secou suas lágrimas com seus polegares.

Ela soluçou. Odiou sentir-se frágil, mas era impossível não ficar. O *Clube* era uma equipe de homens maravilhosos e ter perdido a um deles ia a representar um revés importante que certamente afetaria a recuperação, em especial a do ânimo, de Palton, Joe e seu avô. Temia por este último, pois mesmo sendo forte, sabia o apego que sentia por seus amigos de terapia.

—O que aconteceu, Abby? —perguntou com suavidade procurando acalmá-la.

Ela elevou os olhos brilhantes para os de Cole. Seu queixo começou a tremer.

—Uma... uma pessoa muito importante morreu. Eu... eu preciso ir embora. —Engoliu em seco—. E sobre Seattle...

Ela parecia tão vulnerável que ele não conseguiu evitar atraí-la a seus braços e rodeá-la com eles. Sentindo-se protegida, Abigail relaxou os ombros e se deixou envolver pelo aroma, força e proteção que lhe proporcionava Cole nesse momento. As lágrimas começaram a deslizar com liberdade por sua face; não pôde mais contê-las.

Ele a deixou chorar e, sem poder impedir, o sentido de proteção que reservava em exclusividade para Hannah pareceu se estender como uma rede firme até Abigail. Algo dentro dele começou a exigir que se afastasse dela e de seu abraço, e lhe pedisse um taxi porque que esse não era problema seu. Mas seu corpo se negou a obedecer-lhe e a segurou com determinação.

—Não precisa falar nada sobre a viagem agora, Abby —sussurrou com o queixo sobre a cabeça de cabelos dourados. Ele apenas escutava os soluços, mas o calor das lágrimas molhava sua camisa—. Vamos.— A afastou suavemente com as mãos, e logo passou os polegares tirando o rastro das lágrimas—. Tudo vai ficar bem. Vá colocar o cachecol e as botas. Te levo agora mesmo aonde seja que você precise ir, e no caminho, se quiser, podemos ir conversando.

Ela colocou as palmas das mãos sobre o dorso firme e masculino. Sentiu o calor emanar daquele corpo forte. Engoliu em seco.

—Obrigada, Cole... —Quando seus olhos se encontraram foi como se um raio houvesse fulminado cada pequeno poro de seus corpos. Algo na atmosfera mudou. Ela

conteve a respiração ao ver como os olhos cor petróleo começaram a escurecer. Tremeu. Não tinha medo, mas sim uma vontade terrível de pertencer a alguém mais além de si mesma. E sabia que era impossível, no entanto, seus lábios foram incapazes de protestar quando ele segurou seu rosto entre as mãos.

O que ocorreu a seguir foi inevitável.

Capítulo 7

Abigail sentiu os lábios cálidos de Cole sobre os seus, acariciando-os e entreabrindo-os suavemente. A arrastou a um beijo que pareceu sutil no princípio, mas pouco a pouco foi adquirindo intensidade. O sabor de suas bocas juntas era um potente afrodisíaco que começou a afetar a ambos por igual. Ele a provou com uma doçura tal que a ela lhe resultou dolorosa, jamais ninguém a havia beijado dessa maneira. Era um consolo, uma tentação, um alívio, uma sensual persuasão.

Se apoiou mais nele e permitiu que a rodeasse com seus braços, enquanto sua língua exercia uma conquista sutil, mas firme, em sua boca. Estava consciente de cada um dos músculos de Cole contra seu corpo, o aroma de seu perfume, e sentiu um conhecido calor entre suas pernas quando a evidência da paixão masculina se fez notória. Impossível não roçar-se com deliberada lentidão, pélvis com pélvis. Foi então que o beijo se aprofundou e Cole a levou girando pela sala até apoiar-se contra a parede mais próxima daquela sala.

Ao sentir a firmeza do concreto a suas costas elevou a mão para acariciar o sensual rosto que a atraía como um imã; recorreu os lábios de Cole com a língua, os mordiscou. Se apropriou dos grunhidos de prazer que ele emitia, e sentia como ele lhe soltava os três grandes botões de seu casaco e deslizava as mãos até chegar a suas firmes nádegas. Ela deu um salto, mas não se afastou, e ele a apertou contra seu corpo esculpido.

Cole sentiu a desesperadora urgência de tocá-la toda, conhecer cada palmo de seu corpo e fazê-la sua. Sim, havia tido amantes. Mas nem mesmo Celeste, sua esposa, foi capaz de acendê-lo do jeito que Abby fazia nesse instante. Ela era tão suave, feminina e bastava um leve toque para perceber o modo em que a paixão a consumia. Era deliciosa.

Sentiu as mãos femininas emaranharem-se detrás de sua nuca e ele subiu as suas até os seios generosos que desejava recorrer. Sua ereção estava a ponto de afogá-lo. O tamanho de seus seios era perfeito e cabiam em suas mãos como se houvessem sido desenhados para que ele os provasse. Acariciou-os sobre o tecido e com os polegares brincou com os mamilos que já estavam intumescidos. A sentiu arquear-se contra ele e baixar as mãos até agarrar-se a sua camisa como si ele fosse sua tábua de salvação ante a iminente onda de desejo que os envolvia. Inclinou a cabeça para beijar o pescoço suave do qual emanava o aroma natural de Abigail. Poderia engarrafar sua essência. A moldou com suas mãos, memorizando cada curva que ia conhecendo.

—Oh, Cole... —gemeu quando ele deslizou o vestido até deixá-lo em sua cintura, e logo o sentiu manobrar com o fecho do sutiã. Não conseguia raciocinar nada. Só queria que ele continuasse acariciando-a, sem a roupa como impedimento para que sua pele conhecesse a de Cole. Quiçá fosse a primeira vez que realmente queria deixar-se levar pela paixão e que desejava alguém com tanto fervor—. Beije-me —sussurrou atraindo a cativante boca para ela.

Ao escutá-la, se deteve abruptamente. Como se a nuvem de desejo que havia se apropriado de seu corpo se houvesse evaporado de pronto, e se houvesse dado conta de que algo não se encaixava. Ou quiçá algo sim se encaixava, bem até demais. Bem o suficientemente para assustá-lo. Arquejando, se apartou. «Mas que diabos estava fazendo?».

Ela o olhou com a respiração entrecortada sem compreender porque se detinha. Cole não estava menos tranquilo, mas algo havia mudado dentro de si com respeito à Abigail. E a ideia de verse atado a possíveis expectativas, de qualquer natureza, o refreou. Ele tinha que pensar em Hannah e em seu trabalho, mas Abby era uma constante distração. Por isso havia tentado evitar qualquer contato, até que viu-a com os olhos tristes. Ela removia sentimentos que tinha ancorado em suas profundezas, e dos quais não gostava. Ademais, tampouco tinha tempo para distrações. Devia encontrar um modo de afastar-se dela, sem tirar de sua filha a oportunidade de aprender com uma boa professora e uma estupenda babá, pois privá-la de Abigail por um erro seu seria egoísta, e ele amava sua filha. Não podia fazê-lo.

—Cole...? —sussurrou olhando-o interrogante. Ajustou seu vestido, envergonhada, e fechou seu casaco como se dessa maneira pudesse criar uma barreira contra a sensibilidade de sua pele e a ânsia de seu corpo por algo que fazia muito tempo permanecia adormecida. O desejo.

Ele evitou olhá-la, porque sabia que os lábios rosados e inchados por seus beijos iam a deixá-lo louco. Estava em seu limite. Se ela tentasse retomar o contato físico até onde o tinham deixado, ia ser quase impossível resistir a ela.

Aspirou uma golfada de ar para se acalmar.

—Isso não está certo, Abigail... —Passou uma mão pelos cabelos negros—. Sinto muito. Não devia ter me aproveitado de sua vulnerabilidade. Temos que ir. —Ela o olhou surpresa, pois de pronto o animo apaixonado de Cole se havia tornado distante—. Busca teu cachecol, não quero que chegue tarde onde quer que te esperem.

Ela avançou e lhe cravou o dedo indicador no braço direito, empurrando-o.

—Não te atrevas a deixar esta situação assim, nem a falar como si eu no tivesse noção alguma de nada para não merecer uma explicação de sua abrupta mudança. O que foi?

Ele arqueou uma sobrancelha e cruzou os braços.

—Você está sugerindo dormir comigo para terminar o que começamos? Pensei que você estava um pouco chateada e triste, assim que não queria que pensasse que eu queria me aproveitar. Isso não está certo. Você é minha empregada e eu sou teu chefe. Esse tipo de história não me interessam —disse com insolência—, mas sem problema, subimos para meu quarto...? — Sabia que estava sendo um cretino, mas tinha que afastá-la de seu lado. O que fosse que pudesse ocorrer não podia levá-los a nada satisfatório. O olhar de Abigail dizia muitas coisas que estavam detrás dessa aparente fachada de fortaleza, e ele não queria envolver-se a indagar por mais curiosidade que

ela lhe produzia.

Ela quis esbofeteá-lo, mas em cambio baixou as mãos e o fulminou com o olhar. «Sim, é meu chefe. Bom. Nunca mais voltaria a se permitir um deslize como esse.»

—Ao contrario, estou sugerindo que você vá para o inferno, Cole Shermann. —Se afastou dele como se ele tivesse a peste negra—. E se quiser me despedir, faça logo.

—Que? Claro que não vou te despedir. Isto foi culpa minha. Ademais, não posso te oferecer o que você espera —disse quando ela se afastava com passos firmes para ir por seu cachecol e as botas. As palavras de Cole a detiveram. Girou-se.

—Oh, uau. —Elevou as mãos—. Agora parece que você é um psiquiatra. Ilumina-me Freud. O que é que espera —apontou para si mesma— esta pequena mortal?

«Maldita a hora em que havia perdido os papeis.»

—Não quero discutir com você. Lamento de verdade... —disse apertando os dentes.

—Ser um cretino ou ter me largado como se eu fosse repugnante? —perguntou sem poder aguentar-se. A lembrança do desprezo e desaforos de Rylan voltaram como balas que a atingiram a queima-roupa. E mesmo que não quisesse, lhe doeu a rejeição de Cole.

—Abby... —Ela havia entendido tudo errado. Claro que era um cretino. Mas, achá-la repugnante? Deus, sua pele era tão suave e macia que a teria desnudado naquela mesma sala se sua maldita consciência e seu medo de se comprometer não lhe tivessem assaltado logo.

—Não preciso que me leve. Eu me arrango sozinha. A experiência —fez um gesto desmerecendo o ocorrido entre os dois—, me ajudou a me preparar o suficiente para lidar com o que vem a seguir. Até terça. —Dito isso saiu pelo umbral do salão dando graças que Greta tivesse o turno da segunda.

O que Cole escutou a seguir foi a porta de sua casa sendo fechada. Amaldiçoando-se muitas vezes, foi procurar Hannah. Teria ido atrás de Abby, mas isso estaria enviando uma mensagem equivocada. Deus. Como era possível que seu cérebro não conseguisse conectar tudo? Essa mulher lhe causava um curto-circuito mental e físico. Além do mais, estava pendente a viagem a Seattle.

Algo tinha que acontecer com ele para evitar que ela lhe afetasse.

Abby agradeceu poder se sentar no carro para fazer o caminho para casa, porque as pernas não iam a sustentá-la mais. Quiçá era uma imprudência dirigir, em lugar de pegar um taxi, mas necessitava concentrar-se em algo além de seu corpo desejoso. Ainda sentia sua pele estremecer-se, como se fosse uma harpa tocada com maestria e ao final ficasse vibrando até que todas as cordas voltassem a seu estado de quietude. Claro que essa calma tardaria em chegar.

O que tinha acabado de fazer? Beijou seu chefe. O insultou, claro que ele insultou-a primeiro, e logo o mandou ao inferno. Cole se tinha merecido, sem dúvida, mas ela

devia ter se impedido de devolver o beijo desde o início. Cole era um homem tão sexy como o demônio que já lhe havia dito claramente que não tinha intenção de se envolver com ninguém. O infame tinha uma amante da que nem se lembrava. E isso a deixava aonde? «A meio caminho do desastre.» Apenas chegasse a casa se voltaria totalmente para seu avô e se esqueceria de tudo. Ou isso pretendia fervorosamente.

Ir para Seattle? Há! Impossível.

Depois do serviço fúnebre seu avô se mostrou taciturno e não quis comer apesar das exigências da senhora Igorson. Abigail não podia obrigá-lo, pois entendia quão abatido se sentia pela perda de Oscar.

Monica e Spencer apareceram para lhe dar apoio, e a convidaram para tomar um café com eles. Seus amigos se surpreenderam ao descobrir que estava trabalhando para Cole, e comentaram que Richard, ao despertar na manhã seguinte do jantar, não se lembrava de nada e que por isso nem sequer tinha telefonado para se desculpar.

—Não pode ser... Tem certeza? —Tinha perguntado com uma risada.

—Bastante —riu Monica—. Creio que será melhor não fazê-lo lembrar. Mas você precisa ter uma conversa sincera com ele. Sei que não se sentes atraída por Richard, e você lhe faria bem tirando qualquer esperança que ele ainda tem. Do contrario você terá uma infinidade de mulheres te odiando.

—Eu sei, em especial essa Deanna —olhou para Spencer que havia permanecido bastante silencioso—. Faz quanto tempo que você conhece Cole? —perguntou sem conseguir evitar. Necessitava saber se continuava apaixonado por sua falecida esposa e se a isso, somada à fobia ao compromisso, se deveu sua rejeição na outra noite.

O médico a olhou com curiosidade.

—Abigail... a vida de Cole não foi muito fácil. O conheço faz alguns anos. É uma boa pessoa, disse eu sei, mas sente terror a compromissos. —«Não me diga...», pensou ela—. A vida com Celeste, sua falecida esposa, não foi absolutamente tranquila. Não me compete falar sobre isso, no entanto, posso te adiantar que ela causou muitos danos nele. Se não fosse por Hannah, não sei o que teria sido dele. Essa menina é toda a vida dele.

—É, ela é uma preciosidade e muito ligada nas coisas —murmurou Abby.

Monica pôs a mão sobre a sua.

—O que está acontecendo, meu bem?

Ela demorou alguns instantes para responder. Monica ficou observando-a.

—É um pouco complicado.

—Isso costumam dizer os homens, Abigail —interveio Spencer enquanto engolia um pedaço de torta de maçã—. É a primeira vez em muito tempo que te vejo tão preocupada por alguém do sexo oposto.

Suspirou. Que sentido tinha ocultar de seus amigos?

—Nos beijamos. Logo me disse uma idiotice e eu o mandei ao diabo. A única coisa em que fomos sinceros é em relação a que a atração é mutua, mas por motivos somente esse homem sabe... não é suficiente. Some-se a isso que é meu chefe. Pensei que ia me despedir pela discussão que tivemos, mas me disse que não faria tal coisa. Então saí batendo a porta. Em resumo, é isso. Não faço ideia do que me espera ao voltar ao trabalho amanhã — concluiu pesarosa.

Os Lughan se olharam. Uma comunicação através de olhares que só se conseguia com a intimidade, confiança e o amor de uma relação consolidada.

—Além do mais existe Justine —continuou Abby ao vê-los silenciosos—. Quiçá por isso disse que foi um erro... —Cobriu o rosto com as mãos—. Creio o fato de ter ficado tanto tempo sem ninguém é que está me afetando.

—Quiçá te soe um pouco vulgar o que vou dizer —começou Spencer—. Justine é só uma válvula de escape sexual para Cole. Não acho que tenha qualquer sentimento por ela. Nós homens funcionamos diferente, você sabe Abby. Meu amigo não é uma exceção. De fato, em algum momento da reunião comentou comigo que queria cortar sua relação com ela, porque estava particularmente interessada em incorporar a Hannah em um plano com objetivo de obter uma proposta de casamento. Isso não é o que Cole quer.

Abigail olhou-o intrigada.

—Então continua apaixonado pela esposa?

Spencer fez uma careta.

—Me desculpe, Abby, não é uma informação que possa te dar sem trair a confiança de Cole. Olha, se acaso surgir a ocasião você poderia falar com ele...

—Querido, diz pra ela —interveio Monica—. Creio que ela merece saber. Afinal de contas, está trabalhando na casa com ele.

—Não, não precisa, Spencer —replicou Abby quando seu amigo ia falar—. Isto foi uma besteira. Ou melhor, talvez seja hora de começar a sair mais e conhecer outras pessoas. Assim não me entusiasmo com o primeiro cara bonito que veja. Não é? —olhou para Monica com um sorriso que não chegou aos olhos.

Sua amiga lhe sorriu com afeto.

—Só não se engane, Abby.

Ela assentiu.

—Como estão os bebês? —Mudou de assunto. Que sentisse terror ao pensar em carregar um bebê, não implicava em que ela não quisesse escutar seus amigos falar sobre eles.

Os Lughan se dedicaram com entusiasmo a descrever as virtudes de Damon e Damian, seus gêmeos, os avanços que faziam, as graçinhas que faziam e as demais anedotas de pais de primeira viagem. Abby se sentia sinceramente feliz por eles. Tão só lamentava ter se equivocado ao escolher Rylan, porque o custo de seu erro havia

sido alto demais.

Richard apareceu em sua casa ao anoitecer. Justo quando terminava de dobrar a roupa para a semana. Seu avô estava mais calmo e contente com a nova poltrona que tinham comprado horas antes. A senhora Igorson estava um pouco lendo para ele, pois Horace se queixava que a luz era insuficiente. Essa era a desculpa que costumava dar quando era consciente de que sua idade lhe impedia de ler mais de dez páginas sem se cansar nem forçar a visão.

—Abby! —exclamou Richard quando ela abriu a porta, e então a abraçou—. Estive tão ocupado que me descuidei de vim te ver. Como você está?

Acomodaram-se no balanço da varanda. Esse era o lugar que costumavam usar para conversar, apesar do frio. Essa noite estava gelada, mas Abby levou um aquecedor portátil, uma garrafa térmica com café quentíssimo e um par de *snacks*.

—Vai por mim, estou melhor que você depois do jantar na casa do Spencer.

Richard se deu um tapa na testa simulando se lembrar.

—Não me lembro de nada, desculpe. Minha memória foi apagada quando eu caí em coma. —Gargalhou—. Não fiz nenhum drama ou escândalo, verdade?

Esteve a ponto de trazer à tona os comentários dessa noite, mas não queria fazê-lo sentir-se mal.

—Que nada. Tenho algo importante que preciso discutir contigo, Richard.

Ele lhe pediu com a mão que continuasse, enquanto se levava à boca um donut com cobertura de chocolate e recheio de manjar.

—Você.—Pigarreou—. Você...? —Respirou fundo—. Richard, você sente algo por mim, além da amizade?

Ele esteve a ponto de se engasgar com o pedaço de *donut*. Ela bateu em suas costas.

—Desculpe, não quis ser inoportuna, mas é algo que jamais conversamos.

—Por que você quer falar disso agora, então? —indagou limpando a boca com um guardanapo.

—Não quero danificar nossa amizade. —Encolheu os ombros olhando para a rua. Estava deserta—. Sei que tem muitos que, ao nos ver tão juntos como costumamos estar, pensariam que existe um romance ou algo muito diferente do que temos realmente. O que, não é verdade, claro.

Ela a observou daquele modo inquisitivo que tinha.

—Seria tão ruim se por acaso chegasse a sentir por você algo além do afeto que temos há anos...?

—Não, não ruim. Só não poderia te corresponder e isso partiria meu coração.

Richard ficou em silêncio. Permaneceram assim um longo momento. Ambos estavam acostumados a respeitar seus momentos de reflexão. Uma das vantagens do tipo de amizade que tinham.

—Eu compreendo.— Se girou para ela. Seus olhos se conectaram—. Não se preocupe, Abby, não vou cruzar essa linha. Não quero perder sua amizade...

—De verdade?

Ele encolheu os ombros e relaxou.

—Claro, Abby.

Ela não acreditou completamente nele, mas ao menos tinha a tranquilidade de ter deixado esse ponto claro.

—Agora, quero que me conte tudo sobre sua briga com Deanna.

Richard gargalhou.

—Não minta para mim, você nem gosta dela. Por que você quer saber, sabichona?

—Bagunçou o cabelo dela como costumava fazer quando estava brincando.

Ela riu. Sentia-se aliviada de ter esclarecido tudo com Richard.

—Quiçá não seja tão má no fim das contas e queria te ajudar a recuperá-la. —Por que você não me disse que ela só me queria pelo meu dinheiro?

—Oh...

—Eu sabia. Só que me divertia muito na cama com ela. —Abby lhe deu um empurrão—. Ouch —fingiu encolher o braço de dor—, é a verdade. Pensei que estava apaixonado, mas não estava. Assim que agora sua missão será conseguir-me uma namorada.

—Então você terá que fazer-me o mesmo favor.

—Feito. —Esticou a mão para selar o trato. Ela apertou os dedos elegantes e masculinos de seu melhor amigo—. Um trato é um trato.

—Claro que sim. —Caíram na risada.

Cole sentiu que estavam na mesma dinâmica da semana antes do beijo. Ele a evitava, e Abby procurava falar com ele o mínimo possível. O bom disso era que podia manter a serenidade mental e física para controlar os últimos detalhes do projeto para Templeton & Company. Hannah avançava em seus estudos e tudo aparentemente fluía. Não ia dar mais voltas no assunto.

A sexta-feira chegou rápido, e não pode esquivar-se de consultá-la sobre Seattle. Na realidade a necessitava porque não teria quem pudesse cuidar de sua filha e esse contrato era um dos maiores que ia a fechar em sua carreira corporativa. Abraham, apesar de estar em Bora Bora, fez várias conferências via Skype para aportar ideias e sugestões.

Chegou a casa mais cedo do que o habitual. A cena que encontrou esteve ao ponto de derrubar sua vontade de manter-se afastado de Abigail. Hannah estava tirando uma soneca, enquanto Abby estava abraçada a ela, como se estar aconchegadas na cama fosse a coisa mais normal do mundo. Sentindo-se um desalmado se aproximou para tocar com suavidade o ombro de Abby e despertá-la.

Os olhos azuis, sonolentos a princípio, e assustados depois, lhe arrancaram um sorriso. Dormindo ela parecia o que não era, um anjo. Não sabia como sua filha podia

imaginar que a tremenda língua afiada pudesse levar um halo, ou sequer a ideia de um.

—Podemos conversar? —perguntou em um sussurro.

Ela assentiu levantando-se devagar. Murmurou um “desculpe”, antes de ajeitar Hannah na cama. Fechou a porta do quarto e ficou no corredor com ele.

—Depois de ler uma história, acabamos dormindo, não vai acontecer de novo —expressou ao modo de desculpas. Não tinha pretendido dormir, mas ela e Hannah tinham feito um boneco de neve, tomado chocolate quente, terminado as tarefas e ao terminar de ler para ela *A Bela e a Fera*, a menina pediu que a abraçasse. Depois de uma semana atarefada levando ao seu avô para a clínica para que passasse com seus amigos as noites, e logo voltar com ele para casa, conversar, lavar a roupa, cozinhar um pouco com Amanda, estava extenuada. Só pensou em fechar os olhos um momento, até que Hannah dormisse, mas o sono a venceu também.

—Não quero que se desculpe. É sexta e sei que Hannah pode ser incansável, assim que conseguir que tire uma soneca já é um milagre.

—Suponho. —Sem que ele pedisse, lhe deu um breve informe das lições de sua aluna, o que estava aprendendo e os itens adicionais que ia precisar para pôr em prática um par de novos exercícios para facilitar a aprendizagem de matemática, pois começavam a complicar as operações e Hannah se entediava com facilidade—. Tem sido uma boa menina.

Ele assentiu.

—Abigail, não tenho dúvidas do estupendo trabalho que tem feito com minha filha. Ela está feliz e para mim é o mais importante —comentou sincero, ainda que seu tom continuasse sendo impessoal—. Queria te perguntar se já tem uma resposta com respeito ao fim de semana. De verdade, não tenho com quem deixar Hannah. Não te pediria se não fosse urgente...

Ela evitou olhá-lo nos olhos. Essa maldita proximidade física a impedia de pensar com clareza. E se ele estava tão determinado a ignorar qualquer indício da faísca que acendia quando se aproximavam, ela tentaria com todas suas forças colaborar com a causa.

—Tem certeza de que a sua mãe não pode voltar antes do final de semana?

Cole sorriu. Ela quis ter um pano para cobrir aquele sorriso, mais belo do que um homem pudesse ter direito de possuir.

—Tenho certeza. Não vai nem notar que estarei por perto, Abby. Essas reuniões tendem a durar uma eternidade. Você vai dormir num quarto com Hannah. —Ela relaxou—. E pagarei absolutamente tudo. Não vai ter que se preocupar com nada.

Seu avô tinha uma sessão de quimioterapia, a última segundo lhe tinha dito Spencer, na quinta, assim que tudo estava controlado. O pagamento seria excepcional, conheceria Seattle, e não teria que estar o tempo todo com ele, além do necessário por temas relacionados a Hannah.

Não soava nada mal.

—Está bem. Irei.

O olhar de Cole se iluminou com uma mistura de agradecimento e alívio.

—Amanhã vamos passar para te buscar em casa num taxi. Obrigado, Abby.

—Até amanhã então.

—Sim...

Ficaram ali, se olhando.

—Melhor eu ir —sussurrou.

—Aham. —Olhou-a com intensidade.

Nenhum dos dois se moveu.

O telefone da casa começou a tocar e Abigail aproveitou para se afastar. Em meio ao silêncio da mansão, ao chegar ao último lance de escadas que levava ao térreo, não pode deixar de escutar um tom sedoso na voz de Cole ao responder: «Justine...»

Capítulo 8

O voo foi bastante tranquilo e Hannah perguntava sobre tudo com entusiasmo, apesar da quantidade de horas que tiveram que ficar no avião. A menina se mostrou mais feliz ainda quando chegaram ao hotel. A edificação era uma preciosidade arquitetônica com o estilo Renascentista italiano, cinco estrelas, construída em 1924. Tratava-se do famoso *Fairmont Olympic Hotel Seattle*, localizado perto do centro da cidade de Seattle, Washington, no noroeste dos Estados Unidos.

A entrada de automóveis que permitia a passagem para a porta principal era grandiosa. Luzes amarelas e nítidas recobriam todo o teto da recepção, a visão deixava boquiaberto a qualquer que se jactara de ser um visitante assíduo dos melhores hotéis do mundo. No caso de Abby, não só estava surpresa pelo hotel, cuja fachada frontal simulava de algum modo a Casa Branca da cidade de Washington D.C., capital do país, senão porque era a primeira vez que viajava em um avião privado. Abigail sabia que Cole era um homem endinheirado, mas jamais imaginou que fosse tão rico.

—Reservei para você e Hannah a Suíte Cascaide —anunciou Cole quando chegaram até a recepção. Era a primeira vez em todo o dia que lhe dedicava mais de três palavras. Ela podia sentir a tensão no ar, não obstante, procurava pôr sua mente a trabalhar em alguma outra coisa que não fosse Cole. Nada fácil tendo em conta que estavam no mesmo espaço, tão pertos que era impossível não reparar em seus movimentos ou gestos quando trabalhava no laptop—. espero que não te incomode ter de dormir em uma cama com minha filha. Como é a primeira vez que está distante de um entorno familiar temia que pudesse cair ou se sentir incomoda —expressou com um tom seco.

A mãozinha da pequena agarrou a Cole chamando sua atenção.

—Papai, você está com raiva? —A recepcionista entregou duas chaves magnéticas para Cole com o habitual sorriso de cortesia, e um carregador chegou para recolher a bagagem.

Começaram a avançar para os elevadores. Abigail havia feito um rabo de cavalo para ficar mais confortável. Os cinco graus centígrados de temperatura a obrigavam a usar cachecóis e luvas grossas. Menos mal que já no lobby os tinha tirado. Era agradável sentir o calorzinho do hotel.

A menina tratava de não perder nenhum detalhe do lobby com seu olhar ávido. A recepção em particular dava uma amostra do quão ostentoso era o hotel. Escadas em caracol coroadas no lado direito do salão com um piano de cauda, corrimãos brilhantes e o número apropriado de lustres gigantes localizados no teto.

—Claro que não, princesa. Sinto-me muito feliz de que você me acompanhe a Seattle e viagem no avião. Você gostou? —perguntou agachado para se colocar na altura da menina quando entraram no elevador.

—Sim! —exclamou, e de baixo do vestido lilás se agitaram as perninhas com as

botas fúcsia que usava. Parecia ter saído de um comercial de roupa infantil. Estava verdadeiramente adorável—. E gosto que Abby durma comigo.

Ia replicar a sua filha, quando Abby, que permanecia em segundo plano de propósito, se adiantou.

—Eu também gosto da ideia. Hannah é uma menina educada e saberá comportar-se agora que estamos em outra cidade —disse sem fixar-se demais em Cole. Durante o voo o havia espiado com o rabo do olho, enquanto ele estava revisando uns documentos. Os óculos que usava lhe davam um aspecto intelectual muito atraente. A camisa arremangada até a metade dos antebraços, a caneta de uma marca que ela não conseguia reconhecer, mas seguramente muito cara, na mão; e a forma com que franzia o cenho quando ao que parecia não gostava de algo, o convertiam em um homem impossível de passar despercebido—. Não é verdade, querida? —Hannah assentiu duas vezes.

Cole se colocou de pé. Já tinha um plano para colocar um freio na distração que Abby era. Durante as horas de viagem em seu jato tratou de não reparar no vestido mostarda que se ajustava a suas curvas, nem em como as *leggings* marcavam as formas que as botas não cobriam. E esse cabelo brilhante e sedoso que convidava a ser tocado tanto como a sua dona, quase foi sua perdição. Teve o bom senso de não se aproximar demais, pois estava certo de que com esse maldito perfume de rosas que ela costumava usar era pouco aconselhável tê-la tão perto. Quiçá o plano que tinha em mente para criar alguma distância entre eles, não era o mais inteligente, mas ainda valia a pena se isso enviava a mensagem clara de que não estava interessado em paquerar a babá e professora de sua filha.

Depois de dar a gorjeta, o carregador se retirou. Cole insistiu que conhecia o caminho para seu quarto e não era necessário que o guiasse. Com um assentimento de cabeça o empregado do hotel tomou a gorjeta de cinquenta dólares e saiu sorrindo.

Cole abriu a porta da Suíte Cascaide.

Abby cuidou de não deixar cair a mandíbula ante tanta exuberância de elegância e bom gosto. Pintada com tons pálidos de rosa, branco e vermelho vinho, aquele era um lugar magnífico. Por inércia os pés de Abigail se moveram seguindo Hannah, que saltava de um lado ao outro com entusiasmo. Cole as seguiu silencioso e sorridente ante o arrebatamento de sua filha.

Abigail observou a pequena escrivaninha de madeira com duas gavetas, cadeira executiva, abajur e um telefone sofisticado que dava para uma janela. Cada uma das grandes janelas estava coberta com cortinas de motivos florais e uma cortina interior fina branca e transparente. Estava então a cômoda para guardar a roupa. Uma televisão gigante, e logo a cama. Hannah correu e se lançou sobre ela. Era uma cama de dossel imensa, aos pés tinha um assento alargado, e a um lado uma poltrona laranja com listras brancas e com um *puff* para colocar os pés. Era um quarto muito aconchegante.

—É... é muito bonito, Cole —expressou Abigail olhando-o—. Nunca havia estado

em Seattle, ainda que já tenham me contado das maravilhas desta cidade.

Ele assentiu.

—Fico feliz que tenha gostado. —Com o dedo indicador susteve o colarinho de seu casaco e o colocou sobre os ombros, para que caísse sobre as costas. Um clássico gesto masculino—. Podem ir passear quando estiverem instaladas. Na recepção te indicarão os lugares que são próximos e são tradicionais. A ideia é que não fiquem fechadas no quarto, mas que saiam para conhecer a cidade. É bem segura.

Ela esfregou as mãos como se tivesse frio.

—Quer que eu ajuste a calefação? —perguntou comedidamente ao observar o gesto.

Abby negou. Impossível dizer que todo o ambiente lhe resultava íntimo demais para poder relaxar. A ideia de ter sua própria família era muito tentadora. Deprimir-se pelo que não podia ter era absurdo, mas não conseguia deixar de sentir nostalgia.

—Está tudo perfeito, obrigada. Acho que vou arrumar a Hannah para ir dar um passeio como você sugeriu. Seu quarto é tão bonito como este? —indagou por curiosidade.

Cole esboçou um sorriso. O primeiro que Abby observava desde a noite anterior.

—Acho que é questão de gostos, mas este é um de meus hotéis preferidos quando tenho algum negocio neste lado do país. Meu quarto é a Suíte Olympic. O número está aqui. —Se aproximou da escrivaninha e escreveu o número. Entregou-lhe o pedaço de papel—. Interrompa-me a qualquer hora se Hannah precisar de qualquer coisa. Não importa a hora que seja. Certo?

Ela assentiu.

—Bom. Tenho um jantar de negócios às oito da noite. Estarei no *Terrace Lounge*. Lembre que os gastos que tenha, eu os pago. Consuma o que quiser. Mas não deixe que Hannah se encha de doces. —Se girou para sua filha—: Escutou isso, princesa? —disse esticando o pescoço para verificar que a menina dormia profundamente sobre a cama.

Abby seguiu o curso do olhar masculino.

—Não se preocupe tudo estará em ordem —murmurou com as mãos detrás das costas. Ele estava tão próximo...

—Certo —replicou abruptamente antes de sair e deixá-la sozinha.

Como se lhe tivessem tirado um peso de cima, Abby tomou uma profunda respiração e sorriu com regozijo. Ainda que não fosse possível que ninguém a visse, ela olhou para os lados e então começou a dar pulinhos de alegria e observar com avidez tudo ao redor. Assomou-se por uma das janelas e comprovou que o céu estava nublado, mas não chovia nem nevava. A segunda-feira era feriado. A terceira segunda de fevereiro, os Estados Unidos celebravam o dia dos Presidentes. E mesmo que ela tivesse que trabalhar, não lhe importava, consideraria esse fim de semana como férias pagas. Cuidar de Hannah não era nenhum sacrifício, de fato, era muito fácil sentir afeto por ela.

Uma vez que terminou de recorrer o banheiro e imaginar o quão delicioso que

deveria ser estar submersa, dentro de algumas horas, na banheira com água quente, essência de jasmim —ou isso dizia o frasquinho da *nécessaire*— e os músculos relaxados, foi comprovar que Hannah estava confortável. Com muito cuidado, trocou a roupa dela e lhe colocou o pijama. Talvez acordasse logo com fome e aí decidiriam se iriam ao restaurante do hotel para comer ou pediriam serviço de quarto. «Certamente que a menina adoraria a segunda opção», pensou Abby.

Ela havia levado um pouco de dinheiro para visitar alguma loja e comprar para si um vestido bonito. Esperava ter oportunidade de encontrar algo que gostasse. Por outro lado, se sentia bastante relaxada com respeito à saúde de seu avô, pois antes de viajar a Seattle recebeu um telefonema de Spencer, que comentou que o quadro de Horace estava evoluindo favoravelmente. Ao regressar para Baltimore, cumpriria a promessa que tinha feito ao seu avô: sairiam para jantar em um belo restaurante e convidaria também aos demais rapazes d’*O Clube*, que estavam ainda muito afligidos pela partida de Oscar.

Cole se reuniu pontualmente com os donos de Templeton & Company. Tinha contato habitualmente via Skype com Michael, o presidente da companhia e o surpreendeu ao encontrar-se também com a esposa do magnata da empresa importadora de flores do Havaí. Charisse Templeton mostrava a cada pouco seu sorriso tranquilo, assim como suas perspectivas de trabalho e seu marido não contradiziam os pontos de vista. Essas trocas aconteceram com muito respeito, algo que surpreendeu gratamente a Cole.

Aquela relação matrimonial lhe pareceu curiosa, pois o levou a recordar sua vida com Celeste. Sua ex-mulher jamais se interessava por seu trabalho mais além das perguntas básicas, mas no caso de Charisse, ela parecia desfrutar verdadeiramente conversando sobre os negócios. A Cole não lhe havia passado pela cabeça que esse “& Company”, que o nome da empresa Templeton levava, podia se referir a que a esposa de Michael era uma das acionistas.

Depois de estarem quase uma hora reunidos, chegaram a um frutífero acordo econômico. Ficaram encantados com o piloto do projeto que Cole demonstrou em uma apresentação em seu pequeno laptop. Assim que combinaram de assinarem o contrato definitivo em poucos dias para que Corporação Zaga, a empresa de Cole e Abraham, procedesse em concluir os detalhes e entregar o software.

Charisse se mostrou contente ao ter um software que se encarregasse de facilitar sua vida. O que implicava controlar e automatizar as médias de rendimento por hora do pessoal e seu valor em dólares, adicionalmente a projeção de vendas anuais e um medidor de índices de qualidade baseando-se nas opiniões dos provedores. Aquele era o programa mais complexo, por tratar-se de um tema multifuncional, que Corporação Zaga havia desenvolvido. Cole se sentia muito orgulhoso do resultado de tantos meses

de trabalho.

Em honra a exitosa reunião Cole havia bebido três whiskys que desceram por sua garganta com facilidade. Michael, que afirmava ter ascendência escocesa, impediu que se brindasse com outra coisa que não fosse um bom *scotch*.

—Queríamos agradecer-te que por se reunir conosco em Seattle. Lamentamos que tivesse de deixar sua filha pequena em casa —expressou Charisse. Michael assentiu ao comentário de sua mulher e tomou um pedaço de frango ao *curry*.

—Em absoluto, Charrise, te agradeço pela preocupação, mas Hannah está aqui comigo.

A mulher de cabelos brancos sorriu. Cole calculava que tivesse ao redor de sessenta anos, e a Michael, uma década a mais de vida.

—Oh! Nesse caso, querido, permita-nos convidá-la para brincar com nossa neta.— Se dirigiu ao seu esposo—: O que você acha de levarmos a filha deste juvenzinho a dar um passeio amanhã? Assim aproveita sua estadia nessa cidade maravilhosa para conhecê-la melhor e relaxar um pouco. Isso de programar software não deve ser nada fácil. —Voltou sua atenção ao dono da Corporação Zaga—: Não é verdade, Cole?

Cole sorriu.

—É sim, querida, é sim —interrompeu Michael—, por isso estamos pagando-o tão bem ao senhor Shermann, por seu tempo e uso de seus neurônios —disse com uma gargalhada sonora e espontânea.

—Charisse, não é necessário que se incomode pela minha filha —expressou Cole sem perder o sorriso. Gostava dos Templeton—. Hannah veio com sua babá, assim que não vai ficar sozinha ou criar problemas.

A esposa de Michael não insistiu, mas Cole sabia que não existia modo de dar o contra se a senhora se empenhasse. Ele não gostava que sua filha ficasse com estranhos, mas se fosse com Abby tudo estaria bem. «Abby», repetiu em sua mente evocando o corpo curvilíneo que havia acariciado dias atrás. A ideia de tê-la só a alguns poucos quartos de distância lhe acelerava a imaginação.

—Cole, por que você não voltou a se casar? —perguntou Charisse retirando-o de sua fantasia traiçoeira.

Michael olhou severamente para sua esposa, a primeira vez que Cole via esse olhar em toda a noite, mas ela não se intimidou.

—A pergunta não me incomoda —disse Cole a Michael sem perder o bom humor—. Primeiro quero que Hannah vá para a universidade, então veremos.

Charisse gargalhou tranquila e elegantemente.

—Não pode estar falando sério, Cole. Sua menina tem cinco anos. Se me permite dizer, mas suponho que já saiba, você é jovem, bonito e tenho certeza de que mais de uma mulher deve estar disposta a tentar a maternidade e cuidar de Hannah. Tem todo o caminho pela frente e tempo para refazer uma vida em casal. Sempre é importante ter um apoio emocional, mental, físico. Tantas coisas... —Deu uma palmadinha com afeto

na mão de seu esposo, que corou pela habitual franqueza de sua esposa.

Cole se arrependeu de ter contado breves detalhes sobre seu matrimônio com Celeste, mas foi impossível não fazê-lo porque aquela senhora tinha uma forma única de deixar as pessoas à vontade para falar. Entre temas de negócio, Charisse ia tirando outros e Cole assumia que era o modo de Michael Templeton de se assegurar de obter um ponto de vista sobre a personalidade de seus provedores, competidores e clientes, para conhecer se eram ou não confiáveis. «Charisse Templeton era uma peça rara», pensou Cole com um sorriso.

—Charisse... —adverteu sem muita convicção Michael—. Deixe o rapaz em paz. Já está na hora de nos retirarmos. —Olhou para Cole—: Amanhã virão nossos advogados te dar o contrato para que o leia, pode nos enviá-lo assinado de Baltimore. No entanto, amanhã queria me reunir contigo. Vou convocar meu especialista em informática para que lhe mostre o funcionamento e assim possa capacitar aos altos mandos com os detalhes.

—Seguro. —Logo dirigiu sua atenção para a elegante senhora que estava sentada a sua direita—: Sabe, Charisse? Com respeito a minha filha, não quero impor-lhe uma presença feminina a minha filha. Detestaria me equivocar. Ver Hannah sofrer seria terrível para mim.

—Sempre há a possibilidade de dar errado. Vai viver o resto da tua vida com esse temor sem arriscar-se a amar de novo?

—Cole é jovem, Charisse —se adiantou Michael. Às vezes sua mulher podia ser um pouquinho insistente—. Ele pode estar com quem deseje sempre e enquanto seja discreto para que a menina não sofra. Entendi bem seu ponto, rapaz?

—Grande parte do assunto, sim. Minha filha tem uma babá excepcional, inteligente e muito preparada que a cuida com esmero, se por acaso quero sair alguma vez só tenho que combinar com ela o horário e as horas extras. —Removeu seu copo com uísque *Glenfiddich*, de cinquenta e cinco anos, que se caracterizava por seu sabor frutal e doce; era um dos mais caros do mundo.

—Mmm... —De pronto algo chamou a atenção da senhora de olhos verdes—. Cole, creio que essa senhorita ali te procura.

—Sim? —indagou, girando-se sobre si mesmo na cadeira. Quando viu de quem se tratava se preocupou, pois havia dito a Abby que o buscasse em caso de que ocorresse algo a sua filha—. Se me dão licença, volto em um minuto. —O casal assentiu.

Cole desapareceu entre as pessoas, e uns minutos depois voltou para a mesa do *lounge* que nesse momento tinha jazz tocando ao fundo. O lugar era magnífico. Cadeiras de couro vermelho, mesas elegantes, uma estante com vinhos caríssimos e um bar com cadeiras altas de assentos vermelho. Uma mostra de bom gosto, decadência e elegância. Três em um conjurado perfeitamente.

Nesta ocasião vinha acompanhado de duas pessoas.

—Lhes apresento a minha querida filha, Hannah. —A pequena cumprimentou com

entusiasmo ao casal, eles responderam com espontaneidade, sorridentes. Cole respirou mais tranquilo quando viu a sua filha sã e sem problemas—. E esta é Abigail Montgomery.

Abby estendeu a mão, em retorno recebeu um abraço afetuoso dos Templeton que havia se colocado de pé ao vê-las chegar.

—Cole, desculpe a interrupção —expressou Abby—. Hannah insistiu em te dar boa noite antes de dormir, e não queria saber de nada até que te visse. Assim que trocamos de roupa e viemos te procurar. Sinto muito...

—Bobagem! —replicou Charisse por Cole—. Você deve ser a professora que Cole mencionou. Verdade?

—Eu...

—É ela, sim —interveio Cole que tinha ficado surpreso ao ver Abigail no meio do salão. As mulheres ao redor eram sofisticadas, com roupas elegantes e penteados estilizados, mas não chegavam aos seus pés. De fato, as mulheres do bar eram exatamente o tipo com que podia pensar em ter um affaire. Resultou-lhe tão natural o fato de que Abigail estivesse segurando a mão de Hannah, como se houvesse sido o mais lógico do mundo, que ficou surpreso consigo mesmo. Esperava que seu plano não falhasse ou ia a estar em problemas para deixar de distrair-se com ela—. Abby, estes são Michael e Charisse Templeton, meus clientes.

—Agora somos amigos —corrigiu Michael sorridente, enquanto Abby tomava Hannah nos braços.

—Um prazer conhecê-los. —Apertaram as mãos.

—O prazer é nosso, querida. Você é uma moça muito linda —replicou Charisse sem perder de vista o modo como Cole Shermann observava a babá e professora de sua filha. Era a forma em que Michael a havia olhado muitos anos atrás, quando lhe pediu para sair em um encontro pela primeira vez. Aquele era o olhar que uma mulher de sua idade reconheceria em qualquer parte. Só esperava que aquele jovem empresário entendesse o que estava ocorrendo com ele—. Por que não se sentas com Hannah por um momento, querida? Justo comentava com Cole que temos uma neta, Danielle, da mesma idade desta preciosidade —olhou para Hannah— e nos gostaria convidá-la para brincar amanhã na minha casa, enquanto Cole e Michael discutem detalhes de negócios.

—Bom eu... —O que podia responder? Estava em uma situação ligeiramente estranha. Não eram seus amigos, ela estava trabalhando, e Cole não a olhava com calor, ao contrário, parecia mais bem hostil. Que soubesse tudo ia muito bem, ainda que claro, em relação a ler a mente do pai de Hannah jamais seria uma especialista.

—O que você acha, pequenina? —indagou Charisse, sem deixar de sorrir para Abigail que havia deixado a menina no chão.

—Eba! Uma amiga para brincar com as bonecas! Legal! —exclamou Hannah. Então olhou para seu pai—: Posso, posso, posso?

Abigail começou a rir da insistência da menina.

—Hannah deixe que seu pai pense sobre isso. Agora lhe dê um beijo para levar-te de novo para a cama —expressou Abby em tom de desculpa aos Templeton pela interrupção. A verdade era que havia tentado convencer de todas as formas à menina de que dormisse argumentando que Cole estava ocupado, mas Hannah não queria nem saber. Assim que teve que vesti-la, e a ela lhe tocou colocar um singelo vestido de cocktail; mal conseguiu aplicar um pouco de maquiagem e ajeitar o cabelo. Podia ser uma babá, mas não seria por isso que iria estar desarrumada. Amor próprio ela tinha, e lhe havia custado muito recuperá-lo para jogar tudo fora em uma curta viagem de trabalho.

—Amanhã veremos, filha —replicou. Abigail estava lindíssima, simples e desejável. Ela não percebia que alguns homens no *lounge* a observavam com desejo? Ou o notava, mas fingia não ver? «Que diabos! Para ele dava no mesmo e seu plano estava por se colocar em marcha.»

—Já vamos indo —disse Abby, quando Hannah esticou os braços para que a pegasse no colo. A menina pesava um pouquinho, mas podia levá-la ao menos até o elevador nos braços. Pronto a cabecinha de cabelos negros esteve acomodada sobre seu ombro —. Que sigam tendo uma boa noite —se despediu.

—Senhor Shermann! —Chegou até a mesa, agitado, um dos garçons.

Cole o observou com estranheza, igual que seus acompanhantes.

Abigail deu um beijo na têmpora de Hannah, enquanto reparava no inquieto empregado do hotel.

—Sim?

—Desculpe a interrupção, mas me pediram que o buscasse. Tem uma senhorita na recepção exigindo que lhe entreguemos a cópia da chave de sua suíte, porque diz que o senhor reservou o quarto para ambos, e que o voo dela saiu antes do previsto.

«Mas que momento tão inoportuno», pensou Cole com seus botões. Ademais se queixaria com a gerência por ter um garçom tão imprudente.

Aclarou a garganta.

—Vou em seguida.

«De quem se trata?», se perguntou Abby em um sussurro. Para sua má sorte o garçom, que estava perto dela, a escutou.

—Oh, espere. —Procurou no bolso superior de seu uniforme. Retirou um caderninho de couro—. Quem o procura é a senhorita Justine Williams —sorriu servil e contente de ter dado o recado completo.

—Diga que estarei com ela em alguns minutos, por favor —expressou Cole com voz tensa. O rapaz assentiu e desapareceu tão rápido como chegou.

Michael e Charisse fizeram de conta que não tinham escutado o comentário do imprudente empregado do hotel. Ao parecer era um moço novo e ávido por servir à clientela do melhor modo, mas acabava de cometer um grave erro. Esse tipo de pisada na bola costumava custar o emprego em um lugar de tão alta categoria. As indiscrições

eram inadmissíveis.

Cole olhou para Abby, praticamente por reflexo. Quiçá de sua consciência, ou quiçá porque não esperava que seu plano, ou seja, trazer a Justine para conseguir se esquecer de Abigail, podia ter se torcido de tal maneira que o voo de Justine se adiantasse. Ele odiava improvisar, mas neste caso não tinha outra saída.

Para Abigail resultava mais do que evidente que Cole considerava o tórrido beijo que haviam dado como um grande engano. «Pois então está perfeito, porque isso contribuía apenas para ratificar sua decisão de conhecer a outras pessoas e se livrar da atração que sentia por Cole.»

—Abigail... —começou Cole, ao ver o olhar de surpresa. Sentia a necessidade de explicar que Justine não ia dormir em seu quarto, que era tudo um mal entendido, ainda que fosse uma mentira. Odiava essa sensação de ter que se explicar com ela. Mas que demônios!

—Senhor Shermann, com licença, preciso levar Hannah. Ela pesa um pouco, sabe? —Me permita que te ajude a levá-la.

Ela se afastou como se Cole tivesse a peste.

—Não se preocupe, que quanto mais rápido irmos, menor será a sensação de que pesa um pouquinho. —Se girou para os Templeton com um sorriso—: Foi um prazer conhecê-los. Tenham uma boa noite.

—Abby... —murmurou Cole, antes de vê-la caminhar se afastando.

Ela saiu apressada do *lounge*. Quando estava perto do elevador, Hannah lhe murmurou no ouvido que queria caminhar sobre o tapete negro e bege do hotel, então ela a colocou no chão.

Abby não podia acreditar que Cole convidara sua amante para vir a Seattle. E não porque ele devesse algo para ela, em absoluto. O que mais lhe molestava era que houvesse pedido que ela fosse ser a babá de Hannah, quando existia uma mulher que bem poderia colocar-se a cargo da pequena durante essa viagem. Quiçá estivesse precisando desse pagamento extra que iria receber pela viagem, não podia negar. Mas o que não tinha era vontade de ser *cheerleader* das aventuras sexuais de Cole Shermann.

«Como se atrevia a utilizá-la para servir de distração para Hannah, enquanto ele se divertia com sua amante? Mas que sem vergonha!». Furiosa por sentir-se usada, pressionou o botão do quarto andar.

Capítulo 9

Cole se assegurou de que a porta do banheiro estivesse bem fechada e trancada. Não sentia vontade de escutar a conversa de Justine e tampouco suas tentativas de seduzi-lo. Estava com raiva de si mesmo. Assim que reparou no olhar desconcertado de Abby quando o empregado do hotel anunciou a chegada da voluptuosa mulher com a que estava no quarto, se sentiu um completo idiota. Convidar a Justine foi uma saída covarde, e estava certo de que Abigail não lhe permitiria sequer se aproximar um milímetro dela. «E por acaso não era colocar mais distância entre eles o seu objetivo?» Pois agora não tinha mais certeza.

Os Templeton tinha se mostrado prudentes e não fizeram comentários minutos depois de que Abby e Hannah se afastaram do *lounge*. Continuaram conversando por mais algum tempo, inclusive Justine, até que Charisse se desculpou porque tinham que se retirar, não sem antes ratificar a Cole que no dia seguinte estariam mais do que felizes de que Hannah fosse passar o dia com eles e sua neta Danielle. Ele não conseguiu negar.

—Cole...? —Chamou Justine.

Ele abriu a porta com a toalha ao redor da cintura deixando à vista seu corpo tonificado pelos exercícios. Aos domingos, quando o clima permitia, costumava ir praticar caiaque perto do *Bond Street Wharf*. Fazia alguns anos que fazia parte do *Canton Caiaque Clube*, um grupo exclusivo que não tinha mais de quatrocentos membros. Se não conseguia ir fazer seu esporte favorito, então ia por algumas horas na academia para deixar a tensão pra trás na esteira.

—Diga.

Ela não necessitava dizer nada, pois estava vestida com um baby-doll vermelho escuro que realçava sua figura e falava por si mesmo; a parte dos seios estava à vista, já que o tecido era transparente e se abria com facilidade desde o centro do canal de seus seios até a borda final do tecido; a tanga era finíssima e estava atada nos lados com laços a um toque de ser desfeitos. Cole não era um eunuco e fazia bastante que não se passavam a noite juntos... e ele com nenhuma outra mulher. Seu corpo respondeu de imediato, mas tentou não dar vazão a seus instintos. Por razões que não conseguia explicar sentia que tocar em Justine seria um grande erro. Era consciente de que a desejava e também de que ela queria agarrá-lo a qualquer custo. Ele lhe havia dado uma mensagem confusa ao convidá-la a Seattle. Tinha toda a culpa.

—A cama está bem confortável, o que acha de darmos o uso adequado a ela? —perguntou com voz sedosa. Aproximou-se até ele e colocou sua mão descarada sobre seu membro. Um sorriso gatuno assomou a seus lábios ao senti-lo duro—. Ou prefere uma visita à jacuzzi? —sugeriu quando Cole tomou seu pulso com firmeza para afastá-la de seu sexo e foi para trás sem brusquidão.

—Justine.

—Não...? —insistiu ela com sua mão, mas esta ocasião acariciou os abdome masculino.

Cole fez um esforço muito grande para no ceder à tentação que essa mulher de pernas torneadas era.

—Foi uma noite atarefada de negócios, Justine —explicou dando um beijo no dorso da mão. Ela olhou-o irritada e o seguiu enquanto ele se adentrava no quarto. Necessitava desculpar-se e dizer-lhe que ter pedido que ela fosse para Seattle tinha sido um erro e que pediria outro quarto para ela. Afinal de contas, não tinha que ser grosseiro com Justine, a culpa era sua, por ser um idiota—. O que achar de descansarmos, querida?

Sem um instante de vergonha, porque deveria ter afinal?, Justine soltou o laço da parte superior do baby-doll deixando seus seios descobertos. Caminhando com sensualidade, com os indicadores e polegares desatou os dois lados da tanga.

Ficou nua em frente dele. Cole se esmerou em não deixar a boca aberta, mas não tinha controle sobre seu sexo que se erguia debaixo da toalha com ímpeto. Ela sorriu ao notar. Elevou as mãos até levá-las aos seus cabelos negros e ondulados, conseguindo desse modo que seus seios se elevassem. Cole engoliu em seco.

De repente chamaram na porta com insistência. E foi um alívio tão grande que Cole não se preocupou em dizer a Justine que se vestisse, nem lhe deu tempo de reagir e acudiu para atender com passos rápidos. Sem perguntar de quem se tratava e numa tentativa de clarear sua mente, abriu sua porta completamente.

—Cole eu vim por que... —disse Abby com o rosto preocupado e Hannah nos braços. Ao escutar um gemido de surpresa, quase deixa cair sua aluna no chão. «Céus! Não podia ter interrompido em uma ocasião melhor?», se perguntou ela com o coração presa de uma inexplicável agitação que nada tinha a ver com alegria—. Desculpe... é... que... devia ter chamado ao serviço de quarto para pedir um médico. De verdade... não quis... —começou a balbuciar, e Justine aproveitou para continuar seu passo lento até o banheiro, sem fazer nada para cobrir-se, para logo fechar a porta, desaparecendo em fim.

«Oh, demônios», gemeu ele consigo mesmo. Tirou de Hannah dos braços de Abby para levar a menina para a cama. A pequena estava com os olhinhos fechados e chorava em silêncio.

—Princesa... o que você tem? —A acomodou contra as almofadas e retirou o cabelo da carinha. Ela o olhou com seus olhos azuis e se levou a mão à barriga.

Abigail estava ainda agitada. Cole de toalha, e Justine... tinha vontade de ir para seu quarto e voltar de onde não devia ter saído. Mas era sua obrigação levar Hannah ao seu pai quando se sentia tão mal. Acudir ao serviço de enfermaria era a segunda opção, e de todas as maneiras teria requerido a autorização de Cole.

—Comi algo ruim —disse soluçando—. E dói muito aqui. —Sinalizou a pequena barriguinha que estava coberta pelo pijama cinza.

Cole girou para Abby. Ela estava com um roupão bastante grosso. «Menos mal, porque não suportaria tê-la perto e sabia que sua roupa de dormir iria atormentá-lo. Arrumaria o mal entendido com ela mais tarde. »

—O que Hannah comeu? —indagou sem olhá-la, porque estava concentrado em acariciar a barriguinha de sua filha.

A menina seguiu se queixando.

—Pedimos salmão no quarto —replicou com tom preocupado, e se aproximou da cama sem importar-se com nada que não fosse sua aluna—. Não tinha nenhum sabor estranho, em fato me caiu bem. Mas talvez fosse muito pesado para ela... foi minha culpa... —Mordeu o lábio e olhou para ele. Erro. Erro grave. Cole era uma homenagem ao que um homem atlético e sexy deveria ser; com o cabelo ligeiramente despenteado parecia um modelo e não um empresário de sucesso da área de informática. Mas pertencia a outra mulher e ela devia ter isso muito claro, assim que deixou de lado seu nervosismo—. Eu não devia ter dado algo tão complicado para uma menina... é que o resto do cardápio me pareceu complicado demais...

—Não é sua culpa. Pode acontecer com qualquer um, as crianças sempre adoecem, e quiçá o salmão foi apenas um pretexto para seu sistema digestivo —respondeu, logo foi buscar seu iphone e ligou para o médico de Hannah. Informou-lhe os sintomas, e então anotou em um papel o que o doutor ia lhe dizendo pelo telefone.

Abigail contemplava cada músculo definido das costas masculinas, enquanto ele se movia de um lado ao outro fazendo perguntas ao médico. Logo, Cole terminou a ligação, se aproximou da mesinha de cabeceira para pedir à recepção que fossem comprar os remédios. Que Abby soubesse nos hotéis não existia esse tipo de serviço, mas já sabia que ela e os Shermann não costumavam ir ao mesmo tipo de lugares precisamente.

—Amor —disse Justine com voz melosa se aproximando de onde estavam. «Ao menos teve a decência de colocar algo por cima e tirar essa cara de deusa do sexo», pensou Abby se afastando da cama, ou de outro modo aquela mulher a teria empurrado para ocupar um espaço—. Oh, pequerrucha —sussurrou tocando a testa de Hannah que ardia em febre—. Pobrezinha. Papai te dará logo os remédios. Você sabe que não pode comer qualquer coisa.

Hannah lhe fez uma careta afastando-se de seu toque e esticou a mãozinha para Abby. Ela se aproximou e lhe apertou com carinho a mão. Justine fez um gesto de desgosto.

Estava ocorrendo exatamente o que Cole não queria. Que Justine se aproximasse de Hannah e começasse a querer conquistá-la. Mas não tinha a quem culpar, pois tudo se devia ao seu plano idiota para afastar-se de Abby, que parecia não só preocupada, senão incômoda. E não era para menos. Ele tirou do armário, que estava junto da cômoda de duas gavetas perto da cama *king size*, um roupão de banho para não incomodar a Abigail.

—Eu acho que é melhor eu sair —murmurou Abby, e foi então quando Hannah começou a chorar dizendo que não queria que ela saísse.

—Ah bebê, tua *professora* —Justine pronunciou com tom depreciativo— tem que ir, porque não é seu lugar estar com teu pai. Eu ficarei, no entanto.— Lhe deu um sorriso exagerado e falso. A menina não lhe deu ouvidos e olhava angustiada a Abigail, esticando a mãozinha.

Cole fulminou Justine com o olhar por atrever-se a tentar indispor a Abigail na frente Hannah.

—Querida, o que acha de dormir hoje no quarto de Hannah? Quero que minha filha fique por perto até que se recupere. —Abigail ia se retirar, mas a voz ditatorial de Cole a deteve, e a impulsionou a se voltar de novo—: Fique. Ela não vai deixar de chorar se não ficar do lado dela.

Justine observou a ambos com fúria e arrogância. Abby tentou contar até cem, mas os números se embaralhavam em sua cabeça, porque o único que queria era afastar-se daquela situação tão incomoda.

—Não penso tolerar esta forma de me tratar, Cole —replicou mordaz, observando com desprezo Abigail—. Convidou-me a passar contigo o final de semana, e agora, se atreve a me expulsar?

Hannah começou a chorar de novo ao escutar que aquela mulher, que ela não gostava, falava desse jeito feio com seu pai. Levada por um impulso que já lhe parecia natural, Abigail se inclinou na cama até que Hannah fique aconchegada entre seus braços com o quadril sobre suas pernas. Cole afastou o olhar.

—Não te expulso —baixou a voz falando com Justine, mas era óbvio que Abigail e Hannah podiam escutá-los. Detestava que sua filha escutasse discussões desse tipo—. Minha filha vem em primeiro lugar e você sabe disso —grunhiu.

A mulher bufou.

—Eu estou fora disso. Nunca mais me procure. Está claro? —Cole passou a mão pelos cabelos, preocupado pelo que sua filha pudesse escutar, e observou de lado que Abigail parecia contar algo a Hannah para distraí-la do que acontecia a poucos passos—. Acabaram-se as farras sem uma proposta firme de algo sério. Ou me pede em casamento ou não vai me tocar mais.

Abby que estava escutando tudo quis que a terra se abrisse. «Por que tinham que acontecer esse tipo de situações com ela?» Continuou cantando no ouvido de Hannah, enquanto acariciava a barriga dela, se assegurando de estar o suficientemente perto para que não tivesse escutado nada. Ao menos tinha parado de chorar, o que implicava que a dor não era tão forte, mas a febre continuava alta. Esperava que logo chegassem os remédios.

—Ligarei ao Boris para que prepare o jato. Pode ir hoje mesmo a Baltimore, ou onde quiser —foi a única resposta de Cole a Justine, quando na verdade sentia vontade de esganá-la. Como se atrevia a soltar semelhante comentário frente a uma menina de

cinco anos? —E não se preocupe, está bem claro. Não voltarei a te procurar. E peço desculpas pelo mal entendido.

—Que bom! E pode engolir suas malditas desculpas, ninguém brinca comigo, por melhor que seja na cama! —gritou antes de desaparecer na sala contígua, tratando de bater a porta com força, para então arrumar suas malas.

Abigail evitou olhar para Cole que passava os dedos pelo cabelo, despenteando-se, enquanto Hannah começou a chorar de novo pelos gritos de Justine. Abby limpou as grandes lágrimas, e cantou uma cantiga com voz bem baixinha.

Cole não sabia o que dizer. Não podia se sentir mais ridículo e absurdo.

Quinze minutos mais tarde, Justine saía do hotel de volta a Baltimore.

Assim que Hannah tomou os remédios caiu no sono. Cole tinha trocado de roupa. Usava um jeans, estava descalço e a camisa azul estava meio abotoada com as mangas arremangadas até os cotovelos. Abigail por sua parte fazia anotações sobre os horários dos medicamentos e controlou por última vez que a menina estivesse livre da febre, antes de ajeitá-la na cama com esmero, para levantar-se cuidando de não despertá-la.

—Abigail —sussurrou Cole, de pé no umbral da porta da suíte que dava para a cama onde estava sua filha.

Ela teria querido ficar com Hannah e não enfrentá-lo, mas não havia escapatória. Ficou de pé junto da cama para não ter de aspirar seu aroma. Era desconcertante como uma suíte tão grande do nada conseguia parecer pequena demais. Se inspirava muito forte, a probabilidade de que o aroma de Cole fizesse seu sangue correr a toda velocidade era muito alta e perigosa. Costumava fugir do perigo, em especial quando tinha um rosto anguloso, barba de dois dias e o cabelo mais suave que jamais tivesse tocado, mas nesta ocasião não podia se mover.

—Sim? —respondeu no tom o mais indiferente possível, sem olhá-lo nos olhos. Aquele olhar escuro parecia ter a capacidade de acelerar seu pulso, e ela ademais estava com raiva por ele tê-la usado.

—Com respeito a Justine...

Cole se moveu, até deter-se a três passos de distância e o coração de Abby bateu com força. Surpreendia-se de que ele não o escutasse, porque para ela parecia bastante audível.

—Não tem que me dar explicação nenhuma. Trazer Hannah aqui foi o que considere mais adequado, lamento que tivesse que brigar com tua namorada e ter interrompido isto... seu tempo com ela.

—Nunca disse que ela era minha namorada.

—Tua amante então. Escute estou cansada.— Apertou os dedos dos pés. Na pressa de levar Hannah para o pai, tinha deixado os chinelos na outra suíte—. Afinal, vai deixar a menina vá para a casa de seus clientes?

Ele a estudou um segundo antes de responder. Com o cabelo em um rabo de cavalo, sem um pinga de maquiagem e de pijama —ainda que fosse dessa horrível flanela

mostarda— parecia vulnerável e acessível.

—Sim.

O silêncio do quarto e a luz tênue lhe estavam alterando os nervos.

—Vai querer que eu fosse junto na casa dos Templeton amanhã, ou confia neles para deixar que ela vá sozinha?

—Por suposto, quero que você vá com Hannah. Eu tenho que ficar no hotel trabalhando com Michael.

—De acordo. Retiro-me, então —murmurou rodeando-o para não tocá-lo sequer. A imagem de Justine nua, tão segura de si mesma, com as medidas perfeitas a afetou, muito mais que a ideia de Cole com aquela mulher e o que tinha interrompido. Em seu caso, a mãe natureza havia sido especialmente generosa e de acordo com Rylan “voluptuosa” não a descrevia, senão *gorda*. Em grande medida essa era a razão pela qual podia chegar a beijar e flertar com um homem, mas jamais ir para a cama com ele. Por isso, desconcertou-a tanto que os beijos de Cole a tiveram feito se sentir desejável e segura de seu corpo. Mas eram só projeções de seus desejos inconscientes. Nenhum homem que conhecesse o sentido de ter uma família iria querer uma mulher que não pudesse lhe dar filhos, e que ademais tinha uma figura pouco delicada.

As palavras de Rylan chegaram como golpes violentos a sua mente. «Por que você usa minissaias, Abigail? Tuas pernas são firmes, mas não combinam com teus peitos. Mal cabem em minhas mãos. Por que não emagrece? Gosto de você, mas... » «Não te ensinei o suficiente na cama ao que parece... ou você é uma aluna tão ruim?», lhe havia perguntado uma ocasião quando ele não conseguiu chegar ao orgasmo. «Se olhe no espelho, percebe isso aqui? —Lhe havia perguntado acariciando suas cadeiras frente ao espelho—. Quando te conheci você era mais esbelta. Não é que esteja te criticando, você sabe que gosto de você, mas...» Mesmo apesar do tempo de terapia, ligeiros resquícios desses comentários dolorosos minavam sua autoconfiança. Ela tentava superar. Tentava de verdade, mas às vezes não era tão simples.

—Espere. —Segurou-a pelo braço e ela sentiu incendiar-se a pele recoberta pelo pijama—. Não aconteceu nada com Justine. —Seus olhos negros se cravaram nos dela. Era terrivelmente convincente, notou Abby—. Acredita em mim?

Ela sorriu com sarcasmo.

—Ela estava nua e você bem próximo disso também. Dois mais dois...

—Isso não implica nada. —Negou—. Convidá-la foi um grande erro meu.

—Cole...

—Sim?

—Trabalho para você. Pode fazer com seu tempo livre o que quiser, assim como eu. —Ele apertou a mandíbula—. O que me parece bastante absurdo é que tenha me pedido que viesse para cuidar de Hannah, quando bem tinhas a Justine te esperando aqui. Não sou uma distração para Hannah para você curtir sua vida sexual.

No instante, Cole a tomou pelo braço com firmeza, sem machucá-la, para que

escutasse o que ia a dizer, ela tentou se debater, mas ele era mais forte. Abby se assustou.

—Cole ... —sussurrou aterrorizada—. Me solte...

Ao reparar no terror nos olhos de Abby, ele franziu o cenho. Soltou-a de imediato.

—Por que me olha como se eu fosse te bater...? —perguntou totalmente confuso—.

Eu nunca te machucaria —assegurou preocupado com o modo em que ela se afastou com o queixo tremendo.

Ela engoliu em seco.

—Não... não é isso, eu quero ir descansar, é só isso. Estou esgotada.

Cole não se convenceu, mas estava tão cansado pela viagem, o jantar de trabalho e a cena com sua ex-amante, que não quis aprofundar no assunto. Agora bem podia dizer que as coisas entre Justine e ele estavam terminadas. Não queria discutir com Abigail.

—Eu te machuquei? —indagou preocupado com o cenho franzido.

—Não... só, só me assustou um pouco. Deixe estar.

Era a primeira vez que uma mulher se assustava assim com ele. O que lhe pareceu completamente irracional.

—Escuta, as coisas entre Justine e eu acabaram faz tempo. Você não foi nenhuma distração para minha vida sexual, desculpe se você entendeu assim. Só queria...

—Como ia explicar que o motivo de que Justine tivesse vindo para Seattle era para que ele evitasse a tentação de tocá-la, o distraísse com sua presença? — Hoje não aconteceu nada —declarou.

Abby soltou o ar que estava contendo. Cole a tinha pego desprevenida, e teve medo de recriar uma experiência como a de Rylan. Algo totalmente estúpido, porque sabia que com ele estava a salvo, mas não tinha podido evitar. Aquele tipo de reações lhe haviam ocorrido frequentemente nas primeiras semanas após o ataque; se sobressaltava facilmente. Mas era menos frequente agora. Se começasse a explicar a Cole ou aprofundar no motivo de sua reação, então ele faria perguntas que ela não queria responder.

Mais calma, quando seu corpo e seu cérebro assimilaram que não estava em perigo com Cole, se soltou da mão que ainda a tocava e o olhou com seriedade.

—Afinal, de que importa que eu acredite ou não? —O interrompeu.

Ele olhou-a por alguns segundos. «Sim. Sim, eu me importo.»

—Não. —Passou a mão pelo rosto—. Não, não importa. Estou esgotado Abigail, e ainda tenho que fazer uma chamada ao meu sócio para falar do trato que acabamos de fechar com os Templeton —expressou apertando a mandíbula. Ela não tinha se dado conta de que dois botões da blusa de dormir estavam sem abotoar, consequência de que o roupão tinha se movido, deixando à vista uma interessante porção da pele suave de seus peitos. Uns seios que ele havia tocado, mas que ele morria de desejo de ver e provar—. Será melhor que você vá, eu cuido de Hannah —disse com tom seco.

Antes que pudesse replicar, Cole se dirigiu ao lado da cama onde Hannah dormia,

afastando-se de Abby.

Abigail conteve um suspiro de resignação antes de girar a maçaneta da porta e deixar a suíte para trás. «Que tal ir ao bar essa noite para me divertir um pouco... ?»

Capítulo 10

Abigail tomava café da manhã na do hotel. Às seis da manhã, Cole a havia chamado para dizer que ele se encarregaria de Hannah. Menos mal já estava desperta quando soou o telefone, porque detestava que a levantassem. Na noite anterior fez um esforço para ir ao bar e se divertir um pouco, mas seu corpo não colaborou. Nem bem topou com a cama, se rendeu à suavidade dos edredons.

—Posse te trazer algo mais? —perguntou o garçom com um sorriso.

—Café puro, por favor.

—Agora mesmo.

Depois de colocar dois pacotinhos de açúcar, misturou com uma colherzinha. Com o olhar ausente bebeu seu café, sem deixar de observar com um sorriso as pessoas ao seu redor. Era interessante como o ser humano podia compenetrar-se tão bem com a família, com amigos, e como uma má escolha podia mandar tudo ao diabo. Quiçá se não tivesse se deixado levar pelas palavras bonitas de Rylan teria conseguido encontrar a um homem que cumprisse seu sonho de ter uma família. Um bebê.

Colocou creme no café e voltou a verter um pouco mais do escuro líquido em sua xícara. Pensava em seu chefe. Era estranho pensar nele desse modo, pois quase não parava em casa. Cole a desconcertava. Não entendia por que continuava mandando-lhe os sinais errados. Ou quiçá era ela quem se esmerava em encontrar indícios do inexistente.

—Abby! Abby! —exclamou a voz conhecida de Hannah. Quando os inteligentes olhos azuis se posaram nela desde um extremo do elegante salão de desjejum, ela sorriu para a pequena. A menina chegou correndo até ela. Para que não tropeçasse, Abby se inclinou até ficar à sua altura e se deixou rodear o pescoço com os suaves bracinhos.

Cole apareceu vestido com uma informal elegância. Tinha deixado o blazer e a gravata. Com a camisa branca e as calças azul marinho feita a medida, parecia bem arrumado. Para dizer a verdade, esse homem poderia ficar atraente com qualquer trapo ou com roupa de alfaiataria.

—Dormiu bem, Abigail? —perguntou com um sorriso como se a cena da noite anterior não tivesse acontecido.

Sem ser convidado, se acomodou na cadeira na frente de Abby, e então tomou Hannah nos braços e a sentou ao seu lado. A menina estava vestida com calças azul celeste, uma blusa de algodão branco com borboletinhas e uma trança presa com um elástico azul que combinava com os sapatinhos. Parecia ter saído de uma propaganda de televisão.

—Bem, obrigada —murmurou concentrando-se em seu café. Posto que esse jogo sem sentido de esquecer o que acontecia entre eles ia continuar, ela estava disposta a seguir o exemplo de Cole. Tinha um salário, uma aluna maravilhosa e conseguia bancar as despesas da doença de seu avô. «É o suficiente», disse para si mesma, mas não

conseguiu acreditar, nem seu corpo, porque o coração batia acelerado ao absorver a imponente masculinidade do homem que tinha em sua frente revisando o cardápio—. Hannah está melhor?

—Sim, amanheceu com o semblante melhor e já não tinha mais dor de estômago. A febre sumiu completamente, mas ainda tem de cuidar de sua alimentação.

—Claro. Eu teria gostado de tê-la cuidado.

—Sou o pai dela, assim que cuidá-la é importante para mim, sei que você se preocupa com ela e agradeço. Em todo caso, ontem evidentemente você necessitava descansar mais que eu. Cuidar de Hannah pode chegar a ser esgotante. É uma menina muito ativa —comentou com a mesma cordialidade que Abigail havia escutado desde que se sentou-se à mesa.

—Sim...

O garçom apareceu para tomar o pedido de Cole, que apesar de ditar o que necessitava essa manhã, não deixou de reparar em quão bela Abigail estava. Na noite anterior os sentimentos que habitualmente guardava no fundo de sua alma haviam tentado aflorar quando viu a Abby e sua filha abraçadas na cama de sua suíte, como se o lugar de ambas fosse estar juntas. Sentiu um frio recorrer suas costas, ao recordar, mas não soube explicar o motivo. Ele não costumava inquietar-se com facilidade, mas essa imagem conseguiu perturbá-lo. Fazia muito tempo que nada lhe custara tanto como havia sido pedir a Abigail que o deixasse sozinho com Hannah.

Agora que estava em meio de seu trato de negócios mais importante e a ponto de firmar o contrato, não podia permitir-se distrações. Antes de descer para fazer o desjejum, ele havia aproveitado para fazer uma chamada ao seu departamento legal e recordar-lhes que os esperava dentro de uma hora em Seattle e que era melhor não se atrasarem pois tinha sido para isso que havia pagado a viagem na primeira classe desde Baltimore. Esteve dando ordens, e também aproveitou para fazer uma consulta a Abraham.

—Abby, papai me disse que você vai me levar para conhecer uma amiga! —exclamou levando para a boca um pedaço de croissant com manteiga—. É verdade?

—Sim, carinho —respondeu acariciando o suave cabelo negro—. Termine de comer seu café da manhã.

A conversa foi conduzida por Hannah, para alívio dos adultos. Perguntou sobre a cidade, o clima, se existiam zoológicos, por que algumas famílias tinham tantos filhos, se podia ver desenhos animados na casa de sua nova amiga, até que finalmente se levantaram e se dirigiram ao *lobby*. Cole ligou para Michael Templeton para dizer que sua filha estava muito feliz com a ideia de conhecer a Danielle.

—O Rolls-royce dos Templeton vai vir buscá-las —expos, logo se inclinou para sua filha—. Se comporte bem. Não dê dores de cabeça a Abby. De acordo?

—Sim, papai —sorriu com seus dentinhos brancos.

Cole não pode evitar se dirigir a Abigail que nessa manhã vestia um jeans que

moldava suas pernas, um suéter roxo que ressaltava sua cintura delicada e o cabelo dourado estava preso em uma meia trança. Teria pensado que tentava jogar na cara dele o que tinha perdido ao pedir que ela saísse na noite anterior, mas não era necessário. Ele sabia perfeitamente.

—Qualquer coisa que minha filha precise...

—Te avisarei —completou indiferente—. Espero não interromper nada importante em caso de que tenha que te procurar —agregou sem poder se conter.

Um meio sorriso sensual se assomou nos lábios de Cole.

—Pensei que estava evitando o tema —respondeu sorrindo abertamente ao reparar no rubor das bochechas femininas. Hannah olhava para o teto assombrada com todo o brilho dos lustres e as formas dos contornos.

Abby encolheu os ombros, porque não podia fazer outra coisa, como por exemplo bater com a cabeça na parede por ter permitido que suas emoções falassem em lugar de deixar-se guiar por seu cérebro.

—Eu digo o mesmo...

—É complicado de explicar, Abigail. —Como se explica a uma mulher que você foi um imbecil, e que apesar de tê-la tão perto e querer beijá-la não podia fazê-lo?

—Papai, você vai se casar com a senhora nua que estava no seu quarto? —perguntou a menina de supetão. No meio do *lobby* com gente entrando e saindo, era o pior modo de tentar ter essa conversa, mas ela tinha cinco anos e não tinha como saber.

Abby conteve uma risada ao ver a cara perplexa de Cole. Ele a olhou furioso.

—De onde você tirou isso? —indagou preocupado de que sua filha tivesse visto a Justine como Deus a enviou ao mundo. As ideias que podia ter lhe embrulhavam o estômago. Tinha sido um irresponsável pedir que ela fosse a Seattle por não ser capaz de ter outra ideia para afastar-se de Abigail—. Justine é apenas uma amiga.

—Ontem eu a vi quando Abby me levou ao teu quarto. —O olhou com seus grandes olhos azuis—. É que eu não gosto dela. Vai ser minha nova mamãe...? —Fez uma cara de choro que fez o coração de Cole encolher. Abigail deixou de sorrir e afastou o olhar.

—Desculpem, senhores. —Chegou até eles um mensageiro interrompendo-os—. Indicaram-me na recepção que há um automóvel esperando pela senhorita Shermann e a senhorita Abigail Montgomery. Permitem-me acompanhá-las até a porta? —sorriu como costumavam fazer os serviços membros do staff de um hotel cinco estrelas.

Ante a ideia de conhecer a uma nova amiga, Hannah se esqueceu do que estava perguntando, e sem despedir-se de seu pai agarrou a mão de Abigail para seguir ao mensageiro. Cole as observou afastarem-se com gesto preocupado, mas tinha uma reunião e devia concentrar-se nela. Logo falaria com Hannah, quando voltasse da casa dos Templeton.

Hannah estava encantada com sua nova amiguinha. Ambas gostavam de casas de legos e os balanços. Abigail observava desde a porta corrediça de vidro da sala de Charisse como quatro babás cuidavam das pequenas. «O que o dinheiro pode conseguir.»

—Tudo bem, querida? —perguntou Charisse vestida com um vestido de estilo chinês que era impressionante. Conferia-lhe um ar majestoso que parecia inato na esposa do cliente de Cole. Abby assentiu em resposta—. Não se preocupe com a menina, tem quatro pares de olhos cuidando-a. Depois de tudo, você está trabalhando no final de semana e não te faria mal um descanso.

Abby sorriu enquanto bebia seu chocolate quente.

—Cuidar de Hannah não é nenhum sacrifício, é uma menina que é muito fácil gostar e além do mais é uma aluna entusiasmada. Você tem uma linda casa. Acho que poderia me perder com tantos quartos. Quantos são mesmo... dez?

—Doze —riu—. Isso foi porque pensei que Michael e eu teríamos muitos filhos. Lamentavelmente a natureza tinha preparado uma surpresa inesperada para nós.

—Quantos filhos tiveram? —indagou saboreando o chocolate. Era delicioso. As risadas das meninas chegavam até elas que permaneciam acomodadas em duas poltronas verde-musgo recobertas de veludo. A casa expedia um aroma a cerejas e carvalho, muito sutil, mas o suficientemente forte para fazê-lo perfeito.

—Não tivemos nenhum entre os dois —replicou com calma e sacudindo dos dedos as migalhas dos biscoitos caseiros que a chef particular lhes havia preparada para a ocasião.

—Desculpe, não quis me intrometer.

Charisse lhe deu um tapinha na mão.

—Não querida, me refiro a que não tivemos filhos entre ambos de modo natural. Adotamos seis preciosas crianças. Três meninas e três meninos.

Abigail ficou com a xícara perto dos lábios.

—Uau... são muitos.

A mulher de traços delicados riu.

—Tínhamos tanto amor para dar e existem tantas crianças no mundo que necessitam recebê-lo, que nos pareceu o mais justo. Uma forma de retribuir à vida o que materialmente tínhamos. Digamos um equilíbrio. Nem sempre pode se ter tudo, mas tua missão então tem que ser tentar compensar na medida do possível e ser feliz.

—Deu de ombros como se falasse disso todos os dias—. Michael e eu somos, e nossos filhos também. Para nós não existe diferença entre que sejam ou não adotados. São nossos e é tudo o que precisamos saber, e eles também sabem.

—Você é uma mulher admirável —expressou com sinceridade.

—Sou apenas uma pessoa que procurou soluções para suas necessidades de ser feliz. Você faz o mesmo?

Essa foi uma pergunta que acertou em cheio em sua parte mais sensível. Charisse era muito inquisitiva e não era um bom augúrio se ia passar tantas horas nessa casa. E

apenas tinha chegado.

—Eu... —Deixou a xícara de porcelana chinesa sobre o suporte de vidro da mesa de centro—. Minha vida não é fácil. Não sei se tentei ser feliz, mas tento sobreviver.

—Sobreviver é necessário, mas sempre me pergunto se é o suficiente.

—No meu caso, eu não sei...

—Não quero ser intrometida, querida, mas já vi muitas realidades em minha experiência como mulher de negócios, dona de casa, mãe e esposa. O teu olhar, apesar de que sorria não brilha... parece estar carregada de pesar. Eu notei como observas a Hannah. Mais além do carinho existe um anseio. E não tem nada a ver com o fato de que você está apaixonada pelo pai dela.

Abby a olhou boquiaberta. De onde essa senhora tinha tirado essas ideias?

—Desculpe. —Se apressou Charisse em dizer ao notar o rosto pálido da jovem—. Michael costuma dizer que sou um pouco direta —riu com elegância tratando de quebrar o momento incômodo.

—Não sei de onde tirou essas conclusões... —sussurrou.

Charisse suspirou.

—Não as tirei de parte alguma, querida. Estão em seu rosto, no teu modo de observar, falar. Quiçá omiti mencionar que também estudei um mestrado em psicologia clínica.

Então foi Abigail que começou a rir.

—Se tivesse sabido que vinha a uma terapia, teria me preparado com as respostas.

Charisse lhe palmeou a mão com seus dedos de tantos anos, num gesto de compreensão.

—Você me parece uma moça encantadora e acho que ainda está atada a eventos que te tiraram a perspectiva positiva de muitas coisas. Sabe, Abby? No passado minhas inseguranças ganharam de mim muitas vezes, me fazendo perder oportunidades de vida maravilhosas. —Abigail a olhou como se estivesse louca, porque para ela Charisse esbanjava aprumo e confiança—. Eu aprendi com meus erros depois que o tempo passou e isso me deixou mais forte. Vejo em ti um pouco dessa mocinha que eu fui. Isso é tudo. E se posso comentar-te meu ponto de vista, com base em minha experiência para que o tome como um referencial, não tenho inconvenientes em compartilhar pequenas reflexões.

—Não estou apaixonada por Cole —afirmou logo, porque necessitava dizer isso a si mesma, pois seu coração tinha graves problemas de coerência.

Charisse sorriu como se pudesse ver um pouco mais além da superfície.

—Sinto como se te conhecesse a vida toda. Isso me ocorre com poucas pessoas —comentou aludindo a oportunidade de refutar. A moça teria que se dar conta por si mesma, falou a si mesma.

—O sentimento é mútuo —replicou com sinceridade, porque era verdade. E foi então quando Abigail começou a contar sobre seu avô, a perda de seus pais, o *Clube*,

sua vida como professora, seus sonhos de ter uma família, mas omitiu o detalhe mais importante com Rylan. Era fácil falar com aquela mulher alta, de caráter firme, direta e sincera, mas não tinha vontade de relatar-lhe a parte mais dura de seu passado. Depois de ter falado bastante, sentiu como se um grande peso tivesse sido tirado de suas costas.

—Obrigada por tudo que me relatou. Acredito que meu lado profissional é mais que evidente.

—Uma consulta grátis —respondeu com um sorriso.

A empregada da casa dos Templeton entrou nesse momento na sala.

—Senhora, chegou a senhorita Ninette.

—Oh. —Se pôs de pé—. Quase que me esqueço —olhou para Abby—: É a filha de uma de minhas melhores amigas. Estou tratando de formar um casal, ela e meu filho Gerard, mas o boboca saiu de férias para Veneza. —Deu uma bufada que fez com que Abigail risse.

Minutos mais tarde entrou na sala uma moça quase da sua idade. Magra, vivaz, com brilhantes olhos caramelo e cabelo do tom do mogno. Apenas a viu e lhe sorriu amplamente. Foi esse gesto que indicou a Abby por que Charisse gostasse tanto dela que se empenhasse em casá-la com um de seus filhos. Ninette esbanjava autenticidade, alegria, vitalidade, parecia iluminar a sala com seu bom humor.

—Encantada de te conhecer, Abigail —disse quando Charisse fez as apresentações.

—Esqueci-me de um pequeno detalhe, Ninette também é professora.

—Sim? —perguntou Abby.

—Sim, e hoje tenho que ir a uma feira nova que colocaram na cidade, mas queria passar a recolher um pote de biscoitos que Sussy, a chef, me prometeu. Na escola, nós professores temos um projeto que queremos colocar em prática, mas é muito caro. Dou classes em uma escola pública. Eu propus um estande nesta feira para ganhar dinheiro, nenhuma das professoras quis aderir —olhou para Charisse que dava instruções para a chef, que se aproximou nesse momento para perguntar o cardápio do jantar, enquanto as duas colegas conversavam de modo ameno—. Porque estão casadas...

—E que se trata esse projeto? —perguntou Abby olhando com rabo do olho para Hannah que brincava de esconde-esconde.

—É um segredo. Se eu contar para Charisse irá dizer ao conservador de seu filho e ele deixará de falar comigo para sempre.

—Não se dão bem?

—Já tivemos nossas diferenças e por isso ele foi para Veneza. Não quero chatear Charisse com esse imprevisto... —Encolheu os ombros—. Você é casada, essa é sua filha? —perguntou mudando de assunto ao notar para onde se dirigia o olhar de Abby.

—Não —sorriu—, é a menina a que cuido.

—Você mora em Seattle, então?

«Agora sabia por que Charisse queria casá-la com um de seus filhos. Ninette era a

versão juvenil da dona da casa.» Abby não pode evitar sorrir.

—Moro em Baltimore, mas vim porque meu chefe pediu. Me pagam extra, assim que não se discute. Ademais a menina é um amor.

Nesse momento Charisse se desocupou de Sussy, e se aproximou de ambas. —De que tanto falam, queridas?

Ninette mostrou seu sorriso de comercial de pasta de dentes.

—Já que você tem visitas, eu decidi que vou levar a Abigail.

Ela abriu a boca para protestar.

—Me parece uma excelente ideia. —Se adiantou a senhora Templeton.

—Tenho que cuidar de Hannah —protestou.

—Oh, querida, ela tem quatro babás a sua disposição e eu estou aqui. Vá. Aproveita um pouco de seu tempo sem responsabilidades.

—Vamos, Abby... Posso te chamar assim, não?

Ela assentiu.

—Não sei, Ninette. —Se retorceu os dedos. Se Cole ficasse sabendo que tinha deixado sua filha sozinha era capaz de enforcá-la com suas próprias mãos—. Não penso que seja adequado.

—A menina não vai correr perigo —assegurou Charisse transmitindo confiança—. Prometo-te que não lhe acontecerá nada. E Ninette voltará com você em... —olhou para a jovem de rosto oval esperando a resposta.

—Duas horas exatamente —respondeu a moça.

—Quase é hora do almoço —murmurou Abby resistindo. Eram duas contra uma... bom, três, porque seu senso de diversão começava a se assomar solapando-a, mas fazendo-a sentir-se muito forte—. E Hannah precisa de uma dieta especial, porque ontem esteve com dor de estômago.

—Isso nós podemos solucionar rapidinho. Eu criei seis filhos, assim que sei do que estamos falando.

—Se...será? —Se arqueou para ver a Hannah que brincava de um lado para o outro, apesar da fria temperatura. Mas tinha se certificado de abrigá-la triplamente e colocar dois gorros para proteger a cabeça.

—Totalmente —expressou Charisse triunfante.

Essa foi a dúvida de Abby que Ninette Calabressi, descendente de italianos, necessitou para arrastá-la até a área de Kirkland. Especificamente à garagem de uma edificação moderna onde cabiam até cem carros de coleção, mas seu dono os tinha trasladado a outro lugar e essa tarde alugava o lugar para os organizadores do evento.

O evento, segundo pode constatar Abigail, era uma feira para arrecadar fundos de diversas classes e organizações. Tinham-na nomeado de *Fair Trade*. Visava ajudar a trinta causas. Ao que parecia tinham repartido o espaço e feito propaganda durante algum tempo, pois quando chegou ao lugar percebeu que estava bastante cheio. Não se via aglomeração, porque a garagem era imensa, mas era mais do que notória a

receptividade do evento. Ela não imaginava que alguém pudesse ter cem carros de coleção e menos ainda uma garagem gigantesca para eles no meio da cidade. Mas claro, não era milionária, sua situação com carros era em caso de emergência chamar Richard para que ele tentasse reparar o carro.

—E aí? —perguntou Ninette sorrindo quando se detiveram em um estande, cujo chamativo cartas frontal consistia em um par de lábios eletrônicos que acendiam e apagavam em vermelho intenso.

Abby se aproximou mais, pois de longe era tudo o que se via, e não pode evitar rir.

—Está vendendo beijos? Isso é o que pensa fazer para arrecadar fundos para seu projeto na escola?

Ninette assentiu orgulhosa.

—Estou segura que me acharão atraente e a você também.

—Oh, não, não, não! Só vim te acompanhar, mas não penso em me colocar em um estande a vender meus beijos.

—Não seja estraga-prazer, além do mais é para uma boa causa. Nossos alunos terão acesso a sistemas mais rápidos de conhecimento. Anda.

«Impossível», pensou Abigail.

—Te direi o que faremos —começou a negociar Ninette. Charisse a havia chamado antes que Abigail chegara para dizer que essa garota necessitava sair um pouco. E a Ninette não precisavam dizer duas vezes—. Você se encarrega de cuidar desse cabo —sinalizou com resignação, a conexão do estande de cor branco—, para que nenhum idiota o pise e evitarmos assim o risco de ficarmos sem o beijo eletrônico que é a magia do assunto.

«Agora entendia por que Charisse havia escolhido a Ninette. E não era porque se parecesse com ela, como foi sua ideia inicial, senão porque se o tal Gerard era tão conservador como sua colega o havia descrito no caminho a Kirkland, então Ninette era seu antídoto perfeito. Ela era divertida, sagaz, atrevida e bem empenhada para conseguir o que se propusesse. O tal Gerard não teria nem chance.»

—A magia —repetiu Abby observando ao redor as risadas, o barulho, os inventos que vendiam. Tinham estandes de doces, brinquedos, acessórios dos mais variados. Enquanto se acercava to estande de Ninette, Abigail notou que havia um para um hospital que lutava contra o câncer de pele em Seattle. Foi então que pegou sua carteira e se aproximou para deixar quarenta dólares. Que era tudo o que tinha na hora—. Está bem. Eu cuidarei da conexão, enquanto você se diverte beijando a estranhos.

Os olhos caramelo se iluminaram.

—Maravilhoso! —Aplaudiu dando um pulinho antes de colocar-se detrás do estande.

—Sem problemas —disse Abigail, enquanto contemplava ao redor—. Por quanto vende cada beijo?

—Cinquenta dólares.

—Que?

—O brilho labial é caro. —Deu uma piscadinha e Abby gargalhou.

O primeiro interessado nos beijos da faiscante Ninette não tardou em aparecer. Abby riu quando o homem reclamou que pagou por um beijo de cinquenta dólares, ou seja, longo e apaixonado, mas recebeu um que mal sentiu um suspiro. Ninette encolheu os ombros dizendo que era para uma boa causa e que se queria outro teria que pagar de novo. Assim passaram uma hora. Abigail ria dos diferentes rapazes, que não eram muitos, que se acercavam mais por curiosidade. Logo Ninette lhes roubava um beijo e exigia que pagassem que era para uma causa nobre e educativa.

—Ufff isso de dar beijos cansa —disse depois de um tempo, bebendo uma garrafa de *Evian*.

—Mas se apenas passaram oito caras por aqui —replicou Abby imitando a Ninette com sua própria garrafa, mas a sua era de suco de mirtilos.

—É a tensão o que me esgota.

Essa garota possuía uma alegria contagiante que a fazia sorrir com qualquer bobagem que pudesse ocorrer naquela mente atarantada.

—Claro.

—Hey, você cuida do posto? —perguntou de supetão—. Isso de beber água me deu vontade de ir ao banheiro.

Abigail tomou a garrafa de *Evian* em suas mãos.

—Mas você não tomou nem metade ainda. —Apontou para o conteúdo com o dedo indicador.

—Tenho uma bexiga fraca —suspirou teatralmente—. Ande fique aqui, volto em segundos.

Negou ao vê-la afastar-se sem deixar de sorrir. Não restava opção, pois não podia deixar o pote com o dinheiro nem o estande largado como se não fosse nada. Assim que se colocou detrás do painel e foi verificar seu celular. Descarregado. «Ah, não!» Teria que pedir o celular de Ninette emprestado para saber como Hannah estava.

O primeiro que Cole sentiu ao chegar à casa dos Templeton para buscar Hannah foi alívio. Pois morria de vontade de ver como sua filha estava se dando com uma menina da mesma idade e que mal conhecia, em um entorno diferente do seu normal. O segundo que sentiu, ao saber que Abigail tinha saído para passear deixando Hannah sozinha, foi raiva. O terceiro, mais que um sentir, foi um fato; estava muito claro para ele que ia despedi-la assim que a visse.

Charisse tentou convencê-lo de que ela a tinha impulsionado a ir, porque achou-a cansada e comentou que tinha ido a uma feira com Ninette, uma moça que conhecia muito bem. Assegurou-lhe que ambas voltariam dentro de duas horas. Ou seja, segundo o relógio de Cole, estava uma hora atrasada.

—Não fique com raiva, me desculpe Cole. Sua menina foi atendida por quatro babás e eu mesma supervisionei que comesse coisas leves, pois Abby me explicou que noite passada passou mal do estômago.

—Eu não paguei uma viagem de lazer para Abigail, Charisse.

—Mulher, eu te disse que não era bom se meter na vida das outras pessoas, mesmo que seja porque quer ajudar —interveio Michael. Então se voltou para Cole que estava com Hannah nos braços—: Rapaz, desculpe. Ninette é de confiança. Chegarão logo.

—O que acha de ir vê-las então? Assim você ficará mais tranquilo —sugeriu a dona da mansão em que brincavam Danielle e Hannah. Esta última pediu a Cole que a deixasse no piso, pois queria seguir brincando com sua nova amiga—. Nós ficamos com Hannah, não pode tirar a diversão da menina por um pequeníssimo inconveniente.

—Lhe direi exatamente a Abigail o que tem que fazer uma vez que volte aqui —resmungou Cole.

—E o que isso seria? —Charisse se atreveu a indagar, sob o olhar de reprovação de Michael.

—Despedi-la. —com passo firme, Cole saiu da casa e se pôs a caminho da tal feira.

Quando o dono da Corporação Zaga abandonou a mansão dos Templeton, os casados ficaram contemplando como sua neta mais nova brincava com a filha de seu novo cliente.

—Não deveria intervir —disse Michael a Charisse dando-lhe um abraço por trás, e apoiou o queixo sobre os cabelos finos e brancos. Sua esposa resistia a tentar ocultar sua idade pintando o cabelo, pois argumentava que cada mecha grisalha era testemunha de sua luta na vida. Michael intensificou seu abraço, um daqueles reconfortantes e carregados de significado.

—Só queria que ele se desse conta —replicou apoiando-se em seu esposo.

—O tempo fará seu trabalho, meu amor. Você sabe.

—Se não tivesse investigado a Cole Shermann antes de aceitar fechar contrato com ele, quiçá não estivéssemos nesta situação. De algum modo você colocou o caso em minhas mãos.

Michael riu.

—Querida teus ideais românticos sempre me surpreendem, mas esse jovem poderia ser um de teus filhos. E se pensar nisso, eles não acham graça que você intervenha na vida deles.

—Se Abigail não tivesse aparecido naquela noite, quiçá não estaríamos tendo esta conversa. Às vezes tem que ajudar um pouquinho, carinho. Os olhares falam muito, e Cole e Abby tem muito que falar. Só foi um leve empurrãozinho. Ademais Ninette me deu uma mão.

—Você é impossível.

—Por isso que você me ama —replicou em tom confiante e de flerte sentindo a

risada detrás dela.

—Nunca duvide.

Capítulo 11

Abby observava o relógio constantemente. Ninette não voltara ainda do banheiro e já tinham passado vinte minutos desde que tinha ido. Não tinha como chamá-la, assim que tentou compor um sorriso. Depois de tudo o dinheiro era para uma boa causa.

—Oi. Um beijo é muito caro? —perguntou um homem muito simpático. Usava jeans desgastados, uma camisa café ajustada a sua silhueta espetacular e um sorriso que desarmava qualquer um. Mesmo que não pudesse qualificá-lo como muito bonito, ele irradiava alegria e seu modo de sorrir era cativante.

Ela devolveu o sorriso.

—A pessoa que dá os beijos foi retocar a maquiagem.

—Sou Mac. —Esticou a mão, e ela a apertou.

—Abby.

—Uma pena que não seja você a que dá os beijos, pois adoraria contribuir para causa do seu estande.

Ela riu.

—Ou talvez sim? —perguntou Mac se aproximando. O aroma da loção pós-barba agradou a Abigail—. Cinquenta dólares?

Olhou nos olhos verdes que lhe sorriam.

—Eu não sou a que...

—...dá os beijos, eu sei. Mas quem sabe podia me dar um de presente? —expressou flertando—. E contribuiria para minha causa.

Abigail começou a rir.

—E qual seria essa, Mac? —Flertar não era seu forte, mas se sentiu bem ao fazer. Era divertido. E em meio de todo o burburinho dos estandes, a música e tudo mais, relaxou. Decidiu seguir com a corrente. Ademais, o que de mal podia ter em um beijo?

—Ajudar a que um homem que viu a garota mais bonita em muito tempo se satisfaça dando-lhe um beijo.

Ela estava alheia a um olhar escuro que a observava aproximava com passo rápido. Cole detestava multidões. Por isso preferia trabalhar com computadores. Era o mundo da lógica e dos algoritmos contra sua engenhosidade. O ritmo frenético daquela garagem o deixou de mau humor. Somado ao que trazia desde a casa dos Templeton, e se terminou de azedar quando viu um homem se inclinando para beijar Abigail.

O que acontecia na cabeça dessa mulher? Acelerou o passo e chegou justo antes que os lábios de Abigail se unissem aos daquele sujeito.

—Mas que demô...? —Mac não concluiu a frase quando sentiu uma mão empurrá-lo para o lado. Desconcertado se impulsionou para empurrar ao desconhecido que tinha interrompido seu beijo.

—Não chegue nem perto. —Cole quase grunhiu como se fosse um leão cuidando sua presa—. Tem certas obrigações que deveria estar cumprindo e não consistem em

beijar a qualquer um.

Abby não conseguiu falar.

—Cole... —Chamou-o em um tom que soou estridente demais quando a surpresa de vê-lo ali começou a diminuir. Ele girou e com o olhar lhe disse tudo o que suas palavras não podiam. Fúria? Nah! Uma palavra suave demais para descrever a raiva que tinha esse homem que a deixava louca. E louca em todos os sentidos da palavra. O que ele fazia ali?

—Hey! Calma amigo —disse Mac levantando as mãos em sinal de paz. Não gostava de se meter em problemas de casal—. Ok, bonita, antes de flertar comigo podia ter avisado que tinha namorado —expressou com acidez olhando para Abby que estava ruborizada dos pés à cabeça.

—Ele não...

—Fora —voltou a dizer Cole.

O agradável homem que minutos atrás havia feito sorrir deu de ombros e saiu dali. Mac teria gostado de empurrar de volta aquele imbecil, mas tinha que pegar um voo de volta para a Austrália, assim que saiu caminhando com a mesma soltura com que encontrou o estande da linda moça.

Se por acaso tinham sons ao redor, Abby não escutava. Seus sentidos estavam paralisados pela esmagadora presença de Cole. Ele começou a caminhar para ela, que atinou —erroneamente, claro— tentar proteger-se detrás do estande. Aquela barreira que só serviu para que Cole avançasse, até que a teve contra o tamborete da estrutura de costas para a multidão.

—Muitos beijos, senhorita Montgomery? —perguntou em tom perigosamente suave, depois ter reparado com irritação no pote que continha várias notas de vinte dólares.

Abby engoliu em seco.

—Eu, não...

—Não te pago o suficiente que tem que vir vender teus beijos? Você quer um aumento de salário? —Ela negou com nervosismo—. Não te trouxe em uma viagem de férias. Veio a trabalho. —Começou a soltar cada frase com um cortante tom de voz—. Te estou pagando o dobro. Sabe que minha filha é tudo para mim, mas não pensou duas vezes antes de deixá-la jogada e vir se exhibir como uma qualquer. Não é?

—Cole... —disse com advertência e conteve as vontades de dar na cara dele uma bofetada porque era o que ele merecia. Conteve-se tão só porque sabia que falava sob a influência da raiva e não estava pensando direito, mas se insistisse, então sairia dela a mulher que costumava enfrentar aos problemas de outro modo distinto da compreensão—. Não passe dos limites.

Ele negou com a cabeça. Sentia-se furioso. O pior era que não se tratava de Hannah. Nesta ocasião tinha que ver com a imagem da tentadora loira a ponto de beijar a outro. Porque essa ideia lhe trouxe à mente sua relação com Celeste e sua traição. E odiou Abigail por fazê-lo sentir-se um idiota. Mas tinha que recordar que não era Celeste.

«Não era Celeste.»

—Você tem uma responsabilidade, Abigail! —Colocou uma mão de cada lado de Abby, sobre o tamborete branco de plástico, perto de sua cintura.

—Hannah ficou com os Templeton, só vim por um instante. Já ia voltar —sussurrou intimidada pela proximidade do corpo masculino que estava inclinado sobre ela. Se recostou um pouco para tentar colocar alguma distância, mas ele a encurtou uma vez mais—. Não era eu que estava dando beijos... —Se atreveu a dizer.

Cole bufou.

—Agora vai tentar me fazer passar por um idiota que não tem a mínima capacidade interpretativa?

—Não... não...

—Quanto? —sussurrou muito perto de seus lábios. Perto demais.

—Não entendi.— Tinha o cérebro embotado por causa de seu aroma masculino. Como queria que ela articulasse ideias dentro da sua cabeça se seu nariz a deixava desnorreada com o seu cheiro?

—Quanto você está cobrando por um maldito beijo?

—Já te disse que eu não...

—Não importa. —isso foi o único que disse antes de acabar com os milímetros que os separavam dela e apropriar-se desses lábios carnudos e sedutores que o mantinham à beira do descontrole. O primeiro roçar de seus lábios foi firme, mas se dedicou a recorrer os lábios com a língua, perfilando-os. Ela despertava um anseio incontável de querer conquistar seus gemidos, e de que gritasse seu nome. Queria ver esse cabelo sedoso espalhado nos travesseiros de sua cama, desejava observar as curvas que suas mãos percorreram sobre a roupa, à plena luz e embeber sua memória dessas imagens. Sobre tudo não queria saber que outro se aproximasse dela. Impressionava-se como ela era capaz de estimular seu lado possessivo.

—Cole... —sussurrou quando sentiu que ele mordida seus lábios. A língua de Cole buscava vorazmente a sua, para submergir em sua doçura. As mãos masculinas pousaram em suas cadeiras e iniciaram a ascensão até a cintura.

—Shhh —murmurou contra os lábios de Abby. Ela tinha um sabor tão condenadamente bom. Não pode evitar deslizar as mãos até alcançar a curva inferior de seus seios. Morria de desejo de tocá-los, pele com pele, tirar essa maldita camiseta, abrir esse sutiã e se apropriar daquele promissor paraíso que seus dedos apalpavam. Os tomou completamente, apertando-os entre seus dedos e a escutou gemer—. Só me dê um pouco mais... isso é, abre mais a boca Abby. Assim... —Se friccionou contra ela demonstrando que seu membro ereto estava muito de acordo com a política de não resistir à atração mútua. Nunca uma mulher havia conseguido excitá-lo desse modo.

Ela não o decepcionou. Com uma fome sensual surgida de seus mais profundos anseios, Abigail colocou todo seu fogo e paixão nesse beijo desesperado. Era um intercâmbio desafiante, ávido e profundo. Ele agarrou as costas ligeiramente arqueadas

de Abby, e com a outra mão massageou um de seus seios plenos.

—Você é uma tentação constante para mim —disse contra os lábios deliciosos. Abby acariciou a face de Cole e gemeu. Arquejante, Cole, deslizou as mãos até o traseiro feminino. Nesse instante o olhar de ambos se conectou num nível diferente, mais profundo; profundo demais. Um estremecimento recorreu as costas de Abigail; se sentia molhada, desavergonhada, e absolutamente feminina.

—Uau! —exclamou uma voz nas suas costas—. Abby, garota, por esse beijo o estande merece uns mil dólares.

Abigail se separou de Cole com um sobressalto. Tinha as bochechas ruborizadas, os lábios inchados e o coração saindo pela boca.

—Ninette —disse Abby ao ver a amiga de Charisse que sorria de orelha a orelha, enquanto Cole mantinha os olhos impassíveis e carregados de satisfação masculina. Ela quis lhe dar um empurrão para tirar essa pose de autossuficiência.

—Assim que você é a cúmplice —expressou Cole de modo encantador conseguindo que Abigail franzisse o cenho. Ao parecer a fúria de vê-la ali acabava de evaporar. «Estaria interessado pela desinibida Ninette?», se perguntou Abby quando sua respiração voltou ao normal, ainda que sua pele ardesse e tivesse os lábios sensíveis pelo beijo que acabavam de dar—. Cole Shermann. —Estendeu a mão, e a vivaz dona do estande a apertou sem deixar de sorrir. «Charisse não se enganou», pensou com satisfação, Ninette, depois de presenciar o tremendo beijo; de fato, se surpreendeu que ninguém ao redor tivesse se fixado o suficiente.

—Nah, não sou a cúmplice, senão a que dá os beijos. Sou Ninette Calabressi. —Ele sorriu, mais de alívio ao confirmar que Abigail não estava vendendo beijos a nenhum imbecil, e também sorriu de regozijo por ter chegado a tempo e impedido que Abby substituísse Ninette no estande—. Mas Abby ao que parece tem muito em mente a necessidade escolar arraigada e se uniu louvavelmente a causa —soltou com uma risada, ante um gemido afogado de Abby—. O dinheiro que arrecadamos é para a escola pública na que trabalho. Um novo projeto —explicou. Ele assentiu.

Cole procurou em seu terno. Sacou o talão de cheques, e em um rápido movimento escreveu com seu *Montblanc* no papel.

—Aqui está, Ninette. Espero que com isto Abigail possa voltar aos seus serviços de babá e professora de minha filha. —Lhe entregou o cheque.

A moça desdobrou o cheque e conteve uma exclamação tapando a boca com a mão livre.

—Uau —disse olhando a quantidade escrita no documento—. Abby, se eu soubesse que este homem tinha pensado em vir teria te colocado desde o início a dar beijos. —Riu. Então fez um silvado nada elegante com a boca ao ler novamente a quantidade escrita—. Tem certeza? —perguntou olhando a Cole.

—Você me disse que é para que as crianças aprendam coisas novas. Assim que é minha contribuição. A educação é importante.

—É que dez mil dólares...

—O que?! Está louco? —Saltou Abigail e olhou a Cole sem ocultar sua surpresa. Seus olhos negros se cravaram nela. Um olhar penetrante, intenso, possessivo.

—Teus beijos não tem preço.

—Mas...

Ninette sorriu a ambos.

—Oh, podem ir, eh, eu ainda tenho que esperar a uns amigos que virão para organizar algumas coisas —explicou Ninette.

—Perfeito, vamos. Que siga indo tudo em ordem —replicou Cole, e sem permitir dizer mais nada, tomou da mão a Abby e começou puxá-la em direção da saída, enquanto Ninette sorria ao vê-los se afastar.

—Foi um prazer! —exclamou quando os viu desaparecer entre as pessoas.

Durante o trajeto no automóvel, Abby se manteve com o olhar na janela. Estava nervosa, excitada, confusa. No ar se respirava inquietação. Cole estava concentrado em dirigir, mas não a enganava; estava convencida de que novamente ele faria de conta que nada tinha acontecido entre os dois. Depois de semelhante beijo, ela tampouco estava preparada para assumir sua indiferença, assim que preferia ser a primeira em pretender estar alheia ao ocorrido naquele estande.

—Deixe de elucubrar tanto —disse Cole de pronto interrompendo as conjecturas as que ela se aferrava. O semáforo estava vermelho. Ele girou a cabeça para olhá-la. Abigail não tinha outra opção que olhá-lo também—. Lamento ter te beijado assim na frente de toda essa gente...

«Pois então ele lamentava. Bem. E ela estava certa, ele iria fazer de conta que não tinha ocorrido nada. Já estava farta dessa idiotice.»

—De acordo —replicou com indiferença.

Ele quis estar do outro lado para terminar o que haviam começado. Era frustrante tê-la tão perto e tão longe ao mesmo tempo.

—É tudo o que vai dizer depois desse beijo?

—Então você quer conversar? Porque nas últimas ocasiões você simplesmente fez de conta que eu não existia, e tampouco o que acontece quando nossas bocas se unem.

Ele apertou os dentes.

—Não quero complicações.

«Como se ela quisesse.» Abigail soltou um suspiro cansado.

—Eu não saí por aí como um Neandertal tentando demarcar território, e erroneamente, é claro, porque como você sempre disse, eu sou só a professora de Hannah. O erro então é seu, não meu, assim que Cole, economize seus arrependimentos e a sensação de claustro masculino, porque não aconteceu nada. Se você já o esqueceu, que bom. Eu também.

O semáforo ficou verde. E ele, em lugar de replicar ou dizer que o beijo não foi um erro e que ela não o tinha entendido, acelerou fazendo cantar os pneus sobre o pavimento. Ela deu de ombros sem permitir que aquela estúpida atitude a afetasse. Ou ao menos tentou.

—Abby, Abby! —gritou Hannah de alegria quando a viu entrar, e se lançou em seus braços. Ela a recebeu com um sorriso—. Danielle e eu comimos *cupcakes*. —Acariciou a barriga com as mãozinhas—. São gostosos. Quer provar um?

Cole entrou sombrio na casa dos Templeton, que o receberam sorridentes e pretendendo não perceber a indiferença de Abigail para com seu chefe.

—Claro, meu bem. Vamos —disse com alívio, pois era sua saída para afastar-se da energia esmagadora que Cole exalava.

—Você a despediu? —perguntou Charisse quando Abigail desapareceu pelo corredor com as meninas, e as babás de Danielle.

—Não —respondeu parco, e Michael deu uma discreta cotovelada em sua esposa.

—Vamos a tomar um chá quente, o que acha, querido? —perguntou a anfitriã.

Cole não quis parecer mal educado, assim que aceitou, ainda que tivesse vontade de ir embora. Cinco minutos mais tarde se encontrava enredado em uma interessante conversa sobre finanças e delitos cibernéticos com Michael, e escutando as sugestões para a área de recursos humanos da parte de Charisse.

A noite chegou rápido, e Hannah apareceu cansada no salão onde seu pai e os donos da casa conversavam. Abby estava ao seu lado, enquanto segurava a mão da pequena Danielle.

—Papai, Danielle quer que eu fique para dormir hoje com ela. Posso, posso, posso?

—Não, princesa. Você tem que dormir no hotel com Abigail.

—Porfavooooooooor.

—Siiiiim —apoiou Danielle—. Por favor, senhor Shermann... porfaaa.

—Não insista, Hannah —replicou com tom sério procurando não observar Abby. Como era possível que apesar de brincar com sua filha o tempo todo, suportá-lo —porque reconhecia, tinha sido arrogante com ela—, e além de ajustar-se a uma viagem de negócios, Abigail pudesse parecer tão fresca e bela?

—Cole, não se preocupe, ela estará em boas mãos —interveio Charisse. Michael revirou os olhos. Sua mulher não parava nunca—. Creio que será bom que depois de dois dias de estar com tanto estresse descanse um pouco. Verdade, Michael?

—Claro. —O que podia dizer a Charisse? Era incorrigível.

—Papaiiii.

—Ademais a pobre Abigail terá tempo de ir ao SPA para uma massagem, ter algum tempo para si mesma. Não te imagino como um chefe explorador, Cole —comentou Charisse, colocando a sua neta sobre as pernas.

—Eu gosto de cuidar de Hannah, não é nenhum problema —interveio Abby

consciente de que Cole não era partidário de receber conselhos. Não sabia sequer por que demônios tinha que opinar quando era evidente que deveria ignorá-lo. Por outra parte, ao escutar a palavra *SPA* criou esperanças, pois tinha uma terrível dor nas costas; a tensão geralmente se acumulava nessa parte do corpo e depois dos meses de contratempos uma massagem relaxante seria uma maravilha.

Ao se sentir incomodamente observado, Cole não teve alternativa além de ceder. Sabia que sua filha estava em boas mãos, mas ainda assim tinha receio separar-se dela em uma cidade estranha. A contragosto aceitou as palavras de seus anfitriões de quão importante que era que uma menina pequena interagisse com outra, apesar de encontrar-se em um ambiente alheio ao habitual, pois segundo Charisse isso ajudava as meninas a amadurecer e sentirem-se confiantes.

—Seja boa —disse dando um abraço forte em Hannah e deixando todo seu amor nesse pequeno corpinho que levava seu DNA—. Não faça travessuras e não dê problemas. De acordo, princesa?

—Sim, papai —expressou feliz antes de ir onde estava sua babá e abraçar-se à suas pernas. Abby se inclinou, a tomou nos braços e lhe deu um beijo de despedida. Segundos mais tarde, Hannah se afastou de todos e subiu correndo as escadas para ir ao quarto que compartilharia com sua nova amiguinha que corria na sua frente; ambas iam seguidas pelas babás da casa Templeton.

—Não se preocupe, Cole, amanhã poderá buscar a pequena pela manhã. Estará tudo em ordem. Se ficar inquieto, apenas telefone —disse Charisse já a modo de despedida, quando Cole tentou fazer sugestões sobre como deveria tratar a Hannah para que não tentasse ficar desperta toda a noite brincando.

—Certo —replicou relutante e saiu da casa, não sem antes ser seguido por Abigail que o olhava como se ele fosse um enfeite a mais da casa. Isso o enfureceu mais ainda, mas não disse nada e se concentrou em dirigir o carro alugado até chegarem ao hotel.

No hotel não lhes restou opção além de subir juntos no mesmo elevador, pois os quartos de ambos estavam no mesmo andar. Em um incomodo silêncio, que nenhum se atreveu a interromper, se dirigiram a suas suítes. Cole assentiu com a cabeça a modo de despedida, e desapareceu atrás da porta.

Abigail estava furiosa, mas mais do que isso, frustrada. Tinha toda a intenção de seguir o conselho de Charisse e iria ao SPA do hotel. Atendiam até às dez da noite e ainda restava tempo. Deixaria a conta e a gorjeta generosa para ser cobrada na Suíte Olympic. «Tome isso chefe e assumo os gastos pagas que me ofereceu», pensou com regozijo.

Com um grande sorriso organizou a roupa de Hannah na mala, e logo a sua. Antes de descer, tomou uma ducha e depois colocou o roupão do hotel. Era grosso e

quentinho. Com ânimo renovado ligou para a sala de massagens para pedir uma com pedras quentes.

Ia abrir a porta de seu quarto quando, minutos depois de falar com o SPA, tocaram a porta. Topou com um mensageiro muito magro. Olhou-a com solenidade e uma expressão de ligeiro pesar nos olhos. Ou isso Abigail achou.

—Senhorita Montgomery? —Inclinou a cabeça a modo de cumprimento.

—Sim, sou eu. —Leu a insígnia com o nome do mensageiro. C. Friedrich.

O homem sorriu e se marcaram várias rugas no rosto.

—Este fim de semana, por ser feriado na segunda-feira, pelo dia dos Presidentes estamos bastante lotados. Sei que não é desculpa, mas houve um pequeno erro na área de reservas.

—Não compreendo —expressou cruzando os braços, confusa—. Que tipo de erro?

—Bom, veja. Uma das moças da recepção é nova, e pensou que você deixaria o hotel hoje e autorizou abertura de reserva para registrar outra pessoa nesta suíte.

Ela ficou boquiaberta.

—Não terei onde dormir? —Levou instintivamente a mão ao cinto do roupão.

O homenzinho endireitou sua postura.

—Errr... antes de falar com a senhorita ligamos ao senhor Shermann, pois é quem recebe todos os gastos em seu nome. —Ela assentiu e soube que não gostaria do que vinha pela frente—. Explicamos-lhe o ocorrido e —esboçou um sorriso como desculpa—, nos expressou que não seria nenhum inconveniente em que a senhorita se transferisse para a Suíte Olympic. De verdade, senhorita Montgomery que estamos sumamente apenados. Em compensação por este inconveniente os gastos a partir de agora até sua partida correm por conta do hotel.

—Ia para o SPA para uma massagem...

—Temo que isso também tenha de ser cancelado.

—Como assim?

—Tiveram um pequeno vazamento e cancelaram todas as reservas até amanhã. De verdade, jamais nos havia ocorrido algo assim, estamos sumamente consternados e apenados. Por favor, sinta-se na total liberdade de consumir o que deseje. O hotel não cobrará por nada.

—Eu... obrigada, senhor Friedrich. —Sentia como se tivessem jogado um balde de água fria em cima dela. Claro que ia a colocar tudo da conta do hotel, mas se perguntava como iam poder custear o ataque de nervos que começou ter nesse instante frente a perspectiva de dormir na mesma suíte de Cole.

—Estas pessoas estão aqui para ajudá-la. —Ela não as tinha visto, tão absorta estava nas notícias que acabava de receber—. Vão levar sua bagagem para a Suíte Olympic. Tudo bem?

—Sim... sim... —O que mais podia dizer se todo o hotel estava ocupado? E mesmo que houvesse espaço, os preços para ela eram proibitivos, e pagar um quarto era um

luxo que não podia se permitir, porque esse dinheiro era para as dívidas e gastos da casa.

Com um assentimento, o homem se retirou com andar pausado. Abigail indicou aos demais membros do hotel que levariam suas malas para a Suíte Olympic onde estavam suas coisas. Agora não só tinha uma terrível dor nas costas, mas também a sensação de que o universo estava conspirando para brincar com ela... ou tentá-la.

Capítulo 12

Quando observou os carregadores entrar em sua suíte, acompanhados do rosto consternado de Abigail, Cole conteve um sorriso e fingiu ler seus informes econômicos. Suas reticências com as mulheres, devido a seu passado pessoal, incidiam muito em seus desejos pessoais. O matrimônio com Celeste o tinha marcado, e o certo era que não buscava uma aventura com a professora de sua filha, mas não podia negar que se havia convertido em uma tentação constante. Quiçá se essa noite a seduzia poderia se desfazer daquela absurda necessidade de aspirar seu aroma e sentir sua pele que o estava deixando louco.

—E então? — Aquela foi a saudação que Abby lhe deu quando entrou na suíte. Cole baixou as páginas que tinha entre as mãos para deixá-las repousar sobre a mesa. Olhou-a sorrindo ao comprovar seu mau gênio.

—Boa noite para você também, senhorita Montgomery.

Ela cruzou os braços.

—Estou esgotada e preciso descansar. Espero que você se digne a deixar a cama para mim. —A dor nas costas estava aumentando, mas conteve a vontade de esticar-se para trás. A ideia de estar de roupa íntima sob o roupão já era o suficiente para aumentar seu embaraço. Supunha-se que estava pronta para uma massagem, não para se encontrar em meio de um quarto que não era seu com um homem que a enervava... a excitava—. Já suportei bastante hostilidade de tua parte, e acredite que como chefe você deixa muito a desejar.

Cole se pôs de pé, entregou uma generosa gorjeta aos carregadores, e então se recostou contra a porta, enquanto ela permanecia no centro da antessala.

—Você acha? —Deu seu sorriso malandro. Abigail fingiu não notar, mas os delicados dedos de seus pés se encolheram—. Escute, não quero que interprete mal minha atitude de agora a pouco, na casa dos meus clientes —expressou com suavidade.

O olhou com o cenho franzido, e o deixou continuar.

—Lamentei te beijar na frente dessas pessoas e foi porque não quis fazer um espetáculo de um momento que devia ser privado. Então me senti frustrado porque estávamos na casa dos Templeton e não podia falar contigo para esclarecer isso.

Começou a se aproximar dela. Abigail engoliu em seco. «Estava escutando bem?»

Cole usava calças caqui de algodão, estava descalço, e a camisa branca com três botões abertos. Mas o que verdadeiramente a deixava nervosa era esse olhar escuro, profundo e sedutor. Por instinto ajustou mais o cinto do roupão.

—Poderia ter falado durante o trajeto de volta ao hotel —se queixou—. Ademais, o modo que você me tirou do evento me pareceu ridículo.

Ele sorriu e inclinou ligeiramente a cabeça para um lado, estudando-a.

—Esse desconhecido não tinha nenhum direito a querer te beijar.

—Ah, e você sim? — replicou cruzando os braços.

—Espero ganhar muito em breve esse direito —assegurou com um brilho suspeito nos olhos. Ela engoliu em seco, mas fingiu não ter entendido o que ele quis dizer, e preferiu insistir em sua irritação pelo modo que Cole havia se comportado com o bonito estranho algumas horas atrás.

—Foi a demonstração mais troglodita que já presenciei.

Cole riu, porque era verdade. Nem ele podia explicar semelhante estupidez de sua parte. Tinha idade suficiente para controlar-se, mas havia algo nela que o impulsionava a dizer e cometer bobagens. E a queria manter longe por isso, mas ao mesmo tempo a desejava loucamente contra sua pele nua.

—Trabalhas para mim.

—Mas não pertencço a você.

—Não falei isso —replicou com suavidade—. Devia ter ficado com Hannah.

—Admito que quiçá fosse uma decisão ruim, mas jamais teria feito se ela estivesse em uma circunstância que lhe causara algum dano. Não acho que você seja uma pessoa que confiaria sua empresa a qualquer classe de cliente, por isso pensei que deixar tão só um par de horas Hannah com os Templeton não teria problema. E sou livre para beijar a quem eu tiver vontade, Cole Shermann.

—Você é? —perguntou com um tom que distava muito de estar irritado.

—Sou sim —respondeu. «Por que, demônios, tinha que existir um vazamento de água justamente quando ela uma massagem?».

—Escuta, quis que a raiva passasse e então pretendia te convidar para tomar alguma coisa. Mas ao que parece, as circunstâncias tomaram outro caminho. —Fez um gesto com as mãos para abarcar o espaço que os rodeava—. Assim que aqui estamos.

—Suponho —resmungou perguntando-se se por acaso o som de seu coração bombeando com desespero não se escutaria no silêncio do quarto. As luzes tênues eram acolhedoras e a temperatura da suíte era agradável demais. Se a isso se somava o perfume de Cole e sua postura, então podia dizer que estava em um grave problema.

—Você está tensa demais. — Cole acariciou com a mão os cabelos ainda úmidos quando finalmente chegou até Abigail. Ela se sobressaltou—. Te deixo nervosa?

—Não provoque algo do que logo vai se arrepender. — O olhou refletindo seu medo à rejeição e suas inseguranças. Algo que ele não conseguia entender.

Ele se inclinou e beijou o elegante pescoço.

—Você acha que vai se arrepender? —o halito quente eriçou a suave penugem da nuca feminina e Abby sentiu como a sensação se estendia por sua pele. Os mamilos se apertaram eretos contra o tecido do sutiã de seda azul, e ela mordeu o lábio inferior para conter a vontade de pedir que ele se afastasse. Havia bastado que ele a tocasse, a envolvesse com sua voz profunda e inundara sua visão com sua masculinidade para que a irritação da tarde se evaporasse como a fumaça de um incenso.

—Eu não sei.

Ela gostaria de perguntar o mesmo para Cole, mas ele se adiantou falando.

—Experimentemos então, doçura... —sussurrou aproximando-se da sensual boca feminina. Ele mordiscou com os dentes o lábio inferior que segundos antes ela havia mordido com nervosismo. Cole fechou os olhos degustando o sabor, desfrutando da textura e o calor. Ela também fechou os olhos deixando-se levar, permitindo-se abrir seus lábios à língua travessa que se introduziu em sua cavidade. A provou, desfrutou e então a possuiu.

Abigail elevou as mãos até colocá-las na nuca de Cole, apertou o corpo contra o seu, enquanto sentia os embates pausados, mas dolorosamente sensuais da boca masculina. A prova da excitação de Cole se sentia através da roupa, e ela afogou um gemido ao saber, consciente de que era a causa disso. As mãos firmes e fortes começaram a acariciar o quadril de Abigail, e ela sentiu que o fogo se expandia a cada célula de seu corpo.

—Te desejo, Abigail. Não estou disposto a sufocar isso que me consome. Você se arrependerá...? —insistiu na pergunta, ao terminar o beijo com tortuosa lentidão, tomando-a pelos ombros para que não fugisse do seu olhar. Ela conectou os olhos azuis brilhantes com as gemas escuras e perigosas.

E foi essa voz rouca, o contato das mãos fortes sobre seus braços e o aroma tão masculino de Cole Shermann, o que terminou de fundir suas defesas.

—Eu... não. Não vou me arrepender. —Porque era verdade. Quiçá fosse a maior idiotice, mas não podia negar que tinha se apaixonado por ele. Era um homem com um grande senso de responsabilidade, doce em momentos, impetuoso em outros; um pai atencioso, além de ele mesmo ter construído sua fortuna. E se pudesse ser mais perfeito, ao invés de parecer um gênio dos computadores, ele parecia mais com um modelo daqueles que saíam esbanjando virilidade em revistas como *GQ*. Gostava quando Cole pensava que ela não percebia como ele falava com sua filha com aquele tom tão doce, ou quando o pegava em flagrante —antes de ir para casa com seu avô—, pintando com dedicação alguns dos desenhos da tarefa de Hannah. Podia ser duro e às vezes hostil, mas os pequenos gestos que havia visto nele contradiziam totalmente essa impressão.

Com um gemido triunfal ante sua resposta, Cole voltou a beijá-la, enquanto suas mãos se desfaziam do chato roupão. Qualquer impedimento para tocá-la era um estorvo. Começou a beijá-la por todas as partes, o pescoço, os ombros, o vale de seus peitos, a cintura, o ventre suave, as cadeiras, o contorno interno de suas pernas esbeltas e o suave arco do delicado pé. Ansiava embeber-se de seu aroma, seu tato. Tocava-a com ânsias e desespero como um homem acostumado a reprimir-se continuamente e ante o qual se abria a porta da felicidade e da liberdade. Memorizou curva, cada pedaço de Abby, com seus dedos.

Ela enterrou as mãos nos cabelos espessos da cor da noite sentindo como a pele vibrava, e seus nervos a consumiam pela ansiedade de prová-lo todo. O toque de Cole era urgente, tirava o fôlego e ela desejava que voltasse a beijá-la na boca. Estar de roupa íntima na frente dele, sentindo como a adorava com as mãos quase foi sua

perdição. Sentia frágil, uma deliciosa e gloriosa fragilidade.

Sentia-se inquieta por não saber como responder à onda de paixão que a invadia, tinha medo de não saber responder a um homem que era evidentemente mais experiente que ela; experimentava medo ante a possibilidade de que Cole comesse notar os defeitos que Rylan tanto falava sobre seu corpo. Também tinha medo de que a visse nua e que a sensação de sentir-se menosprezada voltasse a danificar sua autoestima; uma autoestima que tanto tinha custado reconstruir desde as bases, e ainda continuava naquele lento processo de trabalho pessoal.

Cole a sentiu ficar tensa quando tocou a evidente umidade que jazia sob o tecido da calcinha. Pensando que quiçá se devia a uma sensação normal de antecipação, pressionou ligeiramente o centro feminino e começou roçá-lo. Os movimentos do quadril foram imediatos, mas lhe parecia que ela estava algo incômoda, o que era uma resposta estranha. Deixou de beijar a pele acetinada dos ombros e se endireitou totalmente tomando-a pelas mãos. Notou que tinha nos olhos azuis vestígios de lágrimas não derramadas. Ficou preocupado.

—Abby... —pronunciou o nome com doçura—, o que foi, meu bem? —indagou com a respiração irregular. Colocou seu rosto contra o de Abigail.

Como dizer? Como soltar uma parte de seu passado tão difícil...? E ele estava se mostrando tão solícito e apaixonado, pensou confusa. Cole não a pressionava...

«Porque não te viu nua», gritou uma vozinha dentro dela. «Não te ensinei o suficiente na cama ao que parece... ou você é uma aluna tão ruim?». «Se olhe no espelho, nota isso? Quando te conheci você era mais esbelta. Não que eu queira te criticar, você sabe que gosto de você, mas...». As frases que Rylan costumava falar sobre seu corpo vieram à tona novamente, insistentes, cruéis.

Olhou-o nos olhos.

—Não me é fácil ficar íntima com um homem... temo não te dar prazer e que se sinta decepcionado, ou que eu me frustrar... Prefiro parar as coisas agora a escutar que te recrimines ou me recrimine... perdoe-me Cole —balbuciou colocando a palma direita na face masculina—. Desculpe.

Como podia não se dar conta de que apenas olhar para ela era suficiente para desejar recriar com ela todas as suas fantasias? Como não era consciente do efeito obnubilador que tinha, que o fazia chegar ao ponto de comportar-se como um estúpido, ao invés do homem racional que costumava ser? Como não notava que tê-la perto, como nesse instante, o aprazia para além da razão?

Tomou o perfeito rosto entre suas mãos bronzeadas e grandes. Acariciou com os polegares as lágrimas que se derramaram. Não precisava ser um gênio para perceber que tinha um bastardo em seu passado que a machucou o suficiente para que ela se sentisse tão insegura. Não era hora de pressioná-la para que contasse, mas como era um gênio em informática ia estudar todos os detalhes do passado de Abigail até encontrar ao culpado.

—O que você sente? —perguntou tomando a mão entre as suas—. Sente como você faz meu coração bater desse jeito? —Levou os dedos de Abigail até seu peito para demonstrar. Ela o olhava com olhos nublados, sonhadores e também carregados de insegurança—. Você sente como cada vez que te tenho perto certa parte de minha anatomia enlouquece? —Deslizou a mão feminina por todo seu dorso, até deixá-la exatamente sobre seu sexo intumescido e dolorosamente excitado—. Você percebe, não percebe?

—Cole... —disse quase sem fôlego sustentando o olhar, e cativada totalmente pelo modo que ele falava com ela, pela intensidade de seus olhos escuros e a vitalidade que cada poro desse corpo perfeito exalava.

—Me toque —pediu sem tirar a pressão que mantinha sobre a mão de Abigail, que a sua vez cobria sua potente ereção—. Faça.

Sem deixar de olhá-lo, obedeceu. Primeiro o acariciou com suavidade e o sentiu endurecer-se ainda mais contra seus dedos. Tocou cada parte que estava ao seu alcance. Com certa timidez, conhecendo-o e absorvendo-o. Enquanto ela o tocava sobre o tecido das calças, o sentia se controlar, sem emitir mais que um gemido de excitação conforme ela ia mudando a pressão de seus dedos. Uma das mãos de Cole começou a acariciar um de seus mamilos sobre a seda do sutiã e então ela se deteve.

—Não, não pare —disse com voz rouca.

—Cole...

—Você é maravilhosa. Poucas vezes me deslumbrei, acho que nunca na verdade, por uma mulher tanto como por você.

O coração de Abby se agitou, e a sinceridade das palavras de Cole penetraram em sua pele. As acolheu em sua mente e seu corpo deixou de temer a rejeição. Não totalmente, mas era um começo. E sabia que ele lhe ensinaria. Deus, essa certeza era o que a permitia manter-se em pé na frente dele, sem ceder à vontade de girar e se esconder em algum canto.

—Sim...?

—Jamais duvide. Nunca.

—Oh, Cole... —sussurrou se perdendo em seus olhos negros.

—Não te vou pressionar. Vamos ao teu ritmo. Até onde te sintas à vontade. Se não quiser continuar, eu me deterei, mesmo que tenha certeza de que será um esforço brutal. —Lhe deu um beijo suave que reafirmava suas palavras, pois esse contato estava carregado de ardor e promessas—. Você tem curvas perfeitas, cada pequeno pedaço da sua pele é deliciosa.— Enquanto falava a acariciava com reverência—. E creio que você apareceu para me torturar de todos os modos possíveis. Acredite em mim, isso nunca me aconteceu com ninguém. Não posso ficar indiferente a você. Como você não consegue notar isso? Tem toda uma combinação que é como dinamite; você é tudo: fogo, ardor, doçura, paciência, claro que também tem um gênio de dar medo. —Ela sorriu—. Como pode questionar se conseguiria me dar prazer? O assunto aqui é se eu

serei capaz de criar sensações em você que te façam perceber o quão linda você é, Abby.

—Oh, Cole. —Foi impossível que contivesse as lágrimas que resvalaram por seu rosto. Como não se apaixonar por um homem que te dizia todas essas coisas maravilhosas? Era impossível não fazê-lo. E tão impossível como querer que a amasse de volta. Ele falava de desejo, de beleza, aceitação, mas não de sentimentos. Ela não queria arruinar esse momento; não queria exigir nem pedir, não. O que precisava era viver essa noite. Curar suas feridas enfim e deixar-se envolver, depois de tanto tempo, pela bruma do desejo e amor que a invadiam. Amor de seu lado, mas não do de Cole. Estava disposta a aceitá-lo, e não porque se conformava com pouco, mas sim porque entendia que Cole tinha só uma prioridade e era Hannah. Ela só queria uma noite. Essa noite. Com ele —. Nunca pensei que você fosse...

Ele limpou as lágrimas de Abby com seus lábios.

—Algo melhor que um resmungão e cretino que às vezes fala as coisas sem pensar? —perguntou com um sorriso—. Sei que algo te aconteceu para que te sintas assim. Não, não precisa me contar agora —se adiantou quando ela ia replicar—, só quero saber se confia em mim o suficiente para se aproximar nesta noite.

Respondeu com um assentimento.

—Obrigado, doçura —murmurou.

Cole levou as mãos às costas de Abigail, e com um beijo longo e profundo começou não apenas a descarregar toda sua sensualidade e desejo, senão também a abrir o engate do sutiã. Três ganchinhos não eram fáceis para um homem, assim que levou algum tempo.

Quando finalmente conseguiu soltar a pressão que mantinha confinados aqueles dois preciosos seios, o sutiã caiu no chão. Ela quis instintivamente tapar-se com as mãos. Com calma, Cole sussurrou no ouvido que não tivesse medo; que estava tudo bem. Então deixou as mãos caírem e permitiu que ele a desnudasse.

À medida que as mãos de Cole se moviam, seus lábios também o faziam.

—A perfeição absoluta é apenas um modo de te descrever, Abigail. —Primeiro a beijou com fome; então desceu por seu pescoço, até colocar os lábios sobre um dos mamilos firmes e intumescidos. A mão esquerda acariciava o outro seio generoso e suave. Maravilhou-se com o tato, o peso e a suavidade. Sua língua desenhava o contorno do mamilo, e depois o sugou com precisão; tortuosa, deliciosamente; enquanto sua mão apertava o outro botão rosado que se franzia contra seus dedos, indicador e polegar.

—Mmm... você é deliciosa, carinho —disse ao abandonar seus peitos, e antes de deslizar a mão pela cintura, até engancha o elástico da calcinha e puxá-la para baixo. A retirou com presteza e se ajoelhou a seus pés. O púbis de Abigail estava ante seus olhos e não titubeou em tomá-la dos quadris para aproximá-la e prová-la.

—Eu nunca... —gemeu quando sentiu a cálida língua passar entre suas pregas, e então morder com cuidado seus lábios íntimos. Não teve problemas em deixar que

ele guiasse sua perna até deixá-la sobre o ombro, para dar-lhe mais acesso a seu sexo—. Oh, se sente... gostei. —Quase soluçou quando um dedo de Cole começou a acompanhar as carícias da língua habilidosa. Enquanto a língua a acariciava, o dedo girava e a lubrificava. Ela temia que suas pernas não aguentassem por muito mais tempo.

—Apenas sinta. — Elevou o rosto para cima para contemplar a expressão de êxtase e os peitos com leves marcas de suas carícias—. Acho que é hora de mudar de lugar —sussurrou contra a pele ardente antes de tomá-la nos braços e depositá-la na cama.

—Você vai continuar vestido? —perguntou tremendo de prazer, ao notar que estava despenteado, com uma visível ereção, mas ainda com a roupa.

Recostada nessa cama tão grande, nua e sentindo-se desejada, Abigail recuperou aquela parte sua que pensava ter perdido. Seu poder feminino de seduzir e ser seduzida, em partes iguais. Comprovar o modo em que o olhar de Cole refletia o quanto que o atraía era um bálsamo, e à medida que ele a tocava ia cicatrizando suas feridas. Ela sabia que tinha a ver com o amor que sentia por Cole, mas jamais colocaria essa carga emocional nele.

—Vem aqui... —ela pediu olhando-o com desejo.

Um brilho perigoso assomou nos olhos negros que nesta ocasião iam acompanhados daquele devastador sorriso que o caracterizava.

—Como a dama deseja. — Fez uma reverência divertida, que arrancou uma risada de Abby. Começou a tirar suas roupas com agilidade, mas com suficiente lentidão para que o olhar azul, tão curioso e expectante, presenciasse o momento em que sua ereção ficasse livre. O somido que saiu da garganta de Abby disse tudo, e seu membro vibrou quando nenhuma peça o cobria.

Em menos de dois segundos, Cole estava sobre ela.

—Agora vou a fazer o melhor. — Primeiro beijou-a, delicada, lenta, profunda e loucamente. Arrasou sua boca. Abigail acariciou as costas fortes e de músculos definidos; o acariciou com a ponta dos dedos, com as unhas e moveu suas cadeiras de tal forma que o sexo de Cole ficou exatamente no centro de sua entrada íntima. Com as pernas acariciou os músculos fortes e robustos de Cole, sentindo o delicioso contraste de sua pele com a dele—. Você é muito travessa e se continua mexendo as cadeiras desse modo... —Baixou a cabeça para capturar um dos peitos que se agitavam com a respiração irregular de Abby. Lambeu a aureola rosada de um, e logo do outro; em intervalos. Mordeu, lambeu, sugou, e outra vez lambeu cada um deles guiando-se com as mãos—. Desejo que dure um pouco mais... —Colocou uma mão nas costas de Abby para aproximá-la mais dele.

—Quero te tocar.

—Tudo em seu devido momento, doçura. —Ao mesmo tempo em que falava, passou um dedo pela umidade de Abby, em seguida o moveu para trás e para frente acariciando o clitóris. Ela, em resposta, emitiu um gemido rouco. Ele lhe deu um beijo rápido nos

lábios e baixou as mãos até suas cadeiras afirmando-as contra o colchão—. Apenas aprecie.

E isso foi o que Abigail fez quando começou a lambê-la de tal forma que parecia estar traçando um mapa de prazer. Dava golpezinhos com a língua naquele lugar reservado para o êxtase e a paixão. Seus sentidos rodavam com cada embate da boca de Cole sobre seu sexo, enquanto apertava os dedos contra os lençóis sem poder evitar gemer todos os segundos. Arqueou as costas e moveu um pouco as cadeiras, lhe pedindo, suplicando-lhe que não parasse. Quando Cole estava seguro de que ela não se moveria da cama, esticou a mão até alcançar um dos peitos e acariciar um mamilo em compasso de movimentos combinados com sua língua.

Ofegante, ela estava consciente de como seus músculos internos se contraíam. Quando finalmente uma onda devastou seus sentidos atirando-a no mais delicioso orgasmo que tivesse experimentado, gritou o nome de Cole.

Com um sorriso de satisfação masculina se colocou sobre Abby. Quando sentiu que os espasmos iam diminuindo, pediu a Abigail, beijando-a nas pálpebras, que o olhasse.

—Tudo bem por aí? —perguntou com sensualidade. Seu sexo pressionava a entrada da vagina, sem entrar nela. Flertava com a possibilidade de possuí-la totalmente, até o mais profundo de seu canal secreto, fundindo-se com suas cálidas pregas e suas suaves paredes.

—Isso foi fantástico... mas eu gostaria.— Sorriu como uma mulher satisfeita sexualmente—. Eu gostaria te ter dentro de mim.

Quicá quebrasse o feitiço que tinha criado, mas era preciso perguntar.

—Abby, você toma a pílula?

«As probabilidades de que concebas novamente são as mesmas de antes», as palavras de Spencer quando esteve no hospital foram essas. Ela o havia tomado como um modo de consolá-la, algo que um bom amigo como Spencer houvera dito para que se recuperasse com mais prontidão do trágico episódio de abuso que havia vivido. Mas sabia. Não voltaria a ser mãe. Sentia uma grande tristeza, mas ao menos não enganaria Cole.

—Não, não, há risco.

Ele teria querido continuar indagando, mas essa resposta lhe pareceu suficiente. Com um grunhido gutural a tomou pelas nádegas com ambas as mãos, a levantou e no instante a penetrou com uma poderosa e lenta investida, sentindo aquela suavidade quente e molhada cobrindo seu sexo, aberta para acolhê-lo em sua totalidade, sem reservas, sem medos, sem condições.

Abigail fechou as pernas ao redor das cadeiras masculinas e seguiu o ritmo de suas acometidas, tentando não gritar forte demais, mas não pôde se conter. Jamais havia sentido tal necessidade de abandono, um gozo tão profundo e intenso que parecia impossível que pudesse contê-lo, e parecia que a ele lhe ocorria o mesmo, pois suas respirações mantinham um compasso acelerado, irregular, impregnando o ambiente de

arquejos e êxtase.

—Olhe-me —arquejou Cole—. Quero me olhe e sinta que desde este preciso instante você é minha.

—Cole —sussurrou seu nome como um mantra. Tinha vontade de dizer que já era sua, que lhe pertencia de todas as formas possíveis—. Mais... —Se atreveu a pedir.

Não a decepcionou. Cole entrelaçou as mãos com as de Abby para colocá-las a cada lado da cabeça de cabelos loiros, e continuou investindo-a, reclamando-a, marcando-a, excitando-a. Ela se aventurou a soltar-se para tocar as nádegas sólidas, firmes, sentindo como o pulso queimava pela fascinação. Diziam que os homens não eram belos, mas definitivamente Cole era de todos os modos possíveis. Seu físico era impressionante.

Pronto, os arquejos, gemidos, soluços e súplicas de prazer deixaram de escutar-se, tão só a fricção de seus corpos e o redemoinho dos lençóis eram a única música possível no quarto. Cada vez que Abby tentava fechar os olhos para saborear o prazer sozinha, Cole se detinha, até que ela recobrava o sentido e voltava a conectar seu olhar azul com aquele escuro, sensual e carregada de perícia sexual.

Antes que chegassem ao orgasmo, ela por segunda ocasião e ele por primeira vez nesse arrebatador encontro, Cole em um rápido movimento, a girou entre seus braços de tal maneira que ela ficou sobre ele.

—Cole? —sussurrou sentindo-se um pouco coibida. Ele a observava como um predador e ela entendia por que. Tinha os peitos oscilantes pela respiração e os mamilos eretos, e ademais era impossível não dar-se conta do quão erótico que resultava ver como seus corpos estavam unidos.

—Quero que saiba que é a mulher mais linda com que já passei uma noite, e também quero que tenha o controle do que deseja.

—Eu... —Sentia a garganta oprimida. Sem saber sequer o que havia acontecido em seu passado, Cole entendia sua necessidade de sentir-se no controle. Estava lhe dando a oportunidade de reafirmar seu poder feminino, afiançar a convicção de que ela tinha o poder de seu corpo e ninguém podia arrebatá-lo, a confiança de sentir-se bela e desejada, mas o mais importante, lhe estava devolvendo sua segurança e acabando com os medos físicos. Seu coração se inflou ainda mais de amor por ele—. O que... que devo fazer? —sussurrou olhando-o com desejo, com confiança, com uma segurança em si mesma que lembrava a Abigail de sempre, aquela sem cicatrizes no coração. A Abigail que era capaz de amar com plenitude como sabia que amava a Cole Shermann.

—Mova-se no teu ritmo. Só não me torture demais porque estou no limite —disse com voz rouca.

As cadeiras de Abby começaram a mover-se, gerando uma fricção deliciosa sobre o sexo firme de Cole.

—Ah, assim, carinho. —Ele pousou suas mãos grandes sobre as sinuosas cadeiras para segurá-la, absolutamente hipnotizado pela liberdade com a que ela se movia—.

Assim mesmo... Deus, como me excita. Você me deixa louco, Abigail.

Abby se inclinou para frente para balancear seu peso contra o sexo masculino; à medida que se movia e sentia a fricção de seus corpos, aumentava o ritmo de seus movimentos. Ele a atraiu para si, para buscar sua boca e beijá-la de modo descarado, urgente e firme. Ela não deixou de mover-se, absorvendo os gemidos da boca de Cole, e sendo consciente de como ele começou a acariciar sua cintura, até tomar com ambas as mãos seus peitos e acariciá-los. Massageou seus seios e roçou com os polegares os mamilos.

—Abby... —Foi a última palavra antes que ambos se perdessem em um torvelino que os levou a um potente clímax. Ela desmoronou sobre ele. Cole a abraçou com força, enquanto o palpitar das paredes femininas relaxavam extraindo até a última gota de paixão de seu corpo saciado de prazer.

Quicá seu coração poderia partir-se em dois, mas suas cicatrizes do passado acabavam de desaparecer nos braços do homem que amava. Com esse pensamento em mente, Abigail fechou os olhos e se perdeu no sono. «Dor nas costas? Não fazia nem ideia do que era isso.»

Capítulo 13

Cole contemplava o corpo que jazia descansando ao seu lado. As curvas pronunciadas cobertas pelo lençol de seda e a confiança com que o braço de Abigail o havia rodeado na altura da cintura, o cativavam. O rosto de Abby era lindo; possuía cílios longos, lábios equitativamente definidos e os pômulos elegantes. O cabelo loiro espalhado na almofada e iluminado pelos primeiros raios de luz da manhã que se filtravam pela grande janela da suíte, a faziam parecer uma alucinação. Mas não era, nem tampouco às vezes em que a fez sua na noite e madrugada.

Tinham se dado prazer até que nenhum dos dois pôde fazer mais que segurar-se ao outro para ceder à necessidade de dormir. Ele perdeu o sono ao sentir uma inquietude que o oprimia na garganta. Acabava de cruzar a única linha que havia tratado de evitar durante muito tempo com uma mulher, e consistia em preocupar-se pelos sentimentos mais além da cama. Abigail não tinha exigido nada, nem tampouco dado mostras de interessar-se pelo que “aconteceria depois”, e a verdade era que aquilo ele não sabia como interpretar.

As mulheres costumavam ser contraditórias. Quando diziam “não”, era “sim”; e vice-versa. Temia que a história com Celeste se repetisse, pois seus enganos e censuras dolorosas tinham acabado com sua paciência e ao fim com seu matrimônio. Por isso era tão difícil confiar e entregar-se. No plano físico não tinha inconvenientes, mas sua parte emocional a mantinha fechada a sete chaves desde há muito tempo.

No entanto, no caso de Abigail se sentia inquieto. Aquele temor inicial e insegurança de Abby sobre seu próprio corpo o tinham deixado intrigado, em especial porque havia despertado nele um instinto protetor que pouco aparecia, salvo com sua filha.

Girou a cabeça para contemplar à linda mulher que tinha a seu lado. Estava tão desejável com o lençol apenas cobrindo os peitos, que ele teria gostado de deslizar o tecido até deixar expostas aquelas deliciosas colinas de cumes rosadas, para desfrutá-los de novo. Mas tinha que se levantar para ir buscar a sua Hannah.

Com sigilo e de má vontade se separou com cautela do corpo enroscado ao seu. Ao parecer Abigail tinha um sono profundo, porque não se moveu em nenhum momento ou deu indícios de despertar. Quando se certificou de que estivesse bem coberta foi ao banheiro. Sentia como se um peso tivesse sido extraído de seus ombros. Se sentia leve.

O som da ducha, a despertou de um plácido sonho. Abby nunca tinha se sentido tão em paz consigo mesma como nesse momento. Sentia uma ligeira dor em certas partes que ninguém tinha visitado em um longo tempo. Uma dor agradável e um lembrete da noite que havia passado nos braços de Cole. Mas que noite, e madrugada! Cole não só era um grande amante por sua capacidade de fazê-la tremer dos pés à cabeça, em posições que ela não poderia ter se imaginado antes, senão porque era generoso e atencioso.

Agora ela tinha de fazer frente à realidade. Estava vivendo uma espécie de clichê. Tinha ido para cama com seu chefe, ainda que para ela fosse muito mais que isso. Com um suspiro se colocou de pé e se cobriu com o chambre de seda; fez um nó na cintura. Então começou a buscar sua roupa nas malas que os empregados do hotel deixaram na noite anterior.

—Bom dia, preciosa —disse Cole com a toalha enrolada na cintura e um sorriso de satisfação masculina no rosto. Tinha se barbeado e penteado. «Está perfeito para comer com chocolate», pensou ela.

—Cole...

Ele se aproximou e acariciou seu rosto.

—Você está bem? — Se inclinou para beijá-la suavemente nos lábios.

Abby tinha a roupa entre os dedos, mas ele tomou as peças e deixou cair sobre a mala.

—Sim —sussurrou sem evitar sentir-se atraída pelo calor que emanava da pele bronzeada.

—Está pensando em tomar uma ducha?

Ela assentiu e tragou em seco quando as mãos de Cole desfizeram o nó do chambre. O frescor correu por sua pele, enquanto ele a olhava nos olhos e a despiu.

—Não podemos...

—Quiça não. —Sorriu daquele jeito endiabrado antes de inclinar-se e passar a língua sobre um de seus mamilos. Ela se agarrou com suas pequenas mãos aos fortes ombros de Cole—. Quiça sim. Vem aqui —sussurrou antes de apropriar-se de seus lábios, e então tomá-la entre seus braços para levá-la de volta à cama.

—Não tem que ir buscar a Hannah? —perguntou com um gemido quando sentiu as mãos masculinas amassar seus peitos, e logo aquela boca úmida e tibia chupar-lhe os mamilos até que lhe arrancou um gemido de prazer.

—Sim, em quinze minutos —contestou contendo o fôlego quando Abby praticamente arrancou a toalha de sua cintura.

Ela afogou uma exclamação de surpresa ao ver o membro de Cole. Apesar de que haviam feito amor toda a noite, a plena luz do dia era mais imponente.

—Te desejo —murmurou acariciando com suas mãos a longitude da ereção. Ele arquejou quando sentiu os dedos tocando-o desde a base de seu sexo até a suavidade da glândula—. Muito —sussurrou mordendo-o no lábio inferior, e ele chupou com voracidade a boca de Abigail.

—Não mais do que eu te desejo a ti —grunhiu quando se introduziu nela com uma rápida investida. Abby arqueou as costas expondo assim seus peitos generosos que ele não titubeou em acariciar com sua língua, enquanto movia o quadril a um ritmo lento, cadencioso e erótico—. Acho que desta vez será um pouco rápido.

Ela sorriu.

—Não me importa. Assim está bem... assim está... —Conteve o fôlego quando

sentiu seu corpo tencionar-se com o conhecido espasmo que a catapultava a múltiplas sensações de prazer—. Assim está perfeito...

Ele arquejou, enquanto sentia como as paredes sensíveis de Abigail se contraíam ao redor de seu membro, apertando-o e soltando-o de um modo enlouquecedor.

—Você é magnífica —gemeu quando, com uma última penetração, se uniu a ela em um orgasmo que o estremeceu violentamente ao mesmo tempo em que se rendia às ondas de intenso prazer que o recorreram como um furioso e selvagem mar com ressaca.

Minutos mais tarde, quando as respirações de ambos se normalizaram, ele a tomou nos braços e a colocou ao seu corpo. Ninguém falava. Ele não queria machucar Abigail, mas tampouco queria mentir, fazendo falsas promessas. Necessitava replanejar como colocar a situação em perspectiva. Abigail o confundia e aquilo era algo que, a uma pessoa acostumada a ter tudo claro e organizado, o tirava de sua habitual zona de controle. Não gostava. Necessitava se distanciar. Abby era como uma luz brilhante demais, ameaçava com tirá-lo de sua escuridão de um modo brutal; estava cega e necessitava acostumar-se a essa luz. Se sentia desorientado pelo impacto do que havia compartilhado com ela. Um pouco de espaço lhe cairia bem.

—Abby é hora de se vestir —disse com um tom muito distante da voz do homem sensual e dedicado a dar prazer. Sem querer soou bem mais distante, alheio.

Ela ronronou algo e se levantou ligeiramente para sorrir, alheia ao modo em que seus seios se uniam à pele de Cole. Ele se conteve para não beijá-la e perder-se no feitiço que ela era capaz de tecer ao seu redor.

—Já está se arrependendo? —perguntou algo indecisa pelo tom serio com o que escutou falar. Com a mão acariciou o abdome de Cole.

—Não, doçura. —Se inclinou para dar-lhe um beijo, corrigindo a má interpretação que ela tinha feito—. Mas não sei se está preparada para levar uma relação só de amantes...

Ela se afastou como se uma serpente a tivesse tentado picar.

—O que significa isso? —Cole suspirou, enquanto se colocava de pé—. Não sou uma menina, Cole Shermann, eu sei o que faço.

Girou-se para olhá-la, sem importar-se com sua nudez.

—Não quero te ferir, nem tampouco gostaria que acreditasse que aqui há outra coisa mais além que o sexo. —No momento que essas palavras saíram de sua boca, Cole soube que estava mentindo, e se odiou quando viu como Abby levantava suas muralhas. Aquelas que ele havia conseguido derrubar durante essas horas.

Ela o olhou com uma expressão doída, mas rapidamente a cobriu outra de indiferença.

—Não se preocupe, Cole, não vou te pedir nada.

Ele colocou as calças, e Abigail se levantou para ir recolher suas roupas e tomar um banho. Necessitava se ocultar e uma ducha seria a melhor desculpa. Era certo que

ele não tinha lhe prometido nada, mas não por isso deixava de pensar que seu coração ia ter sérios problemas em um futuro muito próximo.

—Escute... —Esticou a mão para detê-la. Era ridículo, mas se sentia como um adolescente confuso com sua primeira amante.

Antes poder alcançá-la, ela deu um passo atrás sem perder o aprumo.

—Escute você, Cole. Tenho vinte e sete anos, não dezesseis ou quinze. Entendo perfeitamente o que aconteceu nesta noite e agora a pouco —sinalizou a cama—. Agora vá buscar Hannah.

—Perdoe-me que seja tão cínico, mas, onde está a armadilha?

—Na tua cabeça certamente. Vou tomar uma ducha, Cole —replicou antes de desaparecer no banheiro, para evitar lançar um sapato na cabeça dele. A água quente lhe seria perfeita para diminuir seus instintos assassinos com respeito a Cole por suas ridículas insinuações.

O voo de retorno a Baltimore foi feito em silêncio, porque Cole estava trabalhando em seu computador, e Hannah insistia em repassar as cores em espanhol, tinha o empenho de aprendê-los em outro idioma além do inglês.

—Cole, pode me dar folga amanhã? —perguntou Abigail quando chegaram à casa dos Shermann. Queria afastar-se um pouco dele, e também colocar-se em dia com a saúde de seu avô. Seattle havia sido uma aventura interessante na que estava envolvido seu coração, mas tinha responsabilidades e não pensava deixar de lado a sua única família. Mesmo que podia trabalhar com Hannah, porque tinha muito carinho por ela, sabia que se continuasse na casa dos Shermann seu coração iria direto ao precipício. Tentaria salvar-se enquanto lhe fosse possível, e isso implicava colocar alguma distância. Quiçá Cole não a levasse a sério como uma pessoa com a qual ter uma relação e ela tampouco pensava em obrigá-lo.

Ele levantou o rosto e a olhou fixamente. Estavam em seu estúdio, e Abby havia colocado Hannah na cama há poucos minutos. A mala de viagem estava na sala.

—Por suposto. Está tudo bem? —indagou franzindo o cenho. Era consciente de que tinha permanecido calado, só intercambiando as palavras básicas de cortesia com Abigail, porque precisava. Ela o confundia. Era sua culpa, pois era quem a tinha seduzido, e não ao contrário.

—Aham.

—Por que quer o dia livre? —perguntou estranhado.

—Tenho assuntos pessoais que cuidar, e trabalhei extra fora da cidade. Estou um pouco cansada. Acho que é justo.

—Quão cansada? —perguntou com um sorriso que nada tinha que ver com a amabilidade, senão com a malícia.

—Não seja presunçoso.

Encolheu os ombros, e pouco a pouco se pôs de pé. Ela engoliu em seco, mas disse a si mesma que não podia ceder desta vez. Tinha a seu avô esperando em casa para jantar juntos.

—Impossível de ser. —Durante o trajeto a casa dos Templeton para recolher a Hannah, tinha tido tempo para dar muitas voltas no que acabava de ocorrer com Abigail. Pensou que indo pra cama com ela por algumas horas ia tirar o desejo que o corroia cada vez que estava ao seu redor. Mas tinha se enganado. Ainda a desejava, mas existia algo diferente nesta ocasião. Diferente de seus vínculos com outras mulheres, depois de Celeste, ele queria conhecer Abigail. Por algum motivo, necessitava decifrar os fantasmas que havia descoberto que existiam em seu passado na noite anterior. «Continuava sendo apenas sexo, com um fator de curiosidade», falou para si mesmo para tranquilizar-se, porque só a perspectiva de depender emocionalmente de uma mulher era impensável. Não queria repetir seu fracasso matrimonial. Assim que tinha decidido pôr as coisas em perspectiva e quiçá seria o melhor para ambos—. Abby — disse seu nome como se fosse uma carícia e ela sentiu sua pele arder. Era aquele olhar hipnótico, combinado com o tom de voz de barítono, uma mistura letal para sua determinação de não se deixar seduzir de novo por Cole—. Durante as horas de trabalho teremos uma relação estritamente profissional. Quando o horário laboral acabe, quiçá esteja interessada em continuar o que tínhamos em Seattle —expôs com um sorriso. «Que ela quisesse tomar um dia livre cairia bem a ambos, pois assim ela poderia meditar sobre sua oferta, e ele a acostumar-se à ideia de que sua nova amante também estivesse vinculada com Hannah», concluiu Cole para si mesmo.

Ao longo de sua vida já tinham feito propostas indecentes a Abby. Umas realmente vulgares, e outras nem tanto. Mas nenhuma se comparava a dor que estava sentindo no peito. Ele não podia saber que estava apaixonada, mas nunca tinha se sentido tão insultada como nesse momento.

—Cole, aprecio a oferta que está me fazendo de ser tua amante —replicou de modo cortante—. Imagino que muitas mulheres com as que sai estão acostumadas a aceitar este tipo de acordos, cuja única diferença está em que não dependem do teu dinheiro como salário para viver. Gosto de ser professora de Hannah, mas trabalhar de prostituta não está nos meus planos nem aspirações de vida.

O sorriso se apagou da cara dele e a olhou furioso. Aproximou-se em duas passadas e a tomou pelos ombros. Pressionou suas mãos grandes com firmeza, mas nesta ocasião Abigail não se sentiu amedrontada nem em perigo.

—Tenho uma filha, Abigail. —Ela elevou o queixo, desafiante—. Meus únicos horários disponíveis para ter uma relação física com uma mulher são quando ela dorme ou a deixo visitar minha mãe. Porque para mim Hannah é a prioridade sobre todas as coisas, sobre qualquer pessoa. Incluindo eu mesmo. Desejo-te e sei que você me deseja. —A soltou e ela cambaleou ligeiramente. Cole passou os dedos entre seus

cabelos, bagunçando-os—. Escute, não pretendia te insultar. Se te ofereço este acordo é precisamente porque não quero que pense o que acaba de dizer. Não se trata de você.

Ela não pode responder, só deixou que seus olhos azuis se fixassem nos de Cole, negros e insondáveis.

—Será melhor que tire dois dias livres, assim recuperas o final de semana para teus assuntos pessoais —disse zangado. Como passava pela cabeça dessa mulher que poderia tratá-lo desse modo?—. Se esqueça do que te disse. Agora tenho que continuar trabalhando. — Voltou para detrás de sua imponente mesa de escritório e começou a teclar como se ela não estivesse ali.

—Cole...

—Boa noite —interrompeu—. Obrigado por ter cuidado de Hannah fora de Baltimore.

Ela ficou de pé mais um instante, antes de respirar profundamente e sair da sala. Cole não tinha culpa de ignorar o que ela sentia, falou para si mesma para tratar de conter sua decepção. Ainda que, ao final das contas, sendo sincera, que mulher não teria se zangado pelos motivos que fossem que Cole tivesse para fazer-lhe esse tipo de proposta?

Ao chegar a casa, Abby se topou com um quadro pouco alentador.

Havia uma ambulância estacionada e seu avô estava sendo colocado dentro dela. Desceu do taxi e foi correndo até onde estava Horace. Um enfermeiro lhe colocava a máscara de oxigênio e a senhora Igorson secava as lágrimas. Era estranho vê-la chorar, e por isso o coração de Abby esteve a ponto de colapsar de preocupação.

—Vovô —sussurrou tomando sua mão quando subiu na parte traseira da ambulância, depois de se identificar com a equipe de emergências. A senhora Igorson lhe disse que ficaria em casa em caso de que necessitassem algo—. Em que confusão você se meteu desta vez? —perguntou tentando sorrir, quando tinha vontade de começar a chorar.

Ele não lhe respondeu, só a observava com olhos tristes.

—O que aconteceu? —olhou ao enfermeiro que começava a fechar as portas brancas com vermelho, antes que o motorista ligasse a sirene e a ambulância arrancasse.

—Seu avô teve um infarto —explicou—. Ele pode escutar. Está fora de perigo, mas dado que a senhora que o cuida nos disse que está em um tratamento para a Leucemia e sua avançada idade, chamamos ao seu médico. Por isso o estamos levando para a clínica.

—Ele vai ficar bem? —perguntou sem soltar a mão de seu avô. Ele parecia tão frágil e longe do homem forte que sempre havia sido, que as lágrimas começaram a cair sobre suas bochechas.

—Não sabemos, senhorita. O doutor terá que fazer os exames.

O enfermeiro, certamente acostumado a tratar pacientes e seus familiares o tempo

todo, girou para trocar alguns comentários com o enfermeiro assistente que ia imobilizando a maca e controlando o ritmo cardíaco de Horace.

Abigail se inclinou a seu avô.

—Por favor, não fique mal. —Os dedos de Horace apertaram os de sua neta e ela secou as lágrimas—. Eu sei, fiquei fora por três dias. Tinha que trabalhar, mas, sabe? Meu chefe é um homem muito generoso. Com o que me pagou no final de semana tinha pensado em te levar de férias —mentiu para fazê-lo sorrir, mas o único que se movia no rosto de seu avô eram seus olhos—. Agora teremos que deixar todo o dinheiro com Spencer para que seja ele que vá de férias com Monica. Te parece justo?

Seu avô voltou a apertar sua mão.

—Então tem que se recuperar. Não volte e me dar estes sustos. Certo?

Outro apertão nas mãos, e ela elevou o dorso da mão de seu avô e a beijou com doçura.

—Te amo, vovô. Não pode me deixar só.

Os minutos seguintes foram os piores que ela tinha vivido desde que deram o diagnóstico a Horace. Abigail ia de um lado ao outro, já quase desgastando o tapete do corredor da sala de emergências esperando que dessem alguma novidade.

—Abby —cumprimentou Spencer tirando a máscara protetora de seu uniforme de médico.

Ela correu até ele com o rosto preocupado.

—Ele vai ficar bem?

O olhar de Spencer não foi o que esperava, e ela soube que não eram boas notícias. —O tratamento ia à todo vapor, tal como te disse no fim de semana, mas já sabes que a idade de Horace este tipo de coisas se tornam um pouco imprevisíveis. O ataque do coração o deixou bastante fraco e não acho que seja prudente levá-lo de volta para casa. Vamos a mantê-lo em observação. Se que te parecer bem. Necessito tua autorização para interná-lo, já sabe, assinar os papeis e tal.

—Sim, sim, claro... —Os nervos a faziam retorcer-se os dedos das mãos entre si—. Qualquer coisa para que ele melhore.

Spencer suspirou. Não podia mentir a sua amiga, e aquela era a parte que mais odiava de ser médico. As notícias que não levavam uma informação muito positiva.

—Abby... —Tomou suas mãos para que deixasse de torturá-las, e a olhou nos olhos—. Você sabe o quanto gosto de você, e o quão grato sou por ter apresentado Monica para mim. Não posso te mentir... mas não sei se poderia continuar aplicando quimioterapia em Horace, temo muito que se sofre do coração, com os químicos e as reações que implica, pode se descompensar demais e quiçá...

—Ter outro ataque repentino —completou Abby com um fio de voz. Ela sentiu seu mundo despençar. Sem seu avô estaria perdida. Precisava dele, ele era sua base, seu amigo. Sem poder evitar se abraçou a Spencer. Ele não a rechaçou, ao contrario, lhe disse palavras tranquilizadoras como teria feito um irmão mais velho.

—Farei tudo o que está em minhas mãos para dar-lhe os melhores cuidados e analisaremos seu caso com mais detalhes. Por favor, trate de se manter otimista. Ele precisa disso.

—Sim...

—Quer que eu ligue para o Richard?

Ela assentiu.

—Não quero que fique sozinha e sei que a senhora Igorson deve estar preocupada. Será melhor que te vá para casa Abby. Por agora teu avô dorme. Quero que descanse e não faça nenhum esforço para falar.

—Se ele despertar...

—Tem uma enfermeira de turno que está monitorando o corredor onde se encontra. Se quiser posso contar a Monica o que aconteceu.

Negou.

—Não quero preocupá-la. Spencer, por favor, quero vê-lo, necessito ver a meu avô.

—De acordo, mas por favor, não o acorde...

—Obrigada —sussurrou antes de começar a seguir seu amigo pelo corredor.

Capítulo 14

Depois que Abigail saiu, Cole deixou de trabalhar no computador. Não conseguia se concentrar. Inclinou-se sobre o escritório, apoiou os cotovelos, e afundou o rosto entre as mãos. Reconhecia que quiçá convidá-la a ser sua amante não foi a decisão mais inteligente, e isso que apreciava muito seu renomado coeficiente intelectual.

Resignado a que nessa noite os algoritmos não lhe rendessem um bom resultado, se acaso era capaz de criá-los, saiu da sala e subiu as escadas. Com cuidado abriu a porta do quarto de sua filha e a contemplou desde o umbral. Ela era a menina que qualquer pai pudesse querer, salvo quando se perdia entre a multidão dando sustos capazes de matar alguém.

Avançou até chegar à borda da cama, e se fixou na lâmpada noturna que girava emitindo sombras em forma de golfinhos sobre o teto e dando uma luz tênue ao quarto para que ela não se assustasse ao dormir. Aproximou a cadeira de balanço até ficar bastante perto e a observou. Sua respiração compassada e os cílios longos, exatamente como os seus, repousando na face gorducha.

Perguntou-se como seria quando Hannah crescesse e ele tivesse que espantar a esses endemoniados rapazes que se atrevessem a cortejá-la. Ele não tinha sido um exemplo de monogamia em sua adolescência, e, obviamente, sabia como pensavam os homens. Não queria que nada a machucasse, ainda que soubesse que não importava o que fizesse, algum dia iria quebrar seu coração. Ele estaria ao seu lado, claro, mas não podia impedir que Hannah sofresse.

Foi nesse instante, olhando para sua filha, que sentiu um ligeiro aperto no coração, pois não pode evitar pensar em Abigail. Uma pontada de remorso. Ela também devia ter um pai e se o homem soubesse como tinha tratado sua filha duas horas atrás, Cole teria recebido um bom soco na cara. E com razão.

Quiçá outros homens não sentiriam remorsos ao planejar algo tão pragmático com uma mulher sobre temas sexuais, pois de fato, ele até a pouco não havia tido o menor pesar pelo acordo que tinha tido com Justine, e menos ainda com outras mulheres. Mas esses homens, não eram o Cole Shermann de agora, nem tinham conhecido a uma mulher como Abigail Montgomery.

Quarenta minutos mais tarde sua irmã Lana, o olhava no umbral do lobby da mansão com cara de poucos amigos e com os braços firmemente apertados sob o peito.

—Isso se chama chantagem —espetou.

Cole sorriu.

—Boa noite para você também. E um vale de mil dólares para *Sephora* não é chantagem. De fato, acho que é um aliciante bastante convincente para que tenha se levantado da cama e que fique com Hannah até que eu volte. Vamos, Lana, um par de horas por um montão dessas pinturas que você usa vale à pena. —Sacudiu um cheque na frente dos olhos de cor mel de sua irmã. Ela o tirou rapidamente da mão dele. Logo o

guardou no bolso para o caso dele pensar em rasgá-lo em pedacinhos na frente do seu nariz. Comportamento de adolescentes, sem dúvida, mas às vezes não podiam evitá-lo entre ambos—. Ademais, não tem visto a tua sobrinha em um longo tempo.

—Tenho jet-lag idiota. Voltamos esta manhã de Los Angeles. — Deixou o cachecol *Burberry* e o casaco da *Calvin Klein* no cabide.

Cole riu.

—Você é um pouco ridícula, Los Angeles tem apenas algumas horas de diferença e não é como se morasse na Europa. —Olhou o Tag Heuer em seu pulso—. Bom, já sabe que a casa é sua. Hannah está dormindo.

Lana lhe fez aquele gesto inquisitivo que a caracterizava e que o irritava desde que eram uns pirralhos.

—Cole, quando conheceremos a Abigail? Mamãe diz que quando fala com Hannah por telefone sempre comenta de sua professora.

—É exatamente isso, *sua professora*. Não tenho que apresentá-la a você nem a ninguém —grunhiu—. Deixe de ser intrometida.

—Não entendo por que tem que ir ver se ela está bem ou não. De que te importa?

Isso mesmo tinha querido perguntar-se a si mesmo, mas não queria compartilhar com sua irmã esse ponto em particular.

—As ruas de Baltimore não são seguras para que uma moça ande por aí em um taxi sozinha pela noite. —O que era verdade—. Se ela tem um vínculo diário com minha filha, o mínimo que posso fazer é saber que chegou bem em casa. Não acha? —«Isso também era verdade, mas em uma medida bastante egoísta que tinha que ver mais com o remorso que outra coisa, mas Lana não tinha por que saber disso.»

—Eu estou sozinha. — Apertou os olhos e franziu o cenho.

Cole elevou as mãos pedindo paciência ao universo ou a quem quisesse escutá-lo.

—Teu motorista te trouxe, Lana —replicou com um suspiro cansado. Agora recordava porque não gostava de pedir favores a sua irmã. Primeiro, lhe custavam muito caro, economicamente falando. Segundo, o bombardeava com seus interrogatórios ao estilo Interpol, ou seja, tentando dar-lhe voltas para tirar uma informação que ele não estava disposto a dar—. E meu cunhado está com as crianças. Podes deixar de drama? Ou prefere que ligue amanhã ao banco para dizer que esse cheque que guardou no bolso tem que ser anulado?

Ela lhe fez um gesto com a mão para diminuir a importância.

—Bem! Às vezes você é impossível, irmãozinho. —Começou a subir as escadas, enquanto Cole saía rindo.

Quando chegou a rua onde Abby morava tentou pensar no que, raios, iria dizer-lhe. Ele não tinha querido ofendê-la com a proposta. De fato, era o melhor para ambos. Não queria se envolver emocionalmente, e Abigail não dava mostra de ser a típica mulher controladora ou possessiva. Ou ao menos isso esperava. No entanto, nesta ocasião ele estava disposto a arrumar o mal entendido. O que fosse que tivesse ocorrido há umas

horas em seu estúdio.

—Sim? —perguntou uma mulher mais velha e com rosto cansado. O olhou de má vontade quando deixou a corrente de segurança posta, antes de abrir a porta—. Estas não são horas de visita ou de se confundir de casa, quem quer que você seja. —Fez âmago de fechar a porta na cara dele, mas Cole se adiantou e colocou o sapato para evitar isso—. Se não for embora, vou chamar a polícia.

—Eu lamento, senhora. Você deve ser a mãe de Abigail.

A senhora Igorson caiu numa gargalhada que durou mais do que ele teria esperado. Então ela relaxou um pouco. Ela não tinha tantos anos encima para não saber que se guiar por suas intuições sempre funcionavam, e o homem atraente que estava em sua frente, não parecia desses assassinos de aluguel nem meliante, e olha que conhecia uma boa porção dessa espécie em específico. Aquele era o tipo de homem que podia afrouxar os joelhos de uma mulher com o tom da voz e derreter suas barreiras emocionais com esse olhar escuro. «Se eu tivesse algumas décadas a menos...»

—Se percebe rapaz, que você não sabe nada sobre Abby —expressou sisuda.

—Trabalha para mim —replicou como se essa fosse uma explicação—. Hoje houve um ligeiro incidente e gostaria... quero falar com ela. «Hmm, mas esse sim sabe ser mandão.»

—Pois é quase meia noite, não acha senhor...?

—Shermann.

—Oh, o pai de Hannah —disse com voz mais suave—. Sou Amanda Igorson, a empregada da casa. —Conteve um bocejo. Assim que Abigail a ligou para dizer que Horace estava em observação tinha começado a conciliar o sono, até que o chefe de Abigail bateu na porta—. Escute, o senhor Horace teve um infarto e Abby foi com ele à clínica.

—Horace? —perguntou. Ela nunca havia mencionado que estivesse vivendo com um amigo, ou algo parecido—. Quem é Horace?

Amanda o olhou divertida, e ia a responder, mas antes que o fez uma *Ferrari 458 Spider* parou na frente da casa. Cole seguiu o olhar da mulher e conteve uma maldição. Richard, o amigo que estava apaixonado por Abby, descia para abrir a porta à mulher que era o motivo pelo que estava ali de pé.

A última coisa que Abigail esperava, ao chegar com Richard, era ver o carro de Cole, e obviamente, a Cole no portal de sua casa. No entanto, estava cansada demais para pensar sequer em discutir com ele. Deixou que Richard a ajudasse a sair do automóvel, lhe permitiu abraçá-la, e apesar de que sentia agulhadas nas costas pelo olhar que Cole devia estar lançando, esse era um abraço mais que bem vindo.

Spencer tinha sido bom com ela na clínica, e não podia retê-lo para conversar quando estava de plantão. Ao contrário de Richard, que além de estar solteiro e sem nada pendente numa segunda de noite, podia resgatá-la quando mais precisava e era seu melhor amigo.

—Teu chefe —sussurrou Richard ao ouvido acariciando-lhe o cabelo—, está com cara de poucos amigos.

—Não faço ideia do que ele faz aqui —respondeu no mesmo tom de voz baixo.

—Pois vai averiguar, porque eu quero chegar vivo na minha casa. Este carro é muito caro para permitir que outro o dirija —murmurou quando notou como Cole apertava e fechava os punhos em um gesto que, para Richard, não era consciente.

Pela primeira vez nessa atribulada noite, Abigail se permitiu rir. E foi como se o ar voltasse aos seus pulmões com força renovada.

—Obrigada... —O olhou nos olhos, sem importar-se com Cole, além do mais não tinha porque—. Você é o melhor amigo que qualquer pessoa poderia querer.

Ele a acariciou o rosto com doçura.

—Não recalquemos esse fato, ainda temos a oportunidade de ser algo mais, não? —Richard...

—Estava brincando. —«Não totalmente, mas isso ele não ia dizer», pensou ele—. Amanhã tenho uma reunião com meus gerentes, mas me ligue para que eu te leve na clínica. Eu posso ajustar minha agenda e Horace precisa de você. Já me falou que Shermann te deu dois dias de folga, assim que não quero que vá sozinha.

—Certo, obrigada mais uma vez —disse antes de receber um beijo na bochecha e esperar que Richard entrasse no carro vermelho. Logo a Ferrari desapareceu rua abaixo.

«Ela não era covarde. Não. Absolutamente. Também era bom lembrar-se que Cole a tinha tratado como uma qualquer», pensou enquanto se girava e se encaminhava para a casa. Não é que o caminho fosse longo, mas parecia eterno sob aquele olhar profundo e perscrutadora.

Por outro lado, o que Cole estava fazendo ali? Que ela soubesse, não tinha perdido nem esquecido nada. Além de metade de seu coração, mas isso era algo sentimental demais para dedicar um segundo a mais de seus pensamentos. Observou como Amanda se retirava da porta discretamente.

Cole a observou avançar com lentidão. Vê-la com Richard, não lhe agradou nem um pouco. Mas ele tinha ido a arrumar um mal entendido, assim que comportar-se como fez em Seattle e ameaçar a outro não era admissível. Ele tinha trinta e seis anos, e o certo era que Abby o confundia como se ele fosse um adolescente com os hormônios descontrolados. A empregada da casa desapareceu do panorama, antes que ele girasse para pedir se acaso podia dar-lhes uns minutos de privacidade quando Abigail chegou até a porta.

—Abby... —disse seu nome com suavidade. Estava belíssima. O cabelo ondulado brilhante, os lábios rosados e pareciam pedir ser beijados. Mas teve que reprimir-se ou do contrario continuaria nessa situação insustentável e sem esclarecer-se nada. Ademais havia algo distinto nela nessa noite; tinha os olhos ligeiramente congestionados. Teria estado chorando por ele ter sido tão imbecil e Richard a

consolou? Porque então seria totalmente culpa sua. Demônios!

—Oi —replicou parca. Como era possível que existisse um homem tão malditamente bonito? Estava com raiva e magoada com ele, sem dúvida e isso era o mínimo, mas Deus, não pôde evitar sentir um calorzinho conhecido em certas partes muito específicas de seu corpo quando aquele olhar de ouro líquido pousou em seu rosto. Não queria que a voz lhe saísse esganiçada, ou certamente cairia no choro. Estava sobrecarregada com a carga emocional do final de semana, e agora a saúde de seu avô—. Cole, você me enxotou da sua casa há algumas horas. Assim que não entendo o motivo que te fez vir. —Prontamente pensou em alguém mais—. Com quem está Hannah? —perguntou com tom preocupado—. Aconteceu algo com ela?

—Não lhe aconteceu nada, ela está em casa com minha irmã Lana. Obrigado por se preocupar.

Deu de ombros.

—Por que está aqui, então?

—Eu gostaria de conversar contigo. — Ainda que estivessem frente a frente, ele teria gostado de terminar com a distância que os separava e abraçá-la. Tinha o olhar triste, e seu instinto de proteção saltou em seu sistema. Com ela surgia de forma natural. Um sintoma muito perigoso para ele.

—Não me considero uma pessoa desconsiderada —empurrou a porta de sua casa—, por favor, entre. Faz frio demais nessa madrugada.

—Obrigado —replicou satisfeito com a calefação uma vez que entrou. Não pode evitar notar que a sala onde Abigail lhe pediu que se sentasse, enquanto ela fazia um chocolate quente, era muito cômoda. Quiçá a casa não fosse luxuosa, sem dúvida havia visto dias melhores, mas existia um ambiente de aconchego que a tornava perfeita. Aproveitou para tirar o cachecol, as luvas de couro e a jaqueta. A lareira também estava acesa, assim que era um calor adicional, muito bem vindo.

Minutos mais tarde, Abigail apareceu sem o casaco. Usava uma blusa púrpura e saia estilo escocesa, com leggings pretas e botas altas até os joelhos. Ele tentou pensar em qualquer coisa, menos no corpo curvilíneo ou em seus gemidos quando estava conquistando cada cáldo e delicioso lugar de...

—Escutou?

—Eh... perdão estava pensando em outra coisa. —Isto era bem verdade, mas não pensava em dizer no que.

—Se quiser uns biscoitos ou o chocolate é suficiente.

—Assim está bom —disse agarrando a orelha da xícara e dando um pequeno gole. O suficiente para provar o sabor—. Está delicioso.

—É minha especialidade —sorriu. Aquele sorriso que podia iluminar o lugar, assim como o fogo aceso, mas desapareceu tão rápido quanto chegou.

Abigail se acomodou no assento junto a Cole. Ela teria gostado de se sentar em algum outro lugar, mas recentemente haviam mudado os móveis e as duas grandes

poltronas ainda não tinham chegado. Ainda assim procurou sentar-se a uma distância prudente. Mas o que era prudencial com Cole Shermann? «Mas que sorte a minha», pensou bebendo também de sua xícara.

Fez-se um incômodo silêncio rompido pela madeira queimando e o tic-tac do relógio de parede. Amanda tinha ido dormir, assim que, tecnicamente, estavam a sós.

Cole deixou a xícara na mesa de centro e se voltou para ela. Abby quase se engasgou quando ele teve a audácia de olhá-la fixamente, mas já havia insistido em seu sentido de preservação e queimar a garganta não era uma opção. Definitivamente, não.

—Abby, é que eu não sei nada sobre você. — Passou os dedos pelo cabelo, despenteando-se ligeiramente—. Seu avô vai ficar bem? Teus pais estão com ele?

Ela suspirou.

—Cole... não tive exatamente o meu dia ideal, acredite em mim, contar minha biografia agora é o que eu menos quero fazer —respondeu com tom lacônico.

—Eu entendo, não quis ser indelicado, na verdade...

—Esse é o problema —o interrompeu—. Você vai soltando essas coisas como se de repente ligasse um botão na tua cabeça sem se importar como eu vou me sentir. —Ele ia a replicar, mas Abby elevou a mão para que a deixasse terminar—. Meu avô tem Leucemia —contou sem evitar que a voz se quebrasse ligeiramente—. Ele esteve recebendo a quimioterapia, e ao que parece seu organismo está muito frágil... teve um infarto faz algumas horas, mas Amanda estava com ele e pode chamar a emergência a tempo. Até agora estava na clínica. Somos apenas Amanda e eu, Cole. —Cravou seus olhos azuis nos negros de Cole que a observavam com pesar pelo que estava contando—. Sou órfã. Meus pais morreram quando eu era pequena. Afogaram-se...

Ele esticou a mão para tomar a de Abby, e ela não o rechaçou.

—Sinto muito, doçura —manifestou com sinceridade. Ele sabia o que era perder a uma pessoa que gostava, tivesse sido ou não a responsável de seu inferno pessoal. Ao menos ela tinha esperanças de que seu avô se recuperasse.

—Obrigada...

—O que o médico disse, Abby? —perguntou com tom suave.

Oh, não, quando começava com essa voz que parecia modulada e pronta para derreter cada pequena partícula em seu corpo, Abigail não conseguia olhá-lo com altivez nem indiferença. E quando pronunciava seu apelido daquele modo...

Ela contemplou os dedos de Cole entrelaçados aos seus. E sentiu vontade de abraçar-se a ele, sentir-se abrigada com seu afeto e seu cuidado. Mas se soltou do toque daquelas mãos fortes, porque ainda não sabia por que ele estava ali.

—O médico é Spencer, e me explicou que temos que esperar para analisar como evolui. Está em observação. Dentro de algumas semanas ele teria a seguinte quimioterapia, mas tudo depende de como fique seu coração nos próximos dias —replicou com voz aflita—. Meu avô Horace é minha única família... —Não sabia que um par de lágrimas tinham escapado dos olhos, até que sentiu os polegares de Cole

limpando-as.

—Spencer é um bom médico. Estou seguro que fará o melhor por teu avô.

—Eu sei. Obrigada. —Tomou uma profunda respiração antes de mudar de tema. Não queria começar a chorar pensando na possibilidade de que seu avô deixasse de estar a seu lado—. Cole, por que veio até aqui?

Ele a observou por um longo instante.

—Não costumo me comportar como fiz contigo em meu estúdio... —Ela engoliu. Inclusive com o rosto serio, e os olhos inquietos, parecia conhecer cada segredo de sua alma. Mas claro que não era assim—. Eu não sou dos homens que tem relações sérias, Abby. Não quis te ofender com minha proposta, de verdade que não. É o tipo de acordo que eu...

—Costuma ter com outras mulheres —completou, repetindo o que ele lhe disse há poucas horas.

—Sim. Abby, não quero arruinar a relação que tem com minha filha. Você lhe faz bem, e sei que se sente muito feliz contigo, e também segura.

—Fique tranquilo, porque nunca farei nada que prejudique a Hannah. Apesar de ter dormido contigo, jamais colocaria na linha de fogo a uma aluna. Ademais é a primeira vez que me vinculo em uma relação com alguém que tenha que ver com meu trabalho.

—Eu tomarei como uma deferência.

—Não é... tão só te digo a verdade, Cole. Você não fez nenhuma deferência comigo, assim que não creio que mereças nenhuma de minha parte. Não estou sendo infantil, mas minha vida jamais foi tranquila e não estou disposta a que me pisem, nem me tratem como você me tratou na tua casa. Fui para cama com você, não porque sou uma aproveitadora, senão por que...

Ele pôs os dedos nos lábios para que se calasse e se inclinou o suficiente, como para fazer que Abigail ficasse recostada no móvel, e ele sobre ela, sem pressioná-la com seu peso.

—Porque você é uma mulher bela com uma sensualidade e tem todo o direito de vivê-la plenamente. E não há nada de errado nisso. Não tenho nenhuma censura sobre teu profissionalismo com minha filha, sou grato a você e sei que inclusive faz muito mais do que deveria.

«Por que tinha que ser amável? Por quê?», se perguntou hipnotizada por sua voz e sua masculinidade.

—De nada...

Cole se inclinou, mas não a beijou na boca como ela tinha esperado. «Não que ela teria correspondido. Em absoluto.» Ele beijou sua face com suma doçura, e disse ao ouvido que tudo ia ficar bem. Logo se afastou e se pôs de pé. Ela o imitou.

—Aceita minhas desculpas, Abby? —perguntou chegando até a porta, enquanto se acomodava o cachecol e colocava as luvas.

Ela elevou o rosto, e então assentiu. O homem havia ido até sua casa à meia noite,

chamou sua irmã para que fosse ser babá há essas horas e ademais lhe havia pedido desculpas. Agora ela necessitava dormir. Esperavam-lhe quarenta e oito horas de incerteza na clínica.

—Desculpas aceitas.

A expressão de alívio de Cole foi mais que evidente, e aquilo arrancou um sorriso de Abby.

—Fica tão linda quando sorri —disse logo. Isso fez com que o sorriso se congelasse, porque ele estava perto. Demais. E seu perfume... não tinha modo de descrever como a mistura do aroma natural de Cole e o perfume podiam acabar com seus sentidos.

—Eu...

—Amanhã passarei para te levar na clínica. Não tem que se preocupar com nada.

«Se meses atrás tivesse sabido que na falta de um, teria dois motoristas, ela teria economizado bastante dinheiro com ônibus e o metrô, e assim guardar o suficiente para fazer a viagem para Las Vegas que queria fazer a tantos anos.»

—Não precisa.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Richard vai te levar? —perguntou com tom seco abrindo a porta.

O vento gelado se colocou entre eles.

Abby se moveu, insegura.

—Talvez.

—Bom, diga para ele que eu te levo.

—Escuta, Cole. —Pôs a mão no antebraço. Pum. Eletricidade absoluta. Tirou a mão com rapidez—. Não sei onde tudo isto nos deixa, mas não quero me confundir. Você é meu chefe, e não quero deixar a Hannah, a menos que você já não queira que eu continue trabalhando com ela. O outro lado é que nós fomos para cama, mas não acredito que continuar com isso seja o melhor. —«Diga-me que estou errada...»

Cole colocou o dedo indicador no queixo de Abby e elevou seu rosto em forma de coração para ele. O suficiente para que não fugisse de seu olhar. O suficiente para ler detrás de suas palavras e o leve titubeio na voz. O que viu naqueles olhos azuis em forma de amêndoas o assustou, porque parecia o reflexo de seus próprios sentimentos. Sentimentos que não tinha conseguido compreender horas antes, nem semanas atrás. Estava se apaixonando por Abigail. Aquela certeza o golpeou como uma lança potente no peito, e o frio da rua que se colava entre eles se tornou gélido.

Não ia a indagar. Necessitava pensar com a mente fria; devia ter ficado em casa e respeitar essas quarenta e oito horas que tinha dado livre para ele também resguardar-se. Mas não, o que fosse que o tinha impulsionado para a casa de Abigail, acabava de perfurar uma profunda fenda em sua armadura construída com decisão desde a primeira traição de Celeste. Só tinha uma coisa certa, e era que não pensava em prejudicar a sua filha.

—Não vai deixar de trabalhar para mim —disse cortante—. Trate de descansar. Tenho que ir, não posso deixar Lana tanto tempo em casa, porque tem que regressar com meus sobrinhos e meu cunhado.

—Cole...

—Amanhã passarei aqui para te levar até seu avô. — Quiçá se sentia como se tivesse bebido uma garrafa inteira de uísque ao saber o que estava ocorrendo com suas emoções. Tudo tinha saído de suas mãos. Necessitava recuperar o controle, mas tampouco podia deixá-la à mercê de Richard, isso jamais. E também tinha o ponto do sentido humanitário, desse sim, ele ainda tinha bastante—. Me ligue se surgir algo, por favor.

—Não é necessário —disse afastando-se de seu toque—. Ademais, tenho quarenta e oito horas livres, lembra? — Colocou a mão na porta para abri-la um pouco mais, e o frio a fez tremer—. Vá para casa, Cole. Está tudo em ordem. Pelo que ocorreu na biblioteca não há rancor. Sim?

Ele assentiu.

—Me ligue de qualquer forma, por favor.

—Espere, não...

—Boa noite, Abby.

Soltou o ar que estava contendo.

—Boa noite.

Ele ia dizer algo mais, mas ao parecer pensou melhor e seguiu seu caminho.

Abigail, apesar do frio, ficou contemplando a rua vazia.

Capítulo 15

Os senhores do *Clube* tinham chegado ao quarto de Horace Montgomery. Diferente de outros dias, não fizeram menção a temas vinculados às doenças de cada um. Ao contrário, Joe e Palton, tentaram contar anedotas jocosas para entreter a seu amigo, que procurava falar o mínimo possível para não se agitar.

Spencer lhes levou um baralho de cartas, e jogaram Black Jack, enquanto Horace os contemplava. A designada para jogar as cartas de Horace era Abby, que tentava conter as lágrimas ante o gesto desse par de homens que sofriam fisicamente tanto como seu avô, mas jamais permitiam que a nostalgia ou o pessimismo os invadissem.

—Creio que não deveria pedir mais cartas —sinalizou Palton a Abby.

Ela o olhou sisuda. Tinha uma Rainha de Copas, um Sete de Paus, e necessitava um três ou um quatro de qualquer figura do baralho para chegar a vinte ou vinte e um. Mas sabia também que Palton era muito astuto e nesse momento estavam apostando cinco dólares e trinta centavos.

—Se me retiro e você tiver cartas piores, então vai ganhar e terei perdido —calculou mentalmente—, trinta e dois dólares.

Palton e Joe riram.

—É que você deve prever que cartas já saíram e quais podem sair na mão seguinte.

Ela sorriu.

—A diferença é que eu tenho um trabalho que não me permite ser uma craque no Black Jack, como vocês.

—Trabalhas para esse moço tão cavalheiro que veio te deixar a três horas? —indagou Joe, consciente de que, apesar de que não falava nesse momento, Horace os escutava, e sabia que seu amigo era um intrometido de primeira—. Porque a mim me pareceu um candidato perfeito para ti.

—Esse é Richard, meu melhor amigo. Não há nada entre nós.

—Ah —replicou Joe, enquanto tamborilava os dedos sobre a mesa—. Então quem era o outro rapaz? —sondou como se não estivesse interessado.

—Meu chefe... —respondeu movendo as cartas que tinha entre as mãos.

Sabia que não iam deixá-la tranquila com as perguntas, de fato, já haviam tardado bastante em começar o interrogatório. Na manhã, ao redor das sete, Richard passou para buscá-la sem que o tivesse chamado. Ainda que lhe assegurasse que não se preocupasse que ela iria de ônibus, ele não se moveu até que ela aceitou ir se trocar para ir à clínica.

Quando chegaram, Joe e Palton estavam caminhando pelo corredor, assim que lhes apresentou a Richard. Tal como era a personalidade de seu amigo, não pode resistir a começar uma conversa com esse par de fofoqueiros. O assunto dos imigrantes nos Estados Unidos os entreteve um momento, até que por sorte, a enfermeira que acompanhava a Joe e Palton, lhes exigiu que deixassem de conversa que os corredores

não eram área social. A contragosto esse par aceitou e quando Richard a acompanhou para ver a Horace, os dois amigos de seu avô entraram também na suíte e ficaram no quarto conversando entre eles em voz baixa.

Seu avô estava proibido de se exaltar, assim que suas respostas a tudo eram pausadas, sossegadas, e Richard não falava de temas que pudessem inquietá-lo. O que, por suposto, ela agradecia enormemente, pois a seu avô e a Richard lhes encantava divagar sobre o modo em que a economia podia melhorar nos Estados Unidos, as alianças que consideravam oportunas para os setores energéticos e de serviços, mas que o Governo não tomava em conta por estar quiçá ocupado manejando a estratégia antiterrorista.

Depois de que Richard se fora, ela se sentou em uma banquetta disposta para as visitas, e a aproximou da cama onde Horace tinha agora um semblante melhor.

Joe e Palton saíram para dar-lhes seu espaço.

—Esse rapaz, eu gostaria de te ver com ele —sussurrou, enquanto seu peito se movia no compasso da tranquila respiração. Spencer tinha dito que teria que mudar a dieta e começar a fazer exercícios na água e de modo muito suave. Também lhe explicou que sobre a quimioterapia tinham que conversar com mais profundidade. Por outra parte, Horace não queria que sua neta soubesse da decisão que havia tomado sobre seu destino médico; sobre esse tema teria que falar com Spencer uma vez que ela saísse—. Por que não tenta? Vai que funciona?

Ela tomou as mãos entre as suas.

—Avô, eu gosto de Richard como se fosse um irmão. —Horace fez uma careta—. Não sinto essa atração que se espera... por favor, mudemos de assunto. Estás de acordo?

Ele lançou um grunhido.

—Não sou bobo, pode ser que tenha tido um infarto, mas minhas faculdades mentais estão perfeitas, minha única neta. Teus olhos estão tristes, Abigail. O que é que aconteceu no seu trabalho?

«Sempre tão perspicaz», pensou ela.

—Não tem a ver com o trabalho...

—Carinho, se quer tentar me fazer sentir como um boboca, só tem que me tratar como se eu não fosse capaz de detectar uma mentira em alguém do meu próprio sangue.

«De que lhe servia discutir com ele?»

—Estou apaixonada e foi um grave erro —aceitou frente a seu avô.

—O amor jamais é um erro, Abby. —Apertou com carinho os dedos de sua neta que seguravam suas mãos enrugadas pelo tempo e as agulhas do soro—. Quer falar sobre isso?

—A verdade é que agora mesmo, prefiro não fazê-lo... depois, sim? —O olhou suplicante—. Por favor...

—Não quero te ver triste, minha pequena. Não posso ir sem saber que você é feliz.

Ela se inclinou e colocou o rosto sobre o peito de seu avô.

—Não diga isso, por favor, não diga vovô. Não pode me deixar sozinha... —sussurrou com as lágrimas correndo por sua cara—. Sair do meu lado não é uma opção. Preciso de você.

Ele acariciou o cabelo encaracolado, até que ela pouco a pouco deixou de chorar. Minutos depois entrou a enfermeira para verificar o estado de Horace, e Abigail se sentou a esperar a que seu avô dormisse.

—E por que um chefe se incomodaria de vir até aqui? —perguntou Palton, retirando-a da lembrança da manhã.

—Não seja intrometido —sorriu Abby com doçura, enquanto pedia uma carta adicional—. Foi um gesto de amabilidade.

—Pois por ter me chamado assim, olha só a carta que você tirou — replicou Palton olhando o jogo de Abigail sobre a mesa um Ás de copas—. Você perdeu de novo! — Riu, acompanhado por Joe.

—Trapaceiros!

—Ainda não respondeu a nossa pergunta —insistiu Joe.

—Rapazes — disse Horace desde a cama, sabia que sua neta estava tensa e mesmo que não tinha conhecido a seu chefe, porque ela não lhe havia permitido a entrada na suíte, tampouco queria fazê-la sentir-se incomoda. Daria-lhe seu tempo até que pudessem conversar sobre aquele tema—. Deixem minha neta em paz, depois ela fala sobre isso, verdade, carinho?

Com um gesto de agradecimento por ter tirado de cima a seus amigos, Abby lhe deu um sorriso resplandecente.

—Mais adiante, mesmo que não seja nada de importante.

—Certo —murmurou Palton, enquanto Joe ria em silêncio—. É hora de ir. Vai ficar bem? —perguntou a Horace.

—Sim. Temos a força de uns adolescentes —replicou o avô de Abby desde a cama—. Filha, chame a enfermeira. Eu estou com fome.

—Claro, vovô.

Enquanto caminhava pelo corredor para ir comprar um suco na cafeteria da clínica, Abigail pensou no tenso momento em que Cole apareceu. Ela e Richard estavam se despedindo com um abraço no umbral da suíte de seu avô, quando o olhar penetrante de Cole a observou desde sua imponente estatura. Imediatamente, como sempre ocorria com ele, ficou com a garganta seca e sentiu os joelhos fracos. Na noite anterior tinha ficado como uma idiota na frente dele, assim que não pensava deixar transparecer suas emoções.

—Abigail —a voz tinha soado aveludada, mas também existia um ligeiro traço de altivez e reprovação—. Você não me ligou, e pensei que algo tinha acontecido.

Richard sorriu indolente, e estendeu a mão para Cole. Este, em lugar de apertá-la, apenas assentiu com a cabeça, ao que o dono da Loja de Brinquedos Baltimore

respondeu com um dar de ombros.

—Eu... —Abby corou. Sentia uma corrente estranha entre os três, e ela não sabia como dissolvê-la. De fato, Richard parecia estar desfrutando, pois passou o braço pela cintura apertando-a mais contra ele, ante a expressão inquisitiva de Cole.

—Passei para te buscar cedo, não é verdade, carinho? —contestou Richard dando a ela um olhar de adoração.

Ela quis esganá-lo, mas tampouco devia nada a Cole, assim que decidiu que ele podia pensar o que quisesse.

—Hoje de manhã... —começou Abby, mas Cole fez um gesto diminuindo a importância. Estavam em uma clínica e isso foi o que impediu que o mandasse ao diabo, que direito tinha ele de tratá-la como si não merecesse nem ao menos ser ouvida? Ficou furiosa.

—Não precisa me explicar nada —interrompeu. Abby era consciente de que Joe e Palton estavam na suíte e que as vozes dos três no umbral da porta eram perfeitamente audíveis. Apertou a mandíbula—. Só queria saber como está seu avô.

—Estável, obrigada por vir —replicou dando uma leve cotovelada em Richard para que deixasse de acariciar sua cintura, mas ele parecia não se importar—. Hannah...? —começou a perguntar, porque a verdade era que sentia falta da pequena. E isso que apenas a havia deixado em casa vinte e quatro horas antes.

Em seguida se arrependeu de seu interesse, quando Cole lhe respondeu.

—Minha filha não é tua preocupação por hoje —respondeu mordaz, e ela estremeceu—. Se necessitar mais tempo junto a teu avô, então me diga. Não tenho problemas em te dar mais dias livres.

—Obrigada, te avisarei —murmurou, enquanto Cole se afastava pelo corredor.

Quando esteve segura de que a porta da suíte estava bem fechada, disse a Richard que não tinha gostado absolutamente nada de sua atitude. Claro, indolente e brincalhão, lhe explicou que se seu chefe era suficientemente idiota para reagir assim com ela era porque estava apaixonado. Ante essa informação, Abby esboçou uma careta e preferiu mudar de tema. Seu amigo não sabia até que ponto o coração de Cole ainda pertencia a sua defunta esposa, tanto assim como para não se comprometer com outra. Porque não tinha outra explicação para a reticência de Cole ante os sentimentos que às vezes deixava transparecer quando tinha algum gesto de ternura com ela. Gestos que adorava, mas que não lhe serviam de nada em absoluto, ao menos não, quando tinha muito claro que seus sentimentos nunca seriam correspondidos mais além de umas quantas noites entre lençóis.

Ela e Richard ficaram conversando um pouco mais, até que ele teve que ir para a reunião que tinha programada com seus gerentes.

Enquanto estava sentada na ampla cafeteria viu um casal que cuidava de um bebê, com muito mimo. Seu coração encolheu. Necessitava superar esse temor a tomar a uma criança nos braços, ou apenas estar perto demais de uma, ou observar uma mãe

carregando a um bebê com ternura.

Havia fugido durante muito tempo, e sentia que já era tempo de mudar as coisas. Necessitava ser forte. Quiçá não seria mãe, mas tampouco podia negar-se a possibilidade de afastar seus medos para viver sentindo-se mais livre.

Tomou uma decisão.

Discou o número de Monica.

—Abby? Que surpresa!

Não era fácil dar esse passo.

—Monica —tomou uma golfada de ar—, gostaria de saber se posso conhecer a teus gêmeos esta noite. Faz muito tempo que tinha vontade de ir, mas...

—Oh, nós vamos adorar te receber. Assim nos colocamos em dia. Fico tão feliz por você vir. Hoje Spencer tem plantão de novo. Teremos uma noite de meninas, e Damon e Damian se alegrarão de que sua tia Abby os conheça enfim.

—Obrigada, Monica. Eu também estou muito feliz de vê-los. —Encerrou a chamada com um sorriso, mas também estava um pouco nervosa.

Cole passou o resto do dia dando ordens a todo o pessoal da empresa. Não era que o trabalho administrativo lhe gostasse, em absoluto, mas depois de ver a Richard abraçar a Abigail como se lhe pertencesse e ela não afastá-lo, sentiu que um ácido lhe corroia as entranhas. Não queria adentrar essa maldita emoção, e o maldito programa que tentava criar não saía de sua cabeça.

Sussan, sua assistente desde sempre e que estava acostumada a lidar com seu mau humor, não tardou em dizer que se acalmasse ou fosse para casa porque tinha aterrorizado a todo o pessoal com suas explosões de cólera por qualquer detalhe sem importância, quando os temas administrativos nunca lhe haviam interessado. Ele lhe respondeu com um grunhido e se encerrou em seu escritório.

Estava ensimesmado lendo um contrato, quando a porta se abriu. Com um sorriso, Abraham entrou na sala. Uma das características de seu sócio era que parecia ter um perene sorriso no rosto, quiçá por isso era chamado para lidar com os clientes, enquanto ele se limitava a assistir a umas quantas reuniões, pois preferia dedicar-se ao que era sua praia: criar algoritmos e manejar o sistema informático com suas próprias mãos.

—Sócio! —saudou—. Adiantei minha viagem desde Bora Bora. Temos uma reunião com o pessoal de IBM. Querem trabalhar num projeto conosco —explicou depois de apertar a mão de Cole, e sentar-se confortavelmente em uma das poltronas em frente à mesa de seu amigo de longa data.

—Me parece genial. São boas notícias, mas é melhor que você tenha dito que nós temos a última palavra e se não gostarem, não precisamos de seu capital.

—Epa, epa, um momento. Não há porque ser soberbos, conseguir a reunião não foi fácil, por isso tive que adiantar minha viagem, para poder falar pessoalmente com Theos Whitmore, o encarregado da área de negócios. Será um projeto curto, assim

que, independente do que diga, aceitei em nome dos dois.

Cole não gostava que não lhe consultassem sobre as decisões, mas confiava plenamente em seu amigo, assim que não objetou, em especial porque era um tempo curto. Não queria nada em longo prazo com grandes corporações, pois gostava de sua liberdade de fazer o que ele quisesse sem ter que contemplar os delineamentos que as empresas gigantescas exigiam.

—Ok. Confio no seu critério.

—Genial. Whitemore virá se reunir conosco em alguns dias, para que o conheça e também ele entenda como funcionamos.

—De quanto dinheiro estamos falando?

Abraham sorriu quando Cole ficou boquiaberto com a quantidade.

—Quantos meses de trabalho?

—Quatro, e se desenvolvemos o software como eles esperam, nos darão outro projeto.

—Passo a passo.

—Nos pagarão a mesma quantidade pelo segundo que pelo primeiro.

Cole pareceu meditá-lo um pouco. Dinheiro não lhe fazia falta, pois com os Templeton estava mais que coberto, mas tampouco lhe viria mal um extra por trabalhar oito meses em dois projetos diferentes.

—Um segundo contrato e nada mais, isso é o máximo que aceitaremos, Abraham. Depois podemos continuar com o desenvolvimento do programa para as bases de dados corporativas para monitorar a competição desleal. É um projeto arriscado, mas acho que vale à pena.

Abraham assentiu.

—Então já avançou bastante?

Cole negou.

—Hoje foi um dia complicado, mas você parece renovado. O bronzeado sem dúvida delata o quão árdua foi sua viagem —comentou irônico—. Como está... Lynda? Gina? Candy?

—Ginette.

Cole riu pela primeira vez no dia. A ninguém na empresa lhes passava despercebido o fato de que os dois sócios eram opostos em suas personalidades. Cole por um lado reservado e temperamental, e Abraham piadista e extrovertido.

—Isso mesmo, aproveitou Bora Bora?

—Não duvide. Tem que ir algum dia. Te faz falta conhecer mais mulheres.

—Tenho uma filha e por isso devo ser discreto.

O rosto de Abraham se tornou sério.

—Acho que já é tempo de que pare de usar a Hannah como um escudo e desculpa. Você não teve culpa de não atender àquela ligação de emergência de Celeste antes que ela morresse, o que você poderia ter respondido? Discutiram nesse dia, sim, mas, até

quando vai se torturar desse modo? Não sabemos para onde Celeste ia quando saiu disparada de casa no carro. Quiçá tivesse saído de compra, quiçá queria ir passear um pouco. Não poderá voltar no tempo para perguntar. Já viveu o luto o suficiente, e você e eu sabemos que tua ex-mulher não foi precisamente um poço de virtudes.

A expressão de Cole se tornou severa. Recordar a sensação de culpa que o tinha acompanhado todos esses anos era difícil. Se ele não tivesse discutido com sua mulher naquele dia, ou se não tivesse colocado o trabalho na frente de sua família, então Hannah ainda teria uma mãe e quiçá ele teria se divorciado de Celeste em bons termos. Ele conhecia muito bem o quão temperamental ela tinha se tornado, e aquela última briga havia sido monumental. Celeste acusando-o de coisas, e ele devolvendo-lhe o golpe dizendo que tinha se comportado como uma qualquer quando sua filha tinha apenas seis meses. Estava convencido que quando o carro bateu, Celeste ia dirigindo obnubilada pela fúria.

Abraham era o único que conhecia da infidelidade de sua ex-mulher, mesmo que Spencer de algum modo também tinha conhecimento, ainda que não tão detalhadamente. O tema constituía um assunto que estava fechado por um pacto de confidencialidade masculina.

—Não é algo que queira falar contigo, Abraham —respondeu com acidez.

Ele se inclinou para adiante, apoiando os cotovelos sobre os joelhos.

—Tem que tratar de mudar as coisas ou a vida passará diante de você, e quando você se der conta terá desperdiçado a oportunidade de estar com alguém.

—Você não é precisamente o melhor exemplo de monogamia.

Abraham riu.

—Eu gosto de estar com várias mulheres, as mulheres me fascinam, o que posso fazer? O que sei, é que você não pode ir por aí se escondendo por medo de que Hannah te veja. Ela tem só cinco anos, por Deus! E age como se você fosse um adolescente e ela fosse um adulto que vai te castigar pelo teu comportamento. Está em uma idade na que faz perguntas, sim, mas talvez seja momento de que tenha uma figura materna a seu lado.

—Tem a minha mãe e a minha irmã —respondeu entre dentes, quase cuspidando as palavras. Permitia a poucas pessoas falassem desse jeito tão direto, e Abraham era uma delas.

—Te conheço há anos. —Cole se reclinou na cadeira e apertou os olhos—. E Justine, não acho que seja o tipo de mulher que você gostaria para uma mãe. Estou errado?

—Abraham... —disse como advertência, mas parecia não importar para seu amigo—. É só uma aventura, e já terminou.

—Estou seguro que Hannah conhece a essa mulher.

—Não porque eu quisesse —murmurou. Apesar de que tinha deixado claro para Justine que não queria envolver-se com ela, para além do quarto ou alguns encontros,

com o passar do tempo ela havia decidido que queria algo mais sério com ele. Chegou num ponto em que apareceu durante um almoço em um restaurante no qual e Hannah estavam com sua mãe, e Justine não perdeu tempo e tentou conquistar a boa vontade de sua filha. Haviam tido uma grande discussão por isso, mesmo assim, Justine não se deu por vencida, e numa noite apareceu sem avisar em sua casa, enquanto ele estava jantando com Hannah. A deixou entrar a contragosto, primeiro porque nessa ocasião Baltimore estava congelando, e segundo, porque sua filha, como dona dessa casa, merecia respeito e não pensava em mandá-la a seu quarto quando estava curtindo o tempo ao seu lado. A intrusa era Justine, e fez isso ficar bem claro para ela. Desde então, ela não voltou a tentar aparecer de surpresa em nenhum lugar, o que não impedia que enviasse seu motorista com presentes para Hannah. Menos mal que tinha se livrado de Justine em Seattle—. E já terminou como acabo de dizer.

—Não acho que ela se dê por vencida.

—Justine é uma mulher orgulhosa, e não vai me procurar de novo. A conheço o suficiente. Tudo terminou.

Abraham lhe lançou um olhar enigmático.

—Em troca essa outra moça, uma beldade —começou com um sorriso—. Qual era seu nome...? Abigail? Ela não me pareceu nem um pouco orgulhosa. Uma doçura, inclusive sua voz. —Cole apertou a mandíbula, e ao notar, Abraham riu—. Fui te procurar numa manhã antes de ir para Boston, mas você já tinha ido. E que surpresa não tenho quando na porta me recebeu uma mulher sensual com corpo capaz de causar um infarto e cara de anjo. Se ela não está saindo com ninguém...

Cole se pôs de pé lenta e perigosamente.

—Escute bem, Abraham. Deixe a Abigail em paz, e se limite a falar de negócios.

Consciente de que havia tocado num ponto fraco e satisfeito de saber até que ponto afetava a seu amigo, riu e depois se esticou para trás na poltrona. «Então, no fim das contas, o universo tinha se encarregado de achar a alguém que conseguisse acordar as partes adormecidas de Cole.»

—Fico feliz de saber que não se fechou então para a possibilidade de ter uma relação.

Cole bufou.

—Não tenho nenhuma relação com ela, mais que a de chefe e empregada. Ela é a babá e a professora da minha filha.

«E os elefantes tem assas.»

—A única autorizada a entrar na tua casa? — Arqueou uma sobrancelha apreciando a situação. Não era todo dia que tinha a oportunidade de alfinetar seu amigo.

A voz de Cole se tornou afiada.

—Sobre IBM, era tudo? —perguntou mudando de tema e sentando-se de novo sem deixar de olhá-lo com cansaço—. Porque como já terminamos com o assunto, pode ir para tua sala, que tenho muitas coisas que fazer.

—Como o que? Gritar com toda a empresa. Vim também te trazer isto —comentou de bom humor. Tirou um envelope do bolso do terno e o lançou sobre a mesa de Cole—. Os Templeton vão dar neste sábado um jantar para celebrar o aniversário de sua companhia. Estamos convidados.

—Verei se minha mãe pode ficar com Hannah.

Abraham se pôs de pé.

—Vai com Justine? —perguntou o homem de olhos verdes e cabelo loiro. Era quase tão alto como Cole, e tinha o bronzeado que só se consegue com férias dos sonhos em um lugar paradisíaco como Bora Bora, mas também possuía um olhar astuto e calculador que era a isca perfeita para as mulheres, e Abraham se valia muito disso para jamais carecer de uma boa companhia feminina.

Cole abriu o envelope e o leu.

—Já te disse que terminamos.

—Entendo.

—Aqui não diz que temos que ir com acompanhante.

Antes de chegar à porta, Abraham se deteve.

—É um jantar com festa, e a menos que espere simplesmente não dançar e ficar entediado como uma ostra, pois vá sozinho. Claro. —Cole deixou o convite junto a seu computador, e arqueou uma sobrancelha, interrogante—. Não se importa se eu pedir para a babá de Hannah que me acompanhe, não é? Estou certo de que se eu lhe der um vestido vermelho ela ficará...

—Fora daqui! Tenho que trabalhar.

—Então não se importa se...?

—Faça o que te der vontade. Não é mais que a babá de Hannah já te disse, e terá que cuidar minha filha.

—Mas acabou de dizer que vai pedir para tua mãe...

Cole explodiu.

—F-O-R-A!

Abraham saiu, mas sua gargalhada ressoou pelo corredor enquanto se afastava.

«Apenas sobre seu cadáver o mulherengo do Abraham ia convidar Abigail para essa maldita festa dos Templeton»

Monica recebeu a Abigail com um abraço efusivo. Nunca poderia revelar a sua amiga que um dos segredos do casamento era que entre os casados se contavam tudo, em especial quando se tratava da dor de alguém de quem gostavam muito e procuravam encontrar um modo de ajudar. Ela conhecia o segredo de Abby, por isso muito discretamente tentava que se aproximasse dos gêmeos, para que enfrentasse a seu temor, e superasse seus medos, mas todas suas tentativas tinham sido um fracasso. Não sabia por que motivo Abby tinha decidido visitá-la agora e conhecer enfim a seus

bebês, mas ficava muito feliz.

—Como está seu avô? —perguntou, depois de que conversaram sobre a saúde de Horace e seu infarto.

—Estável. Antes de vir, Spencer comentou que na quinta lhe dariam alta.

Monica apertou sua mão com carinho.

—Bom, faltam dois dias. Estará bem cuidado e ademais tem a seus amigos que vão visitá-lo, certo?

—Sim. Essa dupla de piadistas faz bem a meu avô.

—Decerto, preparei uma lasanha, tua favorita. Mesmo que a cozinha nunca foi meu ponto forte, aprendi algumas coisas no tempo que brinco de dona de casa. Sinto tanta falta de trabalhar! —comentou, enquanto cortava as porções e as servia na vasilha azul—. Mas amo mais estar com meus filhos. São crianças tão boas.

—Sim. Isso mesmo comenta Spencer. Além do mais pode trabalhar de novo quando estejam maiorzinhos, não?

—Claro. É o que penso em fazer.

—Que bom.

—A babá está quase saindo, quer conhecê-los antes de jantar, ou prefere depois?
—sorriu acolhedora.

A calefação estava ligada e a taça de vinho que Abby tinha tomado a ajudou a relaxar.

—Eu gostaria —tomou ar—, gostaria muito de conhecê-los agora.

O rosto de Monica se iluminou.

—Fantástico! Já volto. Vão gostar de você assim que te olharem —expressou antes de desaparecer escadas acima.

Na estava suando frio, claro que não, disse Abby tentando se animar. Bebeu outra taça de vinho e seu estômago terminou de assentar. Picotou a lasanha, e quando escutou o gorjeio dos bebês deixou cair o garfo ruidosamente sobre o prato. Se pôs de pé para tentar enfrentar com valentia a ideia de vê-los.

Monica apareceu com um lindo bebê loirinho, e a babá com o outro. Para Abigail resultava impossível dizer qual era Damien e qual era Damon, mas estava certa de que a mãe deles saberia distingui-los a léguas de distância.

—Abby, te apresento a teu sobrinho, Damien. —O bebê moveu seus dedinhos, e uma lágrima correu pela cara de Abigail. Monica não disse nada, e deixou que sua amiga se habituassem à ideia de ver a um bebê tão de perto—. Gostaria de pegá-lo no colo?

Ela assentiu nervosa.

—É tão frágil —sussurrou mordendo seu lábio, enquanto Monica depositava a seu filho mais velho nos braços de sua melhor amiga—. É perfeito —murmurou emocionada. O abraçou com suavidade e o elevou até poder aspirar ao aroma único que costumavam ter os bebês. As lágrimas deslizaram por sua face, enquanto o pequeno

movia as mãozinhas até tocar no nariz arrebitado.

Abigail sentiu que uma carga pesada se evaporava de seu coração ao segurar a essa pessoinha tão bela. Quiçá seu filho não tinha conseguido nascer, e quiçá não teria jamais uma criança de seu próprio ser, mas podia seguir em frente. Tinha aos filhos de suas amigas. E melhor, algum dia, quando sua vida estivesse mais ajeitada, poderia adotar um bebê. Apenas o pensamento entrou em sua mente, soube que não duvidaria em fazê-lo. Ela estava cheia de amor e sabia que existiam muitas crianças no mundo que necessitavam recebê-lo.

—Posso conhecer Damon? —perguntou dando um beijo na testa de Damien para despedir-se.

Monica sorriu contendo a vontade de chorar ao ver como a expressão inicial de medo de Abigail se havia transformado em uma de sossego.

—Claro que sim. —Depois fez as apresentações respectivas, e notou que o processo com Damon foi mais leve para Abigail.

O bebê balbuciou em seus braços e uma risada de alívio recorreu o corpo de Abby.

Os minutos seguintes foram como se sua vida tivesse mudado. Os fantasmas daquela trágica experiência no hospital tinham partido.

Quando as crianças foram levadas para o berço, Abigail se sentiu leve. Monica e ela conversaram mais um pouco. Sentiu que já era tempo de apoiar-se em uma mulher, ademais de sua psiquiatra, e lhe confessou a Monica o que tinha ocorrido e o motivo pelo que não foi a vê-la no hospital quando deu à luz aos gêmeos, e também que a fizeram declinar convites que pudessem aproximá-la das crianças.

Monica não comentou a sua amiga que sabia sua história, não em detalhes porque Spencer era relutante em dizer além do superficial e tão só por tratar-se de uma amiga em comum, caso contrário ele não teria falado nada. De fato, ela desconhecia muitos dos pacientes que Spencer atendia. Procurou mostrar-se compreensiva com o relato de Abby, mas não lhe mostrou pena, pois sabia que sua amiga não a necessitava; o que requeria era apoio e força. Aproveitou para dizer que se sentia orgulhosa de ter uma mulher tão valiosa como ela, como uma de suas melhores amigas.

Depois de algumas horas, e com o coração calmo, Abigail saiu da casa de Monica. Antes de ligar o motor do carro, ligou para Amanda para pedir que não guardasse o jantar, e a empregada lhe informou que tinha uma visita.

—De quem se trata? São as dez da noite.

—Não quis me dizer seu nome.

—Cole?

—Não, querida, a esse belo e mandão, eu conheço. Não estou tão mal da memória.

Abigail riu. Se sentia tão em paz. Tudo parecia ter se acalmado. Bom, talvez não tudo, mas ao menos aquelas partes que havia arrastado como um grande peso durante muito tempo.

—Certo, estarei em casa dentro de meia hora. Te verei então.

Ligou o rádio enquanto dirigia. Não ia permitir que nada lhe amargasse a noite. Dirigiu pelas ruas de Baltimore cantarolando no ritmo de Bruno Mars, depois chegou Shakira, e quando estava estacionando Lady Gaga terminava “Edge of Glory”.

Desceu do carro e se fixou na figura que estava sentada na varanda.

Apertou os olhos. «Não podia ser. Impossível.» O coração acelerou e não precisamente de alegria, mas de terror.

—Abigail. — A figura saiu das sombras da varanda—. Preciso falar contigo —disse a voz rouca que pensou que jamais voltaria a escutar.

Ficou congelada.

—Rylan.

Capítulo 16

—O que você faz aqui? —perguntou tentando manter a voz firme, quando por dentro estava tremendo. Não se explicava o que fazia Rylan em sua casa, pior a essas horas da noite e depois de tanto tempo—. Você e eu não temos nada que ver, vá embora —espetou subindo com firmeza a escada até chegar a sua altura. Era intimidante, mas ela não havia passado meses em terapia, em vão. Já não era a Abigail frágil que esse monstro deixou para trás em condições para ir a um hospital.

—Eu quero primeiro falar contigo —replicou metendo as mãos nos bolsos. Sua voz soava tensa, mas também ligeiramente vacilante.

—Eu não. Se não for embora, eu vou chamar a polícia —disse enquanto buscava a chave da porta. Seus dedos tremiam, mas não ia deixá-lo notar. Podia chamar a campainha e fazer com que Amanda saísse, mas conhecia a sua empregada e certamente o convidaria a entrar. Isso ela não podia permitir—. E não é uma ameaça —continuou com voz firme.

Ele se aproximou, e ela pulou para trás. Elevou o olhar observando-o com fúria.

—Já não tem o poder de me afetar de nenhuma maneira.

Rylan tinha gastado suas poucas economias para comprar uma passagem aérea para viajar até Baltimore. Seu último emprego foi de assistente financeiro em uma pequena empresa agrícola no Kentucky, mas o despediram porque estava bêbado durante uma reunião e bateu no presidente da empresa quando ele o criticou sobre seu desempenho como empregado. Aceitava que tinha passado dos limites, mas o presidente tinha sido um cretino. Ele tinha merecido.

Ademais, todos esses anos tinha passado em um estado de inquietude porque ninguém compreendia que necessitava ver de novo à mulher que tinha deixado para trás há muito tempo. As ameaças de Spencer Lughan e Richard Bale o tinham mantido na linha e longe de Baltimore. Mas não mais. Queria Abigail de volta e precisava que ela se desse conta que na verdade continuava amando-o, assim como ele.

—Não quero te fazer mal... —sussurrou para que não tivesse medo. Não tinha por que temê-lo, ele só queria voltar para seu lado. Eram o casal perfeito. Não podia agonizar mais tempo estando longe dessa mulher tão sensual. Queria possuí-la do mesmo modo que antes o tinha feito; desejava meter-se entre suas pernas e obrigá-la a dizer seu nome—. Quero conversar contigo, e reparar o passado. —Lhe estava fazendo uma oferta mais que generosa, ela deveria saber. Ele sempre conseguia o que queria, e Abigail não poderia resistir a ele.

Ela riu. Foi uma risada vazia.

—Tarde demais.

Rylan suspirou e recordou que ela gostava de se fazer de difícil; sempre tinha sido assim, inclusive quando dizia que não queria ter sexo com ele. Depois estava chorando e gritando quando ele a penetrava e a tocava; claro que era frígida, mas essa não era

culpa sua. Esta vez não ia deixar-se enganar por sua falsa modéstia. Decidiu tentar de outro modo.

—Tentei voltar contigo e ganhar teu perdão pelo que aconteceu.

Ela tremia de raiva.

—Se não me interessavas no passado, muito menos agora. Já causou estragos demais. Cai fora da minha vida.

Rylan apertou a mandíbula. Tentava conter-se.

—Não posso ficar muito tempo, mas preciso falar com você. — Tirou as mãos dos bolsos, e as pousou sobre os ombros de Abigail. Com firmeza—. Tem que me escutar.

Ele a estava machucando e sentiu o cheiro de álcool ao ter a Rylan tão perto. Uma sensação de perigo a invadiu, mas ela agora era mais forte.

—Vai embora! —gritou tentando se soltar—. Fora daqui! — Lhe deu um chute na canela e seus braços se afrouxaram. Aproveitou esse momento para abrir a porta, e depois colocar desde dentro todas as travas de segurança.

Rylan começou a bater na porta.

—Abra, maldita seja! Abra, Abigail! Fala comigo! —vociferou fora de si. Como demônios essa mulher se atrevia, depois do tempo que havia pensado nela, e agora que queria voltar para que fosse sua, ele pudesse aceitar que ela gritasse com ele?

Nesse momento, Amanda desceu as escadas e a viu cheio de medo. Sem pensar duas vezes tomou o telefone e discou 911. Rylan continuava gritando, enquanto Amanda fazia a chamada. Em estado de choque, Abigail tremia contra a porta, agradecida de que seu avô não estivesse em casa.

Quatro minutos mais tarde se escutaram as sirenes do carro de polícia.

—Vai falar comigo, você querendo ou não! Puta maldita —resmungou, antes de embarcar em seu carro e fugir quando a polícia se aproximava pela rua.

Tremendo, Abby se deixou abraçar por Amanda.

O oficial de polícia tomou sua declaração, e lhe assegurou que tentariam prender Rylan Carmichael. Para fazer com que ela se sentisse a salvo, Ty, um dos oficiais, se ofereceu para ficar nessa noite fazendo a guarda. Mais tranquila, Abigail se dirigiu à cozinha por um copo de água.

—O que foi isso, menina? —perguntou Amanda se sentando junto à neta de Horace em uma das cadeiras vermelhas da mesa.

Em silêncio, Abby terminou o conteúdo de seu copo. Respirou profundamente.

—Um antigo namorado... Rylan Carmichael. Acho que o conheceu.

A mulher assentiu.

—Oh, sim, um rapaz encantador, mas nunca gostei muito dele e com o escândalo que acabou de armar só confirmo minha antiga percepção dele.

—Ele me fez muito mal —disse com um ligeiro tremor na voz—. Não sei por que voltou.

Amanda em lugar de indagar sobre o passado, tratou de ser pragmática. Podia

reconhecer os sinais de uma relação abusiva. Não queria saber o que essa pobre menina havia passado, porque seu conselho não seria que deixasse tudo nas mãos das autoridades, mas que, como ela fez, fizesse justiça com suas próprias mãos em defesa própria. E não perdoaria a si mesma se a moça fosse para a prisão como ela. Assim que era melhor ignorar o fato.

—Estás a salvo. Não poderá te machucar de novo. A polícia está avisada do incidente.

—Sim. Eu sei —murmurou, enquanto se colocava de pé. Com o oficial Ty Hudson lá fora fazendo guarda se sentia resguardada, mas não tinha ideia do que ia fazer nos dias seguintes. Necessitava falar com Richard na primeira hora da manhã. Não podia incomodar a Spencer; já tinha o suficiente com o hospital e sua família—. Necessito acalmar-me para amanhã estar com a cabeça mais clara.

—Claro que sim, menina. Vai e trata de descansar.

—Não tem curiosidade por...?

A mulher sorriu com doçura.

—Creio que todas as pessoas temos direito a nosso passado, menina. Sei que você é forte. Estarei aqui se quiser conversar sobre isso. Se não deseja falar, pelo motivo que for, está bem. Mas pode ter a segurança que na ignorância da causa, ou conhecimento da mesma, tem meu apoio.

—Oh, Amanda. —Se aproximou até a mulher e a rodeou com os braços. Ela lhe deu leves palmadas nas costas para acalmar os soluços que afloraram—. Obrigada...

—Vai dormir, vamos que tem que repor as forças.

Rylan dirigia a toda velocidade. Sabia que não podiam detê-lo, porque não existia nenhuma denuncia contra ele. O único que queria era pedir a Abigail que lhe desse uma segunda oportunidade. Por que se negava a fazer isso? Acaso não conseguia perceber, depois de todos esses anos, que o que ocorreu foi um pequeno erro? Não entendia que eram feitos um para o outro? De fato, ele era tão generoso que estava disposto a ir para cama com ela de novo, apesar de que era frígida.

Pisou no acelerador.

Por sua culpa, Lughan e Bale, o haviam enviado para fora da cidade, mas já nada ia a detê-lo. Nem sequer as ameaças desse par de imbecis. Ademais, tinha gasto o dinheiro que lhe pagavam para que não voltasse a Baltimore, em álcool e festas.

Agora consumia bebidas mais caras e saía com mais frequência que antes. As mulheres que levava para a cama eram prostitutas muito caras, em especial, porque tinha descoberto que aquela estúpida e ridícula maneira de transar que a sonsa da Abigail gostava não era com ele; não lhe bastava uma mulher e as orgias não eram precisamente baratas. Queria ensinar àquela puritana o que era prazer de verdade, e

estava disposto a tê-la de novo.

Com um sorriso cruel se inclinou para recolher a garrafa que tinha deixado no porta-luvas do carro alugado, e antes de entrar na autoestrada bebeu quase a metade do conteúdo. Tinha um plano para recuperar o que lhe pertencia, pois Abigail Montgomery era sua.

Não contava com muito tempo, mas ele tinha uma inteligência prodigiosa. Pensava utilizá-la a seu favor. Sem deixar de sorrir continuou dirigindo, até que chegou a um hotel de beira de estrada. Pagou o quarto e se lançou sobre o colchão. Esticou a mão e discou o número de uma conhecida prostituta que já antes lhe havia servido. Essa noite ia praticar com a mulherzinha tudo o que tinha planejado fazer com Abigail. Quiçá, a puritana se animasse a fazer um pequeno e divertido trio.

—Richard. —Se jogou em seus braços, quando apareceu na porta, não sem antes assegurar-lhe ao oficial Hudson que estava a salvo com seu amigo e agradecer-lhe por ter ficado na noite—. Rylan... Rylan voltou —murmurou trêmula.

Havia chamado por telefone a Richard, mas não quis dar a notícia, só pessoalmente. Não era algo que queria falar mediado por um aparelho eletrônico. Ao menos não, quando estavam na mesma cidade.

O melhor amigo de Abby maldisse sob sua respiração.

—O que ele te disse?

—Que queria falar comigo...

—Não deveria ter regressado —expressou com fúria—. Spencer e eu... —Se deteve. Mas era tarde. Abigail era curiosa. E ele não estava disposto a ocultar-lhe aquele assunto.

—Vocês o que? — O olhou inquieta—. Vocês o que, Richard? —perguntou ansiosa.

Ele suspirou.

—Lhe pagávamos para que não voltasse e o tínhamos ameaçado com ir à polícia com as fotografias que te fizeram na clínica —murmurou arrependido de ter guardado um segredo como esse de Abigail.

Ela se soltou de seu pescoço e o olhou com incredulidade.

—O que?

Richard baixou o olhar.

—Fizeram fotografias como parte do processo, porque em no principio Spencer disse a teu ginecologista-obstetra que estava seguro que você denunciaria Rylan. Mas você não fez isso.

—Sim... me lembro das fotos.

—Depois você disse para o Spencer que não queria denunciar... mas quando tudo

passou ficaram as fotos... —explicou em tom de desculpa.

—Suponho que fizeram o que pensaram ser o melhor para mim ao guardar essas fotos...

Richard respirou, aliviado de que ela compreendesse.

—Não podíamos permitir que esse desgraçado continuasse na cidade. Foi a única maneira que encontramos de proteger-te. Assim que o ameaçamos e chantageamos.

—Ma... mas lhe pagavam. Quanto? Estou em dívida com vocês... foram mais de dois anos... —Negou com a cabeça e seus cachos cobriram seu rosto—. Não devia ter feito isso... é dinheiro demais...

Ele se aproximou e elevou o rosto de sua amiga com delicadeza, não sem antes envolver as mãos dela com as suas.

—Abby, por acaso importa o dinheiro? Para nós não significa mais que um meio para manter esse mal parido longe de você.

—Não importa...não —sorriu com timidez, comovida pelas coisas que seus dois amigos tinham feito por ela—. Não sei como agradecer o que fizeram por mim —sussurrou olhando-o nos olhos—. E as fotos...? —perguntou assustada. O último que queria era que estivessem rodando por Deus sabe onde.

—Spencer está com elas.

Abby tapou sua boca.

—Monica!

—Não, ela não faz ideia de sua existência. Estão bem resguardadas em um cofre. São tuas. Se quiser, nós as destruímos. Nunca pensamos que Rylan voltaria. Nós praticamente nos esquecemos dele. De fato, as transferências de dinheiro já eram feitas de modo automático cada mês, por isso esta notícia foi um choque. Acho que vai ser o mesmo para Spencer.

—Ele já fez demais. Não o envolva tanto... ou si puder evitar envolvê-lo, melhor. Tem seus filhos e a Monica, não quero enrolá-lo num assunto assim.

Richard assentiu.

Sentaram-se na sala. A cabeça dela dava voltas. Seus amigos a haviam protegido durante todo esse tempo. Richard sempre velava por ela, não podia compreender como era possível que seu coração fosse tão estúpido para não conseguir se apaixonar por ele.

—Não estou disposta a passar por esse inferno outra vez. Eu falo sério. Tive que ir para a terapia e reconstruir minha vida, minha autoestima e meu orgulho, tomou um longo tempo. Não vou a permitir que esse bastardo volte a me amedrontar. Me pegou de surpresa, mas não poderia deixar que voltasse a me surpreender, menos ainda me intimidar.

Ele tomou as mãos dela com firmeza e a olhou.

—As fotos existem, Abby, e se você quiser fazê-las valer estão a tua disposição. Se a polícia tem um relato do que aconteceu noite passada poderíamos pedir que

começassem uma investigação e solicitar uma ordem de proteção. Nem Spencer nem eu podemos fazer nada, Abby. Tudo depende do que você quiser fazer.

Ante a veemência na voz de Richard, ela tomou a decisão que recusou tempo atrás.

—Está bem. Tem razão. Não vai ser fácil, mas estou disposta a usar essas fotos contra Rylan —dizer isso a fez sentir-se mais forte—. Agora mesmo.

Um sorriso iluminou a Richard.

—Vem aqui —disse abraçando-a—. Esta é minha garota. Sairemos dessa, minha corajosa Abby.

Foi assim que Cole os encontrou. Abraçados, e Richard acariciando o rosto dela. Tinha ido até a casa de Abigail, para convidá-la para a festa de sábado antes que o mulherengo do Abraham o fizesse. Quando estacionou e viu o carro de Richard Bale a fúria o invadiu, mas não queria criar fantasmas onde não existiam. Assim que subiu as escadas da varanda, e ao encontrar a porta destrancada, a empurrou. Usualmente teria tocado, mas não sabia o que o levou a girar a maçaneta. «Instinto.»

Vê-los juntos foi como um chute no estômago. Sua ideia de tratar de discernir como poderia ter uma relação com Abigail a mandou para o espaço. Como tinha conseguido ser tão cego? Não ia permitir que nenhuma mulher o tratasse como um idiota. Primeiro, foi aquele cara em Seattle que tentou beijá-la, depois a encontrava muito comodamente na clínica abraçada a Bale, e agora, na casa acariciando-se e Abigail com roupa de dormir. O que podia pensar senão que tinham passado a noite juntos?

Afastou de sua mente a imagem que tentou se fixar, a de Celeste com seu amante. E em troca deu a Abigail uma olhar de gélido desprezo.

—Co...Cole. —A escutou gaguejar e separar-se abruptamente de Richard, que se calou ante sua chegada—. O que faz aqui? —perguntou colocando-se de pé, e avançando até ele.

Achou que ela tremia, e tinha olheiras. «Certamente havia passado a noite na cama de Bale», pensou com amargura. Todas eram iguais. Devia ter seguido seus instintos quando lhe disseram que devia ir com passos de chumbo com Abigail. Tinha se perguntado o que era que escondia, e agora havia descoberto. Era uma pessoa desleal. Maldita a hora em que havia permitido que se metesse sob sua pele.

—Me dando conta da classe de mulher que você é —expressou com sarcasmo na voz, e com um tom cruel que inclusive fez Richard franzir o cenho.

—Ao que se refere? —indagou ela colocando a mão sobre o braço de Cole. Imaginava que poderia ter pensado que Richard e ela eram amantes, mas estava esgotada, estressada pela aparição de Rylan, e não lhe apetecia continuar com o jogo de “não me importa o que você pensa”, ou “olha o que está perdendo”. O olhar de asco que ele lhe deu foi tal, que ela o soltou imediatamente, como si tivesse recebido uma bofetada—. Não aconteceu nada aqui. Richard veio aqui, por que... —Quiçá era tempo de contar a verdade a Cole, e falar sobre aquele episódio de seu passado; Richard poderia corroborar—. Passei uma noite complicada... —começou, mas se deteve

quando ele se endireitou em toda sua altura como um Deus pagão que tentava controlar seu temperamento com uma insolente mortal.

—Por que deveria me importar com quem você vai para a cama? —replicou mordaz, interrompendo-a e machucando-a com o olhar. Estava furioso e se sentia traído. Um absurdo, se considerava que eles não tinham nenhuma relação. Mas mil demônios o controlavam nesse momento.

Abigail abriu e fechou a boca.

Richard, consciente do que ocorria se pôs de pé.

—Hey, amigo, acho que está passando da linha —disse com tom conciliador—. Está julgando equivocadamente o que viu.

Cole fez que não escutou. Tinha à culpada de que seu mundo emocional fosse um caos, que seus hormônios se disparassem como um adolescente excitado e que sua mente vivesse numa confusão ao não saber como lidar com os sentimentos que lhe causava. Mas o pior de tudo era ter que constatar que não podia confiar nela.

—Não quero que minha filha fique perto de uma mulher sem princípios. Quem sabe que doenças você pode ter, nem com quantos foi para a cama depois do fim de semana em Seattle. Terei que fazer uns exames para comprovar se não me pass...

A resposta de Abigail foi uma sonora bofetada. Não impediu que as lágrimas saíssem de seus olhos. Se sentia profundamente ferida pelas palavras de Cole.

Ele não fez nada para deter o golpe que viu vir.

—Fora da minha casa. FORA DA MINHA VIDA —expressou trêmula, e com o coração apertado—. Não quero te ver nunca mais, nunca!

Richard não conseguia sair de seu assombro pela reação de Cole e o olhar de ódio que lançava a Abigail. Sabia que era uma discussão na que não podia mais se meter, havia tentado conciliar, mas Cole estava evidentemente cego de ciúmes.

—Perfeito. Porque desde hoje já não trabalhas para mim. Te enviarei através do meu motorista seu último cheque —a olhou de acima a abaixo com insolência—, e um extra pelos serviços adicionais em Seattle... mesmo que não tenham sido exclusivos de modo algum —terminou com crueldade, antes de sair batendo a porta.

Richard se aproximou e a tomou nos braços, enquanto a deixava chorar. Ficaram assim bastante tempo, até que os soluços de Abigail foram parando pouco a pouco.

—Eu...eu lamento, Richard.

Ele secou as lágrimas dela com os polegares e a aconchegou como se fosse uma menina pequena.

—Por que, meu bem? Esse imbecil não é mais do que isso, um imbecil.

—Por ter sido estúpida e ter me apaixonado por ele e não por você. Por amar a ele, e não a você...

—Oh, Abby —suspirou contra o cabelo loiro de sua amiga—. Nada me faria mais feliz que ser correspondido. E poderia aproveitar-me agora da situação, mas te conheço e sei que quando você ama alguém, é com firmeza e determinação. Aquilo de não

perder a esperança era só uma piada, sei que teu coração tem dono. O soube desde o dia que conheceu a esse idiota na casa de Spencer e Monica.

Ela soluçou.

—Você é bom demais...

—Talvez... talvez não conheça meu lado mau —tentou fazer graça. Abby estava consternada demais pelo que acabava de ocorrer com Cole para sorrir.

—Me insultou... me tratou como...

—Shhh. —Lhe pôs os dedos sobre os lábios—. Não te serve de nada pensar nisso. Deixe estar por agora. Temos algo mais importante nas mãos.

—O que vou fazer? —sussurrou tremendo.

Richard sabia que ela se preocupava com o dinheiro para cuidar de Horace.

—Trabalhar para mim na Loja. E não aceito negativas. Acabo de ser testemunha de que foi despedida —tentou fazer piada de novo, e falhou outra vez, porque Abby começou a chorar. Richard suspirou—. Venha trabalhar comigo —pediu com doçura—. Anda. Se não quer ser gerente de nada, então te colocarei de caixa e te pagarei como gerente. Isso eu posso fazer. O chefe decide os salários. Assim não vai contra teus princípios sobre a capacitação para o posto. Caixa com salário de gerente. Também sei que é orgulhosa e não me deixará cobrir nenhum dos gastos de Horace. —Ela negou com a cabeça, e isso fez com que Richard sorrisse—. Viu? Eu te conheço. Então, trabalhará para mim.

—Certo..., mas, o que vou a fazer com Hannah? —murmurou como se Richard possuísse nesse momento todas as respostas—. Vou sentir saudades dela. Eu gosto muito dessa menina...

—Eu lamento muito, Abby. Quando Cole esfrie sua cabeça e se dê conta do que acabou de fazer vai ver como sua consciência vai comê-lo vivo. Enquanto isso tem que se ater à ideia de que não verá mais a menina.

—Destroçou com suas palavras o que sentia por ele —disse com voz abafada—. Inclusive me tirou Hannah.

—Ela não é sua filha.

«Mas é como se fosse», tinha vontade de dizer, mas não faria sentido.

—Estou condenada a...

—Ser valente —completou com um sorriso tentando dar-lhe animo—. Está condenada a ser valente. Agora vamos a acabar de uma vez com este assunto de Rylan, e deixemos que as outras coisas caiam com seu próprio peso.

Capítulo 17

Conseguir babá não era fácil, pior ainda alguém que tivesse a habilidade para ensinar a sua astuta filha. Isso só conseguiu piorar o ácido humor que o havia corroído desde a manhã anterior. Quiçá despedir a Abigail fora uma medida extrema, mas, que demônios! Jamais em sua vida tinha ficado tão furioso e cego pelos ciúmes. O pior era que não podia apagar a lembrança desse olhar doído e carregado de assombro de sua cabeça.

Tinha passado dos limites. Reconhecia. Ele não lhe ofereceu uma relação, nem lhe expressou em nenhum momento seus sentimentos, e no entanto, tinha acreditado ter direito de acusá-la. Ele tinha merecido o tapa, mas isso não retirava a decepção que teve com Abigail.

—Papai, papai! — Hannah chegou correndo até ele, e se jogou em seus braços como fazia cada dia quando ele regressava do trabalho, nesta ocasião a buscava na casa de sua mãe—. Senti saudade, a vovó me fez biscoitos.

—Me alegro muito, a agradeceu?

—Sim, papai.

Rodeou sua filha com delicadeza e a apertou com firmeza contra seu peito. Ela o olhou com seus olhos azuis tão cheios de ternura e sinceridade.

—Onde está Abby? —perguntou enquanto ele colocava seu cinto de segurança e ligava o motor do carro. Cole sentiu uma pontada no peito—. Você disse que viria me ver e que só tinha dois dias de férias —contou nos dedos— e já passaram três.

—Acho que não poderá continuar trabalhando conosco, pequena —sussurrou sentindo-se um canalha, pois sabia que no tempo que Abigail tinha trabalhando havia criado um laço forte com sua filha—. Mas logo encontraremos a alguém que te trate tão bem quanto ela.

O que aconteceu a seguir ele não esperava tão rápido. Quando se deteve no semáforo, os olhos de Hannah se encheram de lágrimas e começou a chorar silenciosamente. Não sabia se isso lhe causava mais dor que escutá-la chutar ou gritar pedindo que Abigail voltasse.

—Eu —soluçou— não que...quero a outra. Ela é meu anjo, papai. —Soluçou e se secou suas próprias lágrimas com o dorso da mão. Logo cruzou os braços e franziu o cenho—. A quero de...de volta comigo. Traz ela, por...por favor...

Lamentavelmente não podia agradá-la nesta ocasião, e se sentia miserável. Em lugar de responder, ele ligou o rádio. Hannah se inclinou e de má vontade apagou o aparelho de som do carro.

Cole ficou assombrado.

—Por que fez isso?

—Quero q...que me escute. Abby sempre me dizia que os papai escu...escutam a seus filhos —terminou com um soluço. Ela queria a seu anjo de volta, por que seu papai

não podia trazê-la?

—Claro que estou te escutando, mas não precisa ser tão mal educada.

Ai, sim. Os gritos e as batidas dos pés começaram.

Hannah não deixou de chorar durante todo o trajeto. Se negou a descer do carro e ele teve que praticamente arrastá-la. A levou para casa. Entraram na cozinha para jantar, mas Hannah, depois de lançar a comida no chão, em um comportamento impróprio dela, e sem deixar de chorar, foi para seu quarto. Resignado, preocupado por ver sua filha com esses choro sofrido e com um grande sentimento de culpa, recolheu o desastre da cozinha e logo subiu ao quarto infantil.

Encontrou-a sentada na cama com as mãozinhas entrelaçadas soluçando. Tinha os olhos inchados e as bochechas vermelhas de chorar. Partiu seu coração.

—Filha —murmurou com ternura. Ela o olhou chateada—. Vem aqui, princesa. Não fique com raiva do papai. Venha —pediu com os braços abertos.

Hannah tinha colocado o pijama. Os botões mal abotoados e a calça rosa ao contrário. Ele voltou a vesti-la, até que esteve conforme com sua aparência. Hannah era consentida, e ainda que já sabia colocar a roupa, para Cole resultava um momento precioso poder mimá-la naquelas pequenas coisas. Sabia que logo sua menina cresceria e não poderia experimentar esses momentos em que sua filha era *a menininha do papai*.

—Me dá um abraço, princesa... Anda, tesouro, papai te ama.

—Que...quero a Abby. —Soluçou.

Cole suspirou, mas finalmente ela se deixou tomar nos braços. A aconchegou em seu colo e a consolou, enquanto falava contra seus cabelos suaves e cheirando a amêndoas dizendo-lhe o quão importante ela era para ele e que não queria vê-la triste.

—Papai precisa de um abraço de sua princesa de olhos azuis, vem. —Ela se deixou pegar no colo—. Carinho, Abby não poderá voltar, mas estou certo que sempre vai lembrar-se de você.

Com uma cara de choro, ela girou entre seus braços.

—Por que... por que não poderá voltar? Já não gosta de mim?

«Um homem não é suficiente para ela.»

—Claro que ela gosta de você, mas ela é uma moça adulta e às vezes as coisas complicam. Ademais, tem ao seu vovozinho doente e tem que cuidar dele. —Aquilo era uma meia verdade, mas ao menos não estava dizendo palavras feias contra Abigail.

De pronto, o olhar de Hannah se iluminou.

—Quero conhecer o vovozinho da Abby!

—Não acho que...

—Por favor —pediu com uma voz suplicante tal, que a Cole travou a respiração—.

Por favor, papai... quero ver a Abby...

—Vamos a pensar.

—Por favor...! —suplicou de novo.

Ele odiava que sua filha suplicasse dessa maneira.

—De acordo, mas me prometa que vai deixar de chorar e gritar se acaso ela não quiser nos ver por qualquer motivo.

Ela assentiu e então se agarrou ao seu pescoço.

Ia se colocar em um aperto, pois ele tinha tanta vontade de ver a Abigail, como estava seguro que ela tinha de vê-lo. Mas por sua filha estava disposto a tragar-se o orgulho. Por Hannah faria qualquer coisa, e se tivesse que se arrastar aos pés dessa mulher para que aceitasse ver sua filha, não pensaria duas vezes antes de fazê-lo.

Abigail se contemplou no espelho. Seu primeiro instinto quando Richard a havia deixado em casa, depois de ir à polícia por causa de Rylan, foi usar suas roupas antigas. Cobrindo mais do que o habitual seu corpo, mais conservadores e uma trança francesa, em lugar de um rabo de cavalo ou o cabelo solto. Mas a mulher forte e segura se impôs, apesar de que ver as fotos daquela horrível experiência a machucou.

Com um suspiro se acomodou no vestido azul marinho que chegava um par de centímetros acima dos joelhos e combinava com as leggings cinza e botas altas. O vestido estilizava suas curvas das quais se sentia muito orgulhosa. O casaco bege lhe caía como uma luva e a echarpe colorida lhe dava um toque alegre. Em relação à maquiagem, seu estilo era o mesmo, o certo era que não gostava de usar colocar muita coisa no rosto. O básico: delineador preto, máscara para cílios, blush e manteiga de cacau para os lábios.

Estava com o coração em pedaços e a dor era quase lancinante, no entanto, já havia passado por coisas muito piores e ia superar Cole. Talvez levasse vários anos, mas encontraria o modo de conseguir e alcançar seu desejo de formar uma família. O modo de dar-se ânimo era manter-se atilada e ficar bela para si mesma. Amava Cole, mas ele não a merecia. Não depois do jeito em que a tinha tratado.

Se sentou no colchão de sua cama, para colocar os brincos. Seu avô tinha saído da clínica antes do tempo. Spencer lhe assegurou que tudo estava em ordem, quando tentou conversar sobre o assunto da quimioterapia, ele lhe expressou que não se preocupasse com isso que também estava controlado; tentou insistir no tema, mas seu avô interveio então e se queixou de que tinha sede, assim que deixou o tópico de lado, porque tinham que fazer a papelada interna para poder dar-lhe alta. Ela pensava retomar a conversa, sem dúvida.

Neste dia começaria a trabalhar na loja de Richard. Se sentia mais calma, porque a polícia havia assegurado que estavam procurando por Rylan na região. «Um novo dia, um novo emprego e a tratar de ver as coisas com otimismo», pensou descendo as escadas com um sorriso. Encontrou a seu avô tomando café da manhã com Amanda. A empregada sabia que, sob nenhuma circunstância, devia comentar a avô como tinham sido as últimas horas.

—Abby! —saudou Horace dando uma mordida no pão integral com geleia de morango. Sentia-se mais forte, e esperava logo encontrar o momento adequado para falar com sua neta sobre um assunto delicado, mas sobre o qual não pensava voltar atrás—. Está linda, vê, Amanda? — olhou a empregada—. Sempre te disse que minha neta é idêntica a Grace Kelly.

Amanda riu e lhe serviu o café a Abigail.

—Você me vê com olhos amorosos, avô. —Lhe acariciou o rosto com doçura—. Estou feliz de te ter em casa de novo.

—E eu de estar aqui. De certo, carinho, os rapazes do *Clube* vem me visitar num destes dias. Já sabe, papo de adultos.

Abby riu.

—O que quer dizer com isso?

—Bom, filha, que queria que quando eles estejam por aqui você saia para dar uma volta com esse simpático rapaz, Richard.

—O que você está tramando? —perguntou. Olhou para Amanda, que negou com a cabeça, pois a verdade era que não entendia a petição de Horace.

—Pois passar uma tarde de rapazes.

—Amanda ficará com você. Sobre isso não há discussão.

—Sim, sim, se não há outro jeito. —Deu um gole no leite sem lactose—. E não me olhe assim, já me disse que Richard é só seu amigo, não estou bancando o cupido.

Abby apertou os olhos, e ao vê-lo ser sincero, relaxou.

—Está bem. Prometo-te que quando venham teus amigos, irei passear com Richard.

Horace assentiu, satisfeito, enquanto terminava o pão.

—Ok, vovô, me demiti de meu trabalho de babá na casa dos

Shermann. —Por quê?

Deu de ombros e mexeu o açúcar no seu café.

—Richard me paga o triplo, e trabalho um pouco menos, me dá mais liberdade para sair se precisar de algo.

Horace grunhiu.

—Não está mentindo para mim, verdade?

—Por que haveria de mentir?

Amanda, ao ver que Horace começava a ficar desconfiado, bateu as mãos.

—Abby, você vai chegar tarde ao novo emprego, e teu avô tem que ir à terapia de piscina!

—É verdade. —Ficou de pé—. Avô, te verei de tarde. — Lhe deu um beijo na bochecha e um abraço suave antes de ir até seu velho Honda.

A loja de brinquedos era maravilhosa. O ambiente era tranquilo e escutar as risadas das crianças que pediam alegres algum brinquedo era totalmente diferente dos empregos que teve antes, se sentia contente.

Enquanto Richard a apresentava ao pessoal da sucursal localizada na área de

Harborplace & The Gallery, no número 201 da rua Pratt, ela admirava de longe os vinte corredores que tinham tipos diferentes de brinquedos, cada um. Ia tomar um tempo aprender as indicações para guiar aos clientes, mas estava certa de que ia gostar da experiência.

Uma vez instalada na caixa, a supervisora lhe explicou o funcionamento, assim como os procedimentos habituais sob os quais poderia precisar ajuda e que medidas tomar em caso de alguma emergência. A loja abria às dez da manhã e, mesmo que todos chegassem à mesma hora, ela trabalhava só até as cinco, até que chegava seu substituto, cujo turno concluía às nove da noite.

Ficou encantada de registrar sua primeira compra. Quatro horas mais tarde se encontrou sorrindo e desfrutando de seu novo posto, mas sentia falta de Hannah.

Richard não tinha se enganado. No trabalho, interagindo com pessoas de outras culturas e nativos, estava encantada. Resultava fabuloso quando escutava as anedotas dos pais de família, ou as ocorrências das crianças ao argumentar alguma bobagem para que comprassem o brinquedo que desejavam.

Quando o relógio mostrou as cinco, um de seus companheiros se aproximou. Mario Rigotello. Lembrava que Richard o tinha apresentado como o gerente de produtos e trabalhava no segundo andar da loja. Era bastante atraente, e mesmo que suas feições fossem ligeiramente toscas, quando sorria era bonito. Tinha uns olhos verde-escuros e o cabelo preto e grosso perfeitamente penteado. Ela não se imaginava um italiano que pudesse parece pouco varonil ou desajeitado. Mario exalava vitalidade ao andar.

—Sei que é a melhor amiga de Richard. Não, não te daremos um tratamento especial e ninguém na empresa sabe isso melhor do que eu —explicou Mario quando ela ia reclamar, pois não queria receber nenhum tratamento diferente do resto dos empregados—. Nas quintas alguns colegas costumam ir a um bar que fica a poucas ruas, para tomar algo e conversar. Está convidada.

Ela o olhou um pouco em dúvida.

—Eu...

—Um dos rapazes te acompanha até em casa se não quiser voltar sozinha. Sem problemas. — Lhe sorriu.

«Sim, esse sorriso o convertia em um homem mais que belo, interessante aos olhos. Por que não aceitar o convite?»

—Certo. — Devolveu o sorriso.

Ele lhe disse o nome do bar.

—Pegue seu casaco, eu te levo.

—Eu...

—Não mordo —sorriu de novo e Abby assentiu.

Lhe faria bem fazer novos amigos e relacionar-se com outros homens que não tentassem seduzi-la com seus olhos negros, ou aquele tom de voz grave e sedoso...

—Eu sei. Obrigada pelo convite.

—É um prazer.

O bar estava cheio, animado, e a maior parte dos clientes eram pessoal de escritório que se tomavam um par de cervejas ao sair do trabalho. Mario se comportou como um cavalheiro, a ajudou com o casaco e lhe apresentou novamente aos oito companheiros que participavam do happy hour. Entre eles haviam três moças, todas muito agradáveis.

Sem se dar conta, tinha rido, bebido algumas cervejas e comido o hambúrguer que pediu. O grupo era ameno e entre todos a fizeram sentir como se já se conhecessem durante toda a vida. Uma sensação de tranquilidade a invadiu por completo.

Quando se fixou na hora, ficou surpresa. Havia passado quatro horas. Quatro horas conversando, rindo, e escutando música ao vivo, mas já tinha que ir a ver seu avô, e necessitava ir pegar seu carro que estava a umas quadras de distância.

—Pessoal —manifestou tentando fazer-se escutar—. Tenho que ir, meu avô está doente e... —sorriu—. Adorei passar esse tempo com vocês. Acho que a quinta é um ótimo dia para quebrar o gelo.

—Bem vinda outra vez, Abby! —expressou Faye, uma moça que se encarregava da contabilidade—. Será estupendo ter uma garota a mais no grupo... —Olhou com malícia a seus companheiros, antes de devolver a atenção para Abby—. Não sabe como ficam insuportáveis quando passam os jogos antes do Super Bowl.

Abigail começou a se despedir. Ao tempo que ela o fazia, Mario também.

—Te acompanho.

—Não precisa, ainda são nove horas, eu...

Ele pediu o casaco de Abby, e depois a olhou com amabilidade.

—Me sentiria ofendido se não me permitir ser um cavalheiro e te acompanhar até saber que chegou sã e salva a tua casa —disse em tom tragicômico e ela não pode evitar sorrir.

—Obrigada, Mario. Você é muito amável.

—Só um italiano encantador. —Deu uma piscada, enquanto caminhava com ela até o Honda—. E você uma mulher realmente bela, como ia deixar que algum mequetrefe te dissesse algo na rua?

—Está flertando comigo? —perguntou sentindo-se divertida com um sorriso que parecia, em seu caso sim, um flerte. Não era seu estilo paquerar, mas o certo era que a cerveja, a conversa e a sensação de liberdade da culpa com respeito a seu passado, a haviam deixado mais valente.

Mario riu. Foi uma risada forte e agradável.

—Minha esposa me mataria.

Abigail corou, e isso fez com que Mario se risse com mais força. Passou um braço pelo ombro dela, sacudindo-a levemente, acelerando o passo.

—Ah... desculpe. Não costumo fazer isso...

—Não é verdade, não tenho esposa. —Riu com vontade, enquanto Abby lhe dava

um leve empurrão.

—Ha - ha.

—Fico feliz que tenhamos quebrado do gelo, Abigail. Você é a melhor amiga de Richard e por isso cuidarei de você.

—Como um guarda-costas? —perguntou fazendo graça.

—Quase isso, quase. —Não podia dizer que Richard lhe estava pagando extra para que a protegesse de verdade, e que ele não era gerente de nada, mas que tinha sua própria companhia de segurança e trabalhava na loja porque Richard Bale era seu cliente principal. Passava as horas no centro comercial, e desde aí lhe resultava fácil mover-se e dirigir sua empresa. Ganhava muito bem, e sua equipe de segurança era eficiente. Nesta ocasião lhe haviam pedido que vigiasse de perto a Abigail, quando saía de casa e chegava à loja, e assim também na volta—. Baltimore tem alguns lugares que continuam sendo pouco seguros.

—Eu sei, obrigada Mario.

—Para isso estamos os colegas de trabalho.

Abigail conduziu com a segurança de que Mario ia com seu Ford Explorer atrás dela, e quando parou em casa, seu colega de trabalho lhe acenou e desapareceu rua abaixo. Abby olhou a hora. Seu avô deveria ainda estar vendo o canal dos esportes. Às vezes gostava de ver a repetição das melhores jogadas de golfe que costumavam passar no canal à cabo às dez da noite.

Subiu de dois em dois os degraus da varanda e abriu a porta com um grande sorriso.

Um sorriso que ficou petrificado no rosto, porque o último que esperava era ver Cole Shermann conversando animadamente com seu avô na sala.

Com um nó na garganta bateu a porta.

A conversa se deteve de forma abrupta. Seu avô a olhou com uma expressão de desconcerto, mas a expressão de Cole era um poema. A estava estudando de cima abaixo, como se buscasse nela alguma sombra de culpa. Do que?

—Senhor Shermann —saudou. Se ela era uma prostituta, então ele não merecia nenhum tratamento amigável. De fato, não sabia que diabos ele estava fazendo ali—. A menos que deseje ganhar outra marca igual a que te dei outro dia na cara, faça o favor de sair da minha casa. Não tem nenhum direito de estar aqui.

Horace abriu e fechou a boca. O rapaz chegou uma hora antes que sua neta, e tinha se apresentado como o antigo chefe dela. Um moço muito loquaz e amável, notou, e agora que observava a reação de sua neta, somava dois mais dois. Não lhe gostava meter-se em assuntos dos outros, mas Abby era a menina de seu coração, e ele sabia apreciar um homem que conhecia de golfe e cuidava de uma menina pequena enquanto o lidava com um negócio nada fácil. Cole Shermann era perfeito para Abigail, só esperava que qualquer que fosse o inconveniente não fosse permanente.

—Abby, carinho, por que trata Cole assim? —perguntou Horace.

«Hmm, então era ‘Cole’.»

— O *senhor Shermann*, vovô, me despediu. Ademais me pagou generosamente —olhou Cole com altivez—, por meus serviços prestados, ah, e também me considerou na liquidação as horas extras que estou segura de que foram muito satisfatórias.

Cole teve o bom tino de parecer incômodo, porque sabia que não se referia a cuidar de Hannah.

—A despediu? —indagou surpreso.

—Um ligeiro mal entendido —expressou entre dentes. Tinha ido por sua filha, mas a opinião que tinha de Abigail continuava igual que quando a encontrou nos braços de Bale.

Ela arqueou as sobrancelhas. Cole usava a roupa de escritório; um terno cinza feito a medida, tinha tirado o blazer. Mantinha a gravata azul impecavelmente colocada e as abotoaduras de ouro brilhavam nos punhos da camisa.

Ele a tinha machucado e ela desejava que a deixasse em paz. O melhor seria mandá-lo embora, antes que tentasse convencer ao seu avô de que a doida da história era ela.

—Avô, já terminaram de passar os lances de golfe?

—Oh sim, querida. Sabe? Esse Tiger Woods não termina de dar pé com bola. Em meus bons tempos Seve Ballesteros sim que sabia como fazer uma boa tacada. — Se levantou da poltrona, e Cole o ajudou—. Sinto-me cansado e já vou dormir.

—O senhor Shermann então pode retirar-se.

Horace olhou para sua neta como se lhe faltasse um parafuso. E ela quis gemer de frustração, porque a expressão de seu avô só podia indicar uma coisa. Cole havia usado de seus encantos e o havia colocado de seu lado.

—Carinho, sempre te ensinei a ser hospitaleira. Quiçá em verdade você entendeu mal, e o senhor Shermann não te despediu. Às vezes você é impulsiva, meu bem.

Era seu avô e o amava, mas nesse momento tinha vontade de colocar um esparadrapo na boca para que deixasse de falar como se ela fosse a que estava errada.

Cole conteve um sorriso.

—Amandaaa —chamou Horace, e a empregada apareceu como por mágica—. Leve-me por favor para cima que minha neta tem que atender esta visita. Tenho sono demais para ficar de anfitrião.

—Certamente, Horace.

O avô de Abby se girou para Cole.

—Que bom ter te conhecido rapaz, é melhor que em algum momento me apresente a essa sua preciosa filha da foto.

Abigail apertou os dentes. Que merda Cole tentava fazer, depois de como havia se comportado?

—O prazer foi meu, Horace. Com certeza Hannah gostaria de conhecê-lo. Bom descanso.

Quando Abigail viu que seu avô tinha desaparecido escadas acima, cruzou os braços e se virou com cara azeda para enfrentar Cole.

Capítulo 18

—Não vim me retratar sobre o que penso sobre você —começou Cole—, mas sim posso admitir que quicá passei dos limites... —aceitou com voz grave ao reparar nos contornos das curvas moldadas pelo vestido azul. Estava belíssima.

«Conta até três, Abigail. Ummm. Doiiiis. Isso, mais lentamente. Trêêês». Cole tinha se graduado com louvores no curso de Idiota?

—Não me interessam tuas reflexões. Agora, te sugiro que saia por onde entrou, porque tive um dia bastante bom e você está prestes a arruiná-lo apenas com tua presença. Ah, claro.—Se dirigiu a mesinha que estava praticamente oculta perto da janela junto à porta, tomou o envelope que o motorista de Cole levou na manhã—. Aqui está, senhor Shermann —disse com desdém antes de abrir envelope, tirar o cheque e rasgá-lo na frente da cara—. Meus serviços sexuais são um pouco mais caros, mas já não estão à sua disposição. Assim que pode tomar essa sórdida experiência em Seattle como um abono de solidariedade.

Em dois passos, ele ficou frente a ela. Inclinado em toda sua altura e contemplando o resplendor daqueles olhos azuis que não o tinham deixado dormir na noite anterior. Conteve-se de tomá-la entre seus braços, e exigir-lhe que se retratasse de chamar sórdido ao que haviam compartilhado. Porque não tinha sido. Em absoluto.

Ainda que parecia forte, Abigail necessitava que Cole se fosse, e estava surpresa de que as batidas de seu coração não ressoassem em toda a casa.

—Não fale dessa maneira —grunhiu apertando os punhos nos bolsos das calças para evitar tocá-la—. Sabe que não foi assim.

Com indolência, Abigail se afastou. Se ele se atrevesse a tocá-la, não saberia como responder. Assim que foi pelo seguro. Tomou assento na esquina do maior móvel da sala, frente à lareira em que ardia um fogo lento, tanto como estava fazendo seu próprio sangue. O problema quando se ama uma pessoa não era só o fato de que as palavras do outro podiam te ferir mais que tudo ou todo mundo, mas que a capacidade de perdoar era tão grande e tentadora que às vezes pretendia impor-se a seu orgulho próprio, refletiu, enquanto Cole se aproximava apertando a mandíbula e se sentava no lugar que ela teria preferido que ele não ocupasse. Ao seu lado.

—O que quer?

—Não vim por mim —manifestou apegando-se ao motivo real pelo que havia deixado de lado seu orgulho—. Vim por Hannah.

—Aconteceu alguma coisa com ela? —perguntou sem deter-se para pensar em que se havia girado para Cole, e colocado inconscientemente sua mão sobre a dele. Ela adorava essa menina.

Ele a olhou nos olhos, e então levou sua atenção para a mão delicada. Ao dar-se conta, Abigail, a retirou de imediato.

Cole sorriu. «Ao menos era sincera no afeto que sentia por sua filha.»

—Ela sente saudades suas. —Pigarreou—. Fez muitas birras e quer te ver. Estou aqui por ela.

Abby tomou ar e contemplou as chamas da lareira. Estava com muita raiva, sim, mas a pobre Hannah não tinha culpa.

—Eu também sinto falta dela. —O olhou, sem raiva, e para Cole aquele olhar foi mais potente que uma granada. Deus, tinha sido tão doce tê-la entre seus braços, pensou observando como brilhava a pele de Abby e recordar seu tato sedoso—. Mas já não trabalho para você, e a verdade é que não quero te ver ao redor.

Cole engoliu em seco. Algo lhe dizia que tinha se apressado a julgá-la, mas seu orgulho prevalecia. Horace lhe havia comentado que agora trabalhava na loja de Bale, e isso o espetava, pois a ideia deles dois juntos, todo o dia, lhe retorcia as entranhas.

—Poderia ao menos ligar para ela... por favor? —pediu com humildade.

Um tom muito diferente do que estava usando ultimamente, notou Abby. Então, sorriu. Uma chama se acendeu dentro de Cole, porque com esse sorriso foi como se a sala inteira tivesse se iluminado. Aquele sorriso tinha o poder de dobrar sua vontade, e Abigail ignorava esse fator por completo. Esse poder jamais havia tido nenhuma mulher sobre ele, nem mesmo Celeste. Todas as emoções que se chocavam em seu interior por Abigail o tinham cansado, asfocado, e não tinha ideia de como ia arrumar toda a confusão que levava dentro de si.

—Ao menos tua filha faz de você um homem menos canalha, Shermann —replicou retomando seu tom sério, e apagando seu sorriso dos lábios, algo que ele lamentou—. A visitarei na saída de meu trabalho quando seja possível. Mas tenho uma condição.

Cole não tinha se dado conta de que estava contendo a respiração até então.

—Por Hannah, aceito qualquer coisa. E deixe de me chamar por meu sobrenome, acho que vivemos certas experiências que não nos tornam desconhecidos totais.

Ela o ignorou.

—Qualquer coisa? Nossa, se colocou em uma posição bastante comprometedor —disse com escárnio.

—É minha filha, por ela faria qualquer coisa —resmungou.

«Quem me dera algum dia encontrar um homem que possa me amar com tamanha lealdade», pensou Abigail, entrelaçando os dedos de suas mãos.

—Você é um bom pai —declarou, sincera e deixando de franzir o cenho. Então se recuperou do silêncio agradável que começava a se criar. Não ia se esquecer da opinião que ele tinha dela—. Minha condição para ver Hannah é muito simples.

—Adiante. — Se reclinou na poltrona, colocou a mão justo detrás das costas de Abigail, sobre o assento, e a observou.

Ela aplacou o formigamento que sentiu na nuca ao senti-lo tão perto, lembrando a terrível imagem e a falta de confiança que tinha nela.

—Não quero voltar a te ver. —Nunca tinha dito algo tão difícil a alguém que amava. Mas era uma medida de sobrevivência. Si ficasse perto dele, e tentasse tocá-la,

sabia que seu coração frouxo cederia, e ele lhe devia muito mais que uma desculpa. Lhe devia seu coração, porque o tinha roubado e nem sequer estava consciente disso. Necessitava se curar na solidão, em silêncio, longe das palavras engenhosas, e a conversa amena que implicava, entre outras coisas, estar com ele—. Quando eu for visitar Hannah será em um momento em que você não esteja —espetou com dureza.

A declaração de Abigail foi como uma bofetada. Uma que ele merecia, pensou Cole, assim que em resposta, assentiu.

—Não ia sugerir tal coisa, mas se é assim que deseja, estou de acordo.

—Bem —replicou. Ela teria gostado que protestasse, ou dissesse... o que? Conteve um suspiro—. Já tem uma babá nova?

—Hannah vai ficar com minha mãe até que encontre uma substituta.

«Como é que eu vou conseguir te substituir?», se perguntou. Mas soava tão patético, que fez uma limpeza mental de esse tipo de frases. Como se tê-lo ali, invadindo seu espaço, com seu aroma, com aqueles olhos negros, e aquel... Diabos!

—Te desejo sorte em tua busca, mas quando chegue a babá nova terei que deixar de visitar a menina, porque Hannah deverá acostumar-se a outra pessoa. —Dizia com facilidade, mas a entristecia a ideia de não voltar a ver Hannah como antes—. Aí ligarei de vez em quando. Não é bom que se apegue a mim. Não seria justo, e na sua idade costumam apegar-se demais, não quero causar-lhe a ideia errada de que ficarei ao seu lado.

Cole assentiu, tenso, antes de ficar de pé.

—Creio que é um pouco tarde, se não estivesse apegada a você, então não teria feito todo aquele escândalo.

Abigail se mordeu o lábio. E ele queria economizar o exercício e substituí-lo com sua própria boca.

—A culpa não é minha, em todo caso —expressou levantando uma sobrancelha.

—Não quero entrar nesse assunto, Abigail.

—É sempre assim, Cole?

—Como?

—Julgando as pessoas sem dar-lhes a oportunidade de esclarecer, sem dar-lhes a oportunidade de explicar, ou quiçá tentar ver as coisas desde uma ótica que não seja só a tua. O que aconteceu na sua vida para se tornar tão cínico?

—Não quando a evidência é bastante contundente; e, sobre tua segunda pergunta, não vim falar do meu passado, nem para fazer terapia.

Ela apertou a mandíbula.

—Seria maravilhoso ver a sua cara então —disse com desdém ante sua grosseria.

—Quando? —Cruzou os braços, fazendo com que os músculos se marcassem contra a camisa.

—Quando se der conta do quão errado que estive a meu respeito.

A olhou com severidade.

—Vi que seu avô está bastante animado. Isso me deixa feliz —mudou abruptamente de assunto.

—Te agradeço, mas não quero que volte a entrar em minha casa na minha ausência. Ficou bem claro para mim que eu te repugno...

—Não é...

Ela não prestou atenção em suas palavras, e continuou.

—...assim que tenha a gentileza de ser fiel a tua palavra, e se mantenha longe de minha vida.

Cole suspirou. Tinha convertido o muro entre eles em uma barreira infranqueável, mas a imagem de Abigail abraçada com outro homem não se apagava de sua cabeça, e era o que o impulsionava a agir com ela na defensiva. Tinha vontade de se desculpar por tê-la tratado como uma vagabunda, de fato se sentia miserável por isso, porque nenhuma mulher tinha porque receber um tratamento como o que ele deu a Abigail. O fato de ter-se visto naqueles olhos azuis, e dar-se conta de que por Abigail sentia algo mais que só uma atração física, o desconcertava.

A ideia de se apaixonar não estava nos seus planos, tampouco ter uma relação, e justo quando tentava aproximar-se dela, mesmo que tivesse sido para que o idiota do Abraham não o fizesse primeiro ou para esclarecer-se, a encontrava com outro. Não era um cenário que tinha esperado, ao menos não quando Abby se havia entregado completamente a ele em Seattle, de um modo generoso, doce...

—Obrigado pelo referente a Hannah, então —se obrigou a dizer.

Ambos se colocaram de pé dirigindo-se então para a entrada da casa.

—Adeus, Cole. —Deixou a porta principal aberta, para que saísse.

Deu o primeiro passo, mas de repente, ele se deteve.

—Abby —disse com voz suave. O tinha comovido o fato de que ao falar de Hannah todo o ressentimento que sentia contra ele se tivesse evaporado, e sem importar-lhe o vulgar que foi ao insultá-la como o fez, aceitasse ver a sua filha. Mas havia uma dúvida que o corroia; um assunto de ego masculino.

—Sim? —sussurrou ao ficar de pé junto a ele no umbral da porta. «Talvez ele tinha reconsiderado e ia se desculpar e... »

—Por que você foi para os braços de Bale?

Ela ficou boquiaberta. «E talvez chovam rãs.»

—É inacreditável — replicou antes de empurrá-lo e bater a porta na sua cara.

Na loja de brinquedos, o dia passou muito rápido. Richard almoçou com ela, e esclareceu todas suas dúvidas com respeito a alguns procedimentos que todos os empregados deviam seguir. Seu amigo lhe confessou que ele e Deanna estavam começando a conversar de novo, e que, ainda que ele já não quisesse estar com ela

como um casal, a ideia de ser amigos lhes agradava, porque ademais seus pais tinham negócios juntos e o mais certo era que se encontrariam em reuniões e festas.

Ficou feliz ao saber que Richard estava saindo com Elizabeth Burgundalgh, uma moça que estudava veterinária. Segundo ele ainda não era nada sério, mas o tom de voz com que descreveu ela, lhe fez pensar algo muito diferente. Sabia que Richard era um pouco facilmente apaixonável, e se Elizabeth fosse suficientemente doce e cativante, seu amigo logo estaria contando-lhe mais detalhes dessas “saídas nada sérias”.

Toparam com o tema de Rylan, mas Richard lhe assegurou que tudo estava calmo e que, ainda que não o tivessem prendido, as autoridades fariam seu trabalho. O fato de que Rylan andasse por aí, não a tranquilizava em absoluto, no entanto, sabia que se a polícia estava a par do caso por hora estava segura. Procurava ser cuidadosa com tudo o que fazia, mesmo que só fosse a comprar pão. Observava ambos os lados da rua, caminhava mais depressa do que o habitual, e tentava estar mais alerta.

—Me intriga onde pode estar Rylan... preocupa-me. Odiaria levar de novo a horrível surpresa da outra noite.

Ele tomou suas mãos sobre a mesa do restaurante.

—Não pode ficar assim, pense que tudo vai se resolver logo. É questão de dias que o encontrem.

—A bebida segue sendo parte dele. Não tenho ideia de porque ele voltou. Acaso não tinha sua vida feita onde seja que estivesse?

—Esqueça esse assunto, sério. —Não podia confessar-lhe que tinha um guarda-costas pago por ele, protegendo-a. Ficaria furiosa—. Melhor relaxar um pouco, a justiça cuidará disso. Para isso pagamos impostos. —Deu uma piscada—. Mas é claro, já é sextas. Hoje sairei com minha veterinária favorita, assim que, o que acha de conhecer Elizabeth?

Abby riu.

—Acho que não vai achar graça ao saber que você vai levar a outra mulher.

—Não qualquer mulher. Minha melhor amiga.

—Deixe de me olhar com esses olhos cativantes, não funciona. —Richard riu entre dentes, antes de beber sua cerveja—. Ainda que quisesse, não poderia. Tenho um compromisso com uma amiguinha de cinco anos.

Ele apertou os olhos.

—¿Hannah Shermann? Acaso não te despediu o pai imbecil?

—Ah... essa é outra historia. Uma breve, mas concreta. Lhe disse que minha condição para ver a pequena é que não volte a aparecer em minha casa, nem em minha vida.

—O quanto te custou te dizer isso? —perguntou inquisitivamente.

«Richard a conhecia tão bem», pensou.

—Muito mesmo. Mas se ele não gosta de mime, Richard, não vou sacrificar meu amor próprio. Tivemos uma aventura, e decidi entender dessa maneira. Cole não

facilitou as coisas, porque em um principio era todo encanto, e no instante seguinte...

Ele cobriu a pequena mão com a sua. Abby deixou de falar.

—Se desculpou ao menos pelo outro dia?

Negou com a cabeça.

—Creio que deveria contar-lhe sobre Rylan —manifestou de pronto.

A tensão se apoderou dela.

—Não quero envolvê-lo, e tampouco acreditaria em mim.

—Se trata de algo sério, é claro que vai acreditar. Ademais com isso deixaria de tirar conclusões erradas sobre você. O ele que te disse foi muito, muito ruim, e te deve desculpas, mas isso só me confirma que Cole sente algo importante por você. Esse homem está aterrorizado pelo que sente. Nenhum homem comete estupidezes tão graves com uma mulher por quem não sente nada. Acredite em mim.

—Se chama luxúria.

Ele negou.

—Lembra quando fiquei bêbado na casa de Spencer e Monica?

Ela franziu o cenho ao lembrar.

—Ahá.

—Bom, eu estava apaixonado por você. Quem não ficaria? Você é única. —Ela lhe sorriu com afeto, e murmurou um “obrigada” —. E talvez soe estúpido, mas te ferindo queria que sentisse o mesmo que eu com tua indiferença aos meus sentimentos. Era incoerente, pois não se pode obrigar ninguém a amar ou gostar, mas foi o que tentei fazer... foi uma besteira e o lamentei no dia seguinte.

—É imaturo —murmurou.

—Os homens às vezes costumamos ser —reconheceu com meio sorriso. —Então, já não está apaixonado por mim, verdade?

Ele riu ao ver os olhos esperançosos de Abigail. Ela era uma mulher talvez de outro planeta. Em lugar de sentir-se lisonjeada, se sentia incomodada, e não por si mesma, mas porque não queria ferir seus sentimentos rejeitando-o. Que pena que Shermann fosse um tremendo idiota e não se desse conta do tipo de mulher que tinha machucado.

—Quer mesmo que te responda? —perguntou com um sorriso.

—Sim, diga-me a verdade, por favor, porque não quero te fazer dano falando do que sinto por outra pessoa, se você sente algo por mim. Mesmo que já tenhamos conversado sobre isso, prefiro deixar o assunto às claras. E não é que não goste de você, bem sabe que te adoro, mas Richard, não te...

—Shhh —a interrompeu tomando-a da mão com firmeza, e olhando-a diretamente nos olhos—. Abby, você é minha melhor amiga. Uma mulher com um coração inestimável. Digamos que sempre vai ser meu amor platônico, mas jamais tentarei fazer nada para que esse sentimento resurja do modo em que estava há alguns meses. Te respeito, gosto de você, mas também acho que é hora de continuar em frente, e sei que teu coração pertence a outro. Só posso procurar cuidar de você, como sei que você

cuidaria de mim se alguma vez eu precisar. Ou como talvez já o tenha feito, quando ficava doente e ia à minha casa preparar sopa... enlatada.

Era a declaração mais clara, direta e honesta que alguém poderia fazer.

—Richard... —Ia replicar com palavras igualmente bonitas, mas soube que ele tinha encerrado o tema. O soube ao olhar seu rosto; voltara a ser o rapaz brincalhão; a seriedade com que fez a declaração se tinha esfumado—. Foi a melhor comida enlatada que podia ter recebido, depois de me contagiar com essa horrenda gripe —disse com um tom jocoso, rindo. Uma risada que Richard imitou.

—É melhor que logo supere tuas diferenças com Shermann, Abby. E recorda o que te disse, o que ele sente por você não é luxúria. Esse homem está apaixonado.

Com um suspiro de resignação, ela terminou todo o copo com Pepsi.

—Acho que o que podia ter existido, já se perdeu.

Ao chegar à casa de Cole topou com uma BMW cor prateada estacionada na entrada. «A avó de Hannah». Se ajustou o cachecol preto, que nesse dia ia combinando com seu vestido fúcsia e botas. O rabo de cavalo também tinha um elástico preto que recolhia seu cabelo ondulado, ainda que com a agitação do dia algumas mechas tinham se despenteado ligeiramente.

Com passo decidido chamou na porta. Ainda tinha a chave que lhe tinha dado Cole, mas como não trabalhava ali, lhe parecia um pouco incomodo entrar sem tocar. «Deixaria a chave na estante da entrada. »

Uma mulher alta, estilizada e com um afável sorriso a saudou.

—Olá. Sou Willow Shermann. Você deve ser a famosa Abby.

Abigail corou apertando a mão da avó de Hannah.

—Famosa? Uau, certamente Hannah diz meu nomes em suas birras.

—O faz, sem dúvida. Por favor, entre querida.

Uma vez dentro fez a rotina que estava habituada a ter na casa. Tirou as botas e as trocou por sapatilhas, deixou o cachecol e o casaco no cabide. A mãe de Cole olhava de rabo de olho, e ela fez o mesmo. Parecia ser uma pessoa que levava um sorriso perene no rosto. «Sem dúvida, Cole não tinha puxado esse traço de sua mãe.»

—Minha neta diz que você é um anjo.

Abigail se riu.

—Abbyyy! —gritou Hannah desde o patamar da escada. Usava um vestidinho verde, leggings e tênis. Abigail tinha vontade de devorá-la de tantos beijos. Tinha sentido muito sua falta—. Você veio! Você veio! — Desceu as escadas e se aproximou correndo com os bracinhos abertos.

Abigail a recebeu com entusiasmo. A levantou nos braços e girou com ela, abraçando-a.

—Oi, minha pequena. Tem sido uma boa menina?

—Sim, sim. Menos os dias que você não veio, senti muito a sua falta. Pensei que já não gostava de mim — expressou com eloquência, enquanto Abby a deixava no chão.

Willow trocou um olhar com Abigail e sorriu.

—É impossível deixar de gostar de você, doçura.

Hannah se agarrou ao pescoço de Abby.

—Não se vá nunca.

Engoliu em seco.

—Virei te visitar cada vez que eu puder. É uma promessa.

—Sim, tem que vir, por favor —disse Willow—. Vou fazer chocolate quente. Aí fora faz um frio terrível. Quer uma xícara, Abigail?

—Muito obrigada, senhora Shermann, gostaria muito.

—Oh, por favor, não me chame tão formalmente. Me chame Willow. Depois de tudo, minha neta tem por você um carinho especial.

Abby assentiu.

Ficou com Hannah corrigindo os deveres, enquanto Willow trazia o chocolate e o deixava na pequena mesinha do quarto de sua neta.

Abigail conversava com Willow, enquanto Hannah pintava um koala e uma paisagem de Austrália. Na escola estavam ensinando os continentes e os principais animais que identificavam a certas regiões. A menina parecia encantada com essa classe. Abby e Hannah estavam sentadas, uma junto da outra, nas pequenas cadeirinhas dispostas ao redor da mesinha onde a menina costumava fazer seus deveres, e Willow as observava desde a cadeira de balanço.

—Por que você se foi? —perguntou a mãe de Cole, sem deixar de lado seu tom amável e seu sorriso cálido—. Meu filho ainda não me explicou, mas o senti contrariado e um pouco desesperado por encontrar a alguém de confiança que cuide de Hannah, já que Greta se aposentou definitivamente. Está esgotada e prefere utilizar suas economias para viajar um pouco pelo país, o qual me pareceu uma ótima ideia.

—Oh, que chato que Greta não possa ajudar, mas se é para aproveitar seu tempo viajando, então é estupendo. E sobre meus motivos, a verdade Willow é que não gostaria tratar desse tema. Não quero ser grosseira, mas...

—Está bem, assuntos profissionais —interrompeu—. É melhor que venha mais vezes, assim teremos oportunidade de conversar. Ao menos, até que Cole consiga uma nova babá.—O último ela disse em voz baixa, pois sua neta era perspicaz e se escutasse começaria a chorar.

—Obrigada. Isso seria estupendo —manifestou. Não tinha intenção de vincular-se demais a vida da família Shermann, não quando sua ideia era afastar-se dela.

Willow e Abigail começaram a conversar sobre a educação das crianças. A importância do guia constante. Depois passaram a temas de supermercado, a responsabilidade dos pais com seus filhos, e entre tópico e tópico, Abigail ia se sentindo cada vez mais confortável. A cada pouco, Hannah ficava de pé e se aproximava para abraçá-la, e lhe dizia que gostava dela. Isso longe de aliviar o peso no coração de Abby, só o fazia aumentar.

—Acho que já é hora de eu ir —murmurou quando se deu conta que Hannah havia terminado de pintar não só o Koala, mas também tinha feito a tarefa de matemática e gramática.

Willow olhou a hora.

—Nossa... o tempo passou muito rápido. São às oito da noite.

—As oito! —Abigail se pôs de pé quase num salto. Um grande erro, porque os restos de chocolate de sua xícara e da de Hannah, caíram sobre seu vestido e suas meias melando-a por completo com o líquido espesso e doce. Afogou um gemido—. Oh... —Olhou o desastre que lhe tinha ocorrido.

—Querida —disse Willow aproximando-se—, acho que teremos que colocar o vestido e as meias na lavadora.

—Não vá, não vá! —começou Hannah a fazer cara de choro. Estava lista para chorar—. Por favor, não me abandone! —As lágrimas assomaram aos seus olhos azuis.

Abigail olhou impotente a Willow. Não tinha outra opção que além de aceitar a sugestão da avó da menina.

—De acordo, obrigada, mas, e Cole? —Estava a ponto de dizer-lhe que não queria ver a seu filho, porque era um canalha, mas mordeu sua língua. Seguro Willow considerava a seu filho um perfeito cavalheiro e exemplo masculino ambulante.

—Oh, meu filho ligou e avisou que volta tarde. Estamos só as três, não se preocupe. Pode usar um roupão de banho, até que tua roupa esteja limpa.

Ao escutar que Abby só ia trocar de roupa, Hannah sorriu.

—Então você não vai —disse a pequena.

—Não, tesouro. Vou lavar a roupa, mas já vou colocar algo encima. Já tomou banho?

—Aham.

—Então, o que acha se hoje eu te leio uma história, até que minha roupa seque? —Siiim!

—Bem, agora tem que guardar todos teus materiais escolares na mochila, juvenzinha —disse. Então se girou—: Abigail, quando esteja pronta, desça. Vou esquentar o jantar.

Lamentavelmente, a única pessoa nessa casa que utilizava um tamanho adulto era Cole. A ideia de entrar no quarto dele, pegar a peça e então ir ao quarto de convidados para se trocar lhe pareceu uma façanha. Em especial, porque jamais tinha entrado no quarto do pai de Hannah. Sequer quando trabalhava ali. Curiosidade não lhe havia faltado, mas gostava respeitar o espaço das outras pessoas.

Nesta ocasião, dado que tinha uma excelente desculpa, aproveitou para recorrer com o olhar o quarto masculino. Estava pintada completamente de branco, a cama de madeira era imponente, um colchão king-size que fez que seu estômago se contraísse, uma janela com cortinas azuis celestes muito elegantes, e vários porta-retratos com fotografias de Hannah. Não havia nenhuma de Celeste, notou.

Seu olhar voltou ao colchão, e não pode evitar corar; não pelo tamanho, mas pelos lençóis pretos de seda que o cobriam. Olhando ao redor, como se alguém fosse a pegá-la, se aproximou e deslizou as mãos pelo tecido suave. A sua imagem surgiram imagens de Cole na cama, sem evitar recordar o modo em que haviam feito amor em Seattle. O modo em que a tocava, a beijava e o maravilhoso estouro de seus sentidos quando a levava ao orgasmo, fazendo-a sentir-se a mulher mais bela e desejada.

Um ruído a tirou de sua fantasia. Alguém tinha quebrado um copo no andar de baixo. Qualquer que tivesse sido o caso, lhe pareceu um sinal de advertência. Tomou o roupão de banho, e praticamente correu ao quarto de visitas. Quando estava pronta, de calcinha e sutiã, ajustou com força o cinto do roupão na cintura.

Levou nos braços as leggings e o vestido até a lavanderia. Ligou e programou a máquina e então foi até a cozinha, onde Willow a esperava com Hannah, e com um prato de macarrão com queijo.

Uma vez que terminaram de comer, Abby lavou os pratos, ao mesmo tempo em que Willow ia com sua neta para colocá-la na cama. Dez minutos depois, Abby subiu para contar a história que lhe tinha prometido a Hannah, até que caiu completamente no sono. Deixou a luz tênue da luz noturna acesa, para que ela não se assustasse.

—São quase nove e meia, Abigail. Sei que já não trabalha aqui, e me da muitíssima pena pedir isso, mas, por favor, poderias ficar até que Cole chegue?

«Não!»

—A verdade é que isso me complica muito, porque tenho que ir para casa...

—De verdade que não te pediria, mas creio que estas temperaturas me afetaram um pouco. Tenho uma dor de cabeça terrível, por favor.

«Oh, Deus».

—Eu...

—Te pagarei, é claro.

—Não, não! O farei com gosto, ficarei cuidando de Hannah, até que Cole volte, mas, quão tarde chegará?

—Oh, não sei, quiçá perto da meia noite. Está no meio de um projeto importante me disse... —A olhou com cara de culpada—. Não quero que minha neta adoeça si acaso peguei a gripe.

—Claro, claro, eu esperarei até que minha roupa esteja seca —aclarou a garganta—, e até que Cole regresse, para ir para casa. Por favor, vá e descanse.

Willow a olhou com um sorriso.

—Você é um sol. Obrigada, Abigail.

«Um sol de tão idiota, isso é o que era. Se não se tivesse derrubado o maldito chocolate encima não estaria nessa, e certamente Willow teria encontrado o modo de que Hannah não ficasse sozinha em casa», pensou nervosa.

Capítulo 19

A reunião da tarde se havia estendido mais do que ele pensava, e ligar para sua mãe para pedir que ficasse umas horas mais com Hannah foi sua única solução. Não gostava de abusar do tempo alheio, mas não ter conseguido uma babá ainda o deixava sem saída. Queria fazer as entrevistas por si mesmo. Como se fosse pouco, Abraham insistiu em que levassem os representantes de IBM para jantar. Assim que teve que socializar por um bom tempo em um dos restaurantes da moda de Baltimore. Foi um jantar agradável, não discordava, em especial porque gostava de analisar em profundidade a personalidade daqueles que comprometiam a fazer negócios com ele. Estava seguro que o trato que acabavam de fechar seria um sucesso. Sentia-se muito satisfeito com os resultados.

Ao final do jantar, quando os colegas de IBM já tinham se retirado, ele e Abraham se toparam com Petra Braxter, uma das mais bem reputadas programadoras de software da cidade e que ao parecer também teve uma reunião de negócios com seus próprios clientes. Petra era brilhante, e ia vestida de maneira muito elegante devido ao que às vezes a confundiam com uma modelo, mais do que com o que realmente era: um gênio com os computadores.

—Bem, e se não é o homem de ouro da cidade —sorriu dando-lhe um abraço, quando se cumprimentaram—. Faz um tempo que não te via por aqui, Cole.

—Tão bela como sempre, Petra —sorriu de volta. Costumavam se encontrar em certos eventos exclusivos de sua área profissional, e desde então tinham criado uma agradável camaradagem e amizade entre eles. No entanto, ambos eram muito cuidadosos com a informação com que lidavam, pois eram concorrentes entre si—. Sabe que tenho uma filha pequena para cuidar, e aqui o meu sócio —lhe deu um tapa no ombro de Abraham que sorria a Petra—, é o verdadeiro especialista em socializar.

A ruiva riu, no momento que um dos empregados do elegante restaurante lhe trazia o casaco.

—Claro, claro, costume vê-lo mais vezes, quem foi a ‘presa’ desta noite? —perguntou com sarcasmo, pois era sabido que Abraham não se considerava devoto da monogamia.

—Hoje foi um jantar de negócios —replicou Abraham fingindo estar consternado pela simples ideia de que ela acreditasse que ele era um mulherengo—. Mas podemos mudar a situação, e já que está aqui, finalmente queira aceitar esse drinque que já me negou durante tanto tempo.

Petra negou com a cabeça sem perder o sorriso. Cole sabia que ela estava interessada em Abraham de um modo diferente do profissional, mas conhecia que a detinham dois motivos antes de se jogar de cabeça em uma tentativa de aceitar sair com ele. O primeiro, que era mulherengo. O segundo, que seu divórcio a havia marcado muito, em especial quando a imprensa descobriu que seu ex-marido a usava para

disfarçar sua homossexualidade. Aquilo era um segredo e fofocado, e a única vez que Petra se abriu sobre toda a dor que levava dentro de si foi quando ele a encontrou distraída durante uma importante conferência privada com Bill Gates. Perguntou-lhe o que lhe ocorria, e as palavras tinham saído aos jorros em um tom monocórdio que ele se limitou a escutar e guardar como uma confidência sob sete chaves. Depois de todo, ele entendia o que significava ter segredos. Desde aquela conferência criaram um vínculo próximo, mas jamais voltaram a tocar no assunto do divórcio. De fato, Petra costumava ser uma mulher muito hermética, assim que ele se considerava um dos poucos que tinham acesso a sua amizade.

—Te agradeço, mas amanhã tenho agendado uma reunião às oito da manhã e tenho que estar cedo para iniciá-la —sorriu—. Você é incorrigível, Abraham —expressou de bom humor.

—É, me acusam disso —respondeu dando uma piscada, no momento que recebia seu cartão de crédito das mãos do garçom os havia atendido. Então se voltou para Cole—: Amigo, tenho que pedir-te um grande favor.

—Acho que não vou gostar disso —replicou seco. Petra começou a colocar-se o cachecol.

—Oh, é só um pequeno detalhe.

—Rapazes, eu já vou... —interrompeu Petra, quando terminou de ajeitar-se.

—Não, não, espere —disse Abraham colocando a mão no braço. Ela se moveu imediatamente para trás como se uma descarga fulminante a tivesse agarrado, mas Abraham não percebeu—. Não vá ainda, porque tenho que pedir um favor a Cole.

—E o que eu tenho que ver com o favor? Tenho uma agenda, Abraham —replicou Petra em um tom sério.

—Perdoe-me, o que acontece é que preciso do carro de Cole.

—E o que ocorreu com o teu?

—Isso... errr... Ginette o levou enquanto estávamos jantando —murmurou com um sorriso de desculpas.

—Ah, sim? —perguntou Petra fingindo indiferença.

—Se irritou comigo por um assunto e...

Ao ver o desconforto de Petra, e consciente de que seguro ela estava se sentindo mal escutando sobre as conquistas de Abraham, Cole decidiu intervir.

—De acordo, homem. Vai e soluciona teus ridículos enredos. Leve meu carro.

—Obrigado, sócio. — Se inclinou para Petra e deixou um beijo em sua bochecha com rapidez, a modo de despedida, não sem antes apertar a mão de Cole e pegar as chaves do carro—. O devolverei são e salvo.

—É bom mesmo.

Quando Abraham desapareceu, Petra se voltou para Cole.

—Menos mal não levei a sério seu convite —sorriu sem alegria.

—Algum dia aprenderá certamente. Gostei muito de te ver, Petra.

—Não, aguarde —disse quando já haviam abandonado o restaurante, e Cole se preparava para caminhar duas ruas para tomar um taxi—. Posso te levar se quiser. Não acho que passem muitos taxis com frequência.

—Sabe que vivo do lado oposto da cidade, não se preocupe.

—Sempre se comportou bem comigo. Eu insisto —expressou tirando as chaves de seu Jaguar—. Vamos? É só uma carona, Cole. Aceite.

«Assim chegaria mais rápido a casa e estaria com sua filha.»

—Obrigado, Petra.

Rápido entraram no carro.

—É um bom amigo —disse ao colocar o cinto de segurança—. Não tinha que ter impedido que Abraham comentasse sobre suas confusões amorosas. Sei que não tenho oportunidade com ele, e prefiro vê-lo como é, um Don Juan. Cole assentiu em silêncio, e Petra começou a dirigir.

Com a roupa em fim seca, Abigail se dirigiu ao andar superior para se vestir. Assim, quando chegasse Cole, ela só teria que dizer “tudo bem com Hannah, tua mãe saiu mais cedo. Adeus”, e pronto, ia para casa. Estava a ponto de chegar ao quarto de visitas para arrumar-se, quando seu intento se viu frustrado ao escutar que tocavam a campainha da porta. Seus nervos se tencionaram. Seguiu de roupa íntima debaixo do roupão, e o que menos que lhe gostaria era encontrar-se vulnerável.

Ele não tinha levado as chaves?, pensou irritada. Pois bem, ela não era nenhuma covarde. Se não podia evitá-lo, então não podia. Que alternativa tinha? Desceu praticamente correndo. Não queria que o ruído da campainha despertasse a Hannah.

Abriu a porta de má vontade. Com todas suas forças segurou um grito e ocultou qualquer expressão de terror que a pudesse delatar. Se amaldiçoou por não ter utilizado o olho mágico.

—Teu amante mora nesta casa? —perguntou Rylan apontando-a com uma arma. Estava despenteado, os olhos estavam injetados de sangue, como se não tivesse dormido vários dias, e mesmo desde a distância da porta destilava álcool.

«Hannah», foi o primeiro que veio na mente de Abby. Apertou contra seu peito as roupas e tentou fingir calma. Devia fazer o menor ruído possível para que a menina não se despertasse ou se preocupasse. Seria terrível se Rylan se atrevesse sequer a se aproximar dela.

—Não. Aqui vive uma grande amiga —replicou com o estômago encolhido de medo—. Por que você voltou? —indagou com suavidade. No estado em que ele se encontrava, e conhecendo-o como fazia, estava plenamente consciente que de um momento a outro poderia ficar violento. Algo que a assustava.

Rylan ladeou a cabeça, contemplando-a. Se fixou em seus pés descalços, e as formas de seu corpo que não se dissimulavam com o roupão. O rosto de Abigail seguia

sendo belo e aquela cabeleira loira que tantas vezes acariciou parecia clamar suas carícias. A grande cachorra se perguntava por que tinha voltado para Baltimore. Realmente era estúpida. Não percebia que eram feitos um para o outro? Tinham que estar juntos de novo, já lhe havia pedido desculpas por ter perdido o controle com ela anos atrás, mas estava convencido que quando se casassem tudo seria incrível. Ninguém ia separá-los.

A tinha perseguido todas as malditas horas desde que a viu pela primeira vez naquela semana, mas ela sempre estava acompanhada. Por isso, quando se assegurou que não havia mais nenhum automóvel além do velho Honda fora daquela casa, decidiu que era o momento preciso de atuar. Ademais, ia pagar por ter chamado a polícia. Há! Como se ele fosse um delinquente.

A arma era só um meio de pressionar. Estava seguro que faria o que ele quisesse.

—Te disse que tinha que falar contigo —respondeu com tom acerado.

O frio gelado da noite se colou aos ossos de Abigail. Mas o tremor que recorreu sua pele nada tinha que ver com a temperatura exterior.

—Agora que está aqui, podemos conversar, claro.

O sorriso de Rylan foi cruel.

—Continua gorda, Abigail. —A olhou de acima abaixo—. Suponho que está igualmente frígida na cama, não? —Brandiu a arma enquanto falava, e ela se assustou. Suas palavras não lhe causavam dor, mas a ideia de que ele atirasse a estava fazendo pensar a mil por minuto como poderia livrar-se dele—. Te pedi perdão —arrastou as palavras—. Não quis me escutar e teus malditos amigos me ameaçaram para que me afastasse. Me pagaram bem, eu necessitava o dinheiro —soltou com rudeza—, mas não deixei de gostar de você —explicou mudando o tom de voz incisivo por um lamentoso.

—Eu... —Queria fechar a porta na cara dele, empurrá-lo e não saber mais dele. Mas as balas atravessariam a porta. Ele derrubaria a porta de algum modo e a mataria na hora. O barulho acordaria a Hannah, e Rylan não titubearia em apertar o gatilho contra sua Hannah. Jamais poderia consentir colocá-la em perigo.

—Não me interrompa! —Ela deu um pulo—. Aqui faz frio demais. —A empurrou para entrar, e bateu a porta. «Hannah, menos mal parecia ter um sono profundo», pensou Abby, pois no silêncio da noite, o ruído da porta retumbou—. Está certa de que não está aqui com um homem? —Passeou a arma desde a cintura até deixar o cano da arma em seu queixo—. Porque se mentiu para mim... —Deslizou o cano para o lado do coração. Ela respirava com dificuldade, mas não podia demonstrar seu medo. Rogava que Cole não chegasse, até que Rylan tivesse ido—. Bem, teria que lidar com as consequências de ocultar-me a verdade em todo caso.

Ela tragou em seco, enquanto Rylan tirava o casaco sem deixar de apontar-lhe a arma. Lançou a roupa sem se interessar por onde caía. Avançou apressado, até que a imprensou contra o corrimão que dava ao primeiro andar.

—Não estou mentindo —respondeu com uma voz firme. Nunca lhe havia custado

tanto falar.

Então, ele sorriu. Um sorriso que não se assemelhava em nada ao homem que ela gostou anos atrás, agora parecia retorcida, pérfida.

—Bem. Gosto muito disso. —Pareceu acalmar-se—. Não gosto de mentiras, se lembra?

—Sim, sim —sussurrou quando ele se aproximou.

—Quero começar de novo contigo. Não tinha que ter chamado a polícia, Abigail. Só tratava de falar contigo.

Ela assentiu.

—Foi uma decisão apressada de minha parte —respondeu quando ele se inclinou para deixar a arma no console junto à escada. Isso lhe deu um ligeiro arrepio—. Um grande erro. Lamento se você se sentiu mal.

A olhou com luxúria. Ela não podia entender como fora tão estúpida para apaixonar-se de um homem tão ruim. Um homem que havia arruinado sua vida. Sabia o que viria a seguir e apenas a ideia de que ele a tocasse era asquerosa e a repugnava.

—Acho que a arma não será necessária. Não é? —perguntou retoricamente, enquanto colocava suas mãos grandes e ligeiramente toscas sobre a cintura de Abigail. Ela sentiu náuseas e uma vontade terrível de chorar—. Tua amiga saiu. Imagino que tem muita confiança em você para te deixar sozinha aqui. Temos a casa só para nós. Este é o momento perfeito para nossa reconciliação.

—A...aham —replicou com voz tensa quando ele lhe tirou das mãos a roupa limpa, que ela ia colocar poucos minutos antes de abrir a porta. A jogou no chão despreocupado—. Um momento perfeito, sem dúvida.

—Sabia? Não me fui só pelo dinheiro que me deram, mas porque queria sentisse minha falta e que se desse conta do quão especial é o que temos. Entende?

—Sim. Claro —replicou tratando de conter um soluço quando sentiu como ele desamarrava com lentidão o roupão.

—O que está usando por baixo do roupão? —indagou tomando-lhe o rosto com as mãos, com mais força do que a necessária. Ela afogou uma queixa de dor, quando ele prensou sua pélvis contra ela para que sentisse sua ereção e a ponta encurvada do corrimão cravou em suas costas—. Ein? Prefiro que me conte, assim como quando estávamos juntos no começo e brincava de me dizer o que estava usando por baixo, antes que eu tirasse sua roupa.

—Eu...

—Responda-me, filha da puta! —Cravou os dedos na cintura de Abigail, sacudindo-a.

—Roupa de baixo. —Os lábios começaram a tremer e odiou o que ele lhe estava fazendo. O odiou com todas suas forças. «Se apenas conseguisse alcançar a arma»—. Acabava de tomar um banho...

—Oh, legal. Então será uma noite de reconciliação perfeita para os dois. —Se

inclinou para beijá-la na boca, enquanto movia a pélvis contra a de Abigail. Com força e sem delicadeza alguma. Foi um contato brutal, insultante, repugnante para ela.

Abby sabia que se recusasse sua proximidade receberia um tapa na cara, assim que reprimiu um arquejo quando sentiu a língua hedionda que tinha sabor de álcool irromper entre seus lábios, e as mãos de Rylan tomando seus peitos para apertá-los. Com força. Um gemido saiu da boca de Abigail, não de prazer, mas de dor e impotência, mas conseguiu controlar qualquer ruído que pudesse fazer que Hannah se despertasse. Com o rabo do olho observava a pistola que reluzia com o brilho da luz do lustre. Estava a ponto de aproveitar que Rylan tinha a mente ocupada, no que fosse que ia a fazer com ela, para tentar golpeá-lo com o joelho. Foi nesse preciso instante que escutou o ruído da fechadura da porta. Quis morrer. Se algo acontecesse com Cole, ela não poderia se perdoar nunca. Se por culpa de seu passado, ele saísse machucado, esse golpe seria impossível de suportar.

Cole, ao abrir a porta principal se sentiu confuso. Roupa espalhada e definitivamente o cabelo loiro visível através dos flashes de luz eram impossíveis de ignorar. O fulminou como um raio e sentiu uma dor amarga ao ver um homem tocando-a. Não podia ver o rosto de Abigail, porque os ombros largos daquele desconhecido a tampavam, mas sentiu uma tensão que jamais havia experimentado.

O homem que a tocava se voltou para ele, com o cenho franzido, e pronto o rosto se tornou colérico. Agarrou a Abigail pelo braço com tanta força que ela teve que girar-se para que ele não o torcesse. Ela soltou uma queixa afogada, e Cole sentiu o sangue correr como lava por suas veias. Nunca tinha sentido uma fúria tão cega, um sentimento protetor e de preocupação tão grande como o que o invadia nesse momento ao ver a Abigail com o rosto torturado e os lábios tremendo, enquanto esse mal parido a agarrava como se fosse uma boneca que podia chacoalhar como quisesse.

Tinha vontade de se jogar sobre ele e matá-lo com suas próprias mãos por ter se atrevido a tocá-la, mais ainda por intimidá-la e maltratá-la daquele modo, mas soube que tinha que controlar-se. Os olhos injetados de sangue, a roupa desarrumada e os passos duvidosos, o impulsionaram a se manter afastado.

—Ele... ele é o namorado da minha amiga que mora aqui —disse Abby em um sussurro. Olhou para Cole com olhos de terror, e ele confirmou que ficar de lado por agora era o adequado. Um brilho metálico no console da escada lhe gelou o sangue. Quem demônios era esse homem, e o que fazia em sua casa com Abigail e com uma pistola?—. Ele já vai embora, não é necessário que levante a voz —sussurrou com o tom mais submisso que conseguiu para não alterar a Rylan, e assim transmitiu a Cole com o olhar que tinha que pensar em Hannah. Era ridículo, mas ele assentiu de maneira imperceptível como se tivesse lido perfeitamente o que seus aterrorizados olhos azuis lhe queriam dizer—. Ele sairá, e você e eu Rylan, ficamos sozinhos, e...

—Cale a boca puta —gritou e a chacoalhou. Cole intentou manter o autocontrole; resultava quase impossível, porque se sentia impotente ao vê-la sofrendo nas mãos

desse babaca—. Como sei que não está mentindo? —Na realidade não queria uma resposta.

—Rylan...

—Calada! —Voltou a chacoalhar, alheio ao olhar de gelo e fúria contida de Cole—. Esse maldito corpo frígido que você tem vai sofrer as consequências si se atrever a dar um passo em falso. Entendeu? Você me pertence!

—Sim... eu entendo muito bem —sussurrou contendo um soluço. Sentia que estava a ponto de quebrar-se. Mas não ia a dar-lhe o gosto de vê-la vencida. Não mais.

Ele a agarrou com força contra seu corpo e começou a caminhar para o console para recuperar a pistola.

—Nossa reconciliação será então do meu jeito.

Abigail tropeçou, o que fez com que Rylan também perdesse ligeiramente o equilíbrio. Cole aproveitou esse momento para correr para o homem, e dar-lhe um soco que o enviou direto ao chão. Rylan começou a defender-se e acertou um golpe na mandíbula de Cole, mas este era mais ágil, e ao notar que o cheiro de álcool, pode tombar com mais facilidade a seu oponente. Começou a golpeá-lo com todas suas forças. Um soco após o outro, sem pausa. Esquerda e direita batiam, uma após outra. Estava cego pela ira, como se atrevia esse desgraçado a tratar Abigail daquele modo? Quem demônios ele era?!

—Basta... —sussurrou Abby com as lágrimas correndo pela face, tremendo, aterrorizada e preocupada com ele—. Cole você vai matá-lo... pare —pediu. Não queria que matasse a Rylan, porque se o fizesse, haveria um julgamento e Hannah ficaria sem pai se o prendessem—. Carinho... solte-o... —suplicou.

Nesse momento apareceu Hannah nas escadas, e ao ver Cole no chão começou a chorar. Abigail saiu de seu estupor e subiu para tomá-la nos braços, ao chegar ao primeiro andar correu até o telefone sem fio e discou o número do oficial que a havia atendido dias atrás. Dando-lhe beijos e misturando suas próprias lágrimas com as de Hannah, lhe pediu que ficasse em seu quarto assegurando-a que tudo ia ficar bem, e que se descesse, papai ia se preocupar muito. Graças a Deus, a menina obedeceu e se meteu na cama chupando o polegar que era o que fazia quando estava nervosa.

De dois em dois, Abigail desceu de novo, e Rylan estava inconsciente com sangue saindo da boca, o nariz e sobancelha. Cole o olhava de pé respirando agitadamente. Tinha os nós dos dedos com alguns cortes pelos golpes infligidos, e o cabelo despenteado. Parecia selvagem e incontrolável.

—Oh, Cole —sussurrou ela chegando a seu lado—. Me desculpe, eu sinto muito. —Tomou seu rosto entre as mãos, olhando-o nos olhos—. Eu sinto... —murmurou em um soluço ao ver o hematoma que começava a se formar na mandíbula masculina. O acariciou com os dedos tremendo.

A adrenalina ainda corria pelas veias de Cole.

—Você está bem? —perguntou tentando normalizar a respiração. Ela assentiu—. Te

machucou? —inquiriu tomando as mãos dela com as suas. Ela negou com a cabeça.

Com um suspiro de alívio, Cole a rodeou com os braços, com força. A abraçou como se não quisesse deixá-la sair jamais de seu lado.

—Você me assustou, Abby... meu Deus, carinho, como me assustou —repetiu. Apontou com a cabeça para o vulto que jazia sanguinolento no chão—. Quem é esse rato?

—Rylan Carmichael meu... ex-namorado —murmurou com um tremor no corpo, ainda consternada pelo que acabava de ocorrer.

—Chamou a polícia? —indagou. Não queria perguntar mais detalhes. Abby estava em estado de choque e aturdida. Esperaria que ela se acalmasse. E ele também.

Ela assentiu.

—O oficial que tomou a denúncia na outra noite está a caminho. Menos mal memorizei seu número para se surgisse alguma emergência —expressou contra o peito de Cole, que a apertava como se temesse que fosse se quebrar.

—Que outra noite? —inquiriu separando-a um pouco para contemplar o rosto coberto de lágrimas—. Do que está falando...?

—Hannah... —sussurrou Abby evadindo-se do tema, mas sabia que cedo ou tarde teria que falar com ele—. Ela está bem, levei-a para cima antes que pudesse presenciar nada —relatou tremendo—, não podia gritar nem dizer nada por medo de que Rylan soubesse de sua existência, não sei o que teria ocorrido se...

—Shhh, calma, doçura —falou contra os cabelos loiros, enquanto colocava um pé sobre as costas de Rylan que parecia querer levantar-se—. Já passou. —Elevou o rosto de Abby para o seu e sentiu um choque contundente no mais profundo de seu ser ao ver seus olhos azuis carregados de preocupação e medo. «Caramba!», era a primeira vez que sua atenção e preocupação se afastavam de sua filha para se dedicar a outra pessoa. Uma emoção categórica se aninhou em seu corpo; tão pesada como uma bola de canhão. A certeza que mais temia e chegava naquele momento estranho. Amava essa mulher. A amava com a força de um furacão impossível de ser contido.

—Quero que este pesadelo acabe... —disse ela em um fio de voz, e ele odiou vê-la tão vulnerável. Lhe secou as lágrimas com os polegares com extrema ternura.

—Estou escutando uma sirene bem perto, carinho — expressou transmitindo-lhe sossego—. Já, já tudo vai passar. —Lhe esfregou as costas com suma delicadeza.

A tensão que Abigail levava acumulada desde seu regresso de Seattle explodiu nesse momento. Colocou a cabeça no peito de Cole e deixou que as lágrimas corressem sem parar, e enquanto seu peito se agitava com os soluços, ele lhe acariciava as costas, silencioso, compreendendo-a, amando-a sem que ela o soubesse ainda.

Em poucos minutos Ty Hudson chegou. Levantou com firmeza a Rylan do piso, e o algemou. Recolheu a arma, a guardou em uma bolsa plástica, e então lhe pediu a seu companheiro da patrulha que levasse ao suspeito e a bolsa. Depois começou a fazer as perguntas de rotina a Abby, que respondia com um tom monocórdio como se estivesse

em alguma outra realidade, ainda aturdida. Finalmente, depois de falar vinte minutos e soltar de novo o ocorrido na casa, o assunto do chocolate, o motivo da partida de Willow, e a história completa de Rylan (sem o detalhe de seu aborto, mas era algo que Ty Hudson já conhecia) ante um boquiaberto e pálido Cole. O oficial Hudson lhe assegurou que se faria justiça e não voltaria a ficar sabendo de Rylan Carmichael. Ela replicou que estava disposta a ir a um julgamento para acusá-lo dos crimes que a lei lhe imputasse.

—Meu colega acabou de me informar que encontrou uma mala cheia com fotografias suas, munição para a arma, e varias garrafas de bebidas alcoólicas em um automóvel que parece ter deixado duas ruas abaixo. Lamentamos muito não tê-lo encontrado antes. Não temos desculpas, senhorita Montgomery.

Ela passou as mãos, que tremiam, pelo cabelo. Cole estava ao seu lado, mas com mil e uma perguntas em sua mente. Que inferno Abby tinha tido que viver? Sentia desejo de ir nesse carro patrulha e terminar o trabalho que havia começado na casa. Queria matar a esse maldito imbecil.

—O importante é que agora está com vocês... —olhou ao oficial com olhos ainda cheios de lágrimas—. Por favor, prendam-no. Já me fez mal demais...

Cole escolheu esse momento para cobrir a trêmula mão de Abby, com as suas. Ainda que lhe ardesse, a dor física não era nada comparada com as cicatrizes emocionais que Abigail deveria ter por dentro. Agora que tinha escutado sua história, ou parte dela, entendia sua reação quando estiveram a sós no quarto de Seattle e ela temeu que fosse machucá-la.

—Uma pena que você tenha entrado com uma denúncia por agressão tanto tempo depois... —Guardou a caderneta e a caneta no bolso esquerdo das calças do uniforme—. Pelo menos o denunciou e é o que importa agora. Há muitas mulheres que são vítimas de violência doméstica, mas jamais denunciam seu agressor. Você teve sorte, ele podia tê-la matado. —Abigail se encolheu no assento ante essa crua verdade, e Cole a abraçou abrigando-a com seus músculos e seu calor—. Deve estar agradecida de que o senhor Shermann tenha encontrado a oportunidade de atacar no momento certo. —Negou com a cabeça—. Foi uma desgraça com sorte, como costumava dizer meu avô.

Ela assentiu.

—Obi... obrigada, oficial. Sei que tive sorte. —Olhou a Cole, sem esconder seus sentimentos de gratidão para com ele.

O policial assentiu. Depois tomou a declaração de Cole, que foi mais curto, preciso e pragmático em seu testemunho.

—Estarei em contato com você para os procedimentos respectivos. —Obrigada

—replicou colocando-se de pé para ajustar o cinto do roupão. —Senhor Shermann

—disse Ty a modo de despedida—. Muito obrigado por ter ajudado com seu testemunho. Boa noite.

Abigail e Cole assentiram ao mesmo tempo.

Quando o oficial abandonou a mansão tudo caiu em um profundo silêncio. Hannah tinha descido quase ao final as declarações, e quando seu pai lhe assegurou que só se tratava de um vizinho que se confundiu de casa e que a polícia estava ali para ajudá-lo a encontrar o caminho de volta, aceitou ir dormir em seu quarto. Tão pequena como era, Hannah acreditou e depois de dar um abraço em Abby, e outro em Cole, subiu os degraus para sonhar com as fadas.

A sós no salão principal da casa, e ao vê-la mais calma, Cole se aproximou ao seu lado e afastou com delicadeza uma mecha de cabelo que estava cobrindo seu belo rosto. Já não tremia e isso foi um alívio para ele, pois implicava que estava ligeiramente mais serena.

—Quando pensava em me contar o que ocorreu de verdade no outro dia que te encontrei com Richard? —perguntou com suavidade a Abigail, que estava bebendo um copo de água—. Bale tem sido um bom amigo contigo, e eu só fiz papel de babaca. Por que não me contou, Abby? Eu teria entrado em contato com alguns amigos para te pôr em segurança...

Deveria ficar com raiva ao recordar os insultos de Cole dias atrás, mas se fosse sincera, reconhecia que ele a tinha salvo de um espancamento e de uma tragédia essa noite. Não queria nem imaginar o que teria acontecido se esse chocolate não tivesse sido derramado, e ela tivesse se encontrado sozinha em casa com seu avô e Amanda.

—Você não me deu oportunidade de dizer nada —sussurrou olhando-o nos olhos—. Você decidiu tirar sua conclusão e me julgar. Depois foi na minha casa, para me dizer que não ia se retratar pelo que tinha dito e me perguntou por que estava nos braços de Richard.—Suspirou—. Ademais, se eu tivesse insistido em falar contigo, você teria me escutado? Estava com tanta raiva de mim, e eu... nem sequer temos uma relação Cole —expressou com firmeza, mas sem rancor—, se tivesse sido o caso de que eu estivesse com outra pessoa, não tinha o direito de me tratar como você fez, nem de me insultar. Você me feriu.

Ele ficou em silêncio e sentiu vergonha. Tinha sido um asno. Aquele olhar azul que costumava estar iluminado com impetuosidade ou alegria, agora estava apagado. Sabia que não só tinha que ver com o que acabava de ocorrer, estava seguro que havia algo a mais que ela não lhe estava contando. Algo que a fazia vulnerável, frágil; ele sabia por que em ocasiões, quando Abby achava que ninguém a observava, ele notava como olhava para Hannah com uma matiz de anseio e desespero. Abigail gostava muito de sua filha, não duvidava disso, mas esse olhar era o que o intrigava. Desde Seattle quis conhecer mais sobre ela, e lamentava que esse “mais”, incluísse o desgraçado passado que Abby teve que viver com esse ex-namorado.

Por outro lado, estava consciente de que seus sentimentos por ela não iam se destruir. Essa noite, ao vê-la em perigo, soube que não poderia viver sem Abigail a seu lado. Porque a amava. Amava-a de um modo que o surpreendia e rompia todos os esquemas que tinha traçado desde a morte de Celeste. Sentia como se todas suas

comportas e receios se tivessem quebrado, e o único que emanava desde dentro era amor. Aquela força que era capaz de destruir impérios, e deixar um homem de joelhos. Mas ele tinha lhe machucado, ferindo-a e desconfiando de sua integridade. Não a merecia, no entanto, a ideia de afastar-se de seu lado, o corroia e lhe resultava insuportável.

Lamentava que houvesse tido a certeza de quão profundos eram seus sentimentos por ela nesse dia, nessa circunstância. Mas não lamentava, em troca, o fato de amá-la. Pensava em sua ex-esposa, e agora estava mais seguro do que nunca de que por ela só sentia luxúria e uma paixão bem juvenil. O que sentia por Abigail era um amor mais forte, mais maduro e profundo.

Depois do mal que a havia feito passar decidiu que a melhor política era ser sincero à pergunta que ela estava fazendo.

—Não. Não teria acreditado. —Quando viu que ela ia afastar-se, a reteve colocando sua mão ferida sobre o antebraço de Abby—. Espere, não se levante. Escute o que tenho a dizer. Quiçá não encontre outro momento para fazer isso —pediu com tom grave, pesaroso.

A insegurança era um fator alheio para ele, pois estava acostumado a movimentar centenas de milhares de dólares a cada dia em investimentos e mover-se com apuro era parte de seu dia a dia, mas Abigail e seus sentimentos por ela, o estavam fazendo experimentar pela primeira vez o que era sentir-se fora de campo, em dúvida e apreensivo. Talvez não gostasse, mas estava disposto a superar a situação do melhor modo para dizer-lhe que gostava dela, que estava apaixonado... que a amava.

—Cole é tarde... me sinto cansada. —Colocou a mão no rosto dele e ele inclinou a face para a pequena mão que lhe proporcionava a carícia, esquecendo-se por completo do que ia dizer—. Quero ir para casa —sussurrou perdendo-se na hipnótica cor escura do olhar do único homem que era capaz de transformar sua fúria em paixão, e fazia que tudo ao seu redor tivesse um sentido vivo, diferente, profundo—. Por favor...

Ficou olhando-a. Ela não se moveu quando Cole se inclinou para beijá-la. Tampouco se afastou quando ele começou a desenhar sua boca com os lábios com uma ternura infinita.

Quando ele enterrou os dedos no cabelo cacheado e sedoso, para atraí-la, ela se deixou fazer. Entreabriu os lábios para permitir-lhe penetrar em sua cálida boca, até que aquela sedutora língua começou a flertar com a sua. Primeiro suavemente, quase com reverência, mas pouco a pouco o beijo se tornou mais faminto, possessivo, carnal.

Abigail gemeu e deixou que Cole apagasse com esse beijo a dor, o susto, o temor. Deixou que fosse esse beijo um bálsamo que cicatrizasse suas feridas. Sabia que estava enganando-se, porque ele não gostava dela. Se tratava só de luxúria. Mesmo que sendo luxúria ou não, Cole havia salvado sua vida. Deixou que seu corpo falasse o que em palavras não se atrevia a confessar.

As mãos masculinas desamarraram o roupão. Ela sentiu um arrepio, mas continuou

beijando-o. Com desejo, aspirando seu aroma, saboreando sua essência. Com um grunhido, Cole se inclinou até recostá-la no sofá, até ficar sobre ela, cuidando de não apertá-la com seu peso ou incomodá-la.

—Abigail —pronunciou seu nome como se fosse um mantra, e isso reverberou na pele de Abby como se tivesse sido uma carícia—. Você é linda e perfeita —sussurrou contemplando o corpo curvilíneo coberto por um sutiã de seda lilás, e calcinha combinando—. Jamais pense o contrário disso. —Se inclinou para beijá-la, lenta e profundamente.

—Não sou frígida —expressou quase em um fio de voz, enquanto sentia a mão de Cole vagar por seu sexo que estava molhado. Mais que uma declaração para ele, era uma reafirmação para si mesma.

Por um instante, ele ficou estático. Então recordou as palavras que aquele imbecil do Carmichael lhe havia dito a Abigail.

—Esse desgraçado não é homem o suficiente, Abby. Não volte a pensar naquelas palavras. —Lhe arrancou a calcinha de um puxão com precisão—. Nunca mais. Porque não é verdade.

Ela afogou um gemido, que era a mistura de um soluço e uma risada nervosa. Sentiu o coração recuperar seu ritmo normal, palpitando ao som de Cole.

—Oh, Cole —murmurou quando ele acariciou a suave intimidade feminina e a lubrificou de acima abaixo, fazendo-a gemer. Ela soluçou de prazer quando ele introduziu um dedo para criar uma tortuosa fricção. Elevou as mãos e as colocou atrás da nuca de Cole, para aproximá-lo dela, para beijá-lo, para devorar sua boca—. Não pare...

Ele soltou um grunhido.

—Nós nos esquecemos de algo interessante —assinalou desfazendo-se do fecho do sutiã que estava, para sua conveniência, na parte dianteira da peça. Em um segundo, dois preciosos seios coroados com rosadas pontas se erguiam ante ele—. Meu, Deus...

—Sem deixar de torturar o sexo de Abby, se deslizou até um dos rosados mamilos. Rodeou o inchado botão, lambendo-o. De acima abaixo; em círculos; chupando e mordiscando-o sem causar dor, mas prazerosas pontadas que chegavam até botão molhado que ansiava por recebê-lo dentro de si.

Ela sentiu um excitante líquido de fogo em suas partes mais sensíveis e não podia parar de gemer quando ele acariciava seus lábios íntimos, sem deixar de chupar, lambe e acariciar seus peitos com a língua, com os dentes. Cole realizava magia com seu corpo. Não podia evitar mover os quadris, elevá-lo e roçá-lo contra o duro membro que se movia no compasso das investidas dos dedos masculinos em seu interior.

Não se sentia capaz de aguentar mais essa doce tortura; necessitava sentir aquele estado de satisfação completo. Queria alcançar o céu com as mãos, perder-se nesse êxtase único que só se podia conseguir com a presteza de um amante como ele.

Ao notar como os olhos azuis de Abigail se nublavam de desejo, e contendo o seu

próprio, acelerou o ritmo de seus dedos. Apalpava e comprovava a umidade daquelas paredes apertadas que tão bem conhecia; a lubrificou, sem deixar de chupar seus peitos, um e outro; eram dois maravilhosos montículos que ele poderia adorar todo o dia sem cansar-se. Ela em conjunto era a perfeição em corpo de mulher.

Com seus gemidos, ela conseguia falar tudo. Sentia seus peitos sensíveis e dispostos, abandonados ao que Cole quisesse fazer com eles. E não a decepcionou, porque cada toque, cada carícia era uma sinfonia de prazeres. Pronto, sentiu como Cole introduzia não um, mas dois dedos em seu interior, e com o polegar acariciava seu clitóris. O ritmo começou a ficar mais e mais rápido, até que com um soluço, jogou a cabeça para trás e explodiu em um delicioso orgasmo.

Consciente de que não podiam fazer barulho, Cole abafou os gemidos de Abby com sua boca, fundindo-se em um beijo abrasador, que nesta ocasião decresceu sua impetuosidade, pouco a pouco, até que sentiu que ela retornava de sua *petite mort*.

Com um sorriso satisfeito e preguiçoso, o observou. Ainda sobre ela, também sorrindo-lhe, Abby reparou em um pequeno detalhe.

—Você...? — Quis se levantar, mas ele não permitiu.

Lhe deu um beijo fugaz nos lábios.

—Não sou eu quem deve gozar de prazer e consolo nesta noite.

—Eu quero que você também tenha prazer —expressou memorizando aquele rosto masculino e atrativo. Era devastadoramente sensual, e conseguia revolver seu mundo.

—Você percebe que eu não te mereço? — Lhe acariciou a sobrancelha com o polegar.

—Estou consciente disso, sim —manifestou com um sorriso.

Cole deu uma gargalhada que reverberou em Abby.

A adrenalina da cena com Rylan tinha passado.

—Abby, Abby... talvez eu pulei a parte mais importante. —Morria de desejo de penetrar na umidade que seus dedos já haviam provado, mas essa noite não—. Venha aqui —disse, enquanto se incorporava e assim, desnuda, lhe cobria com o roupão nos ombros, e a abraçava.

—Que é...?

—Abigail. —A olhou sem rastro de diversão. O que tinha que confessar não era um motivo de piada—. Quero pedir desculpas pelo quão estúpido e imbecil que eu fui em sua casa no outro dia. Não é nenhuma prostituta, não é nenhuma fácil, e ir para cama com você não foi um favor sexual, para mim foi muito mais que só prazer. Foi um privilégio.

—Cole... —sussurrou emocionada e deixando-se envolver pelo tom grave e forte de sua voz. Por nada no mundo teria esperado essa confissão.

—Me sinto envergonhado de como te tratei. —A olhou com o rosto carregado de arrependimento—. Eu lamento. Eu lamento, tanto, meu bem. —Esticou a mão e recorreu com os dedos os contornos do rosto amado. Ela fechou os olhos e se permitiu desfrutar

de seu contato, o calor de sua mão, a proximidade de seu corpo.

Ele poderia estar arrependido, e ela estava disposta a desculpá-lo, porque o amava; porque havia salvado sua vida, mas necessitava algo mais firme. A luxúria e a química sexual não eram o amor. Necessitava um compromisso, mas não podia obrigá-lo a nada.

Sabia que ele amava a Celeste ainda, aquilo lhe causava um grande desgosto, mas não podia permitir que a natureza livre de Cole se visse coibida por uma confissão sua de amor, obrigando-o a responder-lhe com palavras iguais, ainda que não fosse sincero com tal de que o desculpasse. Ela não ia fazer-lhe isso com ele, pior ainda consigo mesma. Desejava uma relação sincera e equilibrada. Também estava segura de que Cole iria querer ter mais crianças para dar irmãozinhos a Hannah, e não podia privá-lo disso. Se sentiria egoísta fazendo-o.

Assim que também foi sincera.

—Quicá deveria te fazer sofrer. —Riu sem alegria, e ele o notou, mas não disse nada—. Hoje foi um dia muito duro para mim, e sei que tuas desculpas são genuínas. Estou muito agradecida por ter me salvado. Te desculpo sinceramente. Cole a beijou com suavidade nos lábios. Ela lhe correspondeu.

—Abby, sei que há algo mais que não me disse. Que outros efeitos colaterais a relação com esse bastardo deixou?

Ela ficou surpresa. Não esperava essa pergunta.

—Ao... ao que se refere? —Não queria responder-lhe. Já se havia sentido o suficientemente exposta nessa noite como para revelar algo daquela magnitude para Cole.

—Sei que há algo mais, pelo modo em que às vezes contemplas a minha filha, como se...

Abigail ficou tensa e se pôs de pé com calma. Em silêncio, começou a recolher sua roupa interior, e guardou a calcinha rasgada em um dos bolsos do roupão. Cole a observava em silêncio.

—Cole —expressou olhando-o com um sorriso distraído, já com a roupa em mãos—. Não procure por coisas que não existem. Olho para Hannah com carinho, porque gosto dela. Isso é tudo.

Se sentia frustrado porque ela se fechava.

—Não. —Se colocou de pé—. Não é. Quero saber —pediu—. Quero saber o que é que às vezes te atormenta, o que anuvia seu semblante quando contemplas uma criança.

—Basta! Não tem nenhum direito de me interrogar desta maneira. O que ocorreu aqui —apontou para o sofá—, foi estupendo...

—Estupendo —repetiu ele reprimindo as vontades de beijá-la de novo para ver se lhe ocorria uma palavra melhor para descrever o momento íntimo e carregado de sentimento que acabavam de compartilhar. Quicá ele não tivesse chegado ao orgasmo, porque não foi sua intenção; havia sido magnífico pelo fato de que ela tivesse aproveitado.

Ela fez de conta como se não tivesse falado.

—...te desculpei. Mas isso é tudo. Me vestirei para ir para casa, já não há nenhum perigo para mim. E o que ha ocorrido no sofá não vai voltar a se repetir, por que...

—Abigail —interrompeu, e então a deteve pelo braço quando ela se dispunha a subir as escadas—. Sentes algo por mim?

—Agradecimento —respondeu automaticamente em um rápido impulso de seu cérebro para proteger-se.

Cole apertou os dentes.

—Pelo do sofá agora a pouco? — Indagou com uma indiferença que não sentia realmente.

—Não seja obtuso —replicou calma—. Estou agradecida por ter salvado minha vida, por ter-me ajudado a superar Rylan em Seattle e agora me dando a oportunidade de ter eu o controle, por fazer-me sentir bela e desejada de novo; genuinamente. Estou agradecida por ter-me dado a oportunidade de trabalhar com Hannah e assim poder pagar a clínica de meu avô. Isso é tudo, Cole. Não estou negando a química sexual que temos, mas isso não nos leva a lugar nenhum. Eu já comecei a trabalhar na loja de brinquedos e...

—Volte a trabalhar comigo —ofereceu de imediato.

—Não funciona assim. Não sou uma boneca com a que pode contar num dia que está de bom humor, e quando está de mal a deixa de lado.

Ele calou um palavrão. Então, era só atração sexual para ela? Isso era tudo? Não podia ser tão bobo ao ter-se enganado ao ler em seus olhos, não podia ser verdade. Ela sentia algo mais por ele. Estava seguro disso, mas se estava errado, então usaria todos os meios para conquistá-la.

A precisava ter ao seu lado. Porque ele queria uma família. Com ela.

—Então, só agradecimento? —perguntou quase cuspiendo as palavras.

Abigail assentiu. «O que ele esperava? Ela estava bastante esgotada. Necessitava ajeitar sua mente com calma».

—Tem certeza de que me desculpou?

—Estou. E é ridículo que me faça essa pergunta. Não tenho dez anos, Cole. Se te disse que te desculpo é verdade. Me machucou, sim. Me fez sentir muito mal, também. Mas há que se levantar e seguir em frente. Depois do que vivemos esta noite, quero mais que nunca cessar com aquelas emoções que não me fazem bem. Quero ficar feliz, quero viver diferente. Cutucar as feridas não me serve de nada. Tuas desculpas são mais que bem vindas, e me ajudam a fechar esse episódio, mas mesmo se não tivesse se desculpado, eu teria continuado com minha vida como já venho fazendo. Às vezes temos que saber viver com a dor, até que ela desaparece.

—Isso acontece? Pode a dor desaparecer? A culpa? —Perguntava por Celeste. Pelo acidente, mas quiçá ter ajudado a Abigail essa noite, de algum modo, o ressarcia. Acalmava sua consciência com o passado. Quando alguém *que ele amava* precisava

dele, e ele tinha podido acudir em sua ajuda. Não podia se culpar por não ter amado Celeste o suficiente, mas jamais poderia ninguém recriminar que não tinha tentado.

—Quando encontra a força dentro de si, sim. O difícil é achar esse motor que te faz ser você mesmo, que te impulsiona a viver e lutar, para utilizá-lo no processo da dor, da culpa, da amargura. Ao fim é um assunto de vontade...

Ele se aproximou para abraçá-la. A reteve um longo momento. Em silêncio. Logo, colocou o dedo sob o queixo de Abby, para elevar-lhe o rosto.

—Não quero que seja só gratidão o que sinta por mim, Abby —disse com sinceridade.

—Cole... —sussurrou com o coração acelerado.

Ele acariciou a face suave, ao mesmo tempo em que Abby se deixava envolver por essa névoa apaziguadora que costumava agarrá-la quando Cole se mostrava encantador e maravilhoso.

O olhou com intensidade.

—E se eu te dissesse que...?

Nisso uma voz interrompeu do andar de cima.

—Papaai! Papaai! Vem aqui tem um monstro no meu armário. Veeem!

Veeem! Cole e Abby souberam que o momento se havia perdido.

—Por favor, fique e durma no quarto de convidados. Não acho que seja seguro que você vá para casa. É pouco mais de meia noite.

—Cole...

—Dormirei no meu quarto. Conceda-me isso... por favor. Me sentiria mais tranquilo, por mais que a polícia já tenha levado a esse bastardo.

Ela assentiu, porque de pronto se sentia muito cansada. Sonolenta. Demasiadas emoções para uma só noite. Dirigir seria uma imprudência.

—Ok, ligarei para casa para dizer que tudo está em ordem.

—Teu avô sabe...?

—Não. Nem suspeita e é melhor assim.

Cole assentiu. Ia dizer algo mais, quando sua filha se fez escutar de novo.

—Papaaai! Vem rápidooo! —gritou Hannah de novo, em um tom que Cole sabia implicava que logo chegariam as lágrimas.

Abigail estava segura que tinha despertado e ao ver a luz de seu quarto apagada, sentiu medo do closet. O mais provável era que quando subiu a buscar o telefone para chamar ao oficial Hudson, no apuro de proteger a menina, tivesse deixado a luz apagada por instinto.

—Já vou, princesa! —exclamou por sua vez, antes de girar-se para Abby outra vez—. O que ocorreu neste sofá não foi um consolo. Acredite em mim. Temos uma conversa pendente.

A pele de Abby se eriçou pela determinação na voz masculina. Ele se aproximou e surpreendeu a Abigail, ao apertá-la contra ele e devorar sua boca em um beijo rápido,

mas abrasador. Logo continuou para o andar de cima para ir salvar Hannah dos monstros do closet.

A mente de Abby borbulhava com pensamentos e conjecturas, mas por essa noite ia deixá-los repousar. Praticamente arrastou os pés, e fez o caminho com lentidão até o quarto de convidados.

Capítulo 20

O alarme do iphone soou às cinco da manhã, hora na que Abigail sabia que nem Cole nem Hannah acordavam. A rotina de ambos começava as cinco e quarenta, segundo lhe tinha comentado em algum momento o próprio Cole. Assim que ela apagou rapidamente o som do alarme, para não despertar ninguém. Tomou sua roupa e se meteu no banheiro. Tomou uma ducha rápida, logo saiu e se vestiu com pressa. Prendeu o cabelo. Abriu o pacote da escova de dente nova que encontrou no armário do banheiro e fez sua escovação habitual. Sentindo-se mais leve desceu as escadas e saiu silenciosamente da casa.

Aliviada de não ter que enfrentar a Cole nessa manhã caminhou a passo rápido até seu carro. Estava congelando e os flocos de neve caíam como algodão desde as nuvens. Apertando os dentes, para evitar que batessem, abriu a porta de seu velho carro e ligou o motor.

Quando se colocou em marcha soltou um suspiro de alívio, alheia ao olhos negros que a observavam com um sorriso calculado desde andar superior da mansão.

Cole se afastou da janela sem deixar de sorrir. Como Abigail podia pensar que, estando em sua própria casa, ele não estaria alerta a qualquer som, em especial ao ter uma filha pequena dormindo no quarto ao lado? Teria ido procurá-la para retomar a conversa pendente, mas a deixou ir porque estava ciente de que na noite anterior tinham ocorrido eventos complexos.

Deixaria passar um par de dias antes de entrar em contato. Estava seguro que ela tinha sentimentos a respeito dele, apenas não queria especular; necessitava uma certeza que saísse de Abby. O assustava um pouco, sim, mas pela primeira vez em muito tempo queria comprometer-se de verdade em uma relação, sem sentir a pressão de consciência por uma gravidez, ou por crer que “é o correto”. Desta vez era diferente. O temor à rejeição existia, mas também estava disposto a enfrentar isso.

—Papai. —Hannah se havia levantado mais cedo do habitual e o olhava desde a porta—. Onde está Abby? — Chupou seu dedo.

—Bom dia, princesa! — Se agachou frente a sua filha e abriu os braços para ela quando Hannah entrou correndo em seu quarto—. Gosta muito da Abby, não é?

A menina assentiu deixando-se abraçar por seu pai.

—Onde ela está? Não vejo em lugar nenhum. Ela disse que veio me visitar.

—Ela foi para casa, pequena. As visitas não duram tanto, e Abby tem que trabalhar para poder cuidar de seu vovozinho.

—Ah...eu quero visitar o vovozinho de Abby, papai. —Fez uma carinha de choro, mas Cole pegou em suas bochechas com ternura, apertando-as, antes de inclinar-se e elevá-la em seus braços—. Papaaai! Gira mais rápido, mais rápido —disse com um sorriso, enquanto seu padre a girava no ar—. Mais, mais, mais rápido!

Sorrindo depositou a Hannah na alfombra, escutando rir. Amava a sua menina mais

que a tudo no mundo, mas agora existia também um espaço em seu coração que ocupava outra pessoa. Uma mulher linda, valente e cheia de coragem para enfrentar a vida; uma mulher da qual estava apaixonado.

—Hannah, lembra da mamãe? —perguntou, enquanto a pegava no colo para levá-la ao lavabo e arrumá-la para a escola. Não sabia como tratar o tema de Abigail com sua filha. Às vezes ser pai implicava em muitas dificuldades, entre elas como abordar certos temas com uma menina tão pequena e com uma mente ágil e desperta como a de Hannah.

—Sim... —expressou assentindo com a cabeça, enquanto se deixava trocar de roupa—, mas ela está no céu, verdade? —perguntou metendo a cabeça pelo pescoço da blusa.

Ele lhe acariciou os suaves cabelos tão negros como os seus, quando lhe acomodou as roupas.

—E está, meu bem, sim. Queria...

—O outro dia escutei minhas amigas falando de suas mães —o interrompeu, e se girou para que Cole lhe colocasse a roupa. Elevou a carinha para seu pai e o olhou com seus grandes olhos azuis.

—Sim? —Amarrou o laço da saia atrás das costas, e então começou a penteá-la—. E que diziam? —indagou tratando de ignorar o nó no estômago. Desde a morte de Celeste ele tratava de que sua lembrança permanecesse em Hannah, lhe falava dela em ocasiões, porque apesar das diferenças que tiveram, ele não tinha direito colocar a menina contra a mãe, estivesse ela viva ou não; e indistintamente do tipo de pessoa que tivesse sido. Com o passar do tempo, Hannah havia deixado de perguntar por Celeste.

—Que suas mães as acompanhavam a comprar roupa, as abraçavam, faziam biscoitos e de noite contavam histórias para que dormissem. Bridgett me perguntou por que minha mãe nunca me acompanhava nas reuniões e tampouco ia às apresentações da escola...

—Oh, e o que você contou, querida? —perguntou com preocupação. Se deteve um instante para que Hannah escovasse os dentes, e quando acabou, a menina voltou a observá-lo.

—Que você era o melhor pai do mundo, porque fazia tudo isso comigo —sorriu—, exceto os biscoitos, porque isso quem faz é a vovó.

Cole não pode evitar que seus olhos se enchessem de lágrimas. Se inclinou e abraçou sua filha por um longo momento. Ela não protestou e rodeou o pescoço de seu pai com suas pequenas mãozinhas.

—Papai...?

—Sim, princesa? — Estava agachado na frente dela, e a afastou um pouco para observá-la.

—Você é ótimo, mas... —Lhe mostrou os dentinhos em uma tentativa de sorriso amplo—. Quero uma mãe que me faça biscoitos e me compre roupas de meninas, vá

às minhas apresentações da escola, me conte histórias e eu possa chamá-la de “mamãe”, e que goste de mim, assim um montão de grande. *Mamãe* —repetiu com um sorriso—. Soa bonito, não é?

Ficou lívido.

—Quer uma mamãe... —repetiu processando a informação. Pronto, a tensão que o havia estado consumindo sobre como falar com sua filha sobre Abigail, se dissipou. Como se pudesse respirar de novo com soltura.

—Também quero irmãozinhos, papai —asseverou como se fosse a petição mais fácil do mundo—. Assim poderia compartilhar com eles meus lápis de cor.

—Claro... —praticamente sussurrou, ao mesmo tempo em que sua filha o puxava da mão para levá-lo à cozinha para o desjejum.

Ele não disse nada, e começou a servir uma tigela de cereais com leite, e um copo de suco de morango, enquanto ele se preparava um café.

—Papai? —chamou, terminando sua tigela de *Froot Loops*, seus cereais favoritos. Cole a observou esperando que ela falasse.

—Quero que Abby seja minha mamãe para sempre.

Quando Richard soube o que havia ocorrido com Rylan ficou consternado. Insistiu em dar-lhe o dia livre, mas Abigail recusou. Em retorno, lhe agradeceu por ter sempre se preocupado com ela e o convidou a jantar em casa com seu avô.

A vida parecia ter se assentado, salvo sua mente que não deixava de recordar as mãos e a boca de Cole por seu corpo, tampouco o modo em que a havia consolado e cuidado na noite anterior. Tentava dissipar seus pensamentos sobre ele focando-se no modo que queria dar um rumo na sua vida. Fazia muito tempo que não tirava umas férias, quiçá fosse tempo de começar a planejá-las.

Na sexta à noite encontrou a seu avô jogando cartas com seus amigos. Palton e Joe o olharam com alegria, enquanto analisavam suas cartas.

—Abby teu avô é um trapaceiro —disse Joe quando Horace deixou um Às de paus e uma Rainha de copas.

—Ah, não vá acreditar neste par de velhos mentirosos, verdade Abby? —Lhe deu uma piscada que arrancou um sorriso de sua neta—. Eu ganhei com jogo limpo, cavalheiros pela terceira vez consecutiva. Assim que esses vinte dólares são todos meus. Eh, Amanda. —A empregada apareceu no umbral da porta da biblioteca—. Pode nos trazer umas cervejas?

—Nada de cervejas —interveio Abby, enquanto pendurava o casaco, o cachecol e o gorro de neve no armário da entrada—. Ainda não conversei com Spencer sobre tua saúde, e diga o que diga, há suco de melancia para você. —Joe e Palton começaram a rir—. E vocês dois também. —O par de piadistas ficou em silêncio—. Compreendido

quadrilha?

—Sim, Abby —murmuraram todos baixinho, ante o sorriso de Amanda que voltou a seus assuntos: terminar de ler “A conspiração da aranha” de James Patterson. Um thriller de suspense sempre caía bem numa sexta-feira.

—E esta noite Richard vem jantar conosco. Não vão acabar com o dinheiro dele trapaceando, ein?

—Não, menina, de onde tirou essa ideia? —replicou Joe, enquanto recolhia as cartas para começar a embaralhá-las novamente—. Ademais por hoje terminamos com o Black Jack, decidimos começar a jogar Pôquer.

—Aham —respondeu Abigail indo para a cozinha preparar o jantar. Na realidade, esquentá-lo, pois antes de ir para casa havia passado pelo supermercado, com seu bem merecido cartão de consumo gratuito, para comprar uns congelados. Não era boa cozinheira, mas seus biscoitos e cupcakes eram sensacionais. E nesse dia não queria deixar o jantar a cargo de Amanda, mesmo que estivesse dentro de seus trabalhos diários. Amanda era uma empregada cinco estrelas—. Farei cupcakes —gritou abrindo a porta do refrigerador para tirar alguns condimentos.

—Genial, carinho! —replicou Horace. Depois baixou a voz até quase um murmuro e comentou com seus amigos a decisão que ele e Spencer haviam tomado sobre seu tratamento. Mantiveram-se sussurrando por um longo momento. Aquela era uma conversa que Horace preferia não ter ainda com sua neta.

O jantar foi muito bom. Os filhos de Joe e Palton passaram a recolhê-los às nove, e seu avô foi dormir quase na mesma hora. Richard e ela ficaram conversando, até que seu amigo se despediu, pois Elizabeth e ele tinham, ao que parecia, um encontro.

—Você tem que conhecer Elizabeth, é uma mulher magnífica! —Acenou desde seu carro—. Nos vemos logo.

—Com certeza! —exclamou quando Richard ligou o motor e se colocou em movimento.

Uma das atividades do dia que Abigail mais desfrutava era poder deslizar-se nua na água morna de sua banheira e saborear uma taça de vinho enquanto jazia com a cabeça recostada na borda. Numa sexta-feira pela noite deveria ter um encontro, disse a si mesma enquanto que o líquido vermelho deslizava por sua garganta, mas estava extenuada. A semana enfim tinha terminado. E que semana! Mas ao menos tinha a certeza que a justiça faria Rylan pagar por tudo que lhe tinha feito.

Não gostou que Cole soubesse que tinha sido maltratada, porque não queria gerar sentimentos de pena em ninguém. Mas o modo que ele segurou sua mão, a abraçou e lhe deu seu apoio, sem emitir palavras, enquanto o oficial Hudson tomava notas com mais detalhes lhe chegou ao coração; não foi pena, mas compreensão. Nesse momento havia se sentido mais forte, valente, quicá se devia ao tanto que amava a esse homem. Às vezes pensava que podia conformar-se com ser a amante esporádica de Cole, mas sabia que ao final isso a faria infeliz; não estava disposta a aceitar migalhas de amor.

Merecia exatamente o que ela podia dar: entrega completa. Não queria nada pela metade. No amor, para ela, não valia a pena esse tipo de acordos.

Buscou em sua *nécessaire* o creme da Victoria's Secret que gostava de aplicar no corpo. *Such a Flirt*. Tinha um cheiro delicioso, e a sensação de deslizá-lo pela pele lhe encantava. Quiçá fossem as taças de vinho, sim, foram três, na banheira as que provocavam que se sentisse mais sensual. Recorreu cada pedaço de seu corpo com o creme. Era magnífico sentir-se livre, sem medos; era como respirar liberdade. «Não havia sensação mais extraordinária que essa», pensou sorridente.

Se colocou a camisola de algodão e se perdeu entre os lençóis cor champanhe de sua cama. Estava prestes a dormir quando soou seu celular. Ligou o abajur do criado mudo ao lado da cama. Geralmente não respondia quando via que era um número desconhecido, mas nesta ocasião não sentiu vontade de ignorar a chamada. Deslizou o dedo sobre a tela do iphone para responder. Antes, se fixou na hora. Dez e quarenta e cinco.

—Sim? —perguntou com voz sonolenta.

—Oh, perdoe-me querida. Olhe que hora tão inadequada para ligar, me desculpe.

—Charisse? —indagou confusa.

Escutou-se uma risada do outro lado.

—Você me reconheceu! Que bom saber que se lembra de mim.

Mais desperta, Abby se sentou e reclinou as costas contra o respaldar da cama. —Mas é claro que me lembro, como...?

—Você me deu seu número quando estava em Seattle por se acaso Cole precisasse de você quando saiu com minha amiga para passear.

«Ah, sim, se lembrava daquele dia», pensou Abby.

—Desculpe, Charisse, é que me parece um pouco estranho que você me ligue...

—Sim, sinto muito te ligar tão tarde, mas meu assistente na empresa me disse que houve um extravio do seu convite. E já não há mais tempo, não queria que pesasse que tinha sido grosseira.

Ela não estava entendendo nada.

—Não sei do que está falando.

—Este sábado é o aniversário da companhia. Meu esposo e eu gostamos de você e nós gostaríamos muitíssimo poder contar contigo. Será este sábado. —Então começou a contar-lhe a breve história da companhia, e lhe explicou como chegar ao hotel onde se celebraria a recepção—. Poderá nos acompanhar?

—Me sinto lisonjeada, Charisse, mas você me pegou totalmente desprevenida, não tenho...

—Não se preocupe com um acompanhante —a interrompeu mal interpretando o que Abby queria contar-lhe, e era que não tinha tempo de conseguir uma roupa adequada—. Isso está arrumado. Sei que é uma moça muito sensata e agradável, assim que pedi a meu filho Elliot que tenha a honra de te acompanhar, por suposto, se aceitar o convite.

Que é melhor aceitar —expressou com entusiasmo—. Oh, certo! Estará Ninette se acaso crê que vai se sentir fora de lugar. Ela insistiu também em te convidar e quando soubemos que teu convite não tinha chegado, nos preocupamos. Por isso minha chamada.

—Nossa... não sei o que dizer...

—Você diz pelo acompanhante? Te incomoda? —perguntou com tom inquieto, mesmo que na realidade estava esboçando um sorriso, enquanto Michael, que estava deitado lendo um livro de finanças lhe deu uma cotovelada desde o outro lado da cama de casal da mansão Templeton em Seattle. Charisse em resposta despenteou a seu marido com a mão livre de modo afetuoso—. Desculpe, pensei que Cole e você estavam juntos, se é assim, eu lamento, então preferiria que...

Michael elevou os olhos ao teto, apagou a luz de seu criado mudo e preferiu se esconder entre os lençóis. Se recriminava por ter comentado de passagem à sua mulher que Cole Shermann continuava solteiro.

—Não... —Pigarreou, porque não sabia definir que tipo de relação existia entre ela e Cole—. Não estamos juntos.

—Então meu filho Elliot, que é encantador, será uma companhia adequada. Ele passará para te buscar no sábado as oito e meia da noite. Você vem, não vem?

«Como negar, se havia tido o detalhe de chamá-la pessoalmente?», pensou Abby. Por outro lado, quiçá lhe cairia bem conhecer a outra pessoa. Se não para ter uma relação, mas para passar uma noite agradável. Se os Templeton eram encantadores, certamente que o tal Elliot seria igual. Ademais também lhe animava ver de novo a faiscante Ninette e, porque ademais de vê-la queria saber se havia finalmente fispado Gerard. Sim, quando tinha como ser intrometida, ela era. Para que mentir?

—Eu... sim, obrigada Charisse.

—Ah, será um prazer poder te ver novamente. Até sábado!

—Sim, até sábado...

Observou o celular até que a luz se apagou. Pressionou o botão para apagar a luz da mesa de cabeceira e voltou a se meter sob os lençóis. Estava segura de que passaria uma boa noite na festa dos Templeton. Dançar e conhecer outras pessoa lhe cairiam mais que bem. De fato, já estava animada.

Em Seattle, Charisse colocou sua máscara com gel frio para amanhecer com as pálpebras sem rugas. «Michael não estava roncando», pensou ela ao acomodar a cabeça na almofada. O que era um sinal de que teria que escutar uma repreensão.

—Querida... —disse com um tom que distava muito de estar contente.

Charisse se aproximou a ele desde atrás, e pousou a mão sobre o abdome de seu esposo, para abraçá-lo.

—O que? —sussurrou com carinho quando sua boca ficou na altura do pescoço de Michael.

—Você é uma intrometida.

—Oh, Michael, não seja malvado. —Lhe deu um empurrão—. Não é certo que o moço Shermann continue solteiro.

—Vai colocar o pobre Elliot de isca?

Charisse lhe deu um golpe suave e afetuoso no ombro.

—Claro que não, jamais faria isso com meu filho. Só vou colocá-lo para praticar suas habilidades para quando decida se casar com Giselle. Depois de tudo é a filha de outra de minhas melhores amigas. Se Gerard está reagindo com Ninette, tenho esperanças com Elliot.

—Charisse! Você convidou Giselle para a festa, consciente de que nosso filho vai levar a Abigail?

—Por quem me tomas? —Se fingiu indignada. Michael colocou a mão sobre a de sua mulher, para que não deixasse de abraçá-lo—. Disse a Giselle que Elliot iria para a festa da empresa em Baltimore, nada mais.

—Espera que ela venha a Baltimore para comprovar que Elliot não está com outra?

—Bem, é melhor que ela se dê conta de que se continuar esnobando meu belíssimo filho, então ele não terá alternativa que encontrar outra. Essa é a mensagem. Por que os homens nunca entendem a mente feminina?

—Será que é porque é muito complicada?

—O que vocês veem é tudo branco ou preto, não existem matizes. Ademais, Giselle não está saindo com Elliot... porque sabe que está louco por ela. Há que fazê-la entender que meu filho não vai esperá-la toda a vida, nem aguentar seus caprichos. Gosto muito dela, porque é minha afilhada, mas tem que dar valor às outras pessoas. Ademais, segundo tenho entendido o pequeno impasse entre eles já deveria ter se solucionado, porque conheço a meu filho e sei que ele já deve ter lhe pedido desculpas, mas Giselle é caprichosa.

—E essa outra pessoa que Giselle tem que aprender a dar valor casualmente é teu filho — resmungou Michael dando uma palmadinha afetuosa na mão de Charisse.

—A quem amo loucamente, mas como pode ver, no caso de Abigail e Cole, não me une nenhum laço. Só sei que se merecem... e tem que perceber isso.

—Me dou por vencido. Com certeza em outra vida você foi uma bruxa. Dessas bruxas que fazem poções do amor.

Charisse riu. Antes de afastar-se a seu lado da cama, lhe sussurrou a seu esposo quanto o amava.

—Eu também te amo, mulher. Vem aqui. Já sabe que não posso dormir se não te abraço.

—Você é encantador demais —replicou ela, deixando-se aconchegar nos braços de seu esposo.

—Deve ser porque você é uma mulher especial. Agora vamos dormir que manhã temos que viajar a Baltimore, e antes tenho uma conferência de negócios por Skype. Recorda que não ganho dinheiro precisamente por ser o esposo do Cupido em versão

feminina.

Com uma gargalhada, Charisse fechou os olhos.

Capítulo 21

O hotel onde se celebrava o jantar não podia ser outro que um dos mais exclusivos da cidade, o Hotel Mônaco Baltimore, construído em 1906. O salão principal estava decorado com toques *vintage* criando assim uma atmosfera leve, elegante e suspensa na América do Norte do século XX, nos anos 30. Assim o havia decidido Charisse. Ela gostava do estilo da moda daquela época, e seu querido Michael, lhe satisfazia os caprichos. A lista de convidados era de aproximadamente quinhentas pessoas, não tinham consigna de vestir-se ao estilo do motivo decorativo, mas a anfitriã havia decidido fazê-lo por sua conta.

Os garçons tinham um árduo trabalho, pois em cada mesa havia um ou dois dos homens e mulheres mais bem-sucedidos dos Estados Unidos. Todos amigos pessoais dos donos de Templeton & Company. Os tons azuis, brancos e pretos prevaleciam no salão, sem esquecer o clássico rosa antigo nos adornos florais de cada mesa.

Abigail se sentia um pouco desorientada. Geralmente não comparecia a eventos tão fastuosos, nem se rodeava de tantas pessoas. Ela preferia a quietude, ou só sair com poucos amigos, um jantar em casa ou conversar em um bar; aquele era mais seu estilo. Mas o certo era que Elliot estava se comportando de uma maneira encantadora.

Quando um incrível Rolls-royce parou na frente da sua casa, uma hora atrás, Abby ficou estupefata. Mesmo que não tanto quanto ficou quando observou se aproximar um dos homens mais espetaculares que vira na vida. Olhos verdes brilhantes, um smoking feito à medida, o cabelo loiro penteado para trás e uma barba de dois dias que conferia a Elliot Templeton um ar de malícia. Se sentiu um pouco intimidada pela aura de confiança e aprumo daquele que seria seu companheiro da noite.

—Abigail? —sorriu quando chegou à porta do salão tirando-a de seu momento ensimesmado. Será que ultimamente os homens que estavam ao seu redor trabalhavam fazendo propaganda de pasta de dentes?, se perguntou—. Você é tão linda quanto à descrição de minha mãe —disse ao se aproximar—. Não tem porque se preocupar. Tudo está certo.

—Eu... obrigada —replicou corando quando Elliot, em lugar de beijá-la no rosto, deixou que seus lábios plantassem um beijo no dorso de sua mão.

—Não se inquiete, Abby, vai ser uma noite fantástica —assegurou oferecendo-lhe o braço, para que ela deslizesse sua mão e a pudesse guiar uma vez que deixaram seus casacos.

Abigail tinha saído de compras com Monica nessa manhã. Sua amiga insistiu em que tinha que fazer um corte de cabelo, algo que chamasse atenção e reavivasse à Abby alegre e divertida de sempre. Por mais que tentou resistir, ao final da tarde se encontrou perfeitamente maquiada, com um corte de cabelo em camadas que conferiam um movimento sensual a seu cabelo e uma discreta franja, mais definida que a anterior, para o lado esquerdo. Ademais, Monica lhe disse que se merecia uma massagem.

Assim que sua pele estava brilhante, seus músculos relaxados, as unhas das mãos e pés perfeitamente pintados com esmalte rosa, e seu corpo exibia um vestido espetacular. A cor que havia escolhido era o turquesa. Ressaltava sua pele e seus olhos. Era um pouco atrevido, admitia, mas quando observou o olhar masculino que Elliot lhe deu, não se arrependeu de ter se deixado convencer por Monica ao comprar o modelo.

O vestido de seda não tinha mangas e o decote em forma de coração resguardava perfeitamente seus seios desafiando à gravidade. As costas estavam nuas e o corte se curvava justos dez centímetros acima de seu firme bumbum. O tecido caía com suavidade até o piso, cobrindo parcialmente suas sandálias de salto agulha prateadas.

—Não acho que teus pais ofereçam algo que não seja espetacular. É um casal magnífico.

Elliot sorriu, enquanto adentrava com ela no salão. Ao parecer chegavam um pouco tarde, pois nesse instante Michael e Charisse estavam descendo do pódio desde o qual haviam dado seu discurso de aniversário.

—Chegamos um pouco tarde, e confesso que fiz de propósito —disse Elliot sem tirar aquele cativante sorriso de seu rosto—. Te digo a verdade? —sussurrou no ouvido de Abby. Ela assentiu—. Odeio os discursos, meus pais sabem disso. Acho que contavam com meu atraso. Assim que não precisa se sentir envergonhada por isso.

—Oh... entendo.

O que seguramente não conseguia entender era o motivo pelo qual se sentia que a observavam. Uma sensação incômoda. Não se tratava de que alguém observasse seu vestido. Em absoluto. Impossível determinar de onde provinha aquela sensação.

Intentou parecer serena, e inclusive divertida, quando Elliot saudou seus pais, e a apresentou a alguns amigos. Riu e conversou, mas continuava sentindo-se incômoda. Se encontraram com Ninette, que efetivamente havia conseguido chamar a atenção de Gerard e este preparava sua viagem de volta antecipada da Europa para vê-la; lhe encantou rir e conversar com ela.

—Está acontecendo algo? —perguntou Elliot quando a orquestra começou a tocar, e vê-la tensa—. Você parece um pouco inquieta. É melhor não ter sido eu quem disse algo que te incomodou.

Ela esboçou um sorriso, e tocou seu braço com suavidade a modo de desculpa.

—Você me fez sentir muito bem, obrigada Elliot. Não é nada. Só que faz tempo que não saía para uma festa com tantas pessoas. Mas é agradável saber que conto com uma companhia tão divertida —lhe sorriu.

—Você gosta de dançar?

—Me encanta.

Elliot lhe estendeu a mão quando chegaram perto da pista de dança.

—Então, me concede essa honra?

Abby assentiu, e se deixou conduzir até o centro da pista na qual começavam a se aproximar pouco a pouco os casais de convidados. Ao final da terceira música se

sentia exultante e relaxada. Elliot era um conversador estupendo e a fazia rir. Alguns amigos se acercavam dançando, e formaram um grupo divertido. A banda era ótima.

Estava rindo de um comentário de Elliot, quando uma figura que lhe era mais que conhecida invadiu seu campo visual. Não estava sozinho. Cole levava pelo braço uma ruiva sensacional, exatamente o tipo de mulher que ela nunca chegaria a ser: estilizada, esbelta e muito alta; tão alta que, para ser honesta, formava um par ideal com Cole. A mulher lhe sussurrava ao ouvido, e Cole parecia encantado com o que lhe estava dizendo, pois esboçou um daqueles sorrisos que “afrouxam joelhos”. Não tinha outro jeito que classificar.

Desde o tema de Rylan, Cole não a tinha contatado; nem uma mensagem ou chamada. Se perguntou os motivos, mas agora era claríssimo. Tão claro como o fato de que tinha que refrescar-se e sair imediatamente dessa pista de dança.

—Elliot, gostaria de ir ao tocador de damas —sussurrou enquanto ele a girava ao som da música.

—Claro, tudo bem? —interrogou ao olhar o rosto pálido de Abby—. Não prefere tomar algo? Ou comer, talvez?

—Obrigada. Só quero ir ao tocador...

Ele assentiu, para então indicar-lhe o caminho a seguir. Agradecida pela oportunidade de escapulir, Abby se afastou apressada.

Encontrar a Abigail com um vestido que deixava pouco à imaginação quase o levou a se engasgar com o uísque; ademais ela tinha feito algo no cabelo, e estava arrebatadora. O pior foi encontrá-la dançando com o filho de Charisse e Michael, muito confortavelmente, sem importar-se que Elliot Templeton colocasse a mão nas suas costas nuas. Essas costas de pele sedosa e sensual que ele havia acariciado e beijado. Vê-la com outro foi como se lhe tivessem dado um chute, deixando-o sem fôlego.

Nem tinha pensado em ir para a festa, de fato, quando Hannah lhe pediu chorando que não fosse ele ficou tentado em concordar. Mas Petra o ligou comentando que, se ele não estivesse ocupado, ela precisava ir nessa festa e lhe cairia muito bem sua companhia. Ao que parecia, Petra havia decidido armar-se de coragem e conquistar Abraham.

Ele pediu para sua irmã Lana ficar com Hannah, e ela concordou em cuidar da sua única sobrinha durante o fim de semana. Cole gostava de ter uma boa relação com sua irmã e seu cunhado, mas sobre tudo adorava o modo em que Hannah brincava com seus primos e começavam a formar aqueles laços afetivos sólidos que seriam muito importantes quando todos crescessem e precisassem uns dos outros.

—Cole? —chamou Petra inclinando-se para seu amigo. Aquela noite ia a deixar os medos para trás e tentaria que Abraham a levasse a sério. Ao menos contava com um

aliado como Cole. Mas nesse momento, em que tentava perguntar-lhe algo sobre Abraham, seu amigo contemplava um ponto na pista de dança e franzia o cenho—. É ela? —sussurrou quando ele não lhe prestou atenção. Quiçá não a havia escutado devido à música—. Cole!

—Ähn?

—Perguntei se essa que está na pista é a mulher de quem me falou no caminho da festa. —Ele tirou o olhar da pista e o pousou em sua amiga—. Não faça cara de desconcerto, estou me referindo a essa mulher de quem disse estar apaixonado. A que te deixa louco, não te deixa dormir, te desconcentra... —disse em tom jocoso, e Cole riu.

—Desculpe, fiquei surpreso de vê-la —lhe murmurou também no seu ouvido, pois era o único modo de se fazer escutar—. Esperava ligar para ela amanhã, mas vejo que encontrou uma boa companhia.

Dissimuladamente, Petra procurou na pista pela mulher que Cole havia descrito há pouco. Uma loira muito bonita. Era verdade que tinha um rosto doce e o vestido lhe caia como uma luva. Não era para menos que seu amigo estivesse todo abobado. O único que a entristecia era que ainda não tinham encontrado o paradeiro de Abraham, por quem ela tinha posto um vestido vermelho que acentuava seu cabelo, com um decote quase escandaloso na parte frontal e recatado nas costas. Abraham ia a ficar boquiaberto ao olhá-la... se é que o encontrava, claro.

—Oh, se refere a... Elliot Templeton? —perguntou quando identificou ao homem que acompanhava a moça de Cole—. Deixe-me dizer que está saindo com uma tal de Giselle. Não faça essa cara de raiva, não está enganando sua namorada. Estão brigados ou isso dizem os fuxicos. Eu conheço Charisse Templeton e é uma casamenteira de primeira —sorriu—, tenho a segurança de que a presença do teu tormento pessoal não é uma casualidade. Elliot conhece a sua mãe, assim que deve entender que trama algo, porque além do mais Giselle é filha de uma das melhores amigas de Charisse. Mas esse rapaz Templeton é um bom partido, se Giselle não o perdoou. —Deu de ombros. Então baixou a voz como se pudessem escutá-la—: Dizem que ela ficou com raiva porque o viu jantando com uma ex-namorada, acho que Abigail tem a oportunidade de conquistá-lo —explicou com um toque de malícia para incomodar seu amigo.

Em resposta Cole passou a mão pelo rosto, frustrado.

—Além do mais, você é que não teve a coragem para dizer a Abigail o que sente, querido.

—Acho que da próxima vez vou deixar de te contar certas coisas, Petra.

Ela lhe deu uma palmadinha no ombro.

—Te faz muita falta que te digam um par de coisas. Acho que deveria ir arrumar essa situação. Ehhh... olhe-a —disse quando voltou a colocar sua atenção na pista de dança—. Ela está indo aos lavabos. Por que não aproveita para esclarecer as coisas com ela? Asseguro-te que ela percebeu que você está aqui. E comigo.

—Você acha...?

—Chame de intuição feminina. —Não ia lhe dizer que a loira quase a assassinou com o olhar, mas depois seu rosto se tornou frágil. Isso era assunto para Cole resolver—. Assim que vá, eu fico aqui no bar. Quem sabe logo Abraham passe —comentou com um sorriso, enquanto girava com seus dedos a taça de *Martini*.

—Sim. É melhor mesmo que esse bobo perceba quão linda você é, ainda que não acho que ele gostaria da competição intelectual tão acirrada que levaria contigo.—Sorriu.

—Quando resolva os teus rolos sentimentais, você vem me dar uma mão com os meus.

Com uma gargalhada, ele assentiu, e começou a perder-se por entre as pessoas.

Se contemplou no espelho do banheiro. Tinha o cabelo perfeito; esse corte novo fazia maravilhas em seu rosto. Seus lábios só necessitavam um retoque com brilho, assim que aplicou um pouco. Apoiou as mãos no mármore negro do balcão onde havia várias pias e respirou profundamente. Precisava se acalmar. Era horrível ver ao homem que amava com outra mulher, mas era mais terrível saber que não poderia tê-lo.

Por outro lado, não podia abandonar a Elliot, pois os Templeton foram sumamente amáveis desde que os conheceu, como fazer-lhes um afronta simplesmente porque seu afeto não era correspondido pelo homem ao que ela desejava com loucura? Era ridículo. Disposta a desfrutar do que restava da noite abriu a porta para dirigir-se novamente ao salão.

Não chegou muito longe.

Uma parede de músculos lhe impediu o caminho, e esteve a ponto de cair se um par de fortes braços não a tivessem segurado. O impacto daqueles olhos negros lhe tiraram o ar quando elevou o rosto.

—Cole...

A segurou pelos ombros um instante a mais do que o necessário, olhando-a como se tentasse descobrir algo em seu rosto. Depois, sem dizer nada, a tomou pelo cotovelo com suavidade e a guiou por um corredor onde haviam poucas pessoas. Ela quis se soltar de seu toque, mas se o fizesse geraria algum tipo de cena e não queria causar nenhum drama na festa para Charisse nem Michael. Assim que apertou os dentes e seguiu o passo de Cole. Por que diabos ele tinha que cheirar tão condenadamente bem?

—Me alegre em saber que está se divertindo. —A soltou quando chegaram até um segundo bar em um corredor menos congestionado. Pediu uma cerveja e para Abby um copo de água, mas ela o rejeitou com um gesto. Cole estava tratando de morder sua língua, não queria dizer algo do que poderia se arrepender. Assim que bebeu um longo trago de cerveja e apoiou o cotovelo na borda do balcão, enquanto Abigail o observava mal-humorada. «Como essa mulher conseguia ficar mais desejável e linda?», se

perguntou percorrendo-a com o olhar.

Quando esteve segura de que ninguém se fixava neles soltou sua raiva.

—Como você se atreve a me trazer assim como se fosse uma boneca de pano que se mexe como você quiser? —disse entre dentes.

—Você está linda —respondeu. Ia jogar as cartas de outra maneira—. Teu cabelo está lindo. —Fez sugestão de tocá-lo, mas se conteve.

Ela pareceu pega de surpresa.

—O que? —Cruzou os braços. O único que conseguiu foi que seus peitos se resaltassem tentadoramente, e Cole não perdeu a oportunidade de fixar neles seu olhar—. Ainda não me respondeu —insistiu.

Ele suspirou e terminou a cerveja.

—Eu vim para a festa, e ao perceber que você estava aqui, quis te cumprimentar; e você, carinho, não se move precisamente sob os caprichos de ninguém, e entre outras coisas que me excita sobre você, esta é uma delas —respondeu piscando para ela, apesar da vontade que tinha de tomá-la nos braços e beijá-la, para recordar-lhe quem era a pessoa com quem deveria estar. Era um pouco Neandertal ou impulsivo, mas, de que lhe importava?

—Entendo. Então, olá e tchau —disse antes de girar-se para voltar para a pista de dança.

Com um ágil movimento, Cole a alcançou tomando-a pelo pulso. Ela se deteve e olhou a mão masculina esperando que a soltasse. O que não ocorreu.

Onde eles se encontravam a música soava com menos força, assim que não necessitavam elevar demais a voz para conversar.

—Sinto muito não ter te ligado desde...

Um casal muito elegante começou a caminhar perto deles, interrompendo-os. Cole aproveitou, e puxou Abby para ele de tal forma que ficou praticamente colada a seu peito.

—Cole, você não tem que sentir nada. —Elevou o rosto para ele—. Quer falar sobre o que ocorreu na tua casa na outra noite? —murmurou entre dentes—. Pois então só te digo “obrigada”. Uma vez mais —baixou a voz antes de continuar em tom exasperado—: Obrigada por salvar minha vida, e obrigada pelo orgasmo, mas certamente a ruiva que está no salão te esperando vai te dizer o mesmo quando for para a cama com ela.

Cole esboçou um lento sorriso e mudou a posição de sua mão. Recorreu o braço nu de Abby, até deslizar a mão pelas costas nuas. Ela não podia afastar-se, porque apesar de que a tocava com delicadeza, também o fazia com firmeza.

—E o que me diz de Elliot Templeton, carinho? —Utilizou uma voz grave, íntima. Demasiado íntima.

Ela deu de ombros.

—Charisse me convidou, e ele me acompanha.

Franziu o cenho.

—Isso significa que Elliot e você estão aqui por um compromisso. —Acariciou com o polegar a parte baixa das costas dela. Abigail sentiu sua pele se arrepiar. Não queria que ela a tocasse, não quando o havia visto com outra mulher e ele nem sequer tinha a hombridade de admitir.

—Isso significa que não é da sua conta.

Ele riu, e começou a mover-se com ela, colado ao seu corpo, no ritmo da balada que soava de fundo. A mão direita ascendeu pela coluna vertebral nua de Abby com suavidade. A sentiu tremer, e ele alargou o sorriso.

—Por que não haveria de ser da minha conta? —sussurrou inclinando-se e roçando sua face com a dela. Em um calculado movimento, mordeu o lóbulo da orelha de Abby, e ela tremeu novamente.

—Solte-me —espetou com frieza, ainda que seu corpo não entendia o que poderia significar essa palavra.

—Estamos dançando —murmurou introduzindo sua perna entre as pernas de Abigail, de um modo tão discreto, que só ela se deu conta. E não só do movimento, mas da mostra de que Cole não só estava intimidando-a, mas demonstrando que a desejava—. E conversando, por suposto, quer voltar aos braços de Elliot?

—Quer voltar para os braços da ruiva?

—Touché —replicou rindo, mas sem soltá-la—. Hoje está muito sexy. Eu gostei... Mas teria gostado ainda mais que nenhum desses homens do salão ficassem babando atrás de você.

—Não me interessa o que você goste ou não.

—Por que está tão na defensiva comigo? —perguntou com tom casual, girando com ela nos braços. Abigail não teve alternativa que deixar-se levar.

Estava tensa, chateada e também excitada. Sabia que o centro úmido de seu sexo ardia, e sentia os mamilos mais sensíveis ao roçar-se com o tecido do vestido, enquanto dançava com Cole. E aquela fricção começava a agitar sua respiração. Não se explicava como tinha o descaramento de dançar com ela, quando sua amante do momento o esperava no outro lado do salão. Queria afastar-se, e ao mesmo tempo não queria fazê-lo.

—Não estou, mas não gosto que me abordem do modo que você fez.

—Está com raiva porque me viu com a ruiva ou porque não te liguei?

—Estou com raiva porque Elliot, que tão cavalheiramente me convidou para esta festa, está me esperando, e eu estou perdendo tempo contigo. —Mentiu.

—Assim que Elliot, eh?

Ela virou o rosto e fingiu interessar-se por uma escultura de gelo com forma de anjo, a qual tinha na base várias travessas de cristal com caviar.

—Se me abordou só para fazer essa enquete, acho que já respondi a suas perguntas. Mesmo que você não tenha feito o mesmo com as minhas.

—Abby, o que parece é que estamos medindo quem é o melhor evadindo as perguntas do outro, não acha?

—Dá no mesmo.

Cole suspirou, e se inclinou para roçar os lábios de Abby com os seus. Foi um beijo espontâneo, fugaz, mas como sempre ocorria entre eles, carregado de uma corrente que parecia abarcar cada célula de seus corpos.

—Não volte a fazer isso.

—O que?

—Beij...

Cole inclinou a cabeça e nesta ocasião invadiu a boca de Abigail como se estivesse sedento no meio do Sahara, e ela fosse seu Oasis. Lhe mordiscou com os dentes o lábio superior fechando os olhos para degustar seu sabor. Um sabor que adorava e que havia sentido muita falta nas últimas quarenta e oito horas. Não se importava que houvesse público ao redor, porque estava consciente de que todos se ocupavam de seus próprios assuntos; não era idiota, e de onde se encontravam tinham uma posição discreta. Alentado por esse fato, devorou sua boca, enquanto sua mão se deslizava para cima e para baixo sobre as costas nuas.

—U-rrum —interrompeu alguém.

Ambos se separaram abruptamente. Abigail corada e envergonhada pensando em quantas pessoas teriam presenciado o beijo que... um beijo que havia durado só cinco segundos, mas para ela foi como se tivesse sido eterno. Com Cole a sensação do tempo se perdia, o mundo se desvanecia e restavam só os dois. Ou os três, dado o caso de que tinha a ruiva com quem o havia visto minutos atrás, a seu lado. Certamente ia a reclamar o que, com justa razão, essa noite lhe pertencia. O que podia fazer? Começar a chorar como uma mulher patética com o coração ferido e sem orgulho; ou manter seu orgulho e fingir que nada tinha acontecido? A segunda alternativa. É claro.

Desfez-se dos braços de Cole, que a observava com intensidade e atento a cada uma de suas reações.

—Desculpe pela interrupção —expressou a mulher e olhou a Abby. Sorriu-lhe—. Sou Petra Braxter. A concorrente deste rapaz no mundo da informática.

—Oi, eu... —Cole que a observava com um sorriso divertido. Abigail sentia vontade apagar este ridículo sorriso do rosto—. Bem, os deix...

Ele voltou a retê-la, nesta ocasião a apertou da cintura de um modo possessivo. —De maneira alguma, Abby. Fique aqui, ao meu lado —pediu ele. Depois olhou a Petra—. Tudo bem?

—Abraham me pediu que... —Corou—. Que o acompanhe para dar uma volta pelas docas esta noite.

Cole riu. Se alegrava de que ao menos a intenção de sua amiga essa noite se concretizara. Sabia que Abraham era um espírito livre, mas também sabia que se tinha algo que Petra Braxter possuía era determinação. Seu amigo não teria muitas

oportunidades de resistir.

—Impossível que ele não te notasse. Você está deslumbrante, Petra. «Deslumbrante, claro. E ela, “linda”», resmungou Abby para si mesma. Cole sentiu como Abigail ficou tensa por seu comentário e se omitiu um sorriso.

—Abby, Petra é uma grande amiga, e Abraham é meu sócio, acho que o conhece.— Abigail assentiu—. Saem juntos.

—Ou ao menos isso espero —adicionou Petra corando de novo—. Não quis importunar, só queria passar a agradecer que aceitou me acompanhar para que Abraham... em fim. Obrigada.

—Para isso é que servem os amigos. Falando nisso, diga a você sabe quem que não espere a sua acompanhante desta noite.

Petra riu, e Abigail os olhou desconfortável.

—Certo. Foi um prazer Abby —disse a mulher com um sorriso. Um sorriso que Abigail sentiu sincero, o que a fez se sentir como uma ridícula ciumenta. Não se supunha que tinha se proposto se afastar de Cole? —. Espero voltar a te ver.

—Eu... Digo o mesmo.

Com uma piscada para Abby, a ruiva se afastou. Vários homens que estavam ao redor seguiram com o olhar o movimento das cadeiras de Petra.

Nenhum deles observou a mulher vestida ao estilo dos anos 30 que sorria olhando a Cole e Abigail, e que então piscou para seu esposo, ao que este respondeu com um suspiro resignado. Sem dúvida, Charisse Templeton havia conseguido armar mais uma das suas.

—Suponho que é tua amiga.

Ele a sentiu enfim relaxar ao seu lado.

—O mesmo que Elliot, verdade? —perguntou girando-a em sua direção.

—Acabei de conhecê-lo hoje. Não posso dizer que somos amigos, mas me pareceu uma boa pessoa.

—Se é um Templeton, deve de ser. Uma vez esclarecido tudo. Há algo importante que gostaria de conversar contigo. Uma conversa que já foi postergada. Lamento não ter te contatado nestes dias, e sinto se você pensou que eu estava saindo com Petra.

—Não tem que me pedir desculpas, você e eu só somos...

—Sim, o que somos? — Cole fixou sua atenção na porta de saída do salão que dava ao interior do hotel. A uns metros da Recepção.

—Amantes...

—Entendo, gostaria então de me obsequiar uns minutos de teu tempo, este que costumam ter os *amantes*, mas nesta ocasião para conversar um pouco? —perguntou com ironia.

—Elliot...

—Oh, não se preocupe com teu amigo. Petra se encarregará de falar com ele. Não escutou? Disse-lhe que lhe comunicara que sua acompanhante, ou seja, você, não

poderá continuar ao seu lado.

—Como se atreve? — Se deteve junto a uma coluna feita à base de cristais Swarovski. Perto havia uma pequena salinha, a meia luz, na que ninguém reparava, pois estava parcialmente coberta por uma grossa cortina vermelha. Um detalhe que Cole não tinha deixado de perceber—. Vim com Elliot e voltarei com ele. Não pode tomar decisões por mim. É uma falta de respeito —sentenciou—. Você acha que eu não tenho capacidade de decidir meus assuntos por mim mesma?

—Só tento conseguir o que quero.

—E isso o que seria? —respondeu com sarcasmo.

—Conversar contigo. É importante. Não quis ser autoritário com relação a Elliot. Vai me dar a oportunidade de falar contigo?

—Você está se desculpando de novo?

—Uma desculpa é necessária?

—Talvez.

—Então, me desculpo Abigail.

—Bem, agora, me vou procurar Elliot.

Ela começou a afastar-se, mas a voz de Cole a fez deter-se.

—Abigail —disse perdendo o sorriso de seu rosto, e utilizando um tom aveludado que a sua vez implicava certo perigo. Um perigo que não tinha nada que ver com infundir medo, e ela mordeu o lábio para deixá-lo continuar—. Faça-me um favor, carinho, e se mantenha afastada de todos os Elliot e Richard por mais inofensivos ou encantadores que sejam.

Ela colocou as mãos no quadril, acentuando sem notar, as curvas de seu corpo. Cole apertou os dentes, porque tinha os sentidos aguçados ao máximo, e sabia que os homens que passavam por perto admiravam a Abigail. Ciumento? Sim. Possessivo? Também. Até que não conseguisse esclarecer as coisas com ela, não ia ficar tranquilo.

—Por que teria de fazer isso? —inquiriu arqueando uma sobrancelha, e tratando de conter sua raiva, ainda assim seus olhos azuis lançavam faíscas.

—Porque você é minha.

Ela abriu e fechou a boca.

—Você ainda não aprendeu que vivemos no século XXI, e que os Neandertais pertencem a uma era pré-histórica?

Cole se aproximou de Abby. Seus olhos pareciam petróleo: brilhantes, espessos e muito escuros. Ela começou a retroceder instintivamente procurando não tropeçar, até que sentiu os cristais de Swarovski contra sua pele nua. Se deteve, porque não tinha outra opção.

—Abigail —sussurrou inclinando-se para ela—. Neste preciso instante estou no meu limite e você está me provocando. Não me importa quem esteja ao meu redor. Alguma vez você me disse que sou arrogante. Bem, um exemplo de minha arrogância é que tenho milhões suficientes em minha conta bancária para que não me importe nem

por um segundo o que esta gente possa dizer se eu começar a te tocar —baixou ainda mais seu tom de voz, tornando-se grave, e perigosamente sedutor—, ou se começar a deslizar minhas mãos por tua pele acetinada —fixou o olhar nos olhos azuis de Abigail; ela tinha a respiração agitada—, e inclusive estou seguro que debaixo desse vestido não está usando sutiã, e não me importarei em desfrutar de teus peitos. —Abby engoliu em seco—. Vai negar que nesta noite está sem sutiã? —Hipnotizada por aqueles magníficos olhos e a cadência sensual de sua voz, ela negou com a cabeça—. Assim que eu gosto, sempre sincera —disse sedutoramente—. Imagine que me importa tão pouco o que pensem de mim que entraria debaixo de seu vestido, com facilidade, e quando esses seus maravilhosos seios ficassem expostos, os tomaria em minhas mãos, acariciaria teus mamilos com minha língua, os chuparia até te fazer gemer, e quando saiba que está úmida, encharcada e pronta, levantaria o vestido com a mão, enquanto não deixo de beijar teus peitos e acariciar teus mamilos com minha língua úmida. E estará tão excitada. —Lhe acariciou um ombro nu com a ponta dos dedos, e a sentiu tremer—. E estará tão molhada que não se importará saber que podem nos descobrir. —Se aproximou da orelha de Abby e lhe sussurrou—: Te levarei para a salinha que está meio oculta a uns passos daqui, e não conseguirá me rejeitar. Sabe por quê? —perguntou beijando-a nos lábios. Ela negou sem deixar de sentir as pernas fracas, quando Cole a beijou no pescoço nu; deixando um beijo úmido, tão úmido como ela estava—. Porque te desejo tanto, como você me deseja.

Ele se ergueu de pronto como se não tivesse estado contando-lhe mais que sobre a decoração do salão, quando ela em troca se sentia molhada e ansiosa. Que lhe dissesse o que queria fazer-lhe, sem importar-se que pudessem ser descobertos, a excitou tanto que tratava de fazer seu melhor esforço para obrigar seu corpo a parar de tremer, ou a sua respiração que deixasse de se agitar. Nada. Seu corpo tinha vontade própria.

—Isso não é conversar —atinou em dizer. «Uau, mas que linha de argumentação inteligente Montgomery.»

—Chame de conversa persuasiva —expressou com malícia—. Então, Abby... Está disposta a conversar comigo em um lugar mais privado, ou está interessada em provar um pouco desta classe de conversa em lugares públicos?

—Eu... você não joga limpo.

—Estou te deixando escolher. —Sorriu diabolicamente. «Sim, claro.»

—Duas opções não são suficientes —comentou sem convicção—. Talvez eu queira ir para casa...

—É isso que você quer? Ela suspirou.

—Não sei. —Meneou a cabeça como se tentasse afastar os pensamentos negativos dela—. Cole seria ridículo negar que te desejo. Mas acho que não existe nada além disso entre nós.

Ele não podia crer que ela lhe estivesse dizendo isso. Foi como um balde de água fria. Passou os dedos pelo espesso cabelo negro, naquele gesto de frustração tão seu.

—É isso o que pensa? —perguntou ferido, mas sem deixar isso transparecer em sua voz. Havia tentado de várias maneiras pedir-lhe que o escutasse, mas ela continuava relutante a abrir-se com ele. Estavam na esquina mais afastada do salão, e não podia continuar desse modo.

—Talvez.

—Não pode me dar respostas vagas. Estamos no lugar menos idôneo para manter uma conversa.

—Há pouco você tentava me seduzir com uma *conversa persuasiva* —replicou para tratar de ser graciosa e relaxar os nervos. Mas o rosto de Cole havia mudado completamente. Estava sério. Pétreo. Se antes houve desejo em sua voz, agora parecia que a temperatura havia baixado drasticamente.

—Agora a pouco não foi isso que me disse, que considerava que entre nós só existia sexo. Pensei que teu olhar refulgia algo mais que só paixão, Abigail. Talvez eu tenha me enganado, e lamento por isso —comentou com amargura.

—E o que temos então? —perguntou insegura.

Cole a contemplou durante um longo momento. Ela retorcia seus dedos da mão, nervosa, mas ele só observava fixamente aos olhos. Como se tentasse desenterrar seus segredos... ou suas mentiras.

—Se não sabe, Abigail, é porque não me ama tanto como eu amo você. E fique tranquila, não voltarei a te incomodar —expressou em tom frio—. Ah, não se preocupe de como voltará para casa. Vou de táxi, meu motorista fica à sua disposição. Boa noite.

Deixando-a com o coração em choque, se afastou.

Capítulo 22

Aos domingos pela manhã ela se dedicava a organizar seu quarto, e depois planejar para onde sair com seu avô para comer. Olhou a hora. Era quase meio dia. Não tinha saído da cama ainda.

Contemplava, de pijama, o teto; como se fosse encontrar aí alguma resposta. Amanda havia passado horas antes para perguntar se estava doente, ao que ela respondeu que não. Em realidade, mais que doente, ainda continuava em choque pela declaração abrupta de Cole.

Em um princípio, quando seu coração deixou de palpitar a dois mil por minuto, pensou em segui-lo, mas essa ideia chegou tarde demais. Ele já tinha ido. Assim que encontrou a Elliot, se despediu, e depois fez o caminho do salão de dança até onde se encontravam os *valet-parking* em uma espécie de transe.

O motorista de Cole se aproximou, e a ajudou a entrar no automóvel. No trajeto começou a assimilar o que havia ocorrido na festa. Quiçá ela e Cole haviam tido desavenças; quiçá, ela tinha medo de não poder entregar o que ele merecia, nem tampouco a pequena Hannah; quiçá, Cole era um pouco tonto, ou até demais, e não sabia fazer frente a suas emoções, no entanto, havia algo sobre o que não tinha dúvidas. Ela merecia uma declaração de amor decente, e também necessitava um tempo para respirar. Adorava Cole, mais do que poderia dizer, mas ela também tinha conflitos, preocupações, e jamais lhe teria ocorrido lançar-lhe com raiva palavras com um significado tão profundo.

Amor.

Se pudesse contar quantas vezes o havia sentido, diria que muitas. Expressado em diferentes formas. Em seu trabalho, com seus alunos, seu avô, seus amigos, os pequenos detalhes de desconhecidos que faziam seu dia com palavras de agradecimento, a possibilidade de contemplar um lago, se molhar na chuva, correr, gritar, bocejar, despertar. Estar viva! No entanto, era paradoxal, estranho, contraditório e inclusive absurdo, que o homem a quem tanto amava fosse o que mais danos pudesse causar-lhe.

Não estava assustada. Ao contrário, se sentia mais valente que nunca. Vibrante. Que Cole fosse um idiota, bom, não ia tirar-lhe esse mérito, mas sabia que detrás dessa fachada dura e calculista, havia um coração nobre, um homem terno, inteligente, e disposto a dar tudo pelas pessoas que amava. Hannah era um exemplo disso.

Estava disposta a contar a Cole as sequelas de sua relação com Rylan, e também estava resignada a que ele se afastasse dela ao saber que jamais poderia dar-lhe filhos. Nem irmãozinhos ou irmãzinhas para Hannah. Se ele preferia deixar de tudo as coisas entre ambos, então lhe faltaria uma parte muito grande de seu coração, mas teria valido a pena amar.

Ela era uma pessoa que gostava de colocar nome nas coisas. Assim que ainda se perguntava que classe de relação era a que tinha com Cole. Amantes? Amigos com

benefícios? (Ugh, isso soava terrível) Namorados... ocasionais? Disso também necessitava se encarregar. Que o tema dos títulos no amor não importa? Pois bem, ela era Abigail Montgomery e jogava segundo suas próprias regras, o que o resto pensava lhe importava meia pataca.

Não por estar apaixonada que seu orgulho estava perdido. Nada disso. Se ela tinha a intenção de revelar o último segredo de sua vida a Cole, o faria só quando ele tivesse se dado conta de que ela merecia uma declaração de amor diferente. Uma de verdade. Caprichosa? Em absoluto.

Havia permitido que Rylan passasse sobre ela, que a humilhasse e a maltratasse. Jamais, *jamais*, voltaria a dar poder a nenhum ser humano, pior ainda um parceiro sentimental ou amante, de machucá-la daquele modo. Se acaso Cole se mostrasse diferente ao saber a verdade sobre sua condição física, a afetaria, claro que sim, mas seguiria em frente.

O movimento seguinte ela não pensava em dar.

Mais sossegada ao ter esclarecido as coisas consigo mesma, se espreguiçou.

Chamaram na porta.

—Abby. —Era seu avô—. Menina, o que faz enfiada aí? É quase meio dia. Pretende que teu avô morra de inanição?

Ela sorriu, e se colocou de pé.

—Me dê uns minutos. Vou tomar uma ducha.

—De acordo, de acordo. Hoje tenho vontade de comer umas costelinhas de porco.

Abigail gargalhou.

—Quando minha cabeça esteja livre do sono tentarei pensar que isso das costelinhas de porco foi um mal entendido.

Meia hora mais tarde, Abigail desceu.

Amanda havia preparado um *spaguetti* ao *pesto*, que tinha um cheiro delicioso. Estranhou-lhe um pouco que ela tivesse cozinhado em um domingo, mas quiçá seu avô tivesse lhe pedido isso. Ela pensou que talvez seu avô estava cansado para sair a algum restaurante no centro da cidade. Quando acabaram de comer, a empregada se despediu dizendo que voltaria na segunda-feira, porque tinha uns assuntos que resolver em Washington D.C., com algumas amigas a que não via há anos e iam a ter um almoço juntas nesse domingo.

Seu avô parecia muito conversador, o que não era algo raro, mas Abby sentia que algo não estava certo. Pôs de lado essa percepção quando ele começou a contar sobre um de seus temas favoritos: as mudanças que estavam acontecendo na política migratória do país. Ele expunha os pontos a favor e os pontos contra, para então argumentar relatando antecedentes da história dos países da América Latina, cujos cidadãos estavam nos primeiros lugares da lista de imigrantes dos Estados Unidos.

Ela gostava muito de aprender de seu avô, mas continuava sentindo que algo se escondia detrás da emoção do discurso e a agitação ao defender suas ideias. Parecia

estar falando mais rápido que de costume, e sua respiração estava mais

agitada. —Avô... —cobriu a mão de seu avô com a sua—. Você está bem?

Uma mistura de culpa e também de tristeza se apoderaram de Horace. Então emitiu um suspiro, cansado. Deixou de falar por um momento antes de olhá-la fixamente nos olhos.

—Eu pedi a Amanda que nos deixasse a sós antes da hora habitual —expressou com uma calma aparente—. Desculpe, minha doçura, mas necessitava falar contigo.

—O que... que aconteceu? —indagou inquieta.

—Eu suspendi o tratamento de quimioterapia... Sei que pode te afetar muito, mas foi algo que decidi no dia que estive na clínica, depois do infarto —explicou com suavidade lhe dando uma palmadinha na mão. Ela ficou em estática alguns segundos.

—Eu... Por quê? Por que você fez isso? — Se pôs de pé e rodeou seu avô com os braços. As lágrimas caíam por sua face, porque sabia o que a suspensão implicava—. Tudo estava indo bem, Spencer me explicou que tinha que analisar teu prognóstico mais cuidadosamente pelo infarto que você sofreu, mas, vovô, você estava respondendo bem —sussurrou com desespero, enquanto sentia os braços de Horace apertá-la com carinho—. Estava respondendo bem —insistiu com desespero.

—Abby, tesouro, já estou velho... —emitiu um largo suspiro, acariciando paternalmente as costas de sua neta—. Spencer me enganou.

O corpo de Horace se tencionou ao sentir as lágrimas de Abby correr com mais rapidez. Não queria causar-lhe tristeza, mas era melhor dizer a verdade. Lhe havia tomado vários dias para aceitar, e seus do *Clube* lhe deram apoio quando os convidou para aquela partida de cartas e lhes contou sua decisão. Com Abigail nunca seria fácil. Sua neta era tudo para ele, e sabia que era uma mulher forte, e não podia continuar ocultando isso, porque o dia em que recaísse e tivesse que ir para a clínica, Spencer lhe diria, então seria um golpe mais duro. Não só pelo impacto de descobrir daquele modo, mas porque poderia sentir-se traída ao saber por terceiros.

A verdade era sempre melhor dizer de frente. Mesmo que doesse.

—Desculpe, minha princesa —sussurrou.

—Não! —ela gritou desde o mais profundo da sua alma—. Nãoooo! Por quê? Não existem tratamentos alternativos? —perguntou soltando-o lentamente, para limpar suas lágrimas. Sentia raiva, dor; uma profunda dor—. Vovôô, por favor. — Se encolheu ao seu lado—. Por favor, retome o tratamento, te suplico. —O segurou pelas mãos, olhando aos seus olhos com desespero—. Podemos trocar de médico, certamente Spencer se enganou, ou está sobrecarregado com tantos pacientes. Levarei-te para outra clínica, há uma maravilhosa na Florida com os melhores tratamentos. Não importam os custos, posso pedir um empréstimo no banco e pagarei aos poucos. Agora trabalho para Richard. — Falava quase sem respirar, vertiginosamente, ante o olhar resignado de Horace—. Ele pode nos ajudar também, Richard gosta muito de você...

—Shhh... vem aqui carinho, vem aqui Abby. —Horace lhe estendeu os braços, e ela se abraçou a ele como uma menina pequena agarrando-se a um salva-vidas em meio de uma tempestade no mar. Seu avô, seu porto seguro, seu amigo, seu pai, sua única família, ia morrer; estava desenganado—. Escute tesouro. —Lhe acariciava os cabelos loiros, enquanto falava—. Eu já aceitei. Não tenho solução. Compreende, Abby? Minha princesa, eu não quero ir para nenhuma clínica. Spencer é um oncologista genial, me disse que os medicamentos podiam ser trocados para não criar nenhum problema com meu coração, mas Abby, eu não quero voltar para a clínica, não quero suportar os efeitos colaterais. Meu corpo está velho e cansado. Não deixei de lutar, mas aceitei meu destino. Não é resignação, mas sensatez. Desejo viver meus últimos meses sem ver meus braços furados pelas agulhas... —suspirou, enquanto sentia o corpo de sua neta agitar-se pero choro—. Spencer insistiu em que continuasse o tratamento, mas foi sincero, me disse que quiçá diminuiriam algumas dores, mas a Leucemia estava em suas últimas etapas.

—Não... por favor... não... —chorava no ombro de seu avô—. Não pode me deixar...

—Todos temos um ciclo, Abby. Eu escolhi viver o meu sem médicos ao meu redor. Nós vivemos uma vida maravilhosa, mas logo chegarei ao final da minha. Você tem de ser forte. Por nós dois. Te ensinei tudo o que deve saber, você é uma mulher incrível e me sinto muito orgulhoso de você. Seja forte, minha menina.

Horace tomou com mãos tremendo o rosto de sua neta, e a olhou com o coração naqueles olhos que tinham vivido tantas décadas, experiências, dores, alegrias, amores e tristezas. A olhou com todo o amor que sentia por sua única neta.

—Necessito que seja forte. Não retomarei um tratamento que só esgotará meu corpo, e o final será o mesmo...

Ela soluçou.

—Avô... —disse acariciando-lhe o rosto coberto de rugas e experiências de Horace—. Não sei se poderei... não vou conseguir ficar sem você.

—Você poderá. Prometa-me algo.

—O que? O que precisa? —sussurrou.

—Prometa-me que quando encontre um homem que te ame, e que você ame, deixará de lutar contra tuas inseguranças. Você é uma Montgomery, e sei que encontrará esse tipo de amor que vence tudo. Você é uma mulher linda e com um coração valente. Está deixando que o orgulho vença o amor, Abby?

Ela não pode evitar começar a chorar de novo.

Horace tomou uma respiração profunda.

—Filha, sei que você e esse Shermann tem uma história. daquelas das que não se pode escapar sem havê-la vivido plenamente; dessas que às vezes, se leva uns meses para entendê-la; ou em muitas ocasiões, toda uma vida, mas sempre valerá a pena vivê-la. —Ela o olhou cabisbaixa—. Ele te observa do mesmo modo em que eu costumava

olhar para sua avó. Esse amor, carinho —lhe limpou as lágrimas dos olhos com afeto—, não se encontra facilmente. Esse tipo de amor é o que transcende o tempo. Faça um favor a ti mesma, e não o deixe ir. Se você o ama, lute por ele. Não se deixe dominar, jamais, mas luta por ele até que sinta que fez tudo o possível.

—Avô não entende...

Ele o olhou fixamente.

—Eu não necessito que me conte tudo o que passa na tua vida para saber o porquê de tuas lágrimas, ou porque de teus sorrisos ou teus temores. Te conheço. O passado é o passado. Agora, Abby, me prometa que, seja o que seja, vai se permitir amar. Não quero ir sem saber que está feliz. Não poderia ir em paz, se ao menos, me prometer que deixará de lado teus medos e se permitirá amar.

—Meus medos...

—Abby, não sei que demônios que te fez o teu ex-namorado, aquele Rylan... mas se permitir que teu passado te arrebate o presente, então estará também condenando o futuro.

—Eu... estamos falando de você —replicou olhando-o afligida.

—Quando falo de você, carinho, também estamos falando de mim. Ainda não me prometeu nada.

—Pro...prometo que lutarei para ser feliz, me permitirei amar plenamente e ser amada na mesma medida, e não menos... —disse entre soluços.

Finalmente, Horace lhe presenteou um sorriso luminoso. E a abraçou com força.

—Esta é minha menina. Obrigado, Abby. Sei que cumprirá com sua promessa, e isso me fará feliz, onde quer que me encontre. Sempre estarei ao seu lado.

O queixo de Abby tremia, mas seu avô lhe pediu que se sentasse para que suas pernas pudessem continuar sustentando-a. Entendia o impacto da notícia, porque ele o havia sentido... e ainda estava sentido, mas sua neta tinha um coração demasiado bondoso e ainda que fosse uma guerreira, também era vulnerável. Odiava vê-la chorar, mas já não tinha muito tempo; não sabia quanto lhe restava realmente.

—Por favor... —sussurrou—. Não se deixes vencer.

—Não estou deixando, Abby. Só quero ter qualidade de vida. Te entendo, meu bem. —Quanto... —engoliu em seco— quanto tempo...? —murmurou com a cabeça baixa. —Podem ser seis meses... podem ser duas semanas. Acaso importa?

—Para mim sim. Irei falar com Spencer. — Se colocou de pé, e o olhou com determinação.

Ele lhe fez um gesto com a mão para desestimar suas palavras. Deu um golpe suave na mesa, e Abigail voltou a seu assento.

—Então você não aprendeu nada, Abby. Não se trata do quanto vivo, senão de como se vive. Assim que penso fazê-lo plenamente. E vou começar por te mandar de viagem.

Ela o olhou como se não entendesse nada. Secou as lágrimas com um guardanapo.

—Avô estamos falando da sua saúde...

—Bobagem! —a interrompeu—. Não quero fazer disto uma tragédia. Porque uma tragédia seria se você ficasse aqui fechada cuidando de um velho; uma tragédia seria que passe tua vida em uma clínica por uma pessoa que já viveu o suficiente. Isso seria uma tragédia. Assim que você vai sair de viagem. Porque isso é o que desejo que faça por mim.

—Depois do que acaba de me dizer, como passa pela sua cabeça pensar em me mandar de viagem? —O olhou como se estivessem saindo galhos das orelhas dele— Por que...? Por que me quer me afastar de você?

Ele a olhou com um sorriso. Como se o momento anterior não tivesse ocorrido. Ela soluçava, se sentia devastada.

—Porque eu só serei feliz se você for.

Ela se aproximou para abraçá-lo.

—Sou feliz te tendo ao meu lado. Isso me faz feliz.

Ele negou.

—Quero que realize um sonho que sei que tem desde há muito tempo, mas por cuidar de mim, da casa, e tantas coisas, não foi possível.

—Não preciso de nada, eu não...

—Silêncio, juvenzinha! — disse com sua voz militar—. Basta, Abigail! Quero que limpes essas lágrimas. Não posso passar os próximos meses em uma casa onde minha única família está chorando pelos cantos. Quero ver a minha neta, aquela que ilumina todo o lugar com seu sorriso, com seu otimismo, isso é o que necessito. Estamos de acordo? Não quero saber mais de Leucemia, clínicas, nem estúpidos tratamentos. Essa é minha decisão. Assim desejo passar o resto de meus dias. Está comigo?

Abby sentiu como se houvesse retrocedido quinze anos, e seu avô estivesse repreendendo-a por não ter feito as tarefas a tempo. Era difícil aceitar que o tinham enganado, era difícil aceitar que não queria continuar o tratamento que quiçá poderia estender-lhe o tempo de vida, mas sim podia aceitar que quisesse uma qualidade de vida longe dos produtos químicos contra a doença. E se ele queria viver sua vida do modo que fosse, então ela o faria feliz acolhendo os desejos de seu avô.

Emitiu um suspiro entrecortado. «Ela tinha que ser forte também.» —Sempre. — O olhou com doçura.

Então a boca de Horace se expandiu com um reluzente sorriso.

—Maravilhoso. —Se reclinou contra o respaldar da cadeira sentindo-se leve—. Hoje, antes de você acordar, liguei para Richard. Te deu a semana de folga.

O olhou com o cenho franzido.

—Mas, o que...? Acabo de começar, não posso tomar esses privilégios sou igual que os demais empregados da loja.

Horace deu de ombros como esses meninos caprichosos aos que você diz o que tem que fazer ou como tem que fazer, mas são obcecados em que eles têm a razão fazendo

apenas do seu jeito.

—Lhe contei um par de coisas, assim que concordou que você necessita de férias, depois de ter estado tanto tempo cuidando de mim.

—Não foi nenhum sacrifício.

—Não é por isso, tesouro —falou com doçura—. Só que sabemos que às vezes te faz falta desconectar. Vai querer saber onde você vai sair de férias?

—Avô...

—Faça as malas para Las Vegas!

—Como soube ...?

—Filhinha desde que recordo tem esses artigos e recortes sobre as melhores formas de divertir-se em Las Vegas. Vamos, você tem vinte e tantos, agregue um pouco de adrenalina na sua vida. Aja sabiamente, isso sim. —Abigail não pode evitar sorrir—. Seja feliz, Abby. Aproveite, faça por mim. Logo voltará para casa, e já veremos o curso da vida então.

Ela não conseguia acreditar.

—Não tem graça ir sozinha para Las Vegas.

Horace riu.

—Claro que não, filha, por quem me tomas? Tenho meus anos, mas sei que para Las Vegas a pessoa vai para se divertir. Por isso te incluí em tour para solteiros, viu? O que acha?

—Avô, mas é que eu... bem, eu não estou precisamente...

Ele colocou a mão para que ela se calasse.

—Sem desculpinhas juvenzinha. Já, já verá como acerta teu assunto com Cole Shermann. —Ela não pode evitar rir. «Seu avô... ai, como ia viver sem ele? Seu avô era único»—. Vamos, o que te impede?

—Quem vai cuidar de você?

—Filha, se não tivesse te contado de meu assunto de saúde e tivesse te dado a passagem para Las Vegas, você teria ido?

Ela ficou em silêncio.

—Me responda sinceramente.

—Sim. Sim, teria ido.

—Vê? —Deu uma piscada—. Não aconteceu nada. Aproveitemos o tempo juntos, mas agora é hora de que você tenha o seu próprio tempo durante uma semana.

—Vovô...

—Quero ir ver o programa de futebol, anda, vai fazer a mala filha. Amanhã é segunda, assim que é melhor sair com tempo para o aeroporto, por causa do trânsito.

—Vovô...

Mas Horace já estava se levantando e havia deixado de prestar atenção.

Ficou olhando-o, desconcertada. Nunca descobriria como seu avô fazia para primeiro falar de um tema tão delicado e difícil, e depois soltar semelhante oferta, e

nada menos que Las Vegas.

Antes de girar para chegar a sala, Horace voltou a olhá-la.

—Não importa quanto tempo. Por favor, não me trate como um doente terminal, não se compadeça de mim, e vive tua vida plenamente enquanto estou vivo. Te adoro, mas não vou a permitir que sinta pesar, nem que fique chorando. Temos um trato?

—Se supõe que a parte contrária tem que ter algo em troca —disse limpando-se a lágrima que começava a descer por seu rosto. Nunca conheceria a outra pessoa mais generosa, decidida e forte que seu avô—. O que me diz?

—Ah, quer saber o que ganha em troca de não tentar me levar arrastado para a clínica, ou de não chamar agora mesmo a Spencer para mandá-lo ao diabo por não ter te dito, sendo que são amigos, é isso? —Abby teve o bom tino de corar.

—Pois é, sim.

Seu avô riu.

—Você descobrirá por si mesma. Quando o saiba, então essa será tua recompensa. A passagem está na gaveta da mesinha de cabeceira do meu quarto, o voo sai as oito da manhã.

Ela ia dizer algo mais, mas Horace já havia desaparecido pelo umbral da sala de jantar, para ir ver o canal de esportes.

Depois de deixar a Abigail na festa, Cole se sentiu mal. Não devia tê-la pressionado como fez, nem jogar na sua cara uma confissão que devia ter sido dita de outra maneira. Ademais, como demônios se supunha que ela devia saber que a amava, quando havia estado lhe dando sinais contraditórios desde que se conheceram? Não sabia desde quando seu sentido lógico, aquele que lhe dava muito dinheiro, se havia transformado em um recurso obsoleto quando se tratava de Abby.

Ele deveria estar no escritório tentando adiantar o trabalho, ou inclusive em sua biblioteca revisando seus arquivos para preparar a reunião que teria dentro de uns dias. Mas não tinha animo para mais nada além de bater em si mesmo por ser um grande babaca. Mesmo que de nada lhe serviria tentar trabalhar, pois quando quis localizar Abraham para que lhe aclarasse um dado, pulou diretamente a secretária eletrônica. Então recordou que Petra e seu sócio tinham saído juntos da festa. «Ao menos alguém estava fazendo progressos», pensou. O certo era que se alegrava por sua amiga, e esperava que Abraham não arruinasse tudo.

Era quase a hora do almoço, e sua irmã havia ligado para dizer que Hannah estava bem. Quando passou o telefone para a menina, ela se mostrou entusiasmada contando-lhe os jogos que seus primos inventavam, que a tia Lana tinha feito uma torta de baunilha e que na tarde iriam para o cinema ver o novo filme da Disney.

Se aproximou da janela.

Na rua, mesmo que não nevasse, estava bem nublado e as árvores que outrora se vestiam de cores, agora estavam desprovidas de alegria, confusas pela falta de luz. Seus pensamentos continuavam em Abby. Ela se havia colado em sua pele, incrustado em cada poro e penetrado seu coração de tal maneira, que o único antídoto para salvar-se era que ela o amasse com a mesma intensidade. Mas tinha se sentido tão frustrado ao ver que Abigail não reagia frente a ele, que nem sequer lhe deu a oportunidade dela replicar-lhe. Ou rejeitá-lo.

Se não o amava, então encontraria um modo de fazê-la se apaixonar; e se o amava... Deus, se o amava correria para a igreja mais próxima para casar-se com ela. Esse pensamento, o aturdiu, mas não o suficiente para que surgisse essa sensação de apreensão que esperava experimentar, como sempre lhe ocorria frente a ideia de casar-se de novo ou ter um vínculo sentimental em longo prazo.

Definitivamente, Abigail havia girado seu mundo por completo. E ele se alegrava de que tivesse feito isso.

Só agora compreendia quão ridículo havia sido se esconder atrás de sua filha pelo medo de amar, ou fracassar. Se sentia livre para gostar de Abby, sem culpas pelo passado, porque tinha a plena certeza de que com ela tudo iria bem. Ademais, Hannah adorava a Abigail, ele não poderia pensar em ninguém melhor com quem compartilhar sua vida. Amava desesperadamente a essa mulher, e faria tudo o possível para tê-la ao seu lado.

Esperava que ela lhe permitisse se explicar. Ele não se importava com o passado; só queria que Abby fosse seu presente e seu futuro. Seu impulso lhe dizia para que fosse procurá-la nesse instante, mas não queria pressioná-la, assim ficaria mais disposta a escutá-lo no dia seguinte. Sem dúvida, seria uma segunda-feira para bons começos. A convidaria para tomar café da manhã, a levaria para o trabalho, e lhe pediria para terem um encontro para jantar como Deus manda. Sim. Faria isso.

Com um sorriso, e um assovio alegre, subiu os degraus de sua casa de dois em dois para tomar um banho antes de começar a organizar o que restava do domingo.

Capítulo 23

O voo chegou sem contratempos. Ao anoitecer lhe foi possível observar, através da janelinha do avião, as luzes da cidade. Sentia muita emoção de finalmente chegar à cidade que sempre havia querido visitar. Morria de vontade por experimentar aquela adrenalina, a absoluta liberdade, a emoção do jogo, a vida nos bares até o amanhecer. Desde há anos não se concedia uma licença para divertir-se. «Seu avô era o melhor», pensou entre melancólica e alegre.

—Alguém vem te receber no aeroporto, algum familiar que vive aqui em Nevada? — perguntou sua companheira de voo. Chamava-se Faith Gallaway e vinha da Irlanda para passar também uma semana em Las Vegas. Segundo ela, pensava em conhecer ao homem de sua vida. Ou a aventura de sua vida, em todo caso.

Ambas haviam conversado durante as horas da viagem, e descobriram ter a mesma idade, assim como uma fascinação pelos golfinhos e as crianças. Faith não estava dentro do grupo turístico, havia ido por sua conta, mas dava a casualidade que se instalaria de todo modo no famoso e prestigioso hotel Belagio.

Quando Abby reclamou com seu avô, antes de partir ao aeroporto, o custo do pacote de viagem, em especial conhecendo a fama de custoso que tinha o Belagio, ele disse que havia um fundo que costumava ter para emergências. E ele considerava uma emergência que sua neta aproveitasse a vida plenamente, e os luxos que merecia um bom passeio, tão só porque o merecia por ser uma moça maravilhosa.

«Ao menos tentaria jogar uma mão de *Black Jack* em seu nome.» —Não. Estou por conta própria.

A mulher de cabelos negros e de sorriso contagiante se acomodou debaixo da manta que o serviço de bordo tinha entregado aos passageiros horas atrás.

—Oh, que pena. Meu primo Josh mora aqui em Las Vegas. Insistiu em que ficasse em sua casa, mas a verdade é que não me sentiria tão livre de chegar na hora que quiser. Assim que estas são minhas férias de inverno e penso em desfrutá-las. Mas o único que aceitei é que Josh me busca-se no aeroporto. Te apresentarei. Já que me disse que praticamente está solteira, seguro que para Josh não lhe fará mal conhecer uma nova amiga.

O certo era que não havia contado a Faith sobre Cole. Mais do que tudo, porque, mesmo que sentisse saudades dele e morria de vontade de falar com ele para esclarecer aquela cena na festa dos Templeton, esse era o *seu tempo*. Queria divertir-se um pouco. A oferta de Faith lhe teria sido sensacional, se acaso Cole não lhe tivesse dito que a amava, mas ele havia confessado —do modo que fosse—, e ela também sentia o mesmo. Qual era o ponto então de fazer o ridículo consigo mesma saindo com outro homem que não lhe ia interessar minimamente?

Exato. Não havia sentido.

—Olhe, já vamos pousar! —expressou Faith de pronto se esquecendo de qualquer

outra coisa—. A Irlanda é linda, mas se tivesse um pouquinho de Las Vegas seria fabuloso —confessou observando pela janela—. Ter meu próprio ateliê de arte tem suas vantagens. Férias quando eu quiser.

—Algum dia visitarei teu país.

—Umas horas de voo podem forjar boas amizades. Assim que já sabe, quando decida ir para a Irlanda será mais que bem vinda em minha casa.

—Obrigada, o mesmo digo quando queira ir a Baltimore.

—Certamente. —Faith pronto perdeu interesse na conversa, e sentiu a emoção da descida. Havia esperado muito tempo para divertir-se na *cidade do pecado*. E pensava em aproveitar cada minuto.

O famoso primo Josh, segundo notou Abby, era nada mais e nada menos que um atraente californiano que, segundo soube pela própria Faith, trabalhava como modelo para a famosa marca de roupa íntima masculina *Calvin Klein*. Tinha esse olhar de bad boy, e um aspeto de malícia que tornava irresistível. Se todas as células do seu corpo não estivessem viciadas por Cole Shermann, então aquela piscadinha interessada de Josh ao conhecê-la, a teria feito reagir de um modo diferente do amistoso —se acaso podia classificar desse modo— assentimento de cabeça, e suave aperto de mãos.

Abby se despediu de Faith e seu primo, quando o coordenador do *Wild Vegas Tours*, começou a chamar todos os quinze solteiros do tour para reunir-se uma vez que tivessem recolhido a bagagem, para esperar ao motorista do Belagio que passaria para buscá-los.

Ficou boquiaberta quando no balcão de recepção lhe indicaram que se hospedaria na Suíte Cypress. Entendia que o tour era luxuoso, mas não até ponto de estar numa das maiores suítes. Seus companheiros de viagem tinham, quase todos, mais ou menos a mesma idade que ela, ou ao menos isso lhe parecia, mas nenhum dava mostras de querer fazer outra coisa além de perder-se o mais rápido possível nos arredores.

Lhes haviam entregado um calendário de atividades, ao que era opcional se ater. Abby folheou as atividades programadas, e nessa noite estavam livres.

—Alguma pergunta?

Randall Kendall, o guia, que os olhou com aquele sorriso profissional com o qual conseguia boas gorjetas. Ao seu redor todos disseram que não. Salvo, Fredrick Hutchinson, um rapaz de Boston, segundo deduziu Abby por seu sotaque.

—Sim, senhor Hutchinson?

Randall tinha mais de vinte anos de experiência levando turistas a Nevada e à Costa Leste dos Estados Unidos. A verdade era que gostava muito quando observava as emoções que passavam pelos rostos de seus clientes, sempre no último dia via a cara de cansaço, mas ao mesmo tempo de satisfação depois de passar férias percorrendo lugares maravilhosos, loucos, também relaxantes, exuberantes. Randall amava seu país, e tratava de que seus irmãos norte-americanos não se esquecessem de que essa era a terra das oportunidades. Ele amava a diversidade também, lhe encantava sobre tudo

conversar com japoneses, espanhóis, latino-americanos; sempre contribuía com um pouco de costumes diferentes na sua vida. A única que não suportava seu ir e vir era sua esposa, mas com o passar dos anos, e os netos, o stress sobre suas constantes viagens havia sido esquecido.

O grupo que tinha para essa semana prometia. Estava convencido que para todos os quinze turistas, cada qual a sua maneira, viveria o espírito que fazia Las Vegas tão popular.

—Se perdemos alguma atividade, podemos readequá-la no calendário?

—Tão só no caso de que não seja algo exclusivo, ou que tenha necessidade de uma devida reserva. Em outras atividades podemos conversar sem dúvida. Pagaram uma pequena fortuna, assim que, como dizer não? —expressou com uma contagiante gargalhada—. Algo mais?

Todos negaram.

—Estupendo, então podem ir descansar. Amanhã as oito começaremos nosso tour visitando a Represa Hoover; está nos arredores da cidade, a quarenta e oito quilômetros ao Sudeste. O café da manhã deve ser tomado as sete da manhã, para depois irmos cedo ao ônibus. Como lerão em seus calendários, ao regressar da Represa Hoover, poderão descansar ou o que desejar, mas as oito da noite nos reunimos no lobby para ir pelo Strip e a rua Fremont. Uma vez que terminemos os passeios, já sabem que a noite é de vocês. Boa noite, damas e cavalheiros! E viva Las Vegas!

Os quinze turistas riram e começaram a dirigir-se para os elevadores invadidos pela adrenalina e a sensação de aventura que prometia essa maravilhosa semana alheios de preocupações, dívidas, problemas, e stress. Este último acima de tudo.

Abby começou a caminhar sorridente arrastando sua mala de rodinhas. Em nenhum momento voltou a ver Faith. Não se viram no lobby do hotel, nem na recepção. Como poderia em uma cidade tão grande e num hotel gigantesco? Lhe desejava de todo coração que a irlandesa vivesse a aventura que tinha ido procurar.

Uma vez dentro da Suíte Cypresse, sem deixar de assombrar-se, fez o mais decadente que conseguiu pensar em sua primeira noite. Ia abrir uma garrafa de Cristal, tomar um banho com essência de laranja e depois desceria, com certeza, para jogar sua partida de Black Jack.

Com raiva? Não. Nem de longe. Estava na verdade, furioso. Se sentia como um completo imbecil na porta da casa de Abigail, as oito e meia da manhã, com um ramo de flores. Um ramo que por certo lhe custou o triplo, porque as floriculturas mais próximas não abriam até as nove e teve que praticamente suplicar ao atendente que estava organizando os arranjos com a porta fechada, que o atendesse. Juntando-se a ansiedade sentia, tinha seu maldito orgulho que lhe dizia que desse a volta se

despedisse de Horace com um sorriso. Mas seu bom senso, oh sim, esse o estava mandando ao diabo. Como não passou pela sua cabeça ligar antes? Sim, queria dar-lhe uma surpresa. Mas o surpreendido havia sido ele. Afinal, se tratava de um pouco de carma. Tinha sido tão arrogante, e merecia isso.

—Sinto muito, filho —expressou Horace, enquanto lhe abria a porta alheio a suas conjecturas—. Abby já saiu faz um bom tempo.

Amanda passou caminhando detrás de Horace, cumprimentando Cole com um murmuro e depois se afastou para os fundos da casa.

—Pensei que ia trabalhar às nove e meia. Por isso quis vir um pouco mais cedo para convidá-la para tomar café da manhã comigo.

O ancião o observou sem perder o sorriso. Entendia que o rapaz estivesse zangado, e se zangaria ainda mais quando soubesse para onde sua Abby voava a essas horas. Assim que o melhor era que se sentassem, pensou sem perder o bom humor.

—Te apetece acompanhar a este velho a tomar o desjejum? —Olhou o belo ramo de flores que Cole trazia.

—Obrigado, suponho que este ramo ficará bonito em algum vaso da sua casa. —Em efeito. —Chamou a Amanda, e ela se aproximou apressada a tomar cargo das lindas orquídeas. Guardou para si mesma seu comentário de quão caro devia ter custado esse buquê, e depois se retirou para a cozinha para servir o desjejum—. Entre, está fazendo muito frio. Já liguei a lareira também. Meus ossos estão bastante desgastados para aguentar só com a calefação. Esta modernidade às vezes é uma chateação. Não há nada como uns bons pedaços de madeira iluminando entre chamas a uma sala. Não acha?

Cole assentiu, enquanto se sentava em uma das cadeiras da mesa do café da manhã.

—O que está acontecendo entre minha neta e você, Cole? —perguntou de supetão, enquanto cortava o pão e as migalhas se espalhavam pelo prato.

—Para resumir. É complicado.

O avô de Abigail riu. Cole teve que bater em suas costas, quando começou a tossir.

—Ah, esta juventude. É tão simples, ou você a ama ou não a ama. —Qualquer traço de sorriso se desvaneceu da face de Horace, e olhou com severidade para Cole—. Abigail é minha vida inteira, senhor Shermann. Não quero que machuquem.

Cole o observou, então assentiu solene.

—A amo —afirmou com convicção—. Talvez tenha cometido erros, mas estou disposto a fazer tudo por ela. —E realmente estava.

—Me tranquiliza saber disso, porque minha neta não é um capricho que se pode pegar e largar conforme os desejos impulsivos de alguém. Pode ser que eu tenha muitas décadas a mais que você, mas usaria de qualquer meio para fazer você pagar se atrever-se a machucar minha Abby.

«Como ficar chateado pelo discurso de Horace? Ele tinha uma filha, e estava seguro que faria algo mais que só dar-lhe um sermão a qualquer um que se atrevesse em feri-

la. »

—Não esperaria menos, Horace.

O avô de Abby relaxou. Deu alguns goles em seu café, e então olhou para Cole, que aguardava que ele começasse a dizer o que parecia estar guardando.

—Hoje não saiu para trabalhar —disse enfim. Ele queria fazer o rapaz sofrer, mas como já tinha confessado que amava a sua neta, e ele sabia que era realmente complicado arrancar aquela palavra com “a” de um homem, talvez fosse a hora de lhe dar alguma informação importante—. Ela foi para Las Vegas.

Nesta ocasião foi Cole quem esteve a ponto de se engasgar.

—Em Las Vegas? Sozinha? —Seu café desceu amargo, apesar das três colheres de açúcar que tinha colocado—. Por quê? Com quem?

Horace deu de ombros.

—É a cidade que ela sempre quis conhecer. Uma de suas fantasias juvenis que sempre postergou por ter que manter esta casa e cuidar de tudo. Não vou ficar dando voltas. Restam-me poucos meses de vida, e não quero ver minha neta chorando pelos cantos, quero dar-lhe alegrias e que depois possa passar algum tempo comigo também. Paguei-lhe essa viagem com minhas economias. Quero que ela viva, que se divirta, que sorria. Estes últimos dias ela estava agitada, sombria, estressada, e me pergunto se acaso tem algo que ver com você.—Franziu o cenho.

«E com Rylan Carmichael», Cole teve vontade de dizer, mas ele não era esse tipo de pessoa para dar mais essa preocupação a Horace. Depois de tudo, Abigail não queria que seu avô soubesse de esse capítulo de sua vida.

—Provavelmente. Sim... —Suspirou sentindo-se impotente—. Vim hoje para tentar arrumar as coisas com ela. Não esperava que... Bom, que tivesse saído da cidade.

—E o que você faz aqui sentado ainda, então? Já te disse onde ela está.

Cole o olhou sem compreender.

—Nossa, Cole, e eu que acreditava que no meu tempo os homens eram mais lerdos. Pensava que um programador de sucesso como você somaria dois mais dois depois de eu dizer onde minha neta está...

Com uma gargalhada, Cole se pôs de pé para despedir-se.

—Aguarde —pediu Horace. Cole o observou com a mão na maçaneta da porta—. Suas intenções com Abby...

—São honráveis, te asseguro.

Com um sorriso, o ancião se despediu.

—Não se esqueça de que minha neta é teimosa —gritou quando se acercava do automóvel—. Por favor, cuide bem dela... ela é tudo o que eu tenho.

—Se ela me der uma oportunidade, lhe asseguro que a farei muito feliz.

—É melhor mesmo rapaz. É melhor mesmo.

Cole assentiu, e então começou a maquinar o modo de conseguir que aquela orgulhosa mulher lhe amasse. Ainda que depois de tudo, ele mesmo havia se

encarregado de arruinar as possibilidades de ambos fazendo tudo com arrogância e suas desculpas em relação a compromissos.

Os três dias em Las Vegas haviam sido fabulosos. A visita aos cassinos se converteu em uma montanha-russa de adrenalina, e seu ganho de três mil dólares na roleta, ela atribuíu a chamada *sorte de principiante*. Quem era ela para discutir? Depois de tudo com esse dinheiro podia devolver a seu avô a metade do custo do tour.

Havia tirado muitas fotos. Aproveitou muito o show que viu da Celine Dion e estava a ponto de chorar quando cantou uma de suas canções preferidas. *That's the way it is*. E não deixou de aplaudir tampouco quando o maravilhoso *Cirque du Soleil* fez uma de suas incríveis apresentações. Ela estava realmente se divertindo muito. Pela primeira vez, em muitos anos, tinha um tempo só para ela.

Quando chamava a seu avô para contar-lhe em detalhes o que tinha vivido, ele se limitava a rir ou animá-la para que fosse a ver tudo o que estivesse na agenda do tour, se não mais. De fato, exortou-a que não ligasse porque ele estava bem. Lhe pediu que se esquecesse de tudo, e que se acaso tivesse que falar com ela por algum motivo, seria ele quem ligaria. A contragosto, aceitou.

No quarto dia se sentiu um pouco mal, assim que disse a Randall que não iria passear no grande Cânion do Colorado de helicóptero. Ademais que tinha medo de altura, ainda mais em um aparelho no qual jamais tinha entrado. O guia lhe assegurou que essa visita estava aberta e que ela podia ir em outro dia, dentro dos incluídos no tour, e fazê-lo por sua conta. O destino alternativo que lhe pareceu mais apetecível foi a piscina do Belagio.

O hotel tinha cinco espaços com luxuosas áreas para relaxar. De fato, também existia um serviço de massagem. Tinha toda a intenção de se mimar. Sentia-se tão estranha fazendo todo isso por si mesma, mas isso também a deixava feliz. Muito feliz. A realidade superava a fantasia que tinha criado durante tantos anos na mente sobre Las Vegas.

Com seu biquíni turquesa, o cabelo preso em um coque confortável, e sua bolsa chegou até a piscina decorada em estilo mediterrâneo. Fazia um frio impressionante, mas ela não pensava em desperdiçar a oportunidade de provar essa maravilhosa piscina aquecida. Louca por querer se enfiar na água com temperaturas que mal passavam dos zero graus? Sim, um pouco. Claro, não tão louca para sair de helicóptero, mas sim o suficiente para suportar a baixa temperatura de biquíni, enquanto deslizava não água quente e desfrutava dando umas braçadas. Não ia desperdiçar oportunidades pelo frio!

A massagem que recebeu depois da piscina foi fabulosa. Aproximou-se de uma das cabines exclusivas do SPA do hotel. Horas depois seu corpo gritava de alegria. Não

sabia que suas costas tivessem tantos nós. A hidromassagem, depilação, e a hidratação corporal foram como estar no céu.

—Senhorita Montgomery? —perguntou uma encarregada do SPA, quando ela estava a ponto de subir a seu quarto para dormir um pouco.

—Sim? —replicou estranhada. Que ela soubesse, seu pagamento havia sido efetuado corretamente com o cartão de crédito. Odiava passar por saias justas, e pior ainda em um hotel dessa categoria—. Necessita passar de novo meu cartão de crédito? —perguntou corando.

A mulher negou.

—Não, em absoluto, mas tem uma chamada. Gostaria que a passássemos a seu quarto?

—Oh. —De imediato pensou em seu avô—. ¿Horace Montgomery? —«Iria de volta a Baltimore se seu avô estivesse mal. »

—Não senhorita é o senhor Cole Shermann.

«Cole? A única pessoa que podia ter lhe dado sinais de seu paradeiro era seu avô, e para que isso ocorresse... ou bem tinha ido a sua casa, ou bem, tentado ligar em seu celular, o que certamente estava descarregado. Lhe estranhava que tivesse esperado quatro dias para procurá-la, ao menos se dizia que a amava...»

—Eu...

—Podemos dizer que está ocupada —explicou ao notar o rosto desconcertado de Abigail—. Ou que não te localizamos. Não queremos que nenhum de nossos hóspedes se sinta incômodo.

—Não, não. —Para que atrasar o inevitável? Também tinha vontade de saber o que ele queria lhe dizer—. Peça, por favor, que ligue dentro de meia hora que é o que vou demorar em tomar banho para tirar o óleo de massagem.

—Oh, senhorita Montgomery, mas pode utilizar se deseja nossas banheiras do SPA.

—Gosto da minha suíte. Poderia utilizar qualquer das duas banheiras. —Sorriu lembrando o quão luxuoso era o quarto; havia uma banheira para homens e outra para mulheres em lados opostos da suíte—. Obrigada por atender-me tão maravilhosamente bem.

—No Belagio só damos o melhor a nossos clientes —replicou com um encantador sorriso e lhe entregou uma cortesia para sua próxima visita.

—Obrigada.

Um pouco inquieta e nervosa esperou que as portas do elevador se abrissem em seu andar. Ao entrar na suíte abriu as cortinas com o controle remoto; então, um céu de brigadeiro iluminou o quarto. Deixou que a água corresse e preparou seu banho.

Olhou o relógio. Quase duas da tarde. Se Cole ia telefonar em meia hora, então teria tempo mais que suficiente para colocar um pouco de essência de baunilha na banheira.

Desnudou-se e provou com a ponta dos dedos das mãos a temperatura. Suspirou, com prazer, quando a sentiu perfeita. Desfez-se do coque que tinha na cabeça antes de

submergir-se na água deliciosa. Os jorros de água à pressão serviam para massagear sua pele. Tão satisfeita como estava colocou as mãos nas bordas da banheira, acomodou a cabeça na borda e fechou os olhos. «Só por um instante», disse a si mesma antes de cair num sono profundo.

A batida insistente na porta a tirou de sua bruma deliciosa. Quem diabos seria? Ela havia pedido o serviço de almoço para as três da tarde. E apenas eram as... As três e meia! Apurada saiu da banheira, se secou com rapidez e no teve tempo de chegar a colocar o roupão, assim que se ajustou em uma toalha. «Não só havia perdido o serviço de quarto com seu almoço, mas também o telefonema de Baltimore», pensou com uma careta.

Sem se deter para olhar pelo olho mágico abriu a porta.

Não podia dizer quem estava mais surpreso. Se acaso ela, nua sob uma toalha que apenas a cobria, ou Cole, ao vê-la nesse estado abrindo a porta sem ter perguntado antes de quem se tratava.

—Olá, Abby —disse ao vê-la quase despida. O que fez a seguir foi entrar, sem ser convidado e fechar a porta atrás de si. «Deus, mas que linda ela era», pensou contemplando-a e tentando controlar o desejo de beijá-la. Primeiro tinha que falar com ela. Era algo que os dois necessitavam—. Não sabe que deve prestar atenção em quem bate na tua porta? —Não tinha intenção de soar áspero, mas, e se não fosse ele quem estivesse chamando, mas um desses carregadores ou se algum homem passava e a via? Não lhe dava nem um pinga de graça nem mesmo pensar nisso.

Ela não podia acreditar que ele estava ali, tampouco escutar sua voz grave. Ainda que o fato de que a repreendesse em *suas férias* não lhe gostou absolutamente.

—Sim, eu presto atenção, mas se escuto que estão a ponto de derrubar a porta como se fosse uma emergência, então, pois não me dá muito tempo para pensar nesse tipo de coisa. Ademais, não se supunha que você estava em Baltimore? —perguntou cruzando os braços, alheia ao modo em que seus peitos se ressaltavam ao usar essa posição.

Ele arqueou uma sobrancelha, e teve a indecência de acompanhar esse gesto com um sorriso. Tentava não olhar o curvilíneo corpo de Abigail, mas resultava quase impossível no silêncio do quarto, a luz do dia e o modo em que a pele de Abby parecia brilhar. Tinha tanta vontade de tocá-la, beijá-la e amá-la até fundir-se naquelas deliciosas profundidades que despertavam cada fibra de seu corpo. Quiçá sua libido não tinha problemas em articular fantasias, mas seu cérebro estava decidido a ganhar a batalha primeiro. Tinha que deixar as coisas claras.

—Te estava telefonando desde o lobby, carinho —explicou com suavidade—. Mas me disseram que tentasse dentro de meia hora —olhou ao seu TAG Heuer— e a menos que meu relógio esteja errado, já passou mais de uma hora desde então.

—Por que...? O que faz aqui? —perguntou sentindo-se nua (bom, ela estava praticamente), na frente dele. Quanto tinha sentido sua falta! Tão masculino e belo. Com esses jeans e o casaco parecia saído de um set de televisão, mesmo que bem sabia ela

que ele se dedicava aos algoritmos de computadores.

—Se quiser que te explique com palavras, então vai ter que colocar um pouco mais de roupa, meu amor. — «Meu amor...? Preferia ao Cole que era um pouco mandão, porque este doce e controlado disparava seus alarmes. *Todos* seus alarmes, e em seu estado de relaxamento era mais propensa a deixar-se envolver pelo encanto desse homem»—. A menos, claro, que prefira algo um pouco mais... gráfico, digamos. —Sorriu.

«E o maldito sorriu outra vez!»

—Eu... me espere.

—O tempo que necessite, mas se passarem mais de vinte minutos, acredite que eu vou te procurar. Depois de tudo, eu fiz uma longa viagem desde Baltimore, e encontrar-te neste quarto não vai ser tão difícil assim.

Ela ficou olhando-o por alguns segundos.

—Sinta-se em casa —espetou com ironia—. Por um momento pensei que tinha deixado de ser tão arrogante.

—Acredite em mim Abby, que se eu fosse arrogante, você já estaria embarcada em um avião de volta a Baltimore —respondeu com firmeza.

—Mas é um...!

Cole se dirigiu a uma das poltronas e se acomodou nela. A olhou de acima abaixo, sem ocultar seu desejo. Abigail se arrepiou, porque a corrente sexual que existia entre ambos era tão palpável que se refletia no calor que sentiu entre suas pernas ao sentir-se desejada por ele. «Deus, esse homem era sua perdição absoluta», pensou sentindo-se débil.

—Vá se trocar, é serio. Não me provoque, doçura, que estou fazendo um grande esforço para não arrancar essa toalha —expressou piscando para ela.

Corada, Abigail deu a volta e se fechou no banheiro.

Capítulo 24

Como não esperava ter companhia, a roupa que Abby havia deixado no banheiro antes de sair para abrir a porta era bastante simples. Uma saia verde e uma blusa branca de seda. Uma saia curta demais, sim, mas não podia sair do banheiro para buscar outra menos reveladora sem ter que passear de roupão na frente de Cole. Aquela não era uma opção.

Jamais esperou que fosse buscá-la em Nevada. Podia assegurar que vê-lo ali, depois de que a deixou com uma declaração de amor que mais parecia um censura, e sem nem sequer importar-se com o que ela pudesse replicar, alegrava a essa parte de seu coração que havia sentido sua falta. Também estava nervosa. Sabia que o momento de esclarecer as coisas não podia se delongar mais; era impossível quando estavam longe de qualquer interrupção.

Assegurou-se ao menos de escovar um pouco o cabelo. Não tinha sua nécessaire com maquiagens à mão, assim que estavam sós, ela e seu nervosismo.

—E não é que você demorou exatamente vinte minutos — manifestou Cole ao observá-la caminhar até o assento que estava justo em frente a ele. As pernas de Abby eram espetaculares, e recordava seu tato, tão suaves, que lhe deu vontade de tocá-las. Seu belo rosto parecia fresco e quase juvenil sem maquiagem. Não que antes não a tivesse visto sem, mas hoje havia nela quicá certo vestígio de vulnerabilidade; era estranho, pois em outras ocasiões Abby costumava dissimular isso. Quicá era um avanço que não estivesse levantando barreiras contra suas emoções—. Não prefere ir sentar na ala contígua da suíte? — perguntou quando Abigail se sentou no extremo mais afastado do sofá.

Cole esteve ciente do momento em que ela se fixou na grande cama de casal que estava justo detrás dele, e depois o olhou. Foi um instante fugaz, mas ele não perdeu o detalhe. Teria gostado de sorrir, mas isso impediria que Abby se sentisse confortável. O que necessitava era sua cooperação. Porque, Deus, estava morrendo de medo. «Se ela o rejeitasse... »

Abigail o fulminou com o olhar, e se aproximou murmurando sob sua respiração algo que ele não entendeu, até se acomodar perto. Não tanto como ele teria gostado, mas ao menos já podia sentir a fragrância de baunilha que Abby estava usando nessa tarde.

—E então? — Abby entrelaçou as mãos em seu colo, sem olhá-lo.

—Não pensava que fosse covarde, por que não me olha?

Com um suspiro, ela se girou. Grande, grandessíssimo erro. Todo o magnetismo de Cole pareceu absorvê-la por completo. Seus olhos eram escuros e densos. Não pôde evitar perder-se em sua profundidade durante um largo instante. Tinha a respiração inquieta, o coração agitado e os lábios ressecados. Instintivamente passou a língua para hidratá-los. Foi sua imaginação ou viu uma faísca nos olhos de Cole ao fazê-lo?

—Agora estou olhando.

O som de suas vozes se perdia na suíte. O silêncio podia ter diferentes efeitos. Em ocasiões era incômodo; em outras, bem vindo; mas neste caso, resultava eletrizante. Como se só a proximidade dos corpos de Abigail e Cole criassem uma faísca capaz de dar ou tirar a eletricidade de toda a cidade. A tensão parecia voar ao redor, e a excitação criar uma borbulhante expectativa debaixo da pele, alterando cada sentido, cada poro.

—Assim está melhor.

—Por que está aqui?

—Precisávamos falar. Esclarece um par de assuntos, e eu não podia ficar um dia a mais sem te ver, Abby.

Ela não pensava dar-lhe uma trégua tão facilmente.

—Desde quando sabe que estou em Las Vegas?

«Essa pergunta já esperava», pensou Cole sorrindo astuciosamente.

—Será que quer saber por que não vim antes, é isso?

Em resposta, Abigail deu de ombros. Esse gesto tão infantil arrancou uma gargalhada de Cole.

—Não encontrei a piada...

—Gosto que você seja espontânea. Foi uma risada de satisfação, é tudo. —Ela girou os olhos, e Cole conteve a vontade de abraçá-la—. Tinha que deixar arrumado meus assuntos profissionais em Baltimore, Abby. Por mais que tivesse querido subir no primeiro avião quando soube que você estava aqui, não teria podido. Ademais...

—Com quem está Hannah? —ela interrompeu.

Essa era uma das coisas pelas quais gostava tanto dessa mulher obstinada e valente. Abigail sentia um afeto sincero por Hannah, quando outras ao saber que tinha uma filha tinham feito o possível por conhecê-la apenas para ganhar pontos com ele. Mas as crianças não são bobas e sabem diferenciar entre um sorriso genuíno e um hipócrita. Sua filha jamais havia sido tão comunicativa com um estranho como foi com Abby aquela vez que se encontraram no supermercado.

—Ela está com Lana e seus primos pelo resto da semana — expressou esperando que Abigail processasse as implicações. Quando o fez, ela o olhou, incrédula—. Assim que não podia vir sem deixar a minha filha em boas mãos, e trazê-la a Las Vegas, sendo tão pequena, não é boa ideia.

Abigail assentiu, dando-lhe razão.

—Planeja ficar aqui até que meu tour acabe...? É isso?

—Exato —pronunciou com intensidade—. Assim que terá que me suportar pelos três dias que ainda te restam.

Abigail se pôs de pé.

—Não farei tal coisa. Meu avô investiu seu dinheiro nesta viagem, necessito deste tempo para mim.

Cole também se levantou e avançou até Abigail.

—Escuta. —Pôs as mãos em seus ombros. Ela não se afastou—. Vim a conversar contigo, vim falar. Certo? Eu também preciso de umas férias...

«Sim, claro.»

—Estados Unidos é muito grande — replicou soltando-se, quando Cole deixou de exercer pressão sobre seus braços. Mais que pressão, o homem a tinha abobada com sua postura e seu aroma tão... Deus! Não podia enviar-lhe o destino algo mais suave com o que pulverizar sua força de vontade?

Ele guardou as mãos nos bolsos do *jeans*.

—Carinho, sinto muito pelo que aconteceu na festa. —Ela ficou em silêncio esperando que continuasse. «Se arrependia de ter lhe dito que a amava? Isso seria muito doloroso»—. Não devia ter te pressionado daquele modo, nem falar do jeito que fiz. Não foi certo —expressou com suavidade.

—Te desculpa pela declaração...? —perguntou vacilante dando-lhe as costas.

Ele se aproximou colocando as mãos na sua cintura. Ela se tencionou, mas sentia que aquelas mãos grandes e fortes criavam uma sensação maravilhosa em seu corpo. Demasiado maravilhosa. Cole a girou suavemente até que seus narizes quase se tocaram.

—Pelo modo em que disse, sim. Não sobre o que te confessei —replicou com ternura—. Assim que venho te pedir desculpas. Me comportei muito mal —roçou seu nariz com o de Abby—, mas isto de se declarar não é minha especialidade.

Abby mordeu o lábio e sua expressão apreensiva mudou. Seus olhos se tornaram mais cálidos. Ele o notou e uma sensação de esperança o invadiu.

—Não? —sussurrou, insegura perdendo-se nos olhos negros.

Ele negou. Acariciou o rosto de Abby com os nós dos dedos. Os músculos de suas pernas estavam grudados, um ao outro. O pós-barba de Cole misturado com seu perfume e o aroma natural embriagaram os sentidos de Abigail. Ele não era menos imune, porque a proximidade de sua preciosa Abby era demasiada para manter a sanidade e terminar o discurso que havia começado.

—Não sou teu inimigo, nem quero discutir. —Tomou-lhe o rosto entre as mãos com suma doçura. A tocou como se fosse a peça de coleção mais cara jamais vista—. O que te disse é de verdade. Estou apaixonado por você —murmurou antes de inclinar-se para capturar os lábios de Abby com os seus. Ela não resistiu. Foi um beijo suave e carregado de ternura—. Não é fácil aceitar uma ideia como essa quando se tem estado tanto tempo pretendendo que uma relação duradoura não está de acordo com seu ritmo de vida. —Abigail sentia as mãos de Cole como um bálsamo para suas inseguranças. E seus lábios, tão sensuais, praticamente colados aos seus, enquanto lhe falava, a mantinham cativada—. Estar apaixonado não é o mesmo que amar. E eu também te amo. Te amo com toda a alma, e não consigo nem pensar na ideia de ter te machucado, ou tê-la feito se sentir insegura.

—Oh, Cole... —sussurrou perdendo-se naquele maravilhoso poço de promessas que havia nos olhos negros—. Tem certeza? Eu... —Se moveu para trás rompendo a proximidade física—. Não quero que se sinta confuso se acaso é só luxúria o que te impulsiona a dizer-me isto. De verdade. —Cole conteve um palavrão, e a deixou continuar—. Sempre... sempre pensei que não tinha deixado de amar a Celeste.— Finalmente havia expressado em voz alta sua maior insegurança com respeito a ele.

Tomado totalmente de surpresa, Cole não soube o que dizer. O que era algo que nesse momento não ia contar a seu favor, em absoluto. De todas as coisas que ela podia ter dito, aquela fugia de toda e qualquer lógica. Amar a Celeste? Era uma bobagem desde qualquer ângulo possível!

—Abby... —murmurou inquieto, quando ela abraçou a si mesma—. Do que você está falando?

Ela se negou quando Cole quis se aproximar para abraçá-la.

«Deus, às vezes podia parecer tão frágil, que contrastava totalmente com a versão valente e combativa que costumava ter com ele», pensou desconcertado.

—Está bem —disse, quando ele se dispôs a protestar—. Eu entendo. Depois de tudo, Celeste era uma mulher linda. Hannah me mostrou algumas fotografias dela que tinha em um álbum. Tua ex-mulher era realmente uma beleza... assim que não te culpo se ainda a ama, mas por favor, não minta para mim. Se for desejo o que sente por mim —o olhou com tristeza—, eu também sinto o mesmo.

Cole não conseguia acreditar como pela primeira vez em muitos anos que declarava seu amor a uma mulher, sem sentir-se pressionado de nenhum modo como ocorreu com Celeste, lhe ocorresse isto. E agora Abigail reduzia toda a coragem que ele havia tido que usar para confessar seus sentimentos ao desejo sexual, nada mais. Estava alucinado, e seu mau humor começava a apoderar-se de sua intenção de procurar manter-se calmo.

—Desejo? Você acha que só sinto desejo, Abby? —indagou apertando os dentes—. Acha que para satisfazer meu desejo eu deixei minha filha com sua tia durante os próximos três dias e que não sinto saudades dela; acha que para satisfazer meu desejo sexual trabalhei até o amanhecer para entregar uma apresentação a um cliente, ou que tive que aguentar as repreensões severas, mesmo que com justa razão, de teu avô; e aparte acha que só por luxúria eu voei de costa a costa e gastei os milhares de dólares que custam hospedar-se em uma suíte deste hotel? —Em dois passos estava frente a ela, que retrocedeu. Cole insistiu, até que a teve contra a parede que dava para a sala da suíte—. E não é que me importe com o dinheiro, mas só para enumerar os detalhes que saem da sua equação. Acha que um homem que só quer se deslizar entre tuas pernas faria tudo o que eu fiz quando existem mulheres que poderiam satisfazer meu desejo?

—Eu... você está sendo vulgar —apontou, nervosa.

Então a beijou. A beijou até deixá-la sem o pouco de fôlego que havia estado contendo. E ela não pôde evitar mergulhar no calor e ardor de seus lábios. Arquejando,

tremendo e dolorosamente conscientes um do outro ascenderam cada flama que havia estado esperando pelo crepitante contato de seus corpos, de seus lábios, de seus gemidos. Cada investida da língua de Cole ia acompanhada da pressão de sua evidente ereção contra a suavidade de Abigail. Uma suavidade que o tecido macio da saia não conseguia dissimular. Tomou as mãos de Abigail entre as suas e as elevou, entrelaçadas, sobre a cabeça dela, impedindo-a de tocá-lo, porque se o fizesse perderia totalmente o controle.

Ela arquejou quando sentiu a boca de Cole percorrer seu pescoço, mordê-lo com suavidade. Afogou um grito de prazer quando ele chupou um de seus mamilos eretos sobre o tecido da blusa de seda branca. Em lugar de afastá-lo, moveu as cadeiras e ofereceu seus peitos elevando o dorso para cima, morria de desejo de tocá-lo. Ele não titubeou nem um minuto sobre seu convite, e repetiu a mesma tortura sobre o outro peito, deixando-lhe ao final Abby com as mãos livres. Os pequenos e suaves dedos recorreram as costas masculinas, deslizando suas unhas sobre os músculos, arrancando grunhidos de prazer.

Cole tomou os peitos de Abigail entre as mãos, massageando-os, tocando-os com luxúria, com devoção, com desespero. Necessitava embeber-se de sua pele, do calor e suavidade que ela desprendia. Para Abby a necessidade era igual; seus peitos lhe pesavam, a umidade entre suas pernas era insuportavelmente dolorosa, e senti-lo roçar-se contra ela, evidenciando o desejo de possuí-la, tão só avivava essa deliciosa dor.

Com um arquejo, que pareceu mais um lamento relutante, Cole deixou de beijá-la.

—Se... se dá conta? —murmurou colocando sua testa contra a de Abigail—. Se continua se movendo assim, gemendo como faz e oferecendo-me o que tanto necessito, não vamos falar e esta situação continuará dilatando-se até que o controle de ambos se rompa por completo e voltemos a dizer algo que possa ser mal interpretado. — Teve que recorrer a suas últimas reservas de autocontrole, enquanto as colinas plenas dos peitos de Abby se moviam ao compasso de sua respiração, e a umidade que ele havia deixado sobre a blusa deixava entrever as pontas de seus mamilos.

Completamente obnubilada pelo desejo que a recorria quis que continuasse a beijá-la.

—Responda-me! — A agarrou com firmeza pressionando seu corpo contra o dela, e colocou uma mão a cada lado da cabeça de Abby quando ela tentou escapular dele—. Faça, Abigail.

—Cole...

Lhe dedicou um olhar tão furioso que ela se obrigou a não se mover.

—É isso o que você pensa, Abigail? Acha que continuo amando a outra mulher, a qual talvez jamais amei de verdade? Acha que se trata só de desejo entre você e eu?

—N...não —engoliu em seco—. Não —pronunciou com mais firmeza. Havia sido um grave erro de sua parte ter dito a Cole que era só desejo. O que surgia entre ambos quando se tocavam ia mais além do simples desejo, porque os sentimentos de amor

temperavam a paixão. Lamentavelmente entre eles haviam existido mais mal-entendidos que pontos a favor, assim que suas inquietudes não eram infundadas depois de tudo—. Eu lamento, não quis menosprezar sua declaração —expressou com sinceridade.

Isso pareceu acalmá-lo, pois baixou as mãos, lhe deu as costas e se afastou de seu lado. Começou a caminhar como um jaguar enjaulado de um lado para o outro, sobre o tapete. Passava as mãos pelo cabelo, despenteando-se e olhando-a em alguns momentos.

Ela não fazia mais que contemplá-lo, enquanto seus próprios pensamentos começavam a se acalmar, mas não a vontade de abraçá-lo. Não. A vontade de estar entre seus braços era mais poderosa que qualquer coisa.

—Por que demônios você acha que ainda amo Celeste? —perguntou enfim. Estava parado em pé frente a ela com as pernas separadas e os braços cruzados. Um inequívoco sinal de que não estava disposto a se conformar com qualquer resposta que não fosse a verdade.

Abigail colocou as mãos detrás de suas costas e o olhou. O olhou de verdade. Não ao homem belo e bem sucedido; tampouco ao amante apaixonado e dedicado. Observou ao homem com conflitos próprios, generoso, amoroso, arrogante, impaciente, inquieto, às vezes inseguro, ciumento, divertido, ao pai solteiro e esmerado por sua filha. Mas sobre tudo estava vendo ao homem que amava.

—Sempre pensei que era o motivo pelo que se afastava tão abruptamente de mim. Pela culpa que às vezes havia em seu olhar, depois de estabelecer algum vínculo que desse a entender que o nosso pudesse se converter em algo mais que uma relação de amantes. Pelas barreiras que parecia criar ao seu redor para que eu não me aproximasse demais...

Cole negou. Frustrado, deixou cair os braços ao lado.

—Não fui feliz com ela —confessou—. Ela foi infiel —soltou com amargura, e Abigail o olhou com assombro—. Por isso quando te vi com Richard, abraçada, minha intenção de falar contigo e te convidar para a festa dos Templeton se dissipou. Ver você com outro era facilmente interpretável do pior modo possível, porque o associava a minha experiência com Celeste. Foi humilhante e eu não estava disposto a que me humilhassem de novo. Por isso me comportei daquele jeito quando te vi com aquele cara em Seattle, e em tua casa com teu amigo...

«Como Celeste poderia ter sido infiel a um homem como Cole?», se perguntou chateada. Era ridículo. Quiçá ele pudesse ser arrogante, mas tinha um coração de ouro, e se te atrevias a ver mais além da aparência de um homem que se achava, encontraria a vulnerabilidade em seus olhos que mostravam ao verdadeiro Cole Shermann e te convidava a amá-lo. Aquela vulnerabilidade que abria as portas para um mundo no qual sabia que seria maravilhoso deixar-se ir e se aventurar.

Com ele estava segura. Essa era uma certeza maravilhosa.

—Oh, Cole. —Se aproximou e colocou uma mão sobre o braço direito sabendo o

quanto lhe custava confessar aquilo—. Então foi uma mulher que não te merecia.

Ele continuou alheio ao olhar pesaroso de Abby.

—Tínhamos uma filha, Abigail. E eu não podia permitir que Hannah ficasse sem sua mãe... poderia ter sido eu o infiel, mas o caso foi diferente. Assim que tentei me colocar no lugar de Celeste, mas talvez não fosse o mais acertado. Sabe? Ela não gostava de sua própria filha, porque a estorvava, porque representava responsabilidades, porque lhe arruinou a silhueta —soltou com raiva—. Depois de nos casarmos Celeste mudou, começou a exigir e exigir até que converteu tudo em brigas monumentais. Eu estava abrindo caminho em meu trabalho e precisava investir tempo para poder dar-lhes o melhor, para ela e minha filha, mas Celeste não entendeu assim. Depois de sua infidelidade já não dormíamos no mesmo quarto, mas tentei me dar bem com ela; tentei seguir em frente; tentei lutar pelo matrimônio, por Hannah. Descobri que o homem com quem a encontrei em minha cama não tinha sido o primeiro... aquilo me destruiu ainda mais. Meu orgulho não me permitia reconciliar-me com a ideia de dar-lhe uma nova oportunidade. Foram tempos amargos. Uma época de minha vida da que minha família não sabe, só Abraham e Spencer um pouco. Abraham nunca simpatizou com Celeste. Nunca a amei, Abby —confessou com veemência—. Casei-me com ela hipnotizado com sua beleza, por seu pragmatismo e sua inteligência, mas principalmente porque estava grávida de Hannah. Casar-se por uma obrigação social é o pior que se pode fazer. Ao final... termina-se causando mal à pessoa com quem casas se não a ama o suficiente, e à pessoinha que não tem culpa de nada e se vê imersa em uma contenda de gritos e brigas entre adultos... —sussurrou—. Quiçá nunca amei Celeste de verdade.

O abraçou com mais força, e os braços de Cole também a rodearam.

—Não a amava...?

—Achei que sim. —Fez uma careta—. Ao final, senti que ela morreu por minha culpa.

—Como assim? —perguntou consternada. A verdade era que Abby jamais havia indagado detalhes da morte de Celeste Shermann. Primeiro, porque saber que houve uma mulher a quem Cole tinha amado tanto, e pela qual ela achava que se afastava de seu lado, a machucava; e, segundo, porque não era de sua incumbência dado que respeitava o direito ao passado de cada pessoa.

Abigail o tomou pela mão, e ele entrelaçou os dedos com os seus.

—Dias depois de descobrir uma de suas tantas infidelidades lhe disse que estava farto, que não queria saber mais, que necessitava me afastar. Me fechei no trabalho. No escritório —apertou a mandíbula—, passei ali o dia todo, todos os dias. Cada vez que brigávamos ela ligava e ligava para se certificar de que eu não estivesse lhe devolvendo as infidelidades com a mesma moeda. —Deu uma gargalhada vazia, e Abigail sentiu a dor dele como sua própria—. Jamais fiz isso, e bem sabe Deus que oportunidades para ir para a cama com outras não me faltaram. Um dia tivemos uma grande briga. Não foi diferente, Celeste ligou e ligou para meu celular durante a tarde,

mas eu não quis atender. Minha secretária me informou que tinham ligado do hospital, porque Celeste havia tido um acidente. —Abigail o abraçou, e apoiou o rosto contra o peito sólido de Cole, escutando suas batidas, absorvendo seu calor e sua dor—. O primeiro em que pensei foi em minha filha, se algo tivesse acontecido com Hannah não poderia me perdoar nunca. Mas quando cheguei ao hospital soube que Hannah estava em casa, que Celeste havia saído sozinha. Apesar do tortuoso que foi meu casamento, jamais teria desejado nada de mal para ela... Cheguei demasiado tarde no hospital. Os ferimentos foram muito graves. Não puderam ajudá-la. Morreu antes que eu chegasse na sala de emergências. —Tomou a Abigail pelos ombros e a afastou dele. A olhou com preocupação—. Me sinto culpado às vezes... e no principio a culpa era insuportável. Pensava que se não tivesse brigado com ela naquela manhã, então Celeste não teria saído com raiva e com toda aquela velocidade, e que não teria sofrido o acidente. Um casamento cheio de enganos e mentiras não se mantém. Estou certo de que se ela não tivesse morrido, ao final eu teria pedido o divórcio.

—Eu sinto muito que haja tido que sofrer tudo isso —sussurrou incapaz de suportar aquela voz amarga e cheia de decepção—. Não foi tua culpa. Podia ter ocorrido em qualquer outro dia. O destino às vezes brinca conosco de um jeito que jamais poderemos entender.

—Sim... Agora eu sei, mas antes estive em um período muito complicado com respeito a sua morte. E foi essa experiência ruim que me fez decidir ter relações esporádicas e não afetar a Hannah com a presença de nenhuma mulher. Foi por isso a minha estupidez contigo, meu comportamento errático... jamais ninguém me afetou como você, Abby.

Ela lhe sorriu timidamente, e acariciou a face de Cole com carinho. Ele inclinou o rosto para deixar-se aconchegar na pequena e cálida mão.

—Agora o compreendo. —O olhou fixamente.

—Sim?

Assentiu.

—Ninguém merece essa dor, Cole. A infidelidade é um ato egoísta, porque quem o comete jamais pensa no dano que fará no outro, a sua família, a seus filhos; só existe a paixão do momento, e quando se dá conta que a libido foi satisfeita, então tenta voltar a sua vida aparentemente normal, para perceber que perdeu tudo. Uma vida, uma família, não valem o preço de um par de meses de luxúria.

Ele finalmente pareceu regressar de onde quer que tivesse estado recolhendo os vestígios do passado e a olhou.

—Abigail... —pronunciou seu nome com tamanha ternura, que ela sentiu que um par de lágrimas deslizava por sua face. Lágrimas que os polegares de Cole limpavam com infinita delicadeza—. Meu coração não poderia ter escolhido a uma pessoa mais adequada para que fosse sua dona. Você é muito mais do que mereço... e se não me ama, e só sente desejo por mim, estou disposto a fazer tudo o que esteja em minhas

mãos para fazê-la se apaixonar. Talvez me enganei ao pensar que sentia algo mais profundo por mim... —Fechou os olhos por alguns segundos antes de continuar—. Quiçá tenha sido arrogante demais. —Lhe acariciou o rosto.

—Não tem que fazer nada para conseguir que eu te ame —respondeu com um sorriso.

—Não? — A olhou confuso.

Abby tomou uma das mãos de Cole e a colocou onde estava seu coração.

—Eu te pertenço. Te amo tanto que às vezes dói. Não poderia imaginar estar com outro que não seja você. —Soltando o ar que tinha contido, e esboçando um grande sorriso, Cole a tomou nos braços, enquanto Abby ria—. O que está fazendo?

—Não disse que me ama?

—Sim... —Agarrou se ao redor do pescoço de Cole—. Te disse isso. Te amo com todo meu coração —sussurrou dando-lhe um beijo no queixo.

Ele riu.

—Bem —replicou caminhando com ela nos braços. Sentia que todas as inseguranças com respeito a Abigail se haviam dissipado. O amava e era o homem mais afortunado do mundo. Tinha a mulher de sua vida nos braços.

—Bem? — O olhou risonha, enquanto ele a soltava com suavidade sobre o colchão da cama.

Cole assentiu, ao mesmo tempo em que a cobria com seu corpo.

—Senhorita Montgomery vou demonstrar-te o que me fez sofrer ao não se confessar. Assim que pretendo fazer amor até que você não consiga mais ficar de pé — asseverou com a voz grave, e com os dedos começava a deslizar a saia de Abigail para baixo. Ela o ajudou elevando as cadeiras, para que a roupa saísse com mais facilidade. —Meu Deus... você é simplesmente muito linda —declarou abrumado por sua beleza. Tinha um corpo que tão só de evocá-lo em sua imaginação o deixava a mil. Ela o amava! Não havia melhor afrodisíaco que esse.

—E você também —atinou em dizer quando ele fez com que sua blusa voasse pelos ares.

Cole se desfez de sua camisa com uma facilidade surpreendente, Abby mal pôde ajudar. Os botões caíram no tapete.

—Nós homens não somos lindos —murmurou beijando-a.

—Você sim... de um modo viril que é muito... sexy.

—Então sou sexy, é? —riu aspirando o aroma dos cabelos loiros. Beijou-a no pescoço, acariciou seus braços suaves, a beijou detrás das orelhas enviando-lhe pequenas descargas de adrenalina na pele.

—Uhum.

Ela o beijou com avidez e enredou os dedos naquela mata de cabelo espessa, suave, enquanto ele aprendia novamente cada curva do corpo feminino. O beijo de Abigail estava carregado de desejo, de amor, sensualidade e aquele sabor tão seu que deixava

Cole louco. Jamais poderia saciar-se dela. Nenhum minuto era suficiente, nenhuma hora bastava. Tê-la entre seus braços era a sensação mais deliciosa do mundo.

—O serviço de quarto —conseguiu dizer ela uns segundos mais tarde, quando o tapete estava revestido com as roupas de ambos que praticamente se haviam arrancado um do outro desenfreadamente.

—O que tem com isso? —grunhiu levando um dos mamilos de Abby à boca, chupando-o até fazê-la gritar de prazer.

—Eles... —arquejou— eles vão vir, porque pedi comida agora a pouco.

—Quando me viram na tua porta, lhes disse que podiam ir embora. A comida deve seguir ali fora, mas agora tenho entre minhas mãos algo mais interessante que a comida, a menos claro —deixou de acariciar-lhe o sexo molhado e quente—, que prefira que os chame de volta para que tragam um novo almoço.

—N... não... não quero isso.

Cole sorriu com malícia.

—Exatamente o que eu estava pensando —murmurou beijando-a com avidez na boca. Suas mãos não podiam ficar quietas, acariciavam cada pedaço de pele suave que tinham ao alcance. Poder tocá-la, sabendo-se amado com a mesma intensidade que ele amava-a, era uma experiência maravilhosa, mais excitante que o sexo em si. E agora que a tinha entre seus braços pretendia dar-lhe todo o prazer do que fosse capaz.

Abigail se sentia com febre, plena, feliz. Tocou a Cole, se maravilhou com o contraste da pele dele e a sua, com cada músculo que se tencionava sob seus dedos, com a dureza de seu sexo entre as mãos; o acariciou, e lhe encantou escutá-lo grunhir quando lubrificou a ponta de seu membro com uma brilhante gota perolada que escapou; o sexo de Cole era firme, aveludado, vibrante. Se deteve quando ele lhe disse que se continuava acariciando-o não durariam muito tempo. Com uma gargalhada impregnada de desejo, aceitou deter-se, mas em troca, sentindo-se amada e livre para fazer e pedir, tomou a cabeça de Cole com impaciência e a dirigiu para seus peitos, para que os lambesse, e acariciasse até que a fizesse arquejar de prazer.

Tudo nesse homem era capaz de volvê-la cega de paixão, de amor.

Por suposto, ele não a decepcionou. Lhe deu leves batidas com sua língua sobre os mamilos, escutando-a gemer, e sentindo ao mesmo tempo como seu próprio sexo ereto vibrava com o desejo de introduzir-se nela. Mas tinha a intenção de torturá-la. Ainda que a tortura sensual de Abby fosse também a sua, queria desfrutá-la e alongar o prazer.

Os sentidos de Abigail rodavam, se agitavam, se fundiam entre si. Sua pele ardia. Elevou as cadeiras pedindo alívio quando sentiu os cálidos e úmidos beijos de Cole recorrer-lhe a aréola de um de seus peitos, acompanhando a carícia com a mão livre, pois com a outra ele a tocava intimamente, utilizando seus próprios fluidos para lubrificá-la. Ela podia sentir a ereção de Cole, cálida e dura contra sua perna, e morria de vontade de tê-lo dentro de si. Mas ele parecia não ter pressa.

—Você é o pecado em forma de mulher —sussurrou Cole subindo até a boca de

Abigail, antes de começar a descer por seu corpo, acariciando-a com os lábios. Assim, recorreu seus peitos, seu abdome suave e plano, o quadril, até chegar a suas pernas, e continuou acariciando-a pelo interior das pernas. Quando Abigail intentou levantar-se para pedir que voltasse para sua boca, ele colocou implacável uma mão sobre o ventre plano—. Não meu amor, deixe-me fazer isso.

—Por que sou o pecado em forma de mulher? ... —disse com a voz entrecortada agitando as cadeiras.

Cole emitiu uma risada rouca, grave, e contida.

—Exato... —lambeu com ímpeto, antes de falar novamente—. E eu um pecador com gosto.

A gargalhada de Abigail se interrompeu abruptamente convertendo-se em um agonizante gemido quando sentiu as mãos de Cole em sua bunda, elevando-a o suficiente para pôr seu sexo na altura da sensual boca masculina. Intentou protestar, mas não lhe serviu de nada, porque a língua travessa de Cole começou a acariciá-la, a lambê-la e recorrer cada suave prega com presteza. Abby agarrou o edredom com força sentindo a força de o prazer derretê-la. Seu quadril se contorcia ao encontro daquela boca prazerosa, deixando-se levar como o vaivém das ondas cada vez ele acelerava a fricção contra seu pulsante clitóris. Então, ele substituiu a boca com os dedos. Uns dedos igualmente hábeis que seus lábios, e se sentia cada vez mais molhada.

—Cole... por favor... estou pronta, preciso ter você —praticamente rogou, mas ele parecia bastante alheio a suas súplicas. Em troca esticou a mão para capturar um dos franzidos mamilos entre os dedos índice e polegar; o apertou, gerou a pressão ideal para que ela ficasse calada. Funcionou. Depois aplicou uma torturante fricção em seu outro mamilo, combinada com a que estava exercendo em seu sexo, no que introduziu não só um dedo, mas dois, e acompanhando suas caricias com aquela dança erótica da língua que se movia com presteza fazendo tremer seu sexo todo molhado.

Ele sentiu o preciso momento em que Abigail estava próxima de chegar ao orgasmo.

—Acompanhe-me —pediu ela entre arquejos tomando com força a mão que Cole estava usando para excitar seus doloridos peitos. Necessitava compartilhar esse momento com ele...chegar juntos.

—Abby... —sussurrou antes de impulsionar-se para frente adiante, sabendo que ela estava mais que pronto. A penetrou com uma forte e enérgica investida. Uma investida que Abigail sentiu preenchê-la por completo e esticar seus palpitantes lábios íntimos para acoplar-se ao tamanho do membro de Cole. Jogou a cabeça para trás, e enlaçou as pernas às cadeiras masculinas, para senti-lo mais profundo, mais seu se acaso fosse possível.

—Te amo —murmurou ao ouvido de Cole quando sentiu como se movia em seu interior, uma, e outra, e outra vez.

O som da fricção de seus corpos golpeando-se um com o outro, as respirações agitadas, os gemidos e as palavras sussurradas eram a sinfonia perfeita que ambos

tocavam. Nesse momento fazer amor ia mais além de uma experiência de corpos, para eles se havia convertido no intrínseco significado da beleza humana conjurada em uma fusão de almas.

Com movimentos abandonados no compasso do que ambos os corpos pediam um ao outro, com uma camada de suor cobrindo seus corpos e o fôlego misturado em beijos arquejantes e entrecortados, Cole se introduziu com firmeza uma última vez naquele cálido refúgio. Depois só ficou o ardente gozo de uma sensação que ia mais além do que as palavras poderiam explicar. Explodiram em uníssono, perdendo a noção de onde começava e acabava o corpo do outro.

—Eu te amo mais... —sussurrou Cole, antes de arrastá-la consigo e abraçá-la.

Capítulo 25

Júbilo. Aquela era a palavra perfeita para descrever o que Cole estava experimentando. Sentia-se afortunado de ter a Abigail a seu lado, e de que o amasse. Girou a cabeça para contemplá-la. Realmente parecia um anjo, com seus cabelos espalhados sobre a almofada, e com a cabeça apoiada em seu ombro, enquanto as pernas de ambos continuavam entrelaçadas. Suas respirações estavam agora mais serenas.

Tinham feito amor toda a tarde. Se detiveram apenas quando o estômago de Abby começou a grunhir de fome, e entre risadas, chamaram ao serviço de quarto. Depois de comer, Cole ligou a Hannah para saber como estava. Foi uma chamada breve. Logo, tudo ao seu redor deixou de existir ao contemplar a Abby. Era simplesmente, perfeita. Para ele.

Banharam-se juntos na jacuzzi. Ainda que, por suposto, tomar banho foi apenas uma de todas as coisas que fizeram. Quando ambos estavam extenuados se secaram com mimo, e deslizaram entre os lençóis caros do hotel.

Agora, Abby dormia em seus braços. Cole teria gostado de dormir um pouco mais, mas não queria perder a possibilidade de contemplá-la com prazer. O narizinho arrebitado lhe dava um toque especial, e em combinação com seus olhos azuis e a sensualidade de sua boca, era uma beldade. Esticou a mão e acariciou com suavidade a pele acetinada dos braços. Sabia que estava nua debaixo dos lençóis, igual que ele. Em um impulso puxou para baixo o tecido de seda e os peitos de Abby ficaram expostos, não totalmente, mas o suficiente para contemplar os mamilos que pareciam mais que dispostos a deixarem-se tocar.

—Cole... —sussurrou ela, quando sentiu as mãos cálidas recorrerem a parte superior de seus suaves seios. Abriu paulatinamente os olhos. Sorriu-lhe.

Aquele sorriso agitou o coração de Cole, e ele devolveu o gesto. Aconchegou o rosto de Abby em suas mãos.

—Olá, meu amor. Você dormiu bastante.

—Sim?

—Uhum. —Se inclinou ligeiramente para ver o relógio que jazia na mesinha do criado-mudo—. Exatamente cinco horas. —Riu ao ver a cara de desconcerto de Abby—. É meia-noite.

—Nossa! Suponho que logo me transformarei na Cinderela.

Cole se inclinou para beijá-la.

—Acho que não, porque eu não sou um príncipe.

—*Shrek*, talvez? —perguntou brincando com ele.

Em retorno, Cole começou a lhe fazer cóceguinhas. Até que a risada se converteu em gemidos de prazer quando a beijou com desejo e a tocou com paixão. Ela tampouco ficou para trás, e retirou o lençol que o cobria ocultando sua masculinidade. O encontrou mais que pronto para estar dentro dela.

—Cole... —gemeu, quando o sentiu provando-a com os dedos para comprovar que não estava molhada, mas encharcada, de desejo.

—Creio que esta será uma tortura que estou disposto a viver indefinidamente —gemeu, antes de deslizar-se dentro de Abby, que o aceitou com prazer.

Deixaram-se envolver em um frenesi de corpos e lençóis. Foi rápido, voraz e avassalador. Não houve penetrações lentas, nem carícias suaves; foi como lava arrasando tudo quando havia ao redor. Quando voltaram, arquejantes e satisfeitos, daquela nova onda de satisfação, Abigail começou a rir.

—Qual é a piada...?

Ela não pode deixar de rir.

—Somos insaciáveis, parecemos dois... —Não pode completar a frase, porque caiu na gargalhada.

—Amantes —completou Cole com o cenho franzido, até que se deu conta do que ela tentava dizer —. Carinho, não se atreva a nos comparar com coelhos, por Deus. Abby, deixe de rir. —Mas ela não conseguia e finalmente Cole não suportou e se uniu a sua risada.

Uma vez que se acalmaram, ele a abraçou com força. Quicá em sua vida sentimental não havia sido tão exitoso como em seu trabalho, até que nasceu Hannah inundando sua vida de amor, e agora também tinha a Abigail. Não tinha nenhuma intenção de permitir que outro se interpusesse em seu caminho, tampouco queria esperar mais tempo para começar uma família com ela. Queria que não só Hannah tivesse a seu anjo para sempre, se não que ele desejava Abby pelo o resto de sua vida; com certeza de que seu amor era correspondido. Não havia momento mais perfeito que esse que estavam vivendo.

—Te amo tanto. —Tomou o rosto dela entre as mãos, e ela sorriu daquele modo que conseguia iluminar qualquer escuridão que houvesse podido existir em sua alma, ou em seu passado—. Abby, meu amor, seja minha esposa. Faça-me um homem de bem e case-se comigo. Por favor —pediu acariciando a face com os polegares, e perdendo-se naquela profundidade azul que refulgia com amor, por ele.

—Oh... Cole. —Fechou os olhos. «Como dizer sem machucá-lo?», se perguntou sentindo uma punhalada de tristeza—. Eu também te amo muito... —quebrou o contato visual e mudou sua atenção para um ponto a sua esquerda—. Mas por isso mesmo, eu não posso me casar contigo.

Cole soltou o rosto, desconcertado.

—O que quer dizer com por isso mesmo não poder se casar comigo? Não quer formar uma família comigo, ter filhos comigo? Hannah estará encantada de saber que terá você como mãe e eu me sentirei afortunado e honrado de que me concedas a honra de ser teu marido... —expressou quando ela começou a afastar-se, mas ele a reteve. Os lençóis não os cobriam mais, ambos estavam nus. Expostos de todas as maneiras possíveis; um frente ao outro. Não havia como fugir. Apenas enfrentar a verdade. Uma

verdade que Abby sabia que era dolorosa, mas enfrentá-la era ainda mais—. Não vai se afastar de mim. Desta vez não vou permitir. Tampouco meu temperamento vai saltar pelos ares. Conversemos sobre isso.

—Cole, você não entende... —manifestou com os olhos carregados de lágrimas sem derramar. Ele ficava de coração partido ao saber que tinham que enfrentar outra dificuldade que a machucava, mas se a deixava ir, então suas vidas se complicariam.

—Me deixe entender, então. —A tomou pelas mãos, com firmeza. E ela deixou de tentar se livrar de seu toque—. Eu te confiei meu passado, uma parte complicada de minha vida, por que não me deixa aliviar teus fantasmas, por que não pode compartilhar comigo isso que te incomoda e que está aí por muito tempo?

Ela voltou a olhá-lo nos olhos. Olhos embargados de tristeza, notou ele, pois já havia visto esse olhar em Abby quando achava que ele não percebia, e ela contemplava a Hannah. Tinha algo que ver com sua filha.

—Como sabes que existe há muito tempo? —interrogou tratando de evitar dar início ao assunto. Cole se fixou nesse detalhe, mas se ela queria alargar a conversa, então ele cortaria os caminhos para que não tivesse escapatória e falasse de uma vez por todas. Bem sabia ele o difícil que resultava enfrentar as coisas que doem, mas não existia outro modo de superá-las que falar, encará-las para logo deixá-las atrás e poder avançar.

—Apenas sei —afirmou—. Você tem medo de que Hannah não goste de você?

—Não, claro que não. Eu adoro a tua filha, Cole, como se fosse minha... —Sua voz foi quase um murmuro—. Acho que é mutuo.

—Assim é, ela te ama muito.

O sorriso de Abby tremeu em seus lábios.

—Por favor, diga-me o que é, meu amor. Acaso não quer ter filhos? —Então as lágrimas de Abigail se converteram em uma torrente que não podia ser contida. Consternado e preocupado, Cole a atraiu para seu corpo e a envolveu em seus braços deixando que as lágrimas corressem por seu peito. Limpou o rosto de Abby com as mãos, e dizendo o quanto a amava e que tudo ia ficar bem, enquanto sentia como o corpo dela se agitava entre soluços, apertando-se contra ele. Passaram longos minutos, nos quais o choro de Abigail era o único som audível em toda a suíte. Aconchegou-a com amor, até que pouco a pouco ela deixou de soluçar. Apartou-se de seu corpo paulatinamente. Ele não podia ajudá-la se ela não falava, ou lhe confiava o que fosse que a preocupava—. Porque se é assim, está bem —expôs com sinceridade. Não ia pressionar com isso, o certo era que só a queria, e ponto—. Basta-me com ter você e Hannah. Você e ela serão minha família. Entendo que ha mulheres que simplesmente não desejam ter filhos. O respeito. Jamais te exigiria fazer algo com o que não esteja de acordo, você sabe, não é?

Ela assentiu.

—Eu lamento... Cole.

—Mas, amor, que é o que lamentas? —perguntou com incerteza.

Abigail se acalmou, e soube que não podia ter se apaixonado por outro homem mais adequado que Cole Shermann. Se ela tivesse sabido o compreensivo que podia chegar a ser, quiçá se teria economizado muitos dias de contradições pelas cicatrizes de seu passado. Cole fazia estragos no seu coração com sua compreensão, ainda sem saber o que tinha ocorrido.

—Nada me faria mais feliz que ter um filho teu... —Olhou para suas mãos, impotente—, mas não posso conceber.

Ele ficou estático por alguns brevíssimos segundos, então a contemplou. Abigail tinha o rosto pálido, como aqueles condenados esperando receber uma sentença final que não tinha volta atrás. De fato, quase parecia esperar que ele lhe dissesse que já não a queria, ou que não queria estar com ela porque não podia conceber. «Será que acaso algum malnascido a tinha machucado ao saber daquela parte de Abby?», se perguntou contendo a raiva.

—Bom, tem mulheres que são estéreis, carinho —tentou utilizar um tom de voz que não desse a entender o furioso que se sentia si ela lhe confessava que algum bastardo a havia ferido ou humilhado ao saber que não podia conceber—. Podemos adotar, ou ficarmos só com Hannah. Uma mulher não se ama só pelos filhos que possa ou não dar. Eu te amo de qualquer forma; você não é menos mulher por isso. De fato, não poderia encontrar alguém que seja mais completa e valente que você. —Deslizou as mãos pelos braços de Abby, imprimindo todo seu amor em uma carícia que tentava ser um consolo e um suporte ao mesmo tempo.

—Não nasci estéril —declarou com voz tremula.

Ele engoliu em seco, e começou a borbulhar de hipóteses em sua mente. Não gostava de nenhuma delas. Absolutamente nenhuma.

—Abby...?

Ela sabia que não podia fugir da verdade. E ele a merecia. Então começou seu relato. Com uma voz carente de emoção lhe falou do modo em que Rylan e ela se conheceram. O modo em que um homem encantador podia se tornar violento. Cole tentava controlar os palavrões que lutavam para escapar de sua boca; o único que podia fazer enquanto isso era apertar os punhos fazendo que os nós dos dedos ficassem quase brancos cada vez que Abby contava os episódios traumáticos que tinha vivido.

Ela não deixou de falar e expulsar seus fantasmas.

Confessou-lhe como se sentia cada vez que estavam na cama e como Rylan a humilhava com suas chacotas, suas palavras. Como tentava desculpar seu comportamento, porque cada vez que se comportava mal, ele prometia não voltar a fazê-lo e ela, estúpida, acreditava nele. Quando chegou ao momento mais difícil, esteve a ponto de quebrar-se, mas Cole não permitiu, tomou o lençol, a cobriu, pegou-a nos braços e caminhou com ela até uma cômoda poltrona. A susteve com firmeza para olhá-la nos olhos, e a beijou na testa, instando-a a continuar, sem dizer uma palavra.

Com uma funda respiração, Abby retomou seu relato, e começou a contar-lhe a parte mais difícil. A perda de seu bebê. Os momentos que teve que fazer na sala de cirurgia, e quando soube que seu útero era muito delicado e a cirurgia o havia deixado ainda mais sensível. Falou do tempo que esteve na terapia e o modo como a tinha ajudado. Contou sobre o papel de Spencer e de Richard na sua recuperação, e Cole disse que lhes agradeceria pessoalmente por ter estado sempre para ela.

—Se estivesse na minha frente de novo esse filho da puta do Rylan, o mataria com minhas próprias mãos pelo que fez com você —soltou Cole sem poder conter-se. Sentia-se impotente e com muita raiva desse desgraçado por ter se atrevido a machucar Abigail.

Ela havia recuperado o controle de suas emoções. Inclinou-se para deixar um beijo na mandíbula tensa de Cole.

—Rylan vai para a cadeia. Haverá um julgamento... acho que podem te chamar para testemunhar.

—Não duvides que irei, meu amor. Irei. Você não está sozinha.

Ficaram um longo momento em silêncio. No fim, ela voltou a sorrir para ele. Neste momento as sombras tinham se dissipado de seus olhos, o que foi um grande alívio para Cole.

—Obrigada, Cole. Sabe? Acho que essa vez que se ele meteu em tua casa já lhe diste o merecido. Richard me disse que a polícia lhe contou que ficou vários dias no hospital antes que fosse processado com cargos.

—Jamais será suficiente... Deus, Abby, e eu fui um tremendo imbecil por ter te tratado tão injustamente. —A abraçou com força, colocando-se de pé com ela—. Eu sinto muito, eu sinto tanto... —disse contra seu cabelo, antes de deixá-la em pé sobre o tapete.

—Não tinha como saber... A perda de meu bebê é algo que conhecem apenas Spencer, suponho que Monica, ainda que jamais me fez insinuações, e Richard.

—Suponho que devo um pequeno agradecimento a Bale.

Abigail começou a rir.

—Também me deu proteção, enquanto Rylan andava solto. Ele acha que eu não sei. Contratou um guarda-costas para que me acompanhasse ao trabalho, e ao regressar a casa se assegurara de que chegava sem problemas. —Começou a vestir-se, e Cole fez o mesmo, sem deixar de escutá-la—. Mas não contavam com que Rylan atuasse depois...

Quando ambos estavam prontos se sentaram, abraçados, no sofá da suíte. Cole segurava a Abby pela cintura de um modo que lhes permitia a ambos manter o contato visual.

—Não gosto nada de te fazer esta pergunta, mas, além de mim você esteve com...? Bom, você me entende... demônios, não gosto nem da ideia. Seria presunção de minha parte pensar que logo de... Quero dizer, depois de Rylan houve mais alguém?

Ela negou, e conteve um sorriso pelo modo como Cole se travava.

—Estava muito assustada com a ideia de vincular-me emocionalmente. Voltei-me com tudo para meu trabalho como professora, em cuidar de meu avô, assim que apenas tinha tempo livre para alguns encontros, que não chegaram a se aprofundar o suficiente.

Enquanto digeria a informação, Cole se deu conta de algo que havia dito Abby fazia alguns minutos, e que quiçá ela não tinha levado em consideração.

—Spencer foi o médico que te atendeu daquela vez, verdade meu bem?

—Na realidade, me recebeu e me ajudou. Foi um ginecologista que me disse, mas Cole, ele falou um pouco mais sobre o tema porque eu estava assustada...

—Ele te disse que não poderia ter filhos? —perguntou—. Esse foi o diagnóstico?

—Disse que não tinha que preocupar-me com isso, que no futuro poderia conceber... mas eu perdi as esperanças quando time meu período há vários dias —expôs enrubescendo—. Nada teria me feito mais feliz que ter um filho teu... mas não há esperanças disso. O médico que me operou e cuidou do meu caso se enganou. Como vê, eu não engravidei... —Baixou a cabeça, mas Cole pôs um dedo em seu queixo, e elevou seu rosto para ele.

—Foi por isso que me disse em Seattle que o assunto da proteção você tinha tudo sob controle? —indagou recordando aquela noite—. Porque dentro de ti sabias que não ia ficar grávida?

Ela assentiu.

—Carinho, não parou para pensar mais profundamente sobre um pequeno detalhe. —Qual?

—Você mesmo disse, doçura. Jamais te asseguraram que não poderei conceber, foi você que criou essa crença de que não terá. — Ele introduziu os dedos na suave cabeleira loira, e a aproximou para beijá-la—. Você tem estado tanto tempo preocupada, triste e negativa que jamais voltou a fazer um check-up por temer os resultados. Me engano?

—Não... não te equivocas —replicou sem compreender o ponto de Cole. Ele tampouco fez algo para aclarar o motivo de sua pergunta, senão que, em troca sorriu enigmaticamente—. Foi negligente de minha parte postergar tanto os check-ups, mas, sim... tinha medo. Tenho medo de perguntar e que me confirmem o que já sei.

—Trabalharemos nesse assunto, meu bem.

—Eu...

Ele a silenciou com um beijo doce e profundo.

—Abby, creio que já esclarecemos muitas coisas. Já não há fantasmas entre nós sem conhecer o passado, e te agradeço que tenha confiado em mim —expressou com seriedade.

—E você em mim —afirmou emocionada. Nele havia encontrado o suporte que não sabia que precisava, a segurança que seu coração ansiava, e a paixão que seu corpo pedia.

—É hora de deixar o passado para trás, Abby.

—Eu sei. —Assentiu sorrindo e deixando-se envolver pela segurança que ele inspirava.

—E agora, você senhorita Montgomery me deve uma resposta —comentou fazendo uma carícia no narizinho arrebitado com a ponta do dedo—. Não pode deixar que este homem vagueie pelas ruas do mundo sem ter o privilégio de chamá-la de *esposa*.

—Mesmo que eu não possa ter filhos? —Mordeu o lábio.

Cole assentiu de modo solene, para que ela não tivesse nenhuma dúvida. Se Abigail estava convencida de que não podia ser mãe, ainda que morresse de vontade de ser, ele não ia dizer que se equivocava em sua teoria. De fato, a vida tinha lhe ensinado que era bastante arriscado dizer a uma mulher que não tinha razão, quando ela estava convencida de que tinha. Assim que ele tinha toda a intenção de demonstrar com fatos. Não se importava quanto tempo tomaria em corroborar sua hipótese. Ia ser um prazer.

Ela sorriu e colocou a cabeça sobre o ombro firme.

—Então, aceita se casar comigo, Abby?

Com uma risada cheia de amor, ela assentiu, e se voltou para abraçá-lo da cintura. Elevou o olhar e deixou que seus olhos azuis se misturassem com aqueles sensuais olhos escuros.

—Sim, me casarei contigo, e serei a mulher mais feliz do mundo ao te ter, e ter a Hannah.

Cole a tomou pela mão. Logo ambos estavam de pé. Quando a teve tão perto como a queria, se inclinou e a beijou. Foi um beijo que durou tempo suficiente para que ambos soubessem que esse era o começo do resto de suas vidas.

Epílogo

Um mês depois...

Hannah foi a menina das flores. Lançava as pétalas no corredor da igreja com um sorriso que ninguém conseguiria tirar de seu rosto. Seu anjo, não só ia a casar com seu papai, senão que seria sua mamãe para sempre. E ela se sentia feliz de cumprir com o dever de espalhar pétalas vermelhas e brancas. Quando fosse grande queria ser tão bela como Abby.

Abigail estava radiante com seu vestido de noiva, que Monica e Leona, as madrinhas de casamento, a haviam acompanhado a comprar. O vestido era um sonho em organza e seda de Oscar de La Renta, que se acoplava fantasticamente ao seu corpo curvilíneo. O véu, preso com uma tiara, era simples e sexy e ia em conjunto com uma maquiagem discreta que realçava seus belos traços. Era o dia mais importante de sua vida, e estava feliz como jamais pensou que poderia ser, em especial porque ia de braços dados com seu avô.

Apesar de que Horace teve uma importante recaída, quando Abby e Cole regressaram de Las Vegas, ele se manteve firme na ideia de que não era seu tempo ainda de ir-se deste mundo, e não queria saber nada de estar abatido. Spencer cuidou para que a saúde de seu paciente mais rebelde estivesse sempre em níveis ótimos, em especial para a cerimônia. Horace tinha planejado viver o maior tempo possível, e seu oncologista de cabeceira sabia que era tão teimoso que certamente o cumpriria.

Richard e Cole tinham aparado as arestas, em especial porque este último deixou de ver ao melhor amigo de Abigail como um obstáculo. Agradeceu-lhe que tivesse cuidado dela, e lhe disse que sob nenhuma circunstância sua futura esposa ia trabalhar para ele, pois tinha toda a intenção de abrir, se fosse possível, uma escola para que ela ensinasse. Richard tão só riu ao saber que enfim Abby teria um homem que a fizesse feliz. Tão feliz como ele podia ser, pois Elizabeth não só se havia convertido em uma pessoa especial em sua vida, mas já tinha planejado pedi-la em casamento.

Rylan foi julgado culpado das acusações de agressão, violência, porte de arma ilegal, invasão e perseguição. Ia passar vários anos na cadeia.

Voltar de Las Vegas felizes e fortalecidos, deu a Abigail um impulso muito grande quando teve que testemunhar contra seu ex-namorado. Cole esteve apoiando-a em todos os momentos, assim como seus melhores amigos. Ela agradeceu que o julgamento, apesar de ter tido que ver essas fotografias e observar o sofrimento e impotência de Cole, durou poucos dias. Ainda que seu bebê jamais nascera sabia que esse anjinho estava no céu, sorrindo, porque a justiça tinha sido feita. E enfim, ela se sentia em paz com essa parte de seu passado. Podia pensar nele, sem ressentimentos, nem dor.

—Seja feliz, filha —murmurou Horace, quando chegaram ao final do corredor, enquanto os familiares e amigos dos noivos observavam o início da cerimônia—. Nada me deixa mais feliz que o fato de que tenha encontrado o amor da tua vida.

Horace pôs a mão de Abigail sobre a de Cole, que a recebeu com um sorriso de regozijo e orgulho.

Os noivos caminharam juntos os poucos passos até ficarem em frente ao sacerdote. Cole se inclinou para Abby, e sussurrou em seu ouvido:

—Já te disse que você é a mulher mais linda do mundo?

—Não —replicou baixinho—, mas você faz com que eu me sinta assim cada vez que me olha.

Cole entrelaçou os dedos de Abby com os seus, e os apertou com ternura.

—Está linda, radiante, eu te amo com loucura.

Ela não pode evitar que algumas lágrimas deslizassem por sua face.

—A mesma loucura que eu sinto por você, Cole —respondeu olhando-o nos olhos. O sacerdote começou a cerimônia.

Uma hora mais tarde se celebrava a recepção em um dos elegantes salões do *Four Seasons Hotel Baltimore*. A orquestra, o *catering* e a decoração eram de primeira. Com luxos, mas sobre tudo muita alegria, porque os Shermann recém-casados estavam rodeados pelas pessoas que amavam.

Abraham foi o encarregado de dar o discurso de felicitação por ser o melhor amigo e padrinho do noivo. Foi um discurso emotivo que fez os convidados rirem, em especial quando confessou que o ambiente matrimonial parecia estar se espalhando pela cidade; todos aplaudiram quando Abraham lançou um olhar significativo a Petra, que ao contrario do que seus competidores pensavam nos negócios, tinha uma alta capacidade de corar... em especial desde que havia formalizado sua relação com o sócio de Cole.

Monica e Leona, como melhores amigas da noiva, fizeram um ameno recorrido pela história de Abigail, as anedotas da universidade e as que passaram entre amigas. Foi um discurso engraçado e emotivo.

Os noivos dançaram até o amanhecer mesmo que, por suposto, se retiraram varias horas antes que os convidados. Tinham planejado passar a Lua de Mel no Caribe. Mas antes, Cole tinha toda a intenção de aproveitar seu novo status como homem felizmente casado e desfrutar da estadia no hotel com sua maravilhosa esposa.

Rindo por uma ocorrência de Hannah, que de certo estava encantada com as historias que Horace contava desde que tinham se conhecido, abriram a porta da suíte do casal. Abriram uma garrafa de champanha e Cole serviu as taças. Entregou uma para Abby e ela se limitou a sorrir.

—Por um casamento longo e feliz, ainda que saiba que não será de outra maneira se te tiver ao meu lado.

Abigail, em lugar de chocar sua taça com a de Cole, a deixou em uma mesinha próxima.

—Aconteceu algo? —perguntou desconcertado.

Ela, sem perder o sorriso, se aproximou para tirar a taça e colocar junto da sua.

Voltou para seu lado, e enlaçou as mãos detrás da nuca de Cole. Se agarrou a ele de modo sugestivo e começou a beijá-lo.

—Hmm... suponho que queremos outro tipo de celebração e brinde, não? Abby começou a rir.

—Quiçá... —murmurou antes de beijar a seu esposo. O fez com desejo, abandono e paixão. Ele não esperou duas vezes e lhe devolveu o gesto com ímpeto, deslizando as mãos pelas costas de sua esposa até pousá-las em sua bunda e apertá-la contra ele.

—Você me encanta, senhora Shermann —declarou com voz grave.

—Sim? —replicou rindo.

—Está muito estranha com esses sorrisinhos, não terá sido esse Richard que te disse alguma coisa, ein? —perguntou piadista.

Abigail deu uma gargalhada, ainda agarrada ao pescoço de seu esposo, e muito confortável com seu corpo colado ao seu.

—Cole, quantos quartos tem a casa nova que compramos?

Ele havia insistido que essa nova vida viveriam começando tudo do zero. E não queria continuar no mesmo lugar em que teve de superar a dor do seu casamento anterior. Ela não se opôs, pois estava mais que de acordo. As mudanças internas sempre eram acompanhadas pelas mudanças externas. E ficou emocionada quando uma tarde, Cole chegou com a escritura de uma propriedade, no nome de ambos, de uma linda casa.

—Mmm... três, eu acho. Por quê?

—Porque tenho certeza de que todos os quartos estarão ocupados dentro de uns oito meses.

Ele ficou boquiaberto. Então a pegou nos braços e girou com ela pelo quarto. Estava exultante.

Tinham vencido os temores, as inseguranças, mas sobre tudo, o passado. Abigail, uma semana depois de voltar de viagem, aceitou que faria exames para comprovar sua possibilidade de conceber novamente. Mas quando Cole lhe consultou, ela disse que tudo estava bem. E desde então Abby estava mais sorridente, o olhava com mais malícia do que o habitual, mas ela tinha estado escondendo esse grande segredo.

—Você está...?

Ela assentiu, e riu de júbilo quando Cole começou a beijá-la.

—Senhora Shermann, como foi capaz de ocultar tremenda notícia por tanto tempo?

—Queria que fosse uma surpresa, de presente de casamento —respondeu alegre.

—Pois conseguiu me surpreender, meu amor! Hannah também ficará feliz —disse emocionado—. Não poderia desejar um presente melhor, além de você.

Abigail sentiu que enfim seu mundo tomava rumo. As dificuldades a tinham feito valente, e a dor a tinha fortalecido. Agora tinha com quem compartilhar suas alegrias e suas tristezas. Tinha a família que tanto havia sonhado.

—Estou grávida! Oh, Cole, é um milagre maravilhoso.

Não ia contradizê-la, pois ele já tinha jogado ao destino sua hipótese meses atrás, e agora a confirmava. A gravidez de Abby era um milagre poderoso; aquele que só podia dar o amor correspondido e sem reservas.

Para surpresa dos Shermann, ao longo dos meses que seguiram à saudável gravidez de Abigail, apenas tiveram uma tristeza grande e profunda. Horace tinha falecido, mas não sem antes saber que seria bisavô. Assim, os únicos sobreviventes do Clube foram Joe e Palton, que prometeram lutar até o final para manter vivas as histórias de seus amigos que já não estavam com eles. Spencer lhes tinha dado um prognóstico de vida bastante otimista para os próximos anos.

Com o apoio de Cole e o afeto profundo de sua filha, Hannah, Abigail superou pouco a pouco a grande dor de não ter mais ao seu avô. Decorou o quarto de seus filhos com a maior esperança. Porque a vida era maravilhosa. Não só ia ser mãe, se não que em uma de suas primeiras ecografias, às quais um nervoso e emocionado Cole a acompanhou (como fez em cada consulta com o obstetra), o médico lhes anunciou que seriam pais de gêmeos.

Gêmeos que agora estavam agasalhadinhos sob as cobertas.

—Creio que dentro de alguns anos teremos que mudar de casa, Abby —sussurrou Cole abraçando-a por trás, enquanto deixava repousar seu queixo na cabeça de cabelos loiros. Desde sua posição, ele podia observar embasbacado a seus filhos. Estava orgulhoso de sua mulher e a família que juntos tinham formado.

—São crianças maravilhosas —disse ela cheia de amor, ao contemplar seus filhos de cinco meses. Ter seus gêmeos fora uma experiência impressionante, e não parou de chorar quando os teve em seus braços, tampouco na primeira vez que lhes deu de mamar, chorou mais ainda quando ao chegar a casa encontrou a todos seus amigos para recebê-la em uma festa surpresa organizada por Cole e Hannah. Três dias depois de dar à luz, fazia vinte e oito anos, e foi maravilhoso não apenas celebrar a chegada de seus gêmeos a casa, mas também começar um novo ano de vida com as pessoas que ela amava incondicionalmente, e a amavam da mesma maneira.

—Por que puxaram à mãe, uma mãe extraordinária, e uma esposa da que estou profundamente apaixonado —declarou Cole, antes de girá-la em sua direção, e beijá-la apaixonadamente como sempre fazia quando a tinha perto. A química entre eles, se acaso pudesse ser possível, se tornava mais forte dia a dia, assim como o amor que sentiam. Seus temperamentos se chocavam muitas vezes, em especial com a gravidez de Abby, pois seus hormônios estavam mais agitados, no entanto, tinham encontrado o modo de lidar com suas diferenças. As reconciliações eram umas explosões sensuais e românticas; às vezes suaves às vezes impetuosas e inesperadas. O casamento deles era uma aventura na que estavam comprometidos a viver e desfrutar—. E creio que ter

gêmeos em nosso caso não será problema para que saibamos quem é quem.

Abigail repousou seu corpo contra o de Cole, e jogou os braços ao redor de seu pescoço. Fazia uma hora que tinha alimentado a seus bebês, assim que tinham toda a noite para apenas eles dois.

Cole tinha se encarregado de contratar babás, assim sua esposa podia descansar... ao seu lado. Não queria que Abby se fatigasse, nem se sentisse sobrecarregada. A cuidava como ela era: a rainha de seu coração.

—Horace e Violet serão boas crianças —cantorolou Abby antes de se deixar capturar de novo pelo sabor e o modo sensual que Cole tinha de beijar.

—Isso significa que você vai querer ter mais? —perguntou ele contra os lábios femininos, e acariciando-lhe as costas.

—Se não se incomoda que eu esteja como um caminhão pela casa toda, batendo em tudo pelo tamanho e o peso da minha barriga —disse fazendo graça.

Cole negou.

—Carinho, nunca tinha pensado que uma mulher grávida pudesse ser tão sexy, até que te vi levar a meus filhos. Gostaria de ter mais bebês, se você quiser também. Já te disse antes de nos casar, e te repito, você é o mais importante para mim. Se está de acordo com ter a Hannah, Horace e Violet, eu estarei também, mas se quiser ter mais filhos... —deu uma piscada—, o prazer é todo meu.

Abigail soltou uma gargalhada.

—É impossível não te adorar... venha aqui senhor Shermann —sussurrou contra os lábios de Cole, deixando-se acariciar e consentir.

De pronto escutaram uns passos conhecidos, se aproximando. Assim que Abby e Cole se separaram para esperar sorridente ao vendaval de seis aninhos que entrou pela porta.

—Mamãe! Mamãe! —exclamou Hannah chegando até eles, e abraçando-se às pernas de seus pais; uma mãozinha na perna de Cole e outra na de Abigail. Chamar Abby de mamãe não foi nada difícil, nem a sua mãe reconhecê-la como tal. Para Abigail não existia nenhuma diferença entre seus três filhos.

—Diga-me, princesa —respondeu.

—Quero que Violet brinque comigo, e também Horace quando sejam maiores.

Cole tomou a menina nos braços, e lhe deu um beijo na bochecha gorducha.

—Você será boa com seus irmãos, Hannah? —perguntou Abby acariciando os cabelos negros de sua filha.

—Palavra de Shermann —respondeu solene. Cole riu, antes de colocar sua filha no chão para que pudesse ir se despedir de seus irmãozinhos que dormiam nos berços.

—Isso me basta —replicou Abigail com um sorriso contemplando com amor e agradecimento a sua família.



SOBRE A AUTORA

Escritora equatoriana de novela romântica e ávida leitora do gênero, Kristel Ralston é apaixonada pelas histórias que transcorrem entre palácios e castelos da Europa. Mesmo gostando de sua profissão como jornalista, decidiu dar outro enfoque em sua carreira e ir ao velho continente para fazer mestrado em Relações Públicas. Foi durante sua estadia na Europa que leu várias novelas românticas que a cativaram e a impulsionaram a escrever seu primeiro manuscrito. Desde então, nem na sua eclética biblioteca pessoal nem na sua agenda semanal faltam livros deste gênero literário.

Sua novela "Laços de Cristal" foi um dos cinco manuscritos finalistas anunciados no II Concurso Literário de Autores Indie (2015), auspiciado por Amazon, Diário El Mundo, Audible e Esfera de Livros. Este concurso recebeu mais de 1,200 manuscritos de diferentes gêneros literários na língua hispana de 37 países. Kristel foi a única latino-americana entre os cinco finalistas do concurso.

A autora também foi finalista do concurso de novela romântica "Ler e Ler 2013", organizado pelo Editorial Vestais de Argentina, e é coadministradora do blog literário "Escreve Romântica". Kristel Ralston já publicou várias novelas como Um acordo inconveniente, Laços de Cristal, Sob suas condições, O último risco, Regressar a ti, Um Capricho do Destino, Desafiando ao Coração, Mais além do crepúsculo, Um orgulho bobo, entre outras. Revista Hogar, uma publicação de prestígio do Equador, a nomeou como uma das Mulheres do ano 2015 na categoria Arte por seu trabalho literário.

Kristel mora atualmente em Guayaquil, Equador, e acredita com todas as forças que os sonhos se tornam realidade. Em seu tempo livre gosta de escrever novelas que convidam os leitores a não deixar de sonhar com finais felizes.

Encontre mais sobre a autora em seu blog: www.kristelralston.com



Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!